



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Manoel Felipe Santiago Filho

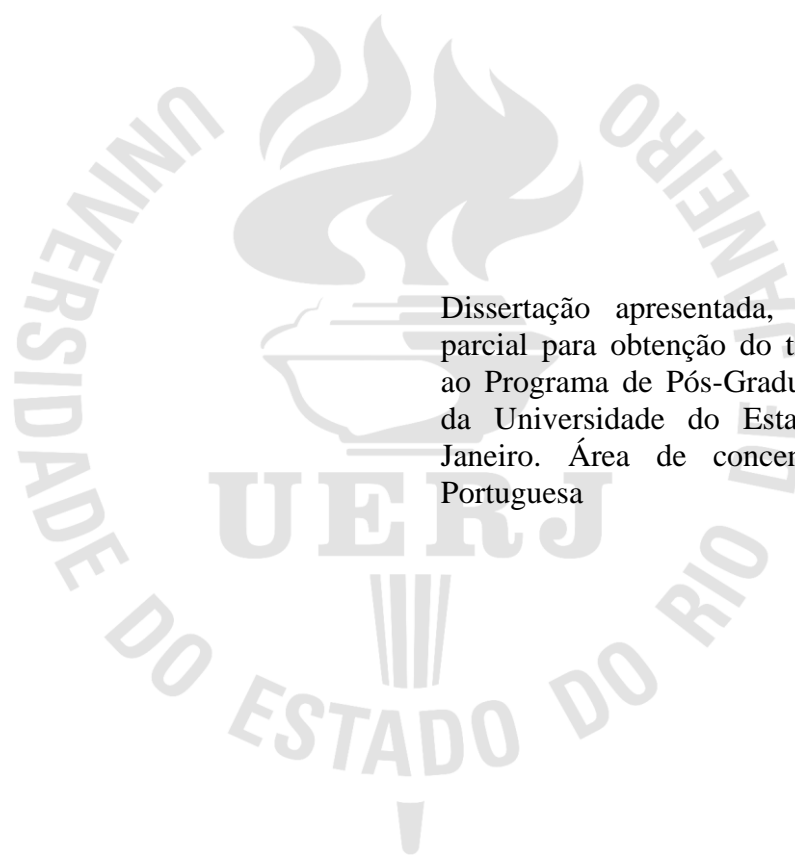
**As formas remissivas gramaticais de textos do ensino fundamental II de
dois municípios do estado do Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2017

Manoel Felipe Santiago Filho

**As formas remissivas gramaticais de textos do ensino fundamental II de dois municípios
do estado do Rio de Janeiro**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Teresa Tedesco Vilar do Abreu

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S235 Santiago Filho, Manoel Felipe.
As formas remissivas gramaticais de textos do ensino fundamental II de dois municípios do estado do Rio de Janeiro / Manoel Felipe Santiago Filho. - 2017.
258 f.

Orientadora: Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental) - Estudo e ensino – Teses 2. Língua portuguesa – Português escrito – Teses. 3. Estudantes - Avaliação – Teses. 4. Coesão (Linguística) – Teses. 5. Redação - Teses. I. Abreu, Maria Teresa Tedesco Vilardo, 1963-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90-085(07)

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Manoel Felipe Santiago Filho

As formas remissivas gramaticais de textos do ensino fundamental II de dois municípios do estado do Rio de Janeiro

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 31 de março de 2017.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Maria Teresa Tedesco Vilaro Abreu (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Lúcia Deborah Ramos de Araújo
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Roberto Botelho Rondinini
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mamãe Tercila dos Santos (*in Memoriam*), embaixatriz da fé e da perseverança, aquela que me deu os irrefutáveis exemplos de nobreza, mesmo nas maiores adversidades. Ao meu papai Manoel Felipe Santiago (*in Memoriam*), ausente fisicamente, mas que sempre teve lugar especial em meu coração.

Dedico este trabalho à minha esposa Élide Ferreira Santiago e aos meus filhos Rebeca, Felipe, Leon Luiz e Ada Queila que acompanharam a minha completa entrega e busca obstinada pelo conhecimento. Estes contribuíram para a minha inspiração e conceberam a plena motivação.

Dedico, por fim, a todos os colegas de caminhada acadêmica na UERJ, que me incentivaram com gestos e com palavras nos momentos mais inusitados de dúvidas e questionamentos; com estes jovens que não desistem, aprendi muita coisa boa.

AGRADECIMENTO EM ESPECIAL À CAPES

Nosso especialíssimo agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que muito nos auxiliou com os subsídios financeiros para a manutenção integral deste bolsista no período de março de 2015 a março de 2017.

AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento ao INEFÁVEL ARQUITETO DO UNIVERSO, aquele que nos dá todas as condições de conhecê-lo mesmo, tanto nas tarefas bem simples, quanto na complexidade do compartilhar conhecimentos ajudando na construção da personalidade de tantas vidas.

Omnia ad Dei honorem.

Agradeço à minha esposa e companheira Élide Ferreira Santiago que me acompanha com muito amor, paciência e dedicação, sempre com um carinho, um sorriso e um cafezinho na hora certa.

Aos meus filhos, jovens e fortes, mas ainda inseguros nos caminhos da vida; que decidam seguir os melhores caminhos traçados pelas experiências da vida e pelos bons exemplos deixados por seus pais e avós, assim como, pela biografia de grandes mulheres e grandes homens da humanidade.

À minha orientadora professora doutora Maria Teresa Tedesco Vilaro Abreu, pessoa excepcional em todos os sentidos, pelo seu vigoroso apoio e incentivo, pelas sábias palavras ora de orientação acadêmica ora de encorajamento, contribuindo muitíssimo na minha iniciação na caminhada pela via dos "saberes especiais" que se consolidam neste momento.

A todos os meus professores que me guiaram nas disciplinas da *Especialização em Língua Portuguesa* e do *Mestrado* nesta casa – UERJ, e que tanto me enobreceram com seus ensinamentos plurais.

Às minhas colegas professoras Vanessa Teixeira de Oliveira Petra, Laura Cândida Domingues de Lima e Isabel Cristina Pereira que me ajudaram a compor o *corpus* de pesquisa.

A todos os colegas do Grupo de Pesquisa pelo incentivo e apoio, em especial às professoras, doutoranda Cristina Normandia e Dayane Ribeiro, doutora Marizete Grando.

Aos meus queridos companheiros desde a *Especialização em Língua Portuguesa* até o *Mestrado*, amigos de sempre, das horas fáceis, difíceis e similares, professoras Fabiana Abreu, Fabiana Gomes, Patrícia Freitas, Larissa de França, e professor Felipe Constâncio.

Mui obrigado a todos por tudo em tudo.

O pessimista vê dificuldade em cada oportunidade;
o otimista vê oportunidade em cada dificuldade.

Winston Churchill

Para fazer face a situações assim, que convencem de minha impotência, tenho aplicado, com vitória, uma estratégia que minha longa existência me fez aprender: entrego o problema ou entrego a mim mesmo, confiando na providência divina e, portanto, predisposto a aceitar o que vier como resposta, e, numa prova de amor e fé, agradeço a DEUS antecipadamente, pela resposta que ELE acha melhor, seja qual for. Entrego, confio, aceito, agradeço!

Professor Hermógenes

RESUMO

SANTIAGO FILHO, Manoel Felipe. *As formas remissivas gramaticais de textos do ensino fundamental II de dois municípios do estado do Rio de Janeiro*. 2017. 258 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Um texto é uma unidade comunicativa que obedece a um conjunto de critérios de textualidade intrínsecos à sua construção. Reúne aspectos linguísticos, socioculturais e cognitivos e torna interlocutores construtores desse texto. Esses tornam objetos-do-mundo real em objetos-de-discurso por meio de mecanismos e estratégias de referenciação enquanto atividade discursiva em meio a uma comunidade de fala. A comunidade a que nos dispomos examinar é a comunidade escolar, particularmente os alunos do Ensino Público Fundamental II de 2 municípios do Estado do Rio de Janeiro, a saber: Rio de Janeiro e Araruama. Nosso *corpus* de pesquisa é formado por 76 composições dos gêneros dissertativo-argumentativos e narrativos subdivididos pelas quatro turmas, a turma A de alunos de Araruama; e, as turmas do Rio de Janeiro, B – da zona oeste, C e D da zona norte. Nosso objetivo geral foi analisar, quantitativa e qualitativamente, os textos produzidos nessas turmas; especificamente, as estratégias de coesão por referenciação no trato das formas remissivas gramaticais presas e livres em expressões nominais contidas nas redações desses alunos. Trabalhamos com a hipótese geral de que os alunos possuem um padrão redacional que privilegia algumas formas remissivas em seu discurso em detrimento a outras formas. Isto demonstraria uma puerilidade na expressão discursiva desses alunos que os remete à fronteira da oralidade. Isto se comprova quando se verifica a preferência deles por formas remissivas gramaticais presas e a superioridade da escrita de determinantes à esquerda do núcleo dos sintagmas nominais – SN. Para tal, utilizamos o aporte teórico de Koch (1989 /2010, 1997, 2001, 2005 /2012, 2006, 2008), Koch & Travaglia (2001), Koch & Elias (2009 /2012), Koch, Morato & Bentes (2012), Antunes (2010), Marcuschi (2001, 2008), Mussalim & Bentes (orgs.) (2008), Mondada & Dubois (1995), Apothéloz & Reicher-Beguelin (1995).

Palavras-chave: Língua portuguesa. Coesão por Referenciação. Descrição. Redação. Texto. Cotexto. Sociointeracionismo.

ABSTRACT

SANTIAGO FILHO, Manoel Felipe. *The grammatical remissive forms in texts of elementary school texts II of two municipalities in the state of Rio de Janeiro*. 2017. 258 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

A text is a communicative unit that obeys a set of criteria of textuality intrinsic to its construction. It brings together linguistic, sociocultural and cognitive aspects and makes constructive interlocutors of this text. These make real-world objects into speech-objects by means of referencing mechanisms and strategies as discursive activity in the midst of a speech community. The community we are about to examine is the school community, particularly the Primary Public Education II students from 2 municipalities in the State of Rio de Janeiro, namely Rio de Janeiro and Araruama. Our research corpus consists of 76 essay-argumentative and narrative compositions subdivided by the four classes, the A class of Araruama students; and, the classes of Rio de Janeiro, B - of the west zone, C and D of the north zone. Our general objective was to analyze, quantitatively and qualitatively, the texts produced in these classes; Specifically, to cohesion strategies by reference in the treatment of the remixed grammatical forms prey and free in nominal expressions contained in the textual models of these students. We work with the general hypothesis that students have a written pattern that favors some forms of remission in their discourse to the detriment of other forms. This would demonstrate a puerility in the discursive expression of these students that sends them to the border of orality. This was evidenced when we noticed the preference for grammatical remixed forms and the superiority of the writing of determinants to the left of the nucleus of the noun phrases - NS. Koch & Elias (2009/2012), Koch, Morato & Bentes (2012), Koch & Travaglia (2001) and Koch & Elias (2009/2012), Antunes (2010), Marcuschi (2001, 2008), Mussalim & Bentes (2008), Mondada & Dubois (1995), Apothéloz & Reicher-Beguelin (1995).

Keywords: Portuguese language. Cohesion by Reference. Description. Writing. Text . Cotext. Sociointeractionism.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Produtividade de formas remissivas gramaticais presas da turma A.....	109
Gráfico 2 -	Produtividade de formas remissivas gramaticais presas da turma B.....	111
Gráfico 3 -	Produtividade de formas remissivas gramaticais presas da turma C.....	113
Gráfico 4 -	Produtividade de formas remissivas gramaticais presas da turma D.....	116
Gráfico 5 -	Comparativo /produtividade de formas remissivas gramaticais presas das turmas A, B, C e D.....	119
Gráfico 6 -	Comparativo /produtividade de artigos das turmas A, B, C e D.....	120
Gráfico 7 -	Comparativo /produtividade de pronomes adjetivos das turmas A, B, C e D.....	122
Gráfico 8 -	Produtividade de formas remissivas gramaticais livres da turma A.....	126
Gráfico 9 -	Produtividade de formas remissivas gramaticais livres da turma B.....	128
Gráfico 10 -	Produtividade de formas remissivas gramaticais livres da turma C.....	130
Gráfico 11 -	Produtividade de formas remissivas gramaticais livres da turma D.....	132
Gráfico 12 -	Comparativo /produtividade de formas remissivas gramaticais livres (1) das turmas A, B, C e D.....	134
Gráfico 13 -	Comparativo /produtividade de formas remissivas gramaticais livres (2) das turmas A, B, C e D.....	137

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Evolução dos conceitos gerais de coesão referencial (período 1989 a 2001) (parte 1).....	58
Quadro 2	Evolução dos conceitos gerais de coesão referencial (período 1989 a 2001) (parte 2).....	59
Quadro 3	Evolução dos conceitos gerais de coesão referencial (período 2005 a 2009) (parte 1).....	70
Quadro 4	Evolução dos conceitos gerais de coesão referencial (período 2005 a 2009) (parte 2).....	71
Quadro 5	Configuração estrutural das expressões nominais definidas, segundo Koch (2003).....	80
Quadro 6	Configuração descritiva das estruturas de expressões nominais definidas e indefinidas, segundo Perini (2010).....	81
Quadro 7	Limitadores /modificadores, segundo Perini (2010).....	83
Quadro 8	Estruturas contendo predeterminantes e determinantes.....	85
Quadro 9	Resumo comparativo dos conceitos gerais de coesão referencial, segundo Koch (1989) e Koch; Elias (2009).....	91
Quadro 10	Comparação de elementos conceituais.....	96
Quadro 11	FRGPresa /Analítico quantitativo de artigos.....	104
Quadro 12	FRGPresa / Analítico quantitativo de pronomes adjetivos.....	105
Quadro 13	FRGPresa /Analítico quantitativo de numerais.....	106
Quadro 14	FRGLivre Analítico quantitativo.....	107
Quadro 15	Resumo de ocorrências de artigos definidos e indefinidos nas 4 turmas.....	121
Quadro 16	Resumo de ocorrências de pronomes adjetivos nas 4 turmas.....	123
Quadro 17	Resumo (1) de ocorrências /formas remissivas gramaticais livres nas 4 turmas.....	136
Quadro 18	Resumo (2) de ocorrências /formas remissivas gramaticais livres nas 4 turmas.....	139
Quadro 19	Produtividade geral /formas remissivas gramaticais das 4 turmas.....	140

Quadro 20	Produtividade /Principais ocorrências de FRGPr's & FRGL's das 4 turmas	141
Quadro 21	Estrutura de expressões nominais com determinantes.....	143
Quadro 22	Estrutura de expressões nominais com predeterminantes e determinantes...	144
Ilustração 1	O papel das TRG's na confecção do texto.....	76

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
1	BREVE HISTORIOGRAFIA.....	18
1.1	As três Fases Distintas da Evolução da Análise do Texto.....	19
1.2	As Teorias do Texto na Europa.....	24
1.3	As Teorias do Texto no Brasil.....	25
1.4	Os Conceitos de Texto e as Perspectivas de Análise do Texto.....	39
2	A COESÃO POR REFERENCIAÇÃO.....	45
2.1	A evolução dos Conceitos postulados por Koch.....	45
2.2	Das Formas Remissivas a elementos de Progressão Referencial.....	72
2.2.1	<u>As formas remissivas Gramaticais.....</u>	73
2.2.1.1	Formas Remissivas Gramaticais Presas (FRGPr's).....	77
2.2.1.2	Formas Remissivas Gramaticais Livres (FRGLv's).....	88
2.2.2	<u>Formas Remissivas Lexicais (FRLx).....</u>	92
3	ANÁLISE DE DADOS.....	98
3.1	Análise Quantitativa das Formas Remissivas Presas por turmas.....	108
3.2	Análise Quantitativa das Formas Remissivas Livres por turmas.....	124
3.3	Análise Quantitativa das Formas Remissivas Gramaticais e das Formas Remissivas Lexicais em expressões nominais.....	142
3.3.1	<u>A Estrutura das Expressões Nominais.....</u>	143
3.3.2	<u>Análise das Formas Remissivas Gramaticais Presas e a Introdução de referentes Redações do <i>corpus</i>.....</u>	144
3.3.3	<u>Análise das Formas Remissivas Livres e a Progressão Referencial.....</u>	154
3.3.4	<u>Análise da Formas Remissivas Lexicais e a Progressão Referencial.....</u>	157
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
	REFERÊNCIAS.....	169
	ANEXOS.....	182

INTRODUÇÃO

Um texto é uma unidade comunicativa que obedece a um conjunto de critérios de textualidade intrínsecos à sua construção. O texto reúne aspectos linguísticos, socioculturais e cognitivos e torna interlocutores construtores desse texto. Estes interlocutores tornam objetos-do-mundo real em objetos-de-discurso por meio de mecanismos e de estratégias de referenciação que permeiam a atividade discursiva em meio a uma comunidade de fala. O ato de referir implica em (re)construir os referentes do mundo dito real de acordo com nossa percepção sociocognitiva dos fenômenos sócio-históricos que envolvem os interlocutores do texto – a referenciação enquanto atividade discursiva. Esta atividade discursiva é expressa na escrita por estratégias de (re)construção de relações lógico-semânticos no texto; construtos discursivos em estruturas peculiares fruto da interação social e histórica de uma comunidade de mesma língua.

Desta perspectiva nos têm aflorado alguns questionamentos quando lemos e /ou corrigimos textos de alunos do Ensino Fundamental II: 1º) Como estão escrevendo estes alunos do Ensino Fundamental II, prestes a ingressar no Ensino Médio? 2º) Que tipo de estruturas sintagmáticas nominais eles têm utilizado com maior frequência? 3º) Que formas remissivas são mais constantes na escrita de alunos do Ensino Fundamental II, mesmo de diferentes regiões do Estado, neste caso específico Rio de Janeiro? 4º) Como se apresenta esta escrita, quantitativa e qualitativamente? Daí, empreendemos este trabalho de pesquisa no presente *corpus*.

Justificamos a presente pesquisa a partir de três perspectivas de relevância. A primeira delas está situada no campo da relevância acadêmica porque identificamos uma grande preocupação de estudiosos, pesquisadores e docentes de Língua Portuguesa com a temática da referenciação textual. Autores consagrados disponibilizam obras e artigos científicos que demonstram a atualidade dessa temática, a saber: Travaglia (2009) em "Gramática e Interação", "Planejamento de textos para a sua produção" (2016) e "Letramento e conhecimento linguístico" (2015); como, Koch & Elias (2016) em "Escrever e Argumentar", "Introdução à Linguística Textual - revista e reformulada" (2015) e "Ler e Escrever" (2012); Koch, Morato & Bentes (2012) em "Referenciação e Discurso", entre tantos outros que constam da bibliografia geral deste trabalho.

A segunda perspectiva é a da relevância científica no binômio ensino-aprendizagem porque a divulgação de pesquisas contendo estudos diretivos sobre coesão por referenciação,

a análise das formas remissivas gramaticais e de suas funcionalidades na composição textual de um corpo discente, a partir de textos produzidos em sala de aula, permitiriam uma avaliação *in loco* dos vários aspectos coesivos da referenciação e da progressão referencial desses alunos por professores com uma prática pedagógica motivada diante do baixo desempenho deles nas avaliações oficiais do Ministério da Educação como o IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, o SAEB – Sistema de avaliação da educação Básica, a Prova Brasil aplicada aos alunos de 5º e 9º anos do ensino fundamental, a Provinha Brasil aplicada ao ensino fundamental I, e o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

A terceira perspectiva é a da relevância sociocultural porque a análise deste corpus, seus procedimentos, suas hipóteses e seus resultados podem auxiliar na compreensão dos processos de interação social desta comunidade através das estratégias de referenciação que estes alunos utilizam. O estudo da coesão por referenciação ajuda aos alunos na interação, não só com interlocutores imediatos dos seus textos, como também os auxilia numa mais ampla compreensão do meio social no qual os alunos estão inseridos.

Estas três perspectivas de relevância justificam a importância de haver estudos que se debrucem sobre a produção (re)escrita de modelos textuais originados por alunos do ensino fundamental II. Isto justifica essa pesquisa que coleta dados quantitativos e qualitativos e que os analisa à luz da descrição de fenômenos da língua portuguesa por meio das estratégias e dos mecanismos de coesão por referenciação.

Esse trabalho, vinculado à linha de pesquisa de Descrição da Língua Portuguesa, recebeu apoio financeiro do CAPES – Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior, órgão do Ministério da Educação. Este subsídio foi imensamente importante porque nos permitiu a dedicação exclusiva aos estudos dos fenômenos inerentes à coesão por referenciação, a pesquisa intensiva sobre a produção textual desses alunos do ensino fundamental. Isto nos privilegiou com uma motivação ainda maior para realizar o relatório de pesquisa – dissertação sem preocupações ou obstáculos de ordem financeira que pudessem comprometer a qualidade da pesquisa.

As nossas preocupações enquanto educadores e pesquisadores do texto são legitimados por estudos de longa data. As preocupações com as peculiaridades do texto e os estudos teóricos sobre esta temática no Brasil remontam a década de 70, quando foram traduzidas duas obras: uma de Chabrol *et al* – "Semiótica Narrativa e Textual", de 1977; e, a outra de Schimdt – "Linguística e Teoria do Texto", 1978.

Os trabalhos publicados abordavam: a) a coesão textual, sob a influência dos pressupostos de Halliday & Hasan (1976); b) os critérios ou fatores de textualidade sob a

perspectiva dos estudos de Beaugrande & Dressler (1981). Foi no final de década de 80 e início da década de 90 que Ingedore Koch publica individualmente "A Coesão Textual" (1989), "Texto e Coerência" (1989), em parceria com Luiz Carlos Travaglia, assim como, "A Coerência Textual" (1990).

A obra "A Coesão Textual" nos serviu de fundamentação primordial para a pesquisa porque, além de resgatar pressupostos da autora contidos no artigo "Principais mecanismos de coesão textual em português" de 1986, apresenta um estudo classificatório dos mecanismos de coesão a partir de uma perspectiva funcional. Koch (1989) fundamenta suas pesquisas nos estudos de Meyer-Hermann (1976) que analisa os principais elementos de coesão referencial no português europeu, e também, em Kallmeyer, Meyer-Hermann *et al* (1974) que, em obra coletiva estudam as várias formas de referência e remissão textual.

Koch (1989), nesta obra, distingue, então, os elementos de coesão remissiva ou referencial – aqueles que remetem a outro(s) elemento(s) no co(n)texto; e, os elementos de coesão sequencial – aqueles que operam a sequencialidade do modelo textual conforme o imperativo categórico da contínua comunicação entre os interlocutores do enunciado.

Assim, com base nos estudos de Koch (1989), optamos empreender esta pesquisa no campo da referenciação textual, observando a produção dessas estratégias nos textos produzidos por quatro turmas diferentes compostas de alunos do ensino fundamental II de escolas públicas de dois municípios do Estado do Rio de Janeiro, a fim de perceber como estes alunos estariam utilizando as formas remissivas gramaticais em suas estratégias de remissão de seus textos.

O objetivo geral, portanto, é realizar uma análise comparativa e descritiva das estratégias e dos processos de referenciação por meio de um exame quantitativo e qualitativo das formas remissivas gramaticais presas – FRGPr's e das formas remissivas gramaticais livres – FRGLv's, suas estruturas no enunciado e a respectiva construção discursiva realizada nas redações produzidas pelos alunos das turmas em questão. Os objetivos são: 1º) identificar as formas remissivas gramaticais presas e as formas remissivas gramaticais livres no *corpus* de pesquisa; 2º) quantificar as formas remissivas gramaticais; 3º) verificar comparativamente às ocorrências dessas formas remissivas nas redações; 4º) identificar qualitativamente às ocorrências das formas remissivas gramaticais presas e das formas remissivas gramaticais livres nas formas nominais dos textos; e, 5º) Descrever às ocorrências das formas remissivas gramaticais nos texto produzidos constantes no *corpus* de pesquisa.

As duas hipóteses desse trabalho são: 1º) Quantitativamente, estes alunos apresentam um padrão de escrita que privilegia algumas formas remissivas gramaticais em detrimento de

outras por realçarem a constante colocação de pré-determinantes e determinantes antes do núcleo das expressões nominais. 2º) qualitativamente, há indícios de que estes alunos tendem a produzir seus modelos textuais privilegiando a colocação de determinantes entre o pré-determinante e o núcleo do sintagma nominal em expressões nominais definidas e indefinidas por questões de expressividade limitada ou baixa frequência de escrita /leitura/escrita.

O *corpus*, objeto desta pesquisa, inicialmente, era composto por cem (100) textos escritos por alunos do ensino fundamental II. No entanto, nem todos os textos atendiam ao tipo textual narrativo e /ou dissertativo e argumentativo. Tampouco, atendiam o gênero redação escolar, tornando-se necessário uma seleção prévia. Essa resultou em setenta e seis (76) textos dissertativo-argumentativos e textos narrativos subdivididos da seguinte forma: Turma A– 9 textos; Turma B– 20 textos; Turma C – 25 textos; e, Turma D – 22 textos. A Turma A pertence a uma escola municipal da cidade de Araruama, a Turma B é de uma escola federal da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, enquanto que as Turmas C e D funcionam em uma escola municipal da zona norte, também do Rio de Janeiro. Todas as redações foram escritas por alunos regulares do ensino fundamental II, na faixa etária entre doze (12) e quinze (15) anos, a princípio, residentes no bairro em que estão instaladas as escolas que frequentam.

Para efetivar este estudo, no Capítulo I, realizamos uma breve historiografia da evolução da análise do texto. Nele, abordamos as três fases distintas dessa evolução, conhecidas como: 1ª fase – a de análise transfrástica; 2ª fase – a de construção de gramáticas textuais; e, a 3ª fase – a de Teoria do Texto ou da Linguística Textual. Nesta 3ª fase, dividimos a produção acadêmica e os estudos temáticos sobre as teorias do texto entre o contexto geopolítico internacional e o contexto geopolítico nacional.

No Capítulo II, discutimos aspectos e mecanismos da coesão referencial pela perspectiva sociointeracional aplicados ao *corpus* de pesquisa. Examinamos os conceitos de formas remissivas gramaticais a partir dos estudos de Koch (1989), analisando e comparando a evolução dos conceitos, estratégias e mecanismos de referenciação com outros trabalhos da autora (1993; 1997; 2001; 2006; 2008; 2009).

No Capítulo III, realizamos uma abordagem sistemática de dados quantitativos e qualitativos, investigando as formas remissivas gramaticais presas e as formas remissivas gramaticais livres, a partir das expressões nominais. Primeiro, analisamos quantitativamente todos os 76 textos destacando as ocorrências das formas remissivas gramaticais presas e livres; separamo-los e sistematizamo-los em quadros e gráficos, exemplificando cada ocorrência a partir dos modelos textuais do *corpus* de pesquisa, a fim de contabilizá-los em

suas especificidades. Em seguida, tomamos dos 76 textos uma amostragem de 5 textos de cada uma das quatro turmas para uma análise qualitativa das formas remissivas gramaticais presas e das formas remissivas gramaticais livres empregadas nas expressões nominais à esquerda do núcleo do sintagma nominal contidas nos modelos textuais.

Por fim, nas Considerações Finais, retomamos os temas de cada capítulo, os procedimentos teóricos e os resultados analíticos da pesquisa, e concluímos trazendo algumas sugestões prático-teóricas aplicáveis tanto no meio acadêmico objetivando futuras pesquisas, quanto no meio docente, objetivando equilibrar o uso das formas remissivas gramaticais presas e das formas remissivas gramaticais livres na elaboração de modelos textuais de alunos do ensino fundamental II, prestes a ingressar no ensino médio.

1 BREVE HISTORIOGRAFIA

Este capítulo tem por objetivo realizar uma breve incursão teórica sobre as perspectivas históricas da análise do texto quando serão observadas as definições, os conceitos e os tipos de abordagens diacronicamente, até a definição de texto que adotamos para exame do *corpus* de pesquisa. Para tanto, utilizamos o aporte teórico de Koch (1997, 1999, 2003, 2007), Antunes (2010, 2012) e Marcuschi (1998, 2012).

Um texto, apesar de suas idiossincrasias estéticas, gramaticais e até agramaticais tende a comunicar devido ao conjunto de critérios de textualidade intrínsecos à sua construção. E, "por mais que esteja fora dos padrões considerados cultos, eruditos ou edificantes, o que falamos ou escrevemos, em situações de comunicação, são sempre textos" (ANTUNES, 2010, p.30).

A definição de texto parte de critérios decorrentes da imanência do sistema linguístico que implica na sequência coerente de suas sentenças, bem como, parte de critérios extralinguísticos que consideram o texto enunciado pelo arranjo de suas sentenças em funcionamento pleno no processo de interação sociocomunicativa entre os interlocutores desse texto.

Examinamos o texto sob esta última perspectiva porque entendemos que é necessário descobrir e compreender os sentidos daquilo que está sendo dito pelos alunos do ensino fundamental II nos textos por eles escritos. Para isso, o *corpus* apresenta uma pequena amostra de textos desse ano de escolaridade. Ao analisá-los, torna-se necessário depreender de suas escolhas as intenções manifestas, e também, perceber a funcionalidade de fenômenos linguísticos específicos como o uso das expressões nominais e das formas remissivas gramaticais que as constituem enquanto sintagmas nominais.

As primeiras incursões sobre análise de um texto datam de uns 40 a 49 anos. Ali, a linguística dá seus primeiros passos vislumbrando o texto como objeto de análise e estudos. Isto acontece em meados da década de 60, visto que antes desse período, os estudos e pesquisas limitavam-se ao exame de frases pelo viés da fonologia, da morfologia e da sintaxe frasal, não considerando os aspectos semânticos, contextuais e pragmáticos. (Segundo Elcemina Pagliosa. *In: MARCUSCHI, 2012, p.11-14*). A Alemanha vem a ser o nascedouro de uma linguística textual que aspira examinar o texto em sua completude comunicacional no ambiente de uso da língua de *per si*.

Marcuschi (2012) fez menção a pesquisadores que já apontavam o texto enquanto objeto de estudos da linguística, antes mesmo das décadas de 60. Em 1928, Vilém Mathesius "deu origem à perspectiva funcionalista da frase, na Escola de Praga, ainda hoje uma das mais frutíferas correntes da LT". Em 1940, Louis Hjelmslev também já afirmava que "o objeto da linguística é o texto, devendo ela descrevê-lo de forma não contraditória e exaustiva". No mesmo período, 1940, "K. Pike postulava o texto como unidade de análise, indo inclusive à unidade maior da interação humana: o *behaviorema*" ou discurso que são estudados por Pike como unidades que refletem o comportamento na construção de frases. (MARCUSCHI, 2012, p.18).

Historicamente, verificou-se que da evolução da análise de um prototexto se originaram as *teorias do texto* ou *linguística textual*. Conte (1977) demonstra um percurso evolutivo constituído de três fases, a saber: 1ª) a fase da Análise Transfrástica; 2ª) a fase da Construção de Gramáticas Textuais; e, 3ª) a fase das Teorias do Texto. Segundo Conte, estas três fases não seriam de ordem cronológica, mas de ordem tipológica, havendo uma simultaneidade de metodologias de pesquisa e de estudos, do que Koch (1997) discordou: "(...) há, sim, uma cronologia envolvida nesta sucessão." (KOCH, 1997, p. 68).

O que se percebeu, em um primeiro momento, foi justamente a necessidade de ultrapassar os limites da frase, para dar conta de certos fenômenos como referenciação, seleção do artigo, concordância de tempos verbais, relação semântica entre frases não ligadas por conectivo, vários fatos de ordem prosódica, e assim por diante. (KOCH, 1997, p. 68).

Assim sendo, como podemos perceber e entender cada uma destas 3 fases? Como caracterizá-las? Quais eram os conceitos de texto existentes nestes períodos? Para tanto, utilizamos o aporte teórico de Koch (1997, 1999, 2003, 2007) e Marcuschi (1998,2012).

1.1 As três fases distintas da evolução da análise do texto

A primeira fase tinha como linha de pesquisa a *Análise Transfrástica* que estudava os tipos de relações possíveis entre as frases, entre as orações por conectivos específicos, "a pronominalização, a seleção de artigos (definidos e indefinidos), a concordância dos tempos verbais, a relação tópico-comentário" (MUSSALIM; BENTES, 2008, p.248; KOCH, 1997, p.68). Estes fenômenos eram aqueles que as teorias sintáticas e /ou semânticas não davam

conta ao nível da frase (pp. 246, 247), porque extrapolavam o escopo da frase construindo sentidos no texto, o que os estudiosos perceberam como a correferenciação.

Neste período, duas definições de texto se destacaram e marcaram as diretrizes de pesquisas posteriores que buscavam "encontrar regras para o encadeamento de sentenças, a partir dos métodos até então utilizados na análise sentencial, procurando ampliá-los para dar conta de pares ou sequência maiores de frases." (KOCH, 1997, p.68).

Uma definição é a de Roland Harweg (1968) que define o texto como uma "sequência pronominal ininterrupta", segundo Mussalim & Bentes (2008), afirmando que o múltiplo referenciamento, ou seja, a retomada do referente textual – aquilo ou aquele de que /quem se fala, se repete inúmeras vezes e de variadas formas no desenvolvimento sequencial do texto através de estratégias de remissão e /ou referenciação, por repetição ou substituição (MUSSALIM; BENTES, 2008, pp. 247-249); temas aos quais voltaremos ainda neste capítulo. Marcuschi complementa:

Nesta definição do linguista alemão Harweg, há dois aspectos fundamentais: (1) a sucessão sintagmática (pela qual as palavras formam sentenças e sentenças formam textos) e (2) a sucessão paradigmática (também chamada de *substituição sintagmática*, pela qual se realiza a cadeia pronominal dentro da sequência). Nessa concepção, uma das características fundamentais constitutivas do texto é o fenômeno do múltiplo referenciamento, ou seja, os mesmos objetos, lugares, pessoas, grandezas etc., são várias vezes retomados e referidos no texto, nem sempre com as mesmas expressões. Isso é que dá ao texto a característica de cadeia pronominal, pois as retomadas são vistas como formas de substituição pronominal (MARCUSCHI, 2012, p.24).

A outra definição é a de Isenberg (1970 /1971) que definia o texto como uma "sequência coerente de enunciados". Koch (2007) alinha as pesquisas de Isenberg à Teoria da Atividade Verbal que uniu o conceito de "linguagem" do campo da filosofia à teoria da Atividade Social Humana, e assim, dá origem à Teoria da Atividade (comunicativa) Verbal de Leont'ev (1971). Esta teoria verifica "uma atividade, portanto, em cujo transcurso construímos uma expressão linguística para alcançar um objetivo prefixado, (...)" e que tem por objetivo "verificar como se conseguem realizar determinadas ações ou interagir socialmente através da linguagem." (KOCH, 2007, p.13).

Isenberg (1975) propõe um método que descreve a geração, interpretação e análise de um texto, da estrutura pré-linguística da intencionalidade comunicativa, perpassando as estruturas cotextuais, morfossintáticas, fonológicas etc. Este autor aponta oito perspectivas para verificação do status de um texto: a) a legitimidade social; b) a funcionalidade comunicativa; c) a semânticidade; d) a referência à situação; e) intencionalidade; f) a boa

formação; g) a boa composição; h) a gramaticalidade. "Para o estudo de cada aspecto, é preciso ter em conta os anteriores; assim, por exemplo, uma descrição adequada da gramaticalidade deverá levar em conta a intenção" (KOCH, 2007, p.16-18).

Segundo Koch (2007), Isenberg deixa claro que um texto, enquanto objeto de estudo e pesquisa, pressupõe a intencionalidade do escritor /falante em se fazer entender comunicando-se por meio da linguagem, e, por meio de instruções cotextuais e contextuais, para que o leitor /ouvinte realize operações cognitivas "destinadas a compreender o texto em sua integridade, isto é, o seu conteúdo e o seu plano global"; o interlocutor não só entende o texto captando signos e conteúdos referenciais, mas reconstrói "os propósitos do falante ao estruturá-lo", descobrindo o "para quê" do texto. (KOCH, 2007, p.18). Observemos que esta era uma hipótese de trabalho do início da década de 1970, bastante avançada para aquela época.

Nesta fase, a de *Análise Transfrástica*, houve forte interesse em analisar e descrever as etapas que permitiriam um leitor /ouvinte construir o sentido global da sequência de enunciados estabelecendo mentalmente relações argumentativas adequadas entre esses enunciados (MUSSALIM; BENTES, 2008, p. 249). Tais estudos contribuiriam para o surgimento de outra linha de pesquisa que consideraria o texto mais do que uma "simples soma ou lista de significados" que o constituíam. Entraríamos, a partir dali, na fase da *Construção de Gramáticas Textuais*.

Na nova fase, contudo, a segunda fase de análise do texto, "postulava-se que o texto era uma unidade teórica formalmente construída, em oposição ao discurso, uma unidade funcional, comunicativa e intersubjetivamente construída", conforme Mussalim & Bentes (2008). Os novos trabalhos refletiriam sobre os fenômenos não contemplados pelas teorias da *análise transfrástica*; "as tentativas de desenvolver uma linguística textual como uma linguística da frase ampliada ou corrigida mostrou-se, todavia, insatisfatória, e acabaram sendo abandonadas" (KOCH, 1997, p. 68).

Os primeiros pensadores dessa segunda fase foram influenciados pelas doutrinas da Gramática Gerativista de Chomsky que afirmava existirem regras que delimitavam as sequências frasais a partir de unidades mínimas com funções sintáticas específicas ou elementos formativos que estruturavam o sistema frasal de qualquer língua – *uma Gramática Universal*. Os usuários de uma dada comunidade homogênea de fala deteriam uma competência linguística no uso e na articulação de sua língua – *o Inatismo*, o qual promoveria um desempenho pleno na interação social entre eles.

Koch (1997, p. 68) cita os trabalhos de Van Dijk (1972), Lang (1971, 1972), Petöfi (1972, 1974), Dressler (1972, 1977) nos quais a metodologia prática dominante era "a partir da unidade mais altamente hierarquizada – o texto – que se pretende chegar, por meio da segmentação, às unidades menores, para, então, classificá-las." A autora, no entanto, faz a ressalva de que o texto não podia "ser definido simplesmente como uma sequência de cadeias significativas", por que:

... a compreensão e a produção de textos depende de uma capacidade específica dos falantes – a competência textual – que lhes permite, por exemplo, distinguir um texto coerente de um aglomerado aleatório de palavras e /ou sentenças, bem como parafrasear um texto, perceber se está completo ou não, resumi-lo, atribuir-lhe um título ou produzir um texto a partir de um título dado. (KOCH, 1997, p.68).

Estes autores citados por Koch (1997) partiam de postulados comuns: 1º) "não há uma continuidade entre frase e texto porque há, entre eles, uma diferença de ordem qualitativa", em termos de significação (MUSSALIM; BENTES, 2008, p.249); 2º) "o texto é a unidade linguística mais elevada a partir da qual seria possível chegar, por meio de segmentação, a unidades menores" (p. 249-250), todavia, sempre se levando em conta "a função textual dos elementos individuais [...] que tipo de papel cada elemento desempenha na estrutura da frase e do texto"; e, 3º) "todo falante nativo possui um conhecimento acerca do que seja um texto" (p. 250), porque, consegue reconhecer as regularidades e irregularidades contidas na expressão textual, assim como, coerências e incoerências comunicacionais nele contidas. Logo, aquele que produz um texto tem domínio regular dos constituintes frasais para a construção do texto.

Charolles (1989) parte desses postulados para afirmar que o falante nativo detém três capacidades textuais básicas: 1 – a capacidade formativa, na qual possui ingerência criativa e ilimitada para criar textos inéditos e avaliar sua qualidade; 2 – a capacidade transformativa, em reformular, parafrasear e resumir um texto dado anteriormente, avaliando sua adequação no contexto; e, 3 – a capacidade qualificativa de tipificar um texto previamente concebido, como uma narração, descrição, argumentação, e a capacidade de reproduzi-lo como um destes tipos textuais.

Este conjunto de regras internalizadas pelo falante era tido como uma *competência textual*, todavia, a confecção de gramáticas textuais capazes de descrever todos os fenômenos contidos em todos os tipos de textos e de estabelecer regras específicas para uma determinada língua natural se mostrou ambiciosa e pouco produtiva. Isto deslocou o problema da pesquisa: "em vez de dispensarem um tratamento formal e exaustivo ao objeto 'texto', os estudiosos começaram a elaborar uma teoria do texto" onde se propunham a "investigar a

constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso" (MUSSALIM; BENTES, 2008, p. 251).

A terceira fase é nomeada de a fase da *Teoria do Texto* ou da *Linguística Textual* que observa o texto pela perspectiva pragmática, ou seja, toda observação considera o texto em seu contexto de produção, recepção e interpretação (KOCH, 1997, p. 70-71). Assim, o texto deixa de ser um produto acabado e torna-se resultado de operações comunicacionais e de processos linguísticos forjados em situações sociocomunicativas. Neis (1981) *in* Fávero (2012, p. 228) demonstra as contribuições da pragmática:

(...) ressaltando os nomes de Schmidt (1978) e Van Dijk (1972) que, juntamente com os desenvolvimentos linguísticos e metodológicos da gramática gerativa, fundamentaram hipóteses e teorias que possibilitaram a elaboração de uma gramática de texto. As principais categorias abordadas pela pragmática eram: o emissor e o receptor, as categorias de tempo e de lugar relacionadas com a enunciação, como base para a explicação dos diferentes advérbios, tempos gramaticais, termos dêiticos, aspectos contextuais, os diferentes tipos de enunciações ou atos ilocucionários, com suas condições de uso, os diferentes tipos de discurso, definidos em função dos próprios objetivos e de suas normas sociocomunicativas vigentes, (...). (FÁVERO, 2012, 228).

Além disso, Neis (1981) *in* Fávero (2012) cita o trabalho de Isenberg (1971) – *Reflexões sobre a Teoria do Texto*, no qual apresenta treze fenômenos "somente explicáveis no âmbito da estrutura textual", que hoje consideramos como elementos de coesão e de coerência para o bom desenvolvimento, compreensão, emissão e recepção de um texto. Seriam eles: a) elementos de coesão textual: a anáfora, a seleção de artigos, a pronominalização e os elementos pró-adverbiais, a sucessão dos tempos; b) elementos de coerência textual: "(...) diversos tipos de textualização, ou seja, as relações entre os enunciados assindeticamente conjugados, por exemplo, conexão causal, conexão de motivos, tematização de objetos novos" (FÁVERO, 2012, p. 230).

Marcuschi, citado em Mussalin & Bentes (2008, p. 251-252), já afirmava no LXXVI Seminário do Grupo de estudos Linguísticos do Estado de São Paulo / GEL realizado em São José do Rio Preto em junho de 1998 que "no final da década de setenta, a palavra de ordem não era mais a gramática de texto, mas a noção de textualidade". Este conceito de textualidade foi introduzido por Beaugrande & Dressler (1981) no contexto de estudos das *Teorias do Texto* ou *Linguística Textual* para demonstrar princípios gerais que comporiam o texto: a coesividade, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a situacionalidade e a intertextualidade.

Houve grandes mudanças nas perspectivas de estudo do texto:

As mudanças ocorridas em relação às concepções de língua (não mais vista como um sistema virtual, mas como um sistema atual, em uso efetivo em contextos comunicativos), as concepções de texto (não mais visto como um produto, mas como um processo), e em relação aos objetivos a serem alcançados (a análise e explicação da unidade texto formal, abstrata), fizeram com que se passasse a compreender a *Linguística de Texto* como uma disciplina essencialmente interdisciplinar, em função das diferentes perspectivas que abrange e dos interesses que a movem. (MUSSALIM; BENTES, 2008, p.252).

1.2 As teorias do texto na Europa

Koch (1997, p.70-73) muito contribuiu para uma ordenação cronológica daqueles que cooperaram com suas ideias para o enriquecimento das concepções de texto como objeto de estudos e perspectivas de análises.

A autora cita Roland Harweg (1968) que afirmava que o texto "é uma sucessão de unidades linguísticas constituídas por uma cadeia de pronominalizações ininterruptas" (KOCH, 1997, p.70). Para ele, o texto se caracterizaria por um múltiplo referenciamento, ou seja, de consecutivas retomadas de um mesmo referente por substituição, quer por pronominalização, quer por expressões nominais definidas.

Ela também cita Harald Weinrich (1966) que afirma: "o texto é uma estrutura determinativa, um andaime de determinações", caracterizado por uma "sequência linear de lexemas e morfemas que se condicionam, reciprocamente e que, também reciprocamente, constituem o contexto". (KOCH, 1997, p. 71). Siegfried J. Schmidt (1973) foi citado como autor do conceito no qual "o texto é qualquer expressão de um conjunto linguístico em um ato mais global de comunicação," em um "jogo de atuação comunicativa – tematicamente orientado e preenchendo uma função ilocucionária reconhecível." (Koch, p. 71).

Outros estudiosos também foram citados por Koch (1997), de acordo com as perspectivas que adotaram em seus estudos para análise do texto. Um deles foi Wunderlich (1968) que abordou as questões relacionadas à dêixis, aos atos de fala e à interação face a face no geral. (Koch, p. 71). Outro foi Güllich (1970), ao estudar os sinais de articulação do texto, os procedimentos de reformulação textual, a narrativa oral, e também, a interação face a face (Koch, p. 71-2). Estes autores muito contribuíram para a concepção de texto, para o estudo deste e para a análise dele e de seus constituintes formais, estruturais e remissivos.

Beaugrande & Dressler (1980) foi citado por Koch (1997, p. 72) porque, além de introduzir aos estudos do texto, os critérios de textualidade, também introduz noções sobre o processamento cognitivo do texto no ato comunicacional.

Teun A. Van Dijk (1972, 1977, 1978) é citado como aquele que estudou as macroestruturas textuais e por analisar as superestruturas ou esquemas textuais, a partir da descrição dos diversos tipos de texto, como a narrativa, a notícia de jornal e o relato científico. Na década de oitenta, em trabalhos posteriores, estuda as estratégias de processamento textual, buscando assim construir um modelo de compreensão do discurso (KOCH, 1997, p.73; MARCUSCHI, 2012, p. 27, 28).

Koch (1997) enfeixa suas citações com uma alusão às contribuições de autores funcionalistas, como: a) Halliday & Hasan que apresentaram uma definição mais clara do conceito de coesão para os estudos textuais na obra *Cohesion in English* (1976); b) Daněš, Firbas, Mathesius, Sgall, pertencentes à Escola de Praga, que "descreveram a organização da informação em frases e sequências textuais, a partir da perspectiva funcional" e, que desenvolveram as noções de tema /rema, de dinamismo comunicativo e de progressão temática". (Koch, 1997, p. 73-74).

Este foi o contexto histórico internacional europeu delineado em Koch (1997, 2007), Mussalim; Bentes (2008), e Fávero (2012). Todavia, o que se passava no Brasil em termos de pesquisa e estudos textuais nesse período de efervescências e transformações nas perspectivas de análise do texto? Quais foram as contribuições dos estudiosos brasileiros para o cenário nacional e internacional?

1.3 As teorias do texto no Brasil

O primeiro momento da produtividade de pesquisa nacional tem seu marco histórico nos anos setenta. Surgem os primeiros trabalhos e artigos os quais definem o texto como objeto de estudos. Koch (1999) afirma que três obras influenciaram tais trabalhos: a tradução de "*Sémiotique narrative et textuelle*", de Claude Chabrol; e, a tradução de "*Texttheorie Probleme einer Linguistik der Sprachlichen Kommunikation*" de S. J. Schmidt. E, também a publicação do livro *Pragmática Linguística e o Ensino do Português*, em Portugal, de autoria de Joaquim Fonseca e Fernanda Irene Fonseca, que nesta obra "buscava aplicar os

princípios da pragmática linguística ao ensino de língua materna, objetivando um enfoque textual" (Blühndorn; Andrade, 2005, p.32).

Paralelamente, desenvolviam-se, na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil), os primeiros importantes estudos sobre o discurso e sobre Semântica Argumentativa, muitos deles publicados sob a forma de livros (Osakabe, 1979; Vogt, 1977) ou de artigos em revistas especializadas. Cumpre destacar também, nesse momento, os trabalhos de Pontes sobre as estruturas de tópico no português brasileiro, posteriormente coletadas nas obras *Sujeito: da Sintaxe ao Discurso* (São Paulo, Ed. Ática, 1986) e *O Tópico no Português do Brasil* (Campinas, Ed. Pontes, 1987) (KOCH, 1999, p.167).

Historicamente, o artigo pioneiro – *Por uma Gramática Textual*, de Neis (1981), apresenta um panorama geral "quanto ao surgimento e ao objeto da gramática textual", nele aborda pesquisas anteriores, respectivas hipóteses e objetivos de trabalho, a evolução da linguística textual até a gramática do texto, assim como, uma "exposição sobre os elementos fundamentais que constituem o objeto da gramática do texto". (FÁVERO, 2012, p.228).

Também enaltece as contribuições da gramática gerativo-transformacional, da perspectiva de Van Dijk (1972), e as contribuições da pragmática (Schmidt, 1978), que "fundamentaram hipóteses e teorias que possibilitaram a elaboração de uma gramática de texto" (p.230). Afirma que:

A comunicação linguística se efetua, não com frases sucessivas, mas com textos, e em qualquer texto, encontram-se elementos essenciais, ausentes ou inexplicáveis dentro das frases tomadas isoladamente. Constatando a existência de relações específicas interfrasais e a possibilidade de se definir um texto como um todo coerente, um grande número de linguistas modernos europeus desde a década de 60, passaram a formular hipóteses e a estabelecer princípios de novos modelos de descrição linguística que ultrapassem o âmbito da frase; e procuraram elaborar gramáticas que deem conta dos problemas de coerência textual e que sejam adequadas tanto para caracterizar os diversos aspectos dos diferentes tipos de textos quanto para engendrar modelos de produção de textos bem formados de acordo com determinada língua. (...) a noção fundamental da gramática textual parece ser a de coerência (NEIS, 1981; In: FÁVERO, 2012, p. 228-230).

Em 1983, dois anos após o artigo pioneiro, são publicadas as primeiras duas obras sobre linguística do texto escritas por autores brasileiros: *Linguística Textual: Introdução*, por Leonor Lopes Fávero e Ingedore Villaça Koch; e, *Linguística de Texto: O que é e como se Faz*, por Luiz Antônio Marcuschi.

A obra *Linguística Textual: Introdução*, de Fávero e Koch, está dividida em três capítulos. O primeiro faz uma introdução singular sobre o surgimento de gramáticas do texto, as conceitua, apresenta acometimentos teóricos "diferentes acepções dos termos texto e

discurso". No segundo, introduz os primeiros autores como Pêcheux, Harris, Pike entre outros, que produziram obras nas quais transpuseram os limites do enunciado, além de aludir às disciplinas que propunham uma melhor compreensão das acepções de texto e discurso, como a antiga retórica, a estilística e o formalismo russo. E, no terceiro, por fim, apresenta:

(...) uma resenha informativa de autores, quer estruturalistas, quer gerativistas que se preocuparam com as propriedades específicas dos textos (Halliday, Ducrot, Weinrich), ou com a construção de modelos de gramáticas textuais (Isenberg, Dressler, Petöfi e Van Dijk) (FÁVERO, 2012, p.232).

Na obra *Linguística de Texto: O que é e como se Faz*, Marcuschi apresenta na introdução o seu "dogma de fé": o texto é uma unidade linguisticamente superior à frase; e, "uma certeza: a gramática da frase não dá conta do texto" (MARCUSCHI, 2012, p.16); e, no capítulo primeiro, apresenta várias definições e conceitos de texto propostas por autores como Harweg (1968), Bellert (1970), Petöfi (1972) e Van Dijk (1977,1978). (MARCUSCHI, 2012, p. 21-30).

No segundo capítulo, Marcuschi apresenta uma "definição geral provisória de linguística de texto" (p. 31-33). Ali, apoiado nas teorias de Beaugrande e Dressler (1981) acerca do conceito de *textualidade*, afirma que "o texto é o resultado atual das operações que controlam e regulam as unidades morfológicas, as sentenças e os sentidos durante o emprego do sistema linguístico numa ocorrência comunicativa" (Beaugrande; Dressler, 1981, p. 34-37, citado por Marcuschi, 2012, p. 30). Marcuschi propõe que se perceba a *Linguística Textual* e /ou *Teoria do Texto*, "mesmo que provisória e genericamente, como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais" porque ela "trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas" (p. 33).

E, no terceiro capítulo, ele demonstra "algumas categorias textuais e sua aplicabilidade" (p. 35-82). Estas categorias "são de natureza funcional, conceitos subordinadores que distinguem, descrevem e distribuem funções textuais por parte dos fatores tanto de natureza linguística como extralinguística" (p. 36). Essa abordagem da *Linguística Textual* "é uma linguística dos sentidos e processos cognitivos, e não da organização pura e simples dos constituintes de frase" (p. 36). Apresenta, assim, "um esquema geral provisório das categorias textuais" que se divide em: 1. Fatores de contextualização; 2. Fatores de conexão sequencial (coesão); 3. Fatores de conexão conceitual-cognitiva (coerência); e, 4.

Fatores de conexão pragmática (Marcuschi, 2012, p. 37-38), a serem retomadas na análise dos dados.

Em 1985, é publicada no Brasil a obra *Coesão e Coerência em Narrativas Escolares Escritas*, de autoria de Lúcia M. K. Bastos. A autora pautou sua pesquisa na análise de um *corpus* composto de narrativas escritas por alunos da segunda série do segundo grau de escolas de Campinas. Ela se preocupava em "estabelecer um modelo de organização e funcionamento do texto numa situação de comunicação"; e, já no resumo reafirmava sua preocupação com o ensino da escrita textual sem serem levados em conta os dados relativos à compreensão e à produção do texto. Bastos (1984) concluiria:

Todo o nosso trabalho baseou-se na consideração de dois níveis distintos, embora intimamente relacionados, de organização e análise de textos. Como vimos, a COESÃO decorre da COERÊNCIA e, portanto, não se pode falar de uma sem se falar de outra. (...), quanto à prática pedagógica, trata-se, então, de tentar adequar várias possibilidades de estabelecimento da COESÃO narrativa ao modelo de COERÊNCIA que os alunos conhecem, como vimos, de experiências extraescolares. Além disso, fundamental para a produção de textos narrativos escritos é a definição da situação de interlocução em que se inserem o aluno e o texto. (BASTOS, 1984, p. 128)

De imediato, percebe-se a preocupação da autora com os aspectos sociointeracionais do texto produzido por aquele aluno e seu contexto sociolinguístico, e assim, por meio de práticas pedagógicas propõe o aprimoramento das escolhas linguísticas desse aluno as quais venham a promover melhor coesão e coerência textual na produção de textos narrativos escritos por eles.

Bastos (1985) serve de marco balizador para um segundo momento na produção acadêmica no Brasil, que se dá em três movimentos sincrônicos.

Num primeiro movimento, simultâneo aos eventos acadêmicos de Linguística, as revistas especializadas e anais de congressos iniciam a publicação de artigos e comunicações dando destaque às teorias do texto na perspectiva de Halliday & Hasan (1976), de Beaugrande & Dressler (1981), de Weinrich (1964, 1968, 1971), assim como, as de Van Dijk (1989) e Van Dijk & Kintsch (1983). (KOCH, 1999, p. 169).

Num segundo movimento, a partir da segunda metade da década de 80, publica-se: *A Coesão Textual* de Koch (1989); *Texto e Coerência* de Koch & Travaglia (1990); e, *A Coerência Textual* de Koch & Travaglia (1993). Destacaremos aqui, Koch (1989) e Koch & Travaglia (1993).

No primeiro trabalho deste período – *A Coesão Textual*, Koch (1989) incorpora aos princípios teóricos de Halliday & Hasan (1976) as premissas de Meyer-Hermann (1976) e

Kallmeyer (1974), consolidando os pressupostos anteriormente alinhados no artigo *Principais Mecanismos de Coesão Textual* (1988). Halliday & Hasan (1976) afirmavam que o conceito de *Coesão* é um conceito semântico que se refere aos significados e significantes encontrados nos sintagmas do texto, e que caracterizam um texto. Estes autores identificam o fenômeno da *coesão* quando um elemento do texto

(...) pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado senão recorrendo a ele. Quando isso acontece, uma relação de coesão é estabelecida, e os dois elementos, o pressuposto e o presumido, são assim pelo menos potencialmente integrados num texto. (HALLIDAY&HASAN, 1976, p.4)

Koch (1989/2010, p. 14-15) discrimina os cinco mecanismos de coesão considerados por Halliday & Hasan (1976): 1) a referência – pessoal, demonstrativa, comparativa; 2) a substituição – nominal, verbal, frasal; 3) a elipse – nominal, verbal, frasal; 4) a conjunção – aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa; 5) a coesão lexical – por repetição, por sinonímia, por hiperonímia, pelo uso de nomes genéricos e colocação.

A autora, contudo, inicia um processo de afastamento de algumas ideias de Halliday & Hasan (1976) porque "se opõe à visão 'substitucionalista' da coesão referencial" (KOCH, 1989 /2010, p.18), alinhando-se às teorias de Kallmeyer, Meyer-Hermann *et al* (1974) – a Teoria da Referência Mediatizada. Essa teoria afirma que o falante /emissor transmite inúmeras instruções no bojo do texto por meio de elementos linguísticos cotextuais, procurando assim, nortear uma interação comunicacional. Tais instruções seriam de três tipos básicos: a) instruções de consequência, em nível pragmático; b) instruções de sentido, em nível semântico; e, c) instruções de conexão, em nível sintático. A fim de ilustrar o exposto, apresentamos como exemplo³ um fragmento de redação que compõe o *corpus* e que será analisado logo a seguir.

³ Os textos que servem de exemplos foram considerados integralmente como escritos pelos alunos, mantendo-se, inclusive, as incorreções da forma.

EXEMPLO 1.⁴

Há algum tempo eu não gostava do lugar onde moro, achava Araruama chata que não tinha nada pra fazer.

Quando tinha coral^a e cantávamos o hino da cidade^b, eu não concordava muito com ele, principalmente com a parte "tens paisagens tão lindas",^c lembro de pensar: Que paisagens? A lagoa?! Aquela coisa verde?! Suja?! Mas com o tempo a gente muda nossos pensamentos também.

(Redação 4, Turma A).

O pronome ele, em – "eu não concordava muito com ele" (linha 4), na perspectiva de Halliday & Hasan (1976), substituiria qualquer um dos dois sintagmas nominais, coral e o hino, referentes que antecedem à forma referencial *ele*, tanto em – "Quando tinha coral" quanto em "e cantávamos o hino da cidade" (linha 3); no entanto, de acordo com a teoria da referência mediatizada, a autora da redação 1 transmite instruções pragmáticas em (c) que orienta o interlocutor do texto a relacionar este fragmento – "principalmente com a parte 'tens paisagens tão lindas'", linhas 4 e 5, ao SN imediatamente anterior – o hino. O pronome *ele* substitui a "o hino da cidade" em (b), porque (c) somente faz sentido quando relacionado à cidade e ao hino da cidade, quando a forma referencial *ele* revela sentidos relacionados ao conhecimento de mundo dos interactantes da redação.

Isto exemplifica a premissa de Koch (1989, p. 19) em que a autora afirma que "dois ou mais SN's precedentes podem, muitas vezes, preencher a condição de concordância em gênero e número, sendo, pois, candidatos potenciais a referentes de uma forma referencial", quando há uma adequação instrucional de sentidos imprimida pelo emissor, relacionando o referente – pronome de terceira pessoa *ele*, aos respectivos sintagmas referidos, *coral* em (a) e *o hino da cidade* em (b).

Brown & Yule (1983) afirmam que "à medida que um texto se desenvolve, o referente sofre mudanças de estado, de modo que sua descrição vai se modificando" (KOCH, 2010, p. 20). Isto impossibilita a simples "substituição" conforme defendia Halliday & Hasan (1976), o que verificamos no exemplo abaixo.

⁴ Os exemplos expostos a partir deste capítulo fazem parte do *corpus* desta pesquisa. Serão apresentados sequencialmente, com indicação ao final, à direita, entre parênteses, o número da redação conforme a ordem de entrada e análise do *corpus* de pesquisa seguido da turma de origem da redação.

EXEMPLO 2.**Araruama: A Pérola Dos Lagos** (Crônica)

Araruama é uma cidade^a muito bonita conhecida como Pérola dos Lagos^b, a cidade^c se destaca por sua Lagoa que recebe o nome da cidade, mas aqui pouca gente sabe é que a Lagoa de Araruama é na verdade uma laguna que tem ligação com o mar em Cabo Frio.

(Redação 5, Turma A).

O referente sintagma nominal – Araruama, na redação 5, na linha 1, sofre mudanças no transcorrer do enunciado; o SN é retomado em (a) – uma cidade, em (b) – Pérola dos Lagos, e, em (c) – a cidade. Segundo Brown & Yule (1983), o referente progride com o texto num processo de correferencialidade no qual a identidade referencial do referido, no exemplo – Araruama, é redefinido lexical e semanticamente a cada citação feita pela autora do modelo textual até chegar à expressão nominal definida – *a cidade*, o último dos referentes postos, sendo reconstruído no discurso textual. Blanche-Benveniste (1984), citado por KOCH (1989, p.23), afirma que "o referente se constrói no desenrolar do texto, modificando-se a cada novo 'nome' que se lhe dê ou a cada nova ocorrência do mesmo 'nome'. Isto é, o referente é algo que se (re)constrói textualmente".

Koch (1989 /2010), na obra *Coesão Textual*, propõe considerarmos a "existência de duas grandes modalidades de coesão: a *coesão remissiva* ou *referencial* (referenciação, remissão) – responsável pela remissão a outros elementos textuais ou inferíveis" e a *coesão sequencial* – (sequenciação) (p. 21) – responsáveis pela "progressão textual, permitindo a continuidade de sentidos". (BLUHDORN; ANDRADE, 2005, pp.34-35). Nesta dissertação, optamos por analisar o *corpus* de pesquisa, a partir da primeira perspectiva – da *coesão referencial*.

No segundo trabalho deste mesmo período - *Texto e Coerência*, de Koch & Travaglia (1990), os autores procedem "à conceituação da coerência como um princípio de interpretabilidade do texto". Em suas pesquisas partem dos pressupostos de Charolles (1983):

- 1º) a coerência não constitui mera qualidade ou propriedade do texto em si;
- 2º) em decorrência de 1, ela não se confunde com a coesão, a qual não é condição nem necessária nem suficiente da coerência;
- 3º) a coerência resulta da atuação conjunta de uma complexa rede de fatores, de ordem *linguística, cognitiva, sociocultural, interacional*, etc. (KOCH, 1999, p.170; BLUHDORN; ANDRADE, 2005, p. 35).

Quais foram as motivações que levaram tantos pesquisadores a se inspirarem nos estudos de Charolles (1978, 1983), nos anos finais da década de oitenta? Qual a relação entre coesão e coerência percebida por tantos estudiosos do texto?

A primeira motivação encontra-se na introdução do artigo *Introduction aux Problemes de la Cohérence des Textes* (1978), quando Charolles afirma que não é qualquer conjunto de palavras que produz um texto; para tal é necessário certa disposição combinatória de morfemas, de sintagmas e de paradigmas, conforme o sistema da língua em uso. Qualquer membro de uma comunidade de fala detém um conhecimento intuitivo e prático mínimo que decodifica as exigências dos implícitos linguísticos e as operações básicas e fundamentais que lhe permitem avaliar e perceber as rupturas nos circuitos de comunicabilidade no sistema da língua entre seus interlocutores.

A segunda motivação provém de Charolles (1983), quando o autor afirma que

Coerência é um princípio geral na interpretação das ações humanas. É impossível ver alguém realizar duas ações sucessivamente sem supor que as duas constituem um todo: necessariamente imaginamos que façam parte de uma única intenção global justificando-as tendo sido empreendidas uma após a outra. O princípio da coerência se aplica ao discurso na medida em que este é produto de uma série de atos de enunciação. O princípio é vital no nível da recepção e interpretação do discurso. Uma vez que o receptor considera que o que lhe é dito é coerente, ele manipula o texto para extrair dele uma interpretação que concorde com sua própria concepção de um texto coerente. (CHAROLLES, 1983, p.71).

Em *Texto e Coerência* (1993 /12ª edição, 2001), nas "Notas Introdutórias", os autores afirmam que procuram apresentar uma linha de ideias que julgam relevantes e predominantes entre estudiosos do texto daquele período, assim como, apresentar uma visão mais "simplificada de aspectos em realidade bastante complexos do fenômeno da coerência", ou seja, o estudo da *coerência textual* pela *Linguística do Texto* ou *Teoria do Texto* com foco nos exemplos práticos em detrimento à teorização. (KOCH; TRAVAGLIA, 1993, p. 9).

Segundo esses autores, para que haja coerência, é necessário que "haja possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos" (KOCH; TRAVAGLIA, 1993, p. 21), porque esse texto precisa fazer sentido para os seus usuários, um sentido global, em que os princípios de interpretabilidade ligados aos de inteligibilidade sejam respeitados pelos interactantes. Estes, ao produzirem textos, precisam levar em consideração os paradigmas da coerência semântica, da coerência sintática, da coerência estilística e da coerência pragmática para compartilharem do mesmo sentido proposto pelo produtor /emissor para o receptor /ouvinte ou leitor. Ilustramos com dois textos, o primeiro plenamente coerente e o segundo com alguns tipos de incoerências:

EXEMPLO 3**Cidade Nem tão Maravilhosa**

Era uma sexta-feira. Eu tinha acordado mais cedo para receber eu primo que mora em Goiás e estava vindo para o Rio de Janeiro por causa das Olimpíadas. Quando ele finalmente chegou, nós nos cumprimentamos e tomamos café da manhã. Ele disse que sua viagem foi muito estressante e que não comia nada desde saíra de casa. Após o café da manhã, nós começamos a conversar, até que chegou o assunto sobre o Rio de Janeiro.

Ele me perguntou sobre como é viver no Rio de Janeiro e os pontos altos e baixos da cidade.

Eu comecei a falar que apesar do que os jornais costumam falar sobre o Rio de Janeiro, ele não é só samba e também não é só a beleza dos pontos turísticos. Mesmo com esses pontos positivos, a cidade é alvo de um alto índice de criminalidade, a população em sua maioria é muito mal educada e, assim como todo o país, é alvo de corrupção desde a classe mais baixa, até as chamadas "classe A".

Eu falei que apesar disso tudo a cidade ainda tem salvação, basta a população se conscientizar, se importar mais com o seu voto e investirem na educação da cidade.

Depois da conversa nós almoçamos e nos despedimos, pois ele iria ospedar em um hotel. (Redação 28, Turma B).

Este texto apresenta discrepâncias em sua coerência sintática, por exemplo, quando em – "Ele disse que sua viagem foi muito estressante e que não comia nada desde saíra de casa [...]" (linhas 5 e 6), o autor da redação suprime o uso da conjunção *que* na locução conjuntiva *desde que*. A primeira discrepância ocorre porque a inserção dessa conjunção daria a oração subordinada – "saíra de casa", linha 6, um valor de sentido condicional. A ausência dessa conjunção *que* anula o paradigma formal da escrita no qual orações subordinadas ligam-se à oração principal por meio de conjunção subordinativa completando o sentido da principal. Logo, "*desde que* saíra de casa" complementa o sentido do verbo *comer*. Essa oração subordinada não é condição necessária para a realização da oração principal "ele disse", mas sim da oração subordinada "que não comia nada". A segunda discrepância ocorre porque o verbo *comer* é transitivo direto e pede complemento objeto direto, que, por sua vez, sintaticamente, exige complemento nominal precedido de preposição, ou de sintagma nominal. Logo, o autor da redação para melhor adequar suas informações à estrutura sintática da escrita formal deveria escrever – "(...) e que não comia nada desde *a sua saída* de casa".

O texto apresenta também discrepância de coerência semântica, quando em – "Ele me perguntou sobre como é viver no Rio de Janeiro e os pontos altos e baixos da cidade" (linhas 8 e 9), porque os sintagmas nominais "os pontos altos e baixos" podem ser interpretados em diversos contextos semânticos na escrita formal, como por exemplo, no sentido de altitude geográfica – o Corcovado em relação ao Baixo Leblon; no sentido de valor socioeconômico – zona sul em relação à baixada fluminense; ou, no sentido de locais de grande frequência sociocultural – bares, boates, teatros, casas de show etc. "Os pontos altos e baixos" poucas vezes têm a conotação de "pontos positivos ou negativos", o que dependerá do contexto da redação e de readequação semântica no cotexto ou por inferências culturais. O aluno retifica o sentido dado no segundo parágrafo ao sintagma nominal – pontos positivos ou negativos, no parágrafo seguinte.

Observa-se, também, uma discrepância de coerência pragmático-discursiva em "Eu falei que apesar disso tudo a cidade ainda tem salvação, basta a população se *consientizar*, se importar mais com o seu voto e investirem na educação da cidade. (...)" (4º parágrafo, linhas 16 a 18), porque a expressão – "se importar mais com o seu voto" (linha 17), retira o interlocutor do texto do campo semântico-pragmático das viagens de turismo e de lazer, nos parágrafos 1 a 3, e o remete a outro campo semântico, pragmático e discursivo relacionado à política, às eleições municipais no Brasil e às escolhas adequadas dos representantes do povo exclusivamente pelo voto popular. Uma anáfora profunda compreensível imediatamente a um falante nativo de língua portuguesa contextualizado com as eleições municipais, mas imprópria da perspectiva de um interlocutor de outra nacionalidade, pois a informação no enunciado e o sintagma nominal "voto" necessitariam de complementos para restringir e explicar o sentido proposto no enunciado do texto.

EXEMPLO 4**A Realidade dos Cariocas**

Uma semana antes das Olimpíadas, um casal de amigos meus vieram passar as Olimpíadas aqui no RJ. Quando eu fui buscar eles no aeroporto, aconteceu uma coisa inesperada que foi um assalto. Eles ficaram muito assustados, pois nunca foram assaltados isso era realidade no momento do RJ.

No dia seguinte, ainda meio assustados, fomos almoçar perto da praia de Copacabana e conseguimos ouvir muito barulho vindo da praia e era **um arrastão dos brabos**. Com isso o casal ficou mais assustado ainda. No outro dia fomos a praia de Ipanema passear e eles adoraram o calçadão de Ipanema eles ficaram encantados.

No primeiro dia das Olimpíadas todos os lugares que íamos estava cheio até de mais, todos os dias eram assim cheio, lotado.

(Redação 26, Turma B).

A redação 26 apresenta incoerências que podem desestabilizar a comunicação entre os interlocutores do enunciado. Há incoerências semântica, estilística e pragmática, quando o aluno escreve – "No dia seguinte, ainda meio assustados, fomos almoçar perto da praia de Copacabana e conseguimos ouvir muito barulho vindo da praia e era um arrastão dos brabos." O significado da expressão nominal indefinida "um arrastão dos brabos" não é de fácil domínio discursivo porque envolve termos da oralidade popular que embute anáforas e metáforas associativas, restringindo à comunicabilidade e à expressão textual proposto pelo aluno-autor.

Arrastão, de arrastar, significa, geralmente, um grande esforço para deslocar um corpo ou volume por superfície plana sem afastá-lo desta superfície, ou indica um utilitário de pesca profunda em formato de rede que se desloca nas profundidades de rios e mares para pesca indiscriminada de grande quantidade de peixes. Brabo é o mesmo que bravo, significa feroz, danado violento perverso, de comportamento social deplorável. A combinação dos dois sintagmas – arrastão e os brabos é um brasileirismo que implica numa ataque rápido, violento e simultâneo de muitos criminosos se deslocando em linha na direção e em meio as suas vítimas. Observa-se que a metáfora associativa deslocou dois sintagmas de campos semânticos distintos. Arrastão é do campo semântico da física conceitual e do campo da pesca

profissional, enquanto que, brabo é do campo semântico psicossocial e comportamental, ambos foram deslocados para um novo campo semântico, o da violência urbana. Pragmaticamente, a remissão aos referentes primitivos torna-se bem difícil para o interlocutor que tem a língua portuguesa como segunda língua quando ele fizer a leitura desta expressão como da redação 3, promovendo a momentânea incoerência.

No Capítulo 2 – *Conceito de Coerência* (p.21) que Koch & Travaglia (1993 /2001) discutem a relação entre coesão e coerência percebida por tantos estudiosos do texto. Esta relação se dá na linearidade do texto em que a *coesão*, por meio de elementos linguísticos na superfície desse texto, que promovem coerência sintática, semântica, estilística e /ou pragmática, conforme já verificamos anteriormente, e que ajuda na interpretabilidade e inteligibilidade das proposições de um produtor /emissor do texto no ato da interação sociocomunicativa com seu(s) interlocutor(es).

A relação entre coesão e coerência é um processo de mão dupla: na produção do texto se vai da coerência (profunda), a partir da intenção comunicativa, do pragmático até o sintático, ao superficial e linear da coesão e na compreensão do texto se percorre o caminho inverso das pistas linguísticas na superfície do texto à coerência profunda. (KOCH; TRAVAGLIA, 1993, p. 42).

Segundo esses autores, evidencia-se a *coerência* do texto a partir da sequenciação linguística de elementos objetivos e subjetivos na ordenação dos atos de fala que compõem o texto, enquanto que, a *coesão* estabelece coerência porque se manifesta por meio de mecanismos coesivos na superfície do mesmo texto, alinhavando proposições de sentido e ordenação naquilo que é a intenção do dizer do emissor do texto para o receptor.

Charolles (1983, p. 95) conclui que um texto, inerentemente, não é coerente ou incoerente porque dependerá das habilidades do receptor em interpretar os indicadores linguísticos explícitos e implícitos no discurso, manipulando-os, a fim de entendê-los "de uma forma que corresponda à sua ideia do que é que faz uma série de ações em um todo integrado". No início do artigo que motivou os estudos de Koch & Travaglia (1993), Charolles ratifica o pressuposto inicial de que "coerência é um princípio geral na interpretação das ações humanas" (p.71).

Com base nestes pressupostos, Koch & Travaglia (2001) afirmam que há duas modalidades de *coesão*: a *Coesão Referencial* (ou Referenciação) e a *Coesão Sequencial* (ou Sequenciação). Estes autores retomam princípios e pressupostos apresentados em Koch (1989).

A Coesão Referencial acontece entre dois ou mais elementos na superfície do texto produzido pelo emissor /produtor, na qual um desses elementos permite ao receptor do texto recuperar o mesmo referente citado, agregando a ele outros traços de sentido, conforme a evolução do texto. Este fenômeno se manifesta ora por *Substituição* quando um pronome, um verbo, um advérbio ou um quantificador substitui outro elemento no decorrer da produção do texto; ora, por *Reiteração* quando o termo referido é "substituído" por sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais definidas, ou repetição do mesmo item lexical, ou nominalizações. A *elipse* também vem a ser entendida pelos autores como fenômeno de *substituição*. (KOCH; TRAVAGLIA, 2001, p. 40-41).

A Coesão Sequencial, por seu turno, ora se dá por *Recorrência ou Sequenciação Parafrástica* por meio de cinco mecanismos basilares: 1) recorrência de termos; 2) recorrência de estruturas ou paralelismo; 3) recorrência de conteúdos semânticos ou paráfrase; 4) recorrência de recursos fonológicos segmentais ou suprasegmentais como ritmo, rima, aliteração, etc.; e, 5) recorrência de aspectos e tempos verbais; ora por *Progressão ou Sequenciação Frástica* que se baseia em dois mecanismos: a) "a manutenção temática, pelo uso de termos de um mesmo campo lexical; b) os encadeamentos que podem se dar por justaposição ou conexidade" (KOCH, TRAVAGLIA, 2001, p. 41).

A relação entre coesão e coerência é um processo intersubjetivo entre interlocutores do texto. Muito embora a *coesão* auxilie na *coerência* textual, essa mesma coesão necessariamente não garante um texto plenamente coerente, ou seja, a coesão referencial e seus mecanismos linguísticos coesivos quando não compartilhados pelos receptores do texto, via de regra, tornam o texto incoerente para quem o recebe (Cf. Charolles, 1978, 1983). Koch & Travaglia (2001) afirmam que:

(...) os elementos linguísticos da coesão não são nem necessários, nem suficientes para que a coerência seja estabelecida. Haverá sempre necessidade de recurso a conhecimentos exteriores ao texto (conhecimento de mundo, dos interlocutores, da situação, de normas sociais, etc.). (KOCH, TRAVAGLIA, 1983 /2001, pp.40-44).

Estes autores concluem que "a coesão tem relação com a coerência na medida em que é um dos fatores que permite calculá-la e, embora, do ponto de vista analítico, seja interessante separá-las, distingui-las, cumpre não esquecer que são duas faces do mesmo fenômeno" (p.44).

Na primeira metade da década de 90, os estudiosos do texto e da linguagem no Brasil são influenciados por Schwarz (1992), Rickheit & Strohner (1985), Heinemann & Viehweger

(1991), Van Dijk (1989, 1994) e, Vignaux (1991). (BLUHDORN; ANDRADE, 2005, p.35-38).

Em uma primeira tendência, nossos autores, Marcuschi (1994), Koch (1992, 1993a), Geraldi (1991) abordam "estudos dos processos e das estratégias sociocognitivos envolvidos no processamento textual" (BLUHDORN; ANDRADE, p.35), em que analisam a produção e a compreensão do texto pelo viés da produção de inferências. Inspirados por autores cognitivistas, eles estudavam

a estrutura e funcionamento da memória, as formas de representação dos conhecimentos (observando o acesso, a utilização, a recuperação e a atualização), as principais estratégias (sociocognitiva, interacional e textual) acionadas durante o processo de produção /intelecção. (BLUHDORN; ANDRADE p.36)

Nos anos seguintes, segunda metade da década de 90, amplia-se o escopo de investigação na área da cognição; observando-se os fenômenos que envolvem o processamento do texto, passa-se a analisar a ativação da memória e dos sistemas de conhecimento, a representação do real, objetivo e subjetivo – as representações do pensamento dos coprodutores no texto; os estudiosos focalizam também questões da *referenciação*, formas de remissão textual, recursos anafóricos e o processamento sociocognitivo das informações pelos coenunciadores na coprodução textual. Koch (2001) afirma que

Além da ênfase que se vem dando aos processos de organização dos textos, assumem importância particular as questões de ordem sociocognitivas, que envolvem, evidentemente, as de referenciação, inferenciação, acesso ao conhecimento prévio etc.; o tratamento da oralidade /escrita; e o estudo dos gêneros textuais, este agora conduzido sob outras luzes – isto é, a partir da perspectiva bakhtiniana, voltando assim, a questão dos gêneros a ocupar lugar de destaque nas pesquisas sobre o texto (...). (KOCH, 2001, p.14).

A *referenciação textual* foi introduzida ao final da década dos anos 90 por autores e estudiosos franco-suíços do Projeto *Cognisciences* como Apothéloz, Charolles, Berrendonner, Reichler-Béguelin, Chanêt, Mondada e D. Dubois que pesquisavam "a criação dos objetos-de-discurso, a anáfora associativa, sua conceituação e sua abrangência, as operações de nominalização e suas funções." (KOCH, 2001, p. 14). Eles partiam do pressuposto de que a *referenciação* era uma atividade discursiva na qual os sujeitos do discurso realizam operações mentais para coproduzir o texto e (re)construírem objetos-de-discurso "(...) à medida que o discurso se desenvolve; e que o discurso constrói os 'objetos' a que faz remissão (objetos-de-discurso), ao mesmo tempo em que é tributário dessa construção" (KOCH, p.14).

Neste terceiro momento da produtividade acadêmica no Brasil, os estudos sobre o texto intensificam-se nesta segunda metade da década de 1990, devido ao desenvolvimento crescente das investigações na área da *cognição*, quando são levantadas hipóteses sobre o processamento, a produção e a compreensão do texto, representação ativação de conhecimentos na memória, ativação de sistemas cognitivos, as estratégias e mecanismos sociocognitivos e interacionais que dominariam o âmbito da coprodução de um texto. Koch (2003) afirma que

Um princípio básico da Ciência cognitiva é que o homem representa mentalmente o mundo que o cerca de uma maneira específica e que, nessas estruturas da mente, se desenrolam determinados processos de tratamento, que possibilitam atividades cognitivas bastante complexas. Isto porque o conhecimento não consiste apenas em uma coleção estática de conteúdos de experiência, mas também habilidades para operar sobre tais conteúdos e utilizá-los na interação social. (KOCH, 2003, p. 37).

A *cognição* ou *cognitivismo*, portanto, tão enfatizados nas últimas décadas, ressalta a importância das representações da memória humana, das informações e dos conhecimentos ali armazenados, interpretados e reinterpretados conforme o contexto de uso, assim como, as formas de processamento destas informações na prática da construção de um texto relevante na comunicação sociointeracional.

De um modo geral, percebe-se que as pesquisas acadêmicas e estudos pautados na *Teoria do Texto* ou *Linguística Textual* têm sido muito produtivas no Brasil. Como já salientava Koch (1999): "tanto as pesquisas sobre textos escritos, como as que se ocupam da construção e elaboração de textos falados vêm ocupando lugar de destaque entre os estudiosos das universidades do país".

Segundo Mussalim & Bentes (2008, p.252), nos estudos sobre texto, também evoluíram as concepções de língua, de texto e de objetivos a serem alcançados através das *Teorias do Texto* ou *Linguística Textual*.

1.4 Os Conceitos de Texto e as Perspectivas de Análise do Texto

O contexto historiográfico que percorremos acima demonstra que os conceitos e as concepções de texto evoluíram desde as concepções baseadas em fórmulas gerativistas e estruturalistas até as atuais concepções sociointeracionais e cognitivistas.

De um modo geral, na primeira fase dos estudos sobre o texto, Mussalim & Bentes (2008, p.253) englobam as fases de "análise transfrástica" e de "elaboração de gramáticas textuais", no que tange à produção bibliográfica acadêmica, as quais apresentam um texto, de acordo com as propriedades definidoras expressas "na forma de organização do material linguístico". Assim, conviviam a concepção de texto – sequências linguísticas coerentes em si mesmas; e, a concepção de não texto – "sequências linguísticas incoerentes entre si". Koch (1997 /2007) aponta cinco concepções: 1) unidade linguística (do sistema) superior à frase; 2) sucessão ou combinação de frases; 3) cadeia de pronominalizações ininterruptas; 4) cadeia de isotopias; 5) complexo de proposições semânticas.

O conceito de texto ali era de uma estrutura acabada, definitivamente pronta; seria um produto da competência linguística social idealizada pelos pesquisadores do texto. Silva (2005, p.14) demonstra a evolução dos estudos do modelo de análise da frase para a análise do texto de acordo com as cinco concepções supracitadas. Estudava-se "a pronominalização, a seleção de artigos, a concordância dos tempos verbais e a relação tópico-comentário".

O conceito de texto nessa fase inicial de pesquisas abrangia tanto textos orais, como textos escritos compostos de um mínimo de dois signos linguísticos e um máximo indeterminado, podendo haver textos situacionais específicos de um só signo, tais como: *Fogo! Corra! Foge! Viu?*, conforme Stammerjohann (1975) citado por Mussalim & Bentes (2008, p.253).

Mussalim & Bentes (2008, p. 247) afirma que a partir do conceito de texto de Harweg (1968) – texto como uma sequência pronominal ininterrupta, "uma das principais características era o fenômeno do múltiplo referenciamento", em que o referente textual seria retomado inúmeras vezes e de diferentes maneiras na superfície do texto. Harweg traduz as primeiras noções de referência e referencição.

Na segunda fase, as "Gramáticas do Texto" não deram conta de todas as peculiaridades da análise do texto. Isto deslocou os objetivos de pesquisa para investigações que observassem a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso, na prática interacional entre os sujeitos coprodutores do texto. Dá-se, assim, o desenvolvimento das *Teorias do Texto*.

O conceito de texto deixa de ser "produto acabado" e torna-se "processo, resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações sociocomunicativas"

(MUSSALIM; BENTES, 2008, p.247ss.); ao estudo dos textos são incluídos fatores pragmáticos e cognitivos, resultantes da interação social num dado contexto de uso, nos quais são considerados "o conjunto de condições externas da produção, recepção e interpretação dos textos" (MUSSALIM; BENTES, p. 251).

Daqui, portanto, é que se concebem o conceito e as concepções de texto de Antunes (2010, p. 30ss.), com as quais iniciamos este Capítulo 1 – *O Texto: Referencial Teórico*. Antunes (2010) declara-se, substancialmente, integrante da terceira fase da *Linguística do Texto* quando observa que "o texto tem seu fluxo controlado pela respectiva função comunicativa que exerce" (p. 30), "todo texto é a expressão de algum propósito comunicativo" (*Idem*), "o texto é um 'conjunto ordenado de instruções'" (p. 31), "o texto não é uma sequência de palavras, mas uma sequência de atos" (*Idem*), "um conjunto-de-enunciados-em-função" (*Idem*) e, "expressão de uma atividade social", sempre citando Schimdt (1978). E, em *Lutar com Palavras*, conclui:

(...) é por isso que se vai fazendo um fio, ou melhor, vão-se fazendo fios, ligados entre si, atados, com os quais o **texto** vai sendo tecido, numa unidade possível de ser interpretada. **Conclusão: o texto** como sequência, em que se reconhece um tipo qualquer de continuidade, de articulação, é que constitui a normalidade dos textos com que interagimos. Grifo nosso. (ANTUNES, 2005, p. 46).

Esta é a mesma concepção de texto percebida em Koch (2007), inclusive, também citando Schmidt (1978, p. 170), na qual o texto é "qualquer expressão de um conjunto linguístico numa atividade de comunicação – no âmbito de 'um jogo de atuação comunicativa' – tematicamente orientada e preenchendo uma função comunicativa reconhecível" (KOCH, 2007, p. 26,27).

Para chegarmos a estas concepções de texto, tornou-se necessário reconhecer que a produção de um texto é uma atividade verbal sociointerativa, ativada em contextos concretos de comunicação coparticipativa; é uma atividade complexa, consciente, criativa, sensível às intenções dos interactantes e seus objetivos comunicacionais mediatos e imediatos; e, por ser uma atividade comunal aos copartícipes na interação textual, estes constroem múltiplas estratégias e mecanismos textuais, cotextuais e contextuais para adequar seus propósitos e objetivos propostos, explícita e implicitamente, no texto e além dele. Examinaremos o texto a partir de uma perspectiva da qual levamos em conta a concepção de língua, a concepção de texto e os objetivos a serem alcançados com esta análise.

Koch (2003) demonstra que "o próprio conceito de texto depende das concepções que se tenha de língua e de sujeito." (pp.16-18). Conceber a língua "como representação do

pensamento", ou do "real" captado pelos sentidos dos indivíduos, o sujeito-emissor torna-se autossuficiente em suas ações no seu dizer e, o outro, receptor-ouvinte /leitor, expectador passivo, captador da representação mental, bem como, das intenções psicológicas do produtor.

Conceber a língua como "código", sistema fechado, abstrato e "mero instrumento de comunicação" implicará em perceber os sujeitos do e no texto como (de)codificadores passivos, enquanto emissor e receptor do texto a ser interpretado numa "competência mecânica" daquilo que já está explícito na superfície textual.

Conceber a língua como ambiente de interação motivacional, intencional e dialógica implica reconhecer emissor e receptor, como os sujeitos ativos do /no texto, construtores sociointeracionais que participam de

(...) uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia) e sua reconstrução no interior do evento comunicativo. (KOCH, 2003, p. 17).

Os interactantes se mobilizam numa múltipla interface de operações cognitivas interligadas em propósitos mútuos de interação sociocultural. Logo, a concepção de texto que adotamos neste trabalho acompanha a concepção de língua como interação motivacional, ou seja, o texto vem a ser manifestação plena de sentidos com propósito comunicacional compartilhado e (re)construído por cooperadores multipotenciais, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita. Segundo Marcuschi (2012, p. 33), "um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas", na qual o papel da *Teoria do Texto* ou *Linguística de Texto* é estudá-lo integralmente, a saber:

Por um lado deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico **abordado no aspecto da coesão** e, por outro, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear, portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas. (grifo nosso) (MARCUSCHI, 2012, p. 33).

A concepção de objetivos a ser alcançada no estudo integral do texto como manifestação complexa dos interactantes humanos em um ambiente de interação motivacional, intencional e dialógica de seus coparticipantes é tão somente estudar as "operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais" (MARCUSCHI, p.33); em que uma das

temáticas de análise do texto é a coesão superficial de seus constituintes linguísticos. Logo, examinaremos o *corpus* de pesquisa da perspectiva sociointeracional, analisando alguns aspectos, mecanismos e estratégias da coesão referencial, a partir de suas operações linguísticas que regulam e controlam a construção da narrativa no ambiente textual escrito por alunos do ensino fundamental.

Realizamos um breve histórico das três fases evolutivas das pesquisas sobre análise de textos: a Fase da *Análise Transfrástica*, a Fase das *Gramáticas do Texto*, e por fim, a Fase de Elaboração das *Teorias do Texto* ou *Linguística do Texto*. Examinamos a produção bibliográfica destas três fases, tanto no contexto internacional principalmente no europeu, quanto no contexto nacional que procuramos explorar com maior ênfase. E, por último, respondemos a três questões basilares para a condução da presente pesquisa: Como conceituar e caracterizar um texto, como se alcançou aquela concepção de texto e de qual perspectiva iremos examiná-lo em este *corpus* de pesquisa.

A breve historiografia no contexto desta pesquisa implica diretamente no processo de análise desses textos do tipo narrativo e dissertativo, no gênero redação escolar. Observe-se que, em um primeiro momento, abordamos alguns aspectos do período da Análise Transfrástica caracterizada pelo exame de frases, pelo exame da colocação de pronomes em remissão a um referente textual (pronominalização), pela seleção de artigos definidos e indefinidos na recuperação do novo / dado ou tópico / comentário, quando examinamos quantitativamente as retomadas de referentes textuais.

Em um segundo momento, retomamos teorias do período das Gramáticas do Texto, quando examinamos as sequências nominais a partir de unidades mínimas como os artigos, os pronomes e os numerais, enquanto elementos que compõem as estruturas sintagmáticas nominais simples ou complexas no texto das redações desses alunos do ensino fundamental II.

Examinamos as redações, num terceiro momento, pelo viés das Teorias do Texto ou Linguística Textual, que considera o texto em seu contexto de produção, de recepção e de interpretação, neste caso no contexto escolar, quando analisamos elementos de coesão textual como os artigos, os pronomes e os numerais que constituem os sintagmas nominais, enquanto formas remissivas gramaticais presas e formas remissivas gramaticais livres que promovem a coesão por referenciação e que são objeto de nossos estudos.

Estes aspectos da análise ratificam a importância em demonstrarmos o percurso diacrônico dos conceitos, das definições e dos pressupostos teóricos na área da análise de textos, fundamentando nossa lógica de abordagem e análise do *corpus* de pesquisa. Ressaltamos a relevância dos estudos historiográficos para o ensino-aprendizado da produção

de textos narrativos, dissertativos e argumentativos. Tais estudos quando bem aplicados aos currículos do ensino fundamental ajudam aos docentes na exposição dos vários aspectos que envolvem a coesão e a coerência textual, auxiliam aos alunos no aprendizado das normas de produção escrita dos vários tipos textuais e promovem o aperfeiçoamento da produção de textos e redações, pois, a aplicabilidade dos conceitos e das teorias deixa de ser uso de "regras pelas simples regras" tornando-se fundamentada historicamente, incentivando a prática prazerosa do bem escrever um bom texto que comunica com seus interlocutores.

Concluimos, portanto, que o texto é uma manifestação plena de sentidos com propósito comunicacional compartilhado e (re)construído por cooperadores multipotenciais em meio-ambiente de interação motivada por objetivos sociointeracionais comuns aos interactantes de mesma língua. Logo, os textos elaborados pelos alunos do Ensino Fundamental se tornam representativos para o propósito desta: identificar, quantificar e qualificar as estratégias de coesão referencial utilizados por estes alunos.

2 A COESÃO POR REFERENCIAÇÃO

O Capítulo 2 propõe-se à discussão sobre a evolução de conceitos postulados por Koch (1989), desde o conceito de coesão referencial até chegarmos ao conceito de referenciação realizando uma revisão teórica desses conceitos. Propomos a descrição dos aspectos e dos mecanismos da coesão por referenciação na perspectiva sociointeracional, focalizando *as formas remissivas gramaticais presas e livres*, assim como, *as formas remissivas lexicais*.

Adotamos, como aporte teórico, Guimarães (2015), Koch & Elias (2012), Mussalim & Bentes (2008), Koch (1989 /2010, 1997, 2001 /2003, 2001 /2007, 2008 /2014), Koch & Travaglia (1993 /2001).

2.1 A Evolução dos Conceitos postulados por Koch

Os conceitos de *formas remissivas gramaticais presas e livres* e de *formas remissivas lexicais* foram utilizados pela primeira vez por Ingedore Koch, em 1989, no trabalho acadêmico "*Coesão Textual*", conforme supracitado no Capítulo 1, item 1.3.

Ingedore Koch, em *A Coesão Textual* de 1989, após responder à pergunta "O que é a Linguística Textual" e fazer uma exposição consistente sobre "Coesão Textual: Conceito e Mecanismos", afirma que a coesão referencial é:

(...) aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro denomino [diz a autora] *forma referencial* ou *remissiva* e o segundo, *elemento de referência* ou *referente textual*. (Koch, 1989, p.23)

O referente textual, nesta perspectiva, é um sintagma nominal que adquire novos traços à medida que o texto se desenvolve, modificando-se a cada nova ocorrência quando é (re)construído textualmente; assim, Koch (1989) resgata Blanche-Benveniste (1984). Afirma ainda, que esse mecanismo de remissão também se dá entre os contextos que envolvem a *forma remissiva* e o *elemento de referência*, conforme Kallmeyer *et al* (1974).

Koch (1989) apresenta as formas remissivas e as distingue em formas remissivas gramaticais presas – artigos e pronomes adjetivos; e formas remissivas gramaticais livres – pronome: pessoal de 3ª pessoa, pronomes substantivos, elipses, advérbios pronominais (lá, aí, aqui, ali, onde), e expressões adverbiais dêiticas (acima, abaixo, a seguir, assim, desse modo etc.), assim como, formas remissivas lexicais – expressões ou grupos nominais definidos; nominalizações; expressões sinônimas ou quase sinônimas; nomes genéricos; hiperônimos ou indicadores de classe; formas referenciais com lexema idêntico ao núcleo do SN antecedente, com ou sem mudança de determinante; formas referenciais cujo lexema fornece instruções de sentido que representam uma "categorização" das instruções de sentido de partes antecedentes do texto; e, formas referenciais em que as instruções de sentido do lexema constituem uma "classificação" de partes anteriores ou seguintes do texto no nível metalinguístico. Conforme exemplo 5.

EXEMPLO 5

(...) O Rio de Janeiro é um lugar que muitas pessoas vão visitar vários museus, cinemas, parques, teatro e também as pessoas vem para conhecer os lugares talvez até para morar porque ele é bem legal.

Não é o melhor lugar do mundo, mais é bom para viver. tem lugares bons e relaxantes. também é conhecida como cidade maravilhosa não é atoa, porque é bem maravilhosa mesmo (...).

(Redação 34, Turma C)

Verificamos acima, no Exemplo 5, que o "Rio de Janeiro", na linha 1, é o referente textual retomado por formas remissivas em destaque que o reconstróem a cada referência na trama do texto, a saber: em – "um lugar que muitas pessoas vão visitar vários museus, cinemas, parques, teatro e também as pessoas vem para conhecer os lugares talvez até para morar", na linha 1 do 1º parágrafo; em – "porque ele é bem legal.", na linha 3 do 1º parágrafo; em – "Não é o melhor lugar do mundo", linha 4 do 2º parágrafo; em – "cidade maravilhosa", linhas 5 e 6 do 2º parágrafo. Estas são as formas remissivas explícitas.

O mesmo referente textual, o Rio de Janeiro, é recuperado no segundo parágrafo por formas remissivas livres que o retomam por meio de elipses que destacamos com o símbolo convencionalizado (\emptyset), ou seja, o referente pode ser inferido a partir do contexto compartilhado pelos interlocutores do texto. Reescrevemos: "Não é o melhor lugar do mundo, *mais* (\emptyset)^a é bom para viver. (\emptyset)^b tem lugares bons e relaxantes. (\emptyset)^c também é conhecida como cidade

maravilhosa^x não é atoa, porque é (Ø)^d bem maravilhosa^z mesmo (...)". Em (a) e (b), na primeira linha do 2º parágrafo, a elipse retoma o referente "o Rio de Janeiro" explicitado na primeira linha do 1º parágrafo, enquanto que em (x) e (z), linhas 5 e 6 do 2º parágrafo do texto, o qualificativo reconstrói o sentido deste referente a partir do modificador "maravilhosa", inserindo no referente uma qualidade que o diferencia das outras cidades recategorizando-o. É importante destacar que (c) na linha 5 do texto, – "(Ø)^c também é conhecida", introduz uma nova forma remissiva por inferência "a cidade do Rio de Janeiro" evitando a repetição do referente, e (d) na linha 6 do texto introduz também outro elemento que é recuperado por inferência da elipse (Ø) que retoma um objeto de discurso – “uma cidade”, no contexto sociointeracional do texto.

EXEMPLO 6

Turistas no Rio de Janeiro⁵

Numa segunda-feira ensolarada, recebi uma ligação do meu avô que morava no leste de Portugal dizendo:

- Oi "filho", te liguei para lhe informar que estarei no Brasil em breve para assistir às Olimpíadas, e também queria te perguntar se posso passar uns dias na sua casa durante as Olimpíadas.

- Claro "vô", estou muito feliz por você passar uns dias na minha casa, seja sempre bem-vindo.

Ele chegou 1 semana antes para arrumar as malas e se acostumar com o clima e os costumes dos cariocas. Depois de arrumar as suas malas, fui logo apresentar um pouco da cidade para ele. Primeiramente mostrei os pontos turísticos principais da cidade como o Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Praia de Copacabana e etc. depois mostrei os problemas da cidade como a violência, pouco acesso a saúde, e muitos outros.

Enfim, depois disso acistimos aos jogos de vôlei nas Olimpíadas, tiramos muitas foto*, depois fomos para casa. Ele se despediu dizendo que gostou muito do Rio de Janeiro apesar de ter muitos defeitos, mas afinal quem não ama cidade maravilhosa. (Grifo nosso)

(Redação 10, Turma B).

⁵ Nesse capítulo mantivemos o mesmo padrão de apresentação das redações do *corpus* de pesquisa, ou seja, os textos são considerados integralmente conforme escritos pelos alunos, inclusive, as incorreções da forma.

No exemplo 6, destacamos as formas remissivas gramaticais presas que possibilitaram ao aluno expressar suas ideias com coesão por referência aos referentes textuais no enunciado do texto, ora retomando objetos de discurso, ora realizando a manutenção do referente na trama textual, mas sempre dependentes de um núcleo de sintagma nominal. Os artigos definidos – sublinhados nas linhas 9 e 10, em "Ele chegou 1 semana antes para arrumar as malas e se acostumar com o clima e os costumes dos cariocas. Depois de arrumar as suas malas, fui logo apresentar um pouco da cidade para ele". Estes artigos precedem a novos sintagmas nominais / SN's, servindo como determinantes em "as malas", "o clima" e "os costumes", assim como, predeterminante em "as suas malas". Discursivamente, tratam dos objetos já presentes no co(n)texto interacional da redação. Os artigos indefinidos – tracejados, na linha 2 em "uma ligação do meu avô", na linha 7 "uns dias na minha casa" e na linha 11 em "um pouco da cidade", precedem o núcleo de um SN como determinante também. No entanto, discursivamente, introduzem novo objeto de discurso ao co(n)texto dos interlocutores da redação. Os pronomes adjetivos – circulados e presentes em todos os 5 parágrafos da redação estão localizados à esquerda do núcleo do SN, exercendo a função de determinante desse núcleo, como em "meu avô" (linha 2), em "sua casa" (linha 6), em "minha casa" (linha 7), em "as suas malas" (linha 10), em "pouco acesso" (linha 14), em "muitos outros"(linha 14), em "muitas foto" (linha 16), e em "muitos defeitos" (linha 17); discursivamente, delimitando o sentido de cada núcleo a que se une conforme o valor semântico das formas pronominais. Os numerais – enquadados, como em "Numa segunda-feira ensolarada" (linha 2), em "Ele chegou 1 semana antes" (linha 9), e em "Primeiramente mostrei" (linha 10); tais numerais na função de determinantes e, discursivamente, focalizam a ordem de inserção de um novo objeto no co(n)texto. Aqui, portanto, consideramos todas essas formas remissivas na sua forma pura, ou seja, para efeito de exemplo e de pesquisa não consideramos as combinações dos artigos com preposições.

EXEMPLO 7**Araruama** (Crônica)

Em um domingo ensolarado, recebi um convite das minhas amigas para irmos a Lagoa de Araruama, a melhor da região dos lagos, aonde **todos** podem ir sem medo de pegar uma doença, etc.

Aqui a lagoa tem a água clarinha, não tem sujeiras, **todos** por **aqui** colaboram bem com a limpeza da nossa lagoa e dos rios também, o mais preocupado com **isso** é o nosso prefeito. A saúde **aqui** também é boa, não existe fila para marcação de médicos, os pronto-socorro é o **nº 1** de referência. Na educação, **essa** sim, dispensa comentários, referência do estado.

Não temos problemas de alagamentos, como houve nos municípios vizinhos no início de março, quando teve uma grande enchente. Nós moradores de Araruama ficamos livre disso; tráfico, e homicídios, por **aqui** não existe. Bom, para resumir como é a minha cidade, outra melhor não há.

(Redação 1, Turma A).

Identificamos no exemplo 7 algumas das formas remissivas gramaticais livres citadas por Koch (1989, pp.28-36). Os pronomes pessoais de 3ª pessoa. Os pronomes substantivos, como o pronome indefinido "todos", na linha 3 – a "aonde todos podem ir sem medo de pegar uma doença" e na linha 5 – "todos por aqui colaboram bem com a limpeza da nossa lagoa". Os advérbios pronominais – lá, aí, aqui, ali, onde, como "aqui" na linha 5 – "Aqui a lagoa tem a água clarinha, não tem sujeiras, todos por aqui colaboram bem com a limpeza da nossa lagoa e dos rios também", na linha 7 – "A saúde aqui também é boa" e na linha 12 – "por aqui não existe".

Koch (1989) sistematiza os pronomes substantivos demonstrativos em dois grupos. No primeiro grupo os pronomes este, esse, aquele, tal, e o mesmo concordam em gênero e número com o referente textual, como na linha 9, "Na educação, essa sim, dispensa comentários, referência do estado", na qual a forma remissiva pronominal livre "essa" concorda com o referente "na educação". O segundo grupo de pronomes substantivos demonstrativos é composto pelos pronomes isto, isso e aquilo, os quais remetem o interlocutor do texto a fragmentos de texto, orações, enunciados ou a todo o contexto anterior, como na linha 7 – "o mais preocupado com isso é o nosso prefeito", na qual a forma remissiva pronominal "isso" remete o leitor a – "todos por aqui colaboram bem com a limpeza da nossa lagoa e dos rios também". Os possessivos precedidos por um determinante artigo definido – o

meu, o teu, o seu, o nosso, o vosso, o dele; d) indefinidos – tudo, todos, nenhum, vários, cada um, cada qual etc; e) interrogativos – que? qual? quanto?; e, f) relativos – que, o qual, quem; e, g) numerais – cardinais, ordinais, multiplicativos, fracionários. É importante ressaltar que um texto necessariamente não é obrigado a transportar todos os tipos de formas remissivas na superfície textual, como é o caso do exemplo 7 acima.

EXEMPLO 8

Cidade não tão maravilhosa

Alguns dos meus amigos queriam conhecer o Rio de Janeiro. Depois que eles chegaram do aeroporto, eu perguntei:

- Porque vocês escolheram o Rio para conhecer, logo depois das Olimpíadas com tantos lugares melhores para ir?

E eles responderam que é porque eles acham o Rio a cidade maravilhosa. Então descidi fazer um tour pelo Rio. Mostrei todos os pontos positivos e negativos da cidade, como o Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Quinta da Boa Vista, seriam os pontos positivos e os negativos vou mostrar outro dia.

Depois de alguns dia mostrei as comunidades, eles gostaram, mas eu tinha mostrado uma comunidade pacificada. Agora iria mostrar a que não estava.

Eles ficaram apavorados com a quantidade de pessoas com armas pesadas no meio da rua, eles ficaram com medo de serem assaltados.

Logo depois que saímos de lá, começou um tiroteio intenso. Eles queriam sair correndo dali. Quando chegamos em casa eles arrumaram suas malas correndo e depois de um tempo, mais ou menos 1 dia eles foram embora.

E acho que depois daquele dia eles não vão achar o Rio de Janeiro tão maravilhoso.

(Redação 11, Turma B)

No exemplo 8, destacamos as seguintes formas remissivas lexicais, segundo Koch (1989, pp.36-39) As expressões ou grupo nominais definidos, como "o Rio" em "Porque vocês escolheram o Rio para conhecer", na linha 4; como em "(...) é porque eles acham o Rio a cidade maravilhosa", na linha 6; assim como, o grupo nominal definido "Rio de Janeiro" em "Alguns dos meus amigos queriam conhecer o Rio de Janeiro", na linha 2; e, em "E acho que

depois daquele dia eles não vão achar o Rio de Janeiro tão maravilhoso.", na linha 18. Os nomes genéricos, como "as comunidades" e "uma comunidade" encontrados em "Depois de alguns dia mostrei as comunidades, eles gostaram, mas eu tinha mostrado uma comunidade pacificada", nas linhas 11 e 12. As expressões sinônimas ou quase sinônimas – "apavorados /com medo" no enunciado "Eles ficaram apavorados com a quantidade de pessoas com armas pesadas no meio da rua, eles ficaram com medo de serem assaltados", linhas 13 e 14. E, por fim, encontramos na redação 11, as formas remissivas lexicais em que as instruções de sentido do lexema "pontos" no grupo nominal definido "os pontos positivos" constituem uma "classificação" de partes anteriores do texto no nível metalinguístico, como em "Mostrei todos os pontos positivos e negativos da cidade, como o Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Quinta da Boa Vista, seriam os pontos positivos", nas linhas 8 e 9.

Concluimos que Koch (1989) trata do relacionamento das formas referenciais, no qual determinados constituintes do texto se relacionam a outro na superfície do mesmo texto, como processo de coesão referencial; aos mecanismos como forma referencial ou remissiva; trata-se da(s) estratégia(s) endofórica(s) e exofórica(s) como referência ou remissão.

Os mecanismos, por esta nova perspectiva, foram tornados como pró-formas ou mecanismos coesivos e as estratégias se subdividiram em "mecanismos básicos", conforme Koch e Travaglia (2001): o mecanismo da substituição, na qual um componente da superfície do texto é retomado (anáfora) ou precedido (catáfora) por outro componente denominado de pró-forma (pronome, verbo, advérbio, quantificadores); e o mecanismo da reiteração, do latim *reiterae* – repetir, logo vem a ser a repetição de um termo por meio de sinônimos, de hiperônimos, de nomes genéricos, de expressões nominais definidas, de repetição do mesmo item lexical e de nominalizações (KOCH & TRAVAGLIA, 2001, p. 40-44).

EXEMPLO 9**A Cidade pouco Maravilhosa**

Teve um ano que alguns parentes meus que eram irmãos da minha avó, vinheram nos visitar, esses moravam na França precisamente na cidade de Pariz, eles se chamavam Júlia, Carabina e Franchesco, vinheram para passar três semanas. Eles se hospedaram em um hotel chamado Hotel Palazo.

No primeiro dia quando eles chegara estava muito calor e primeira frase na Cidade "Maravilhosa" de Júlia foi:

- Vamos ver o que essa cidade calorenta e maravilhosa tem para nos mostrar.

A de Carabina foi:

- Será que ela é maravilhosa mesmo?

Franchesco com seu jeito curioso e pensativo de ser não disse nada não queria se precipitar. No segundo dia foi um pouco diferente, eles foram visitar as praias do Rio, uma delas foi a de Copacabana no terceiro dia eles foram conhecer o Cristo Redentor acharam o trem que levava as pessoas lá para cima muito sofisticado, no terceiro dia eles foram no Corcovado e assim foi indo cada dia conhecendo um lugar.

Depois de terem conhecido o Rio, claro as melhores partes, na véspera da viagem eles disseram:

- Nossa, essa é mesmo a Cidade Maravilhosa que falavam.

Aí eu não me guentei, tive que falar falei que na cidade havia muitos roubos só não tinham sido roubados por sorte, e que há muita probeza que só não tinham visto só conheceram as melhores partes e que também muitos dos dias estavam nos jogos Olímpicos, mandei eles ligarem a TV para ver a realidade do Rio, quando ligaram ficaram impressionados apesar dos atentados de Pariz, depois daquele dia a visão do Rio era outra para eles.

(Redação 13, Turma B)

Na redação 13, no parágrafo 1, há dois exemplos de retomada: o referente /SN "alguns parentes meus", na linha 2, é retomado por substituição em "irmãos da minha vó", linhas 2 e 3; e, também é retomado em "esses moravam na França precisamente na cidade de Pariz" pela pró-forma pronominal "esses". O mesmo referente "alguns parentes meus" será retomado

inúmeras vezes por meio do mecanismo de substituição desse referente pelo pronome pessoal de terceira pessoa "eles", nas linhas 4, 5, 13, 14, 16, 19, 24 e 26 dessa redação.

O sintagma nominal /SN que compõe o título "A **Cidade** pouco Maravilhosa", linha 1, passa pelo processo de coesão referencial pelo mecanismo da reiteração do mesmo item lexical nuclear – cidade, apenas com a mudança no determinante /DET que o acompanha: em, "(...) e primeira frase **na** Cidade "Maravilhosa" de Júlia foi: (...)", na linha 7; em " – Vamos ver o que **essa** cidade calorenta e maravilhosa tem para nos mostrar.", na linha 8; e, em, "falei que **na** cidade havia muitos roubos", na linha 21.

O nome genérico "um lugar", em "(...) e assim foi indo cada dia conhecendo um lugar.", na linha 17 do parágrafo 6, retoma cataforicamente às nominalizações toponômicas pelo mecanismo de reiteração, em "uma delas foi a de Copacabana", na linha 14, em "no terceiro dia eles foram conhecer o Cristo Redentor", na linha 15, e em "no terceiro dia eles foram no Corcovado", na linha 16. "Lugar" é um nome genérico que indica a classe específica de *topos* visitado em "A Cidade pouco Maravilhosa".

Koch & Travaglia (1997), por conseguinte, ampliam a estrutura relacional dos seus conceitos teóricos, no qual os relacionamentos agora envolvem as questões de sentido dos constituintes textuais e suas inter-relações intertextuais. Nesta perspectiva, o processo de coesão referencial ocorre por mecanismos de substituição e de reiteração ou repetição.

Koch (1997 /2007) afirma que a coesão referencial é "[...] o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos." (p.45); um conceito multirrelacional entre os componentes do texto evocando uma ideia de composição de sentidos expressivos e impressivos.

Koch (1997) já demonstraria que os estudos sobre o texto ou a composição de Teorias do Texto levam em consideração as perspectivas sociointeracionais dos sujeitos socioculturais, interactantes de uma atividade discursiva que constroem um texto intencionalmente, compartilhando estratégias, mecanismos e estruturas sociocognitivas que lhe permitem a franca comunicação de seus propósitos intencionais. Koch ratifica seus objetivos com este trabalho:

O processo de produção textual, no quadro das teorias sociointeracionais da linguagem, é concebido como atividade interacional de sujeitos sociais, tendo em vista a realização de determinados fins. (...) É o estudo de tais atividades discursivas e de suas marcas na materialidade linguística que se destina a presente obra (KOCH, 1997, p.7).

A autora também declara suas tendências e relata as influências e o aporte teórico do qual se valeu para amadurecer ideias, estudos e pesquisas "sobre os fenômenos textuais da coesão e da coerência" (p.45), ratificando-os como fenômenos distintos.

Koch (1997) propõe uma reclassificação de conceitos do fenômeno da coesão textual, de seus mecanismos e estratégias. Ela os trata de Coesão Referencial e /ou Referenciação. As formas referenciais ou remissivas passam a ser "referentes" e as estratégias de coesão referencial que antes eram chamadas de referenciação e /ou remissão, substituição e /ou reiteração (KOCH, 1989), passam a ser "remissão por (re)ativação", "remissão por sinalização textual" ou "dêixis textual", "remissão por inferenciação"; e também, coesão por sequenciação ou "coesão sequenciadora" (KOCH, 1997, p.52). Aqui nos atemos ao processo de remissão.

EXEMPLO 10

Araruama (Crônica)

Araruama é uma cidade linda, com belas paisagens e uma ótima qualidade de vida. Eu moro aqui mais de 10 anos e é uma cidade muito boa para se viver, tem muitas coisas legais, belas praias. Mais o que eu gosto de Araruama é o shopping e a praça porque lá posso encontrar meus amigos, parentes e familiares. Araruama tem um asfalto muito bom, iluminação publica muito boa e tem poucos assaltos, minha vó vive aqui a mais de 20 anos e ela nunca viu um assalto ou roubos. Araruama hoje em dia é uma cidade popular por suas praias, e cidade boa pra se viver. Araruama é uma cidade que a cada dia cresce mais e também tem muita coisa pra acontecer.

(Redação 2, Turma A).

No exemplo 10, destacamos várias ocorrências de coesão por remissão. Os sobrescritos numéricos representam o recurso de ordem gramatical, dos quais transcrevemos um exemplo para cada tipologia. Em primeiro lugar, a remissão por (re)ativação em "[...] minha vó vive aqui a mais de 20 anos e **ela** nunca viu um assalto ou roubos", na linha 8, quando o pronome de 3ª pessoa "ela" reativa o referente "minha vó". Segundo, os pronomes possessivos, em "[...] porque lá posso encontrar **meus** amigos", na linha 5, em "**minha** vó vive aqui a mais de 20 anos", na linha 6, e, em "[...] é uma cidade popular por **suas** praias", na linha 9, reativam objetos de discurso relacionados à "ótima qualidade de vida" de Araruama e que constitui o *frame* das memórias sociointeracionais dos interlocutores da redação. Terceiro, o pronome demonstrativo "o" em "[...] mais **o** que eu gosto de Araruama [...]", linha 4, possui

a mesma função remissiva, mas encapsula ou sumariza objetos do discurso que serão introduzidos na progressão textual, "o shopping e a praça". Quarto, os pronomes indefinidos, em "[...] iluminação pública **muito** boa e tem **poucos** assaltos", na linha 7, (re)ativa referentes determinando-os, qualitativa e quantitativamente; enquanto que, em "[...] Araruama e é uma cidade que **cada** dia cresce mais [...]", o determinante e pronome indefinido "cada" (re)ativa o referente "dia", enumerando-o. Destacam-se, ainda nessa redação, a remissão por sinalização textual ou dêixis textual, por meio de numerais cardinais em "Eu moro aqui mais de **10** anos [...]", na linha 3, que agrega ao núcleo do SN – anos, o sentido de tempo decorrido; por meio de advérbios pronominais em "porque **lá** posso encontrar meus amigos", na linha 5, assim como, em "[...] minha vó vive **aqui** a mais de 20 anos [...]", na linha 7, que agrega o sentido referencial de lugar espacial habitado; e, por meio de artigos definidos: "[...] o que eu gosto de Araruama é **o** shopping e **a** praça [...]", na linha 5, que definem os núcleos do SN's "shopping" e "praça", determinando-os e especificando-os.

A coesão referencial, segundo Koch (1997) também é realizada com mecanismos de ordem lexical, o que se verifica na redação 10, por meio de sinônimos: "[...] ela nunca viu um **assalto** ou **roubos**", na linha 8; por meio de nomes genéricos: "[...] tem muitas coisas legais, [...]", na linha 4; por meio da reiteração de um mesmo grupo nominal ou parte dele: "Araruama é uma cidade linda,[...]", na linha 2; em que o sintagma nominal "cidade" é reiterado 5 vezes sempre acompanhado por determinantes, como em "uma **cidade** muito boa para se viver", na linha 3; em "uma **cidade** popular por suas praias, e **cidade** boa pra se viver", linhas 8 e 9; e, em "Araruama é uma **cidade** que a cada dia cresce mais", na linha 9.

Em Koch (2001 /2003), a referenciação é resultado de atividade sociocognitiva-discursiva (pp.78, 79). A autora agora parte dos pressupostos teóricos de Blikstein (1985), Mondada & Dubois (1995), Apothelóz & Reichler-Béguelin (1995) e outros autores, os quais, em linhas gerais, entendem que o texto é rico de impressões e significados interpretativos da parte dos interlocutores no discurso, pois a percepção do dito real vem a ser uma "reelaboração de dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão", que obedecem a princípios de referenciação: 1) Princípio de ativação; 2) Princípio de Reativação; e, 3) Princípio de De-ativação. Deste modo, as formas referenciais ou remissivas (1989) são denominados referentes e objetos-de-discurso (2001), e a coesão referencial passa a ser referenciação por progressão referencial.

O modelo textual é continuamente elaborado e modificado por meio de novas referenciações (...). "Endereços" ou locações cognitivas já existentes podem ser constantemente modificados ou expandidos; desta forma, durante o processo de

compreensão, desdobra-se uma unidade de representação extremamente complexa, pelo acréscimo sucessivo e intermitente de novas informações e /ou avaliações acerca do referente (KOCH, 2001, pp.83,84).

A base teórica deste trabalho ratifica que a *discursivação* ou *textualização* do mundo implica na reelaboração de dados factíveis e motossensórios, dando a estes uma dinâmica processual na interação sociocomunicativa dos interactantes do discurso; daí, objetos "reais" ou "não-reais", constituintes de um mundo compartilhado deixam de ser mero referentes e passam a ser "objetos-de-discursos".

EXEMPLO 11

O Rio de Janeiro em que eu vivo.

O Rio de Janeiro em que eu vivo e uma cidade com qualidades e defeitos então as qualidades são, por exemplo: praias, carnaval, as pessoas, educação e etc... Já os defeitos são: lixo, roubo etc... os defeitos não são nada que as pessoas podem resolver e só preservar a nossa cidade.

Eu tenho orgulho de ser carioca porque essa cidade é maravilhosa. Não só a cidade mais as pessoas também são. Amo as praias dessa cidade pular carnaval com minha família e amigos. Essa cidade é uma ótima opção para se morar; tem pontos turísticos ótimos de se visita por exemplo: cristo redentor, pão de açúcar, quinta da boa vista, praias, etc... um lugar que eu adoro ir na cidade é no shopping que é muito bom de se ir. A saúde nessa cidade tá um pouco ruim por causa dengue, zica e chicunya. Essa doença esta sendo causada por um mosquito que se chama aedes aegypti mais fora isso essa cidade continua uma beleza é que todos os anos continue assim.

(Redação 63, Turma D).

No exemplo 11, verificamos processos de referenciação por meio dos princípios de ativação, de reativação e de De-ativação. O Princípio de Ativação indica a introdução de um referente textual completamente novo na superfície do texto e no discurso, conforme o título da redação "O Rio de Janeiro em que eu vivo", linha 1. O Princípio de Reativação de objetos-de-discurso indica a reintrodução de um mesmo referente na superfície textual, no discurso, destacados em "O Rio de Janeiro em que eu vivo e uma **cidade** com qualidades e defeitos", na linha 2; em "porque essa cidade é maravilhosa", linha 6; em "Não só a **cidade** mais as pessoas também são. Amo as praias dessa **cidade**[...]", na linha 7; em "Essa **cidade** é uma ótima

opção para se morar", na linha 8; em "um lugar que eu adoro ir na cidade [...]", na linha 11; Em "A saúde nessa **cidade** tá um pouco ruim[...], na linha 11; e, em "mais fora isso essa **cidade** continua uma beleza", na linha 13. A reativação acontece com a repetição do núcleo do SN, acrescido, ou não, de predeterminantes ou determinantes artigos, pronomes, ou numerais. O Princípio de De-ativação indica a substituição de um objeto de discurso que se mantinha ativo no co(n)texto, por um outro objeto de discurso introduzido na trama textual, enquanto o primeiro referente se mantém em *standby* na memória discursiva dos interactantes do texto, como em "A saúde nessa cidade está um pouco ruim por causa (da) dengue, zica e chicunya". Essa doença está sendo causada por um mosquito que se chama *aedes aegypti*", nas linhas 11 a 13; o discurso inicial do autor da redação, da linha 1 até a linha 11, se refere às belezas dos lugares no Rio de Janeiro e seus prazeres, a partir de "a saúde nessa cidade...", introduz-se um novo objeto-de-discurso – "saúde", quando o autor retoma o objeto de discurso anterior em "mais fora isso essa cidade continua uma beleza é que todos os anos continue assim", reativando o referente "beleza" que estaria em *standby*.

Koch (2001), portanto, observa e estuda o texto por uma perspectiva renovada pelos pressupostos sociointeracionais cognitivistas através dos quais os referentes textuais (Koch, 1989) tornam-se objetos-de-discurso, que são "manipulados", inseridos, modificados, reconstituídos e (re)construídos à medida que há um processo de evolução na estrutura do texto, compondo a progressão referencial.

Apresentamos a seguir os quadros I e II. O primeiro traz um resumo do suporte teórico de Koch, o resumo evolutivo dos conceitos, da noção e da definição de coesão referencial estudados por Koch (1989; 1997; 2001) e por Koch & Travaglia (1993), aos quais nos referimos até aqui. O Quadro II apresenta um resumo evolutivo dos conceitos operacionais, das estratégias e /ou mecanismos e dos elementos que constituem a coesão referencial /CR, segundo Koch (1989, 1997, 2001) e Koch; Travaglia (1993).

Quadro 1 – Evolução dos conceitos de Coesão Referencial (período 1989 a 2001) (parte 1)

	Koch (1989/2010)	Koch;Travaglia (1993 /2001)	Koch (1997)	Koch (2001 /2003)
TÍTULO	<i>Coesão Textual</i>	<i>A Coerência Textual</i>	<i>O Texto e a Construção dos Sentidos</i>	<i>Desvendando os Segredos do Texto</i>
APORTE TEÓRICO (1)	Halliday;Hasan (1976) Beaugrande; Dressler(1981)	Beaugrande & Dressler (1981); Brown & Yule (1983);	A) Koch (1984, 1985, 1989a, 1989b, 1990);	Adam (1990); Apothéloz & Chanet (1997);
APORTE TEÓRICO (2)	Harweg (1968) Kallmeyer; Meyer-Hermann (1974) Meyer-Hermann (1976) Wenrich (1973); Blanche-Benveniste	Charolles (1978, 1979, 1987); Tannen (1984); Van Dijk (1981); Van Dijk & Kintsch (1983); etc.	B) Beaugrande & Dressler (1981); Charolles (1964;1989) Heinemann & Viehweger (1991); Van Dick (1977; 1978;1979); etc	Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995); Authier-Révuz (1982); Berrendonner &Reichler-Béguelin (1995); Blikstein (1985); Charolles, Petöfi & Sözer (1989); Garham &Oakhill (1990, 1992)); Johson-Laird (1983); Mondada &Dubois (1995); etc.
FENÔMENO	Coesão Referencial	Coesão Referencial -CR ou Referenciação	Coesão Referencial e Referenciação	De Coesão Referencial /Referenciação a /Progressão Referencial
NOÇÃO de COESÃO	"(...) pode-se afirmar que o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística entre os elementos que ocorrem na superfície textual." (p.14)	A ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual. (...) explicitamente revelada através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto (p.40).	(...) os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos (p.45)	"É o resultado de atividade sócio-cognitivo-discursiva (...)" (pp. 78, 79)
DEFINIÇÕES para O FENÔMENO DE COESÃO REFERENCIAL (1)	Um componente da superfície faz remissão a outro(s) elemento(s) presente(s) no (co)texto ou inferíveis no co(n)texto. (p.23). O 1º é forma referencial ou Forma Remissiva;	CR - remete ou permite recuperar um mesmo referente (que pode ser evidentemente acrescido de outros traços que se lhe vão agregando textualmente).	A reativação de referentes no texto por meio de referenciação anafórica ou catafórica, formando cadeias coesivas mais ou menos longas (p.46)	O modelo textual é (re)construído por meio de novas referenciações (...). Os "Endereços" ou as locações cognitivas são constantemente atualizadas; tornam-se mais complexas, por meio de novas

	O 2º é Elemento de Referência ou referente textual.			informações de sentido sobre o referente. (pp.83-84).
--	---	--	--	---

Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

Quadro 2 – Evolução dos conceitos de Coesão Referencial (período 1989 a 2001) (parte 2)

	Koch (1989 /2010)	Koch;Travaglia (1993 /2001)	Koch (1997)	Koch (2001 /2003)
TÍTULO	<i>Coesão Textual</i>	<i>A Coerência Textual</i>	<i>O Texto e a Construção dos Sentidos</i>	<i>Desvendando os Segredos do Texto</i>
Fenômeno	Coesão Referencial	Coesão Referencial ou Referenciação	Coesão Referencial e Referenciação	De Coesão Referencial /Referenciação a /Progressão Referencial
Conceitos Operacionais	Formas referenciais ou Formas remissivas	Pró-formas ou Mecanismos Coesivos	Referentes	De Referentes a Objetos-de-discurso
Estratégias / Mecanismos	por Referenciação; por Remissão	1. por Substituição Ou 2. por Reiteração	1. por Remissão ou 2. por Sequenciação	Princípios de Referenciação: 1. de Ativação; 2. de Reativação; 3. de De-Ativação.
Elementos	1. Formas remissivas gramaticais presas (FRGPr) 2. Formas remissivas gramaticais livres (FRGLv) 3. Formas remissivas lexicais. (FRLx)	1.1. Pró-formas (pronome, verbo, advérbio, quantificadores); 2.1. Sinônimos; Hiperônimos; Nomes genéricos; expressões nominais definidas; repetição do mesmo item lexical; Nominalizações.	1.1. Remissão por (Re)ativação 1.2. Remissão por Sinalização textual (Dêixis Textual) 1.3. Remissão por Inferenciação	1. Uso; Pronomes ou elipses (Pron. Nulo); 2. Expressões Nominais Definidas; 3. Expressões Nominais Indefinidas / (Nominalizações)

Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

Koch (2005, p.33) segue os pressupostos de Apothéloz & Reicher-Béguelin (1995, pp.142-175), que afirma que "os chamados 'objetos-de-discurso' não preexistem

'naturalmente' à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos – fundamentalmente culturais – dessa atividade".

Estes objetos-de-discurso são constituídos de elementos linguísticos do cotexto e do contexto resultantes da interatividade dos interactantes na estrutura textual, que através de formas nominais permitem a (re)construção destes objetos, nos quais será localizada "(...) algum tipo de informação anteriormente alocada na memória discursiva" dos sujeitos sociais atuantes no processamento do texto (KOCH, 2005, p.35). O exemplo abaixo trata das funções coesivas.

EXEMPLO 12

A viagem dos meus parentes

Ano passado recebi meus parentes que vieram do Canadá. Eles chegaram aqui achando que encontrariam praias paradisíacas, samba e futebol. Eles encontraram tudo isso, mas também encontraram poluição, criminalidade em excesso e muito mais.

Eu estava indo para um jogo de vôlei com meus primos e durante a ida eles perceberam que havia um trecho que estava com um policiamento maior que outro. E então meu primo me perguntou por que uma área era mais segura que a outra. Eu respondi que aquilo tudo era pro turista ver e que, logo depois das Olimpíadas, tudo voltaria ao "normal". Ele me perguntou o que seria "normal" e eu respondi que o normal era as pessoas sendo roubadas e ficando frustradas pois trabalhavam tanto pra comprar um produto tão caro; assassinadas pois resistiram a um assalto; esfaqueadas no trem enquanto simplesmente iam para a escola e etc. Ele ficou surpreso pois não sabia a realidade que era o Rio de Janeiro.

No dia seguinte, fomos à praia e meu primo se deparou com uma poluição sem fim na água do mar.

Expliquei para ele que, como aquela praia não seria usada nas Olimpíadas, o governo não se preocupou em limpá-la. Resaltei que o governo raramente se preocupa com bairros e municípios não nobres do Rio e que quando se preocupam é no ano das eleições.

No dia seguinte, mostrei mais exemplos do que já tinha mostrado ao meu primo.

No fim da viagem dos meus parentes, meu primo disse que a visão dele sobre o Rio havia mudado e que ele nunca mais iria achar que o Rio é uma "Cidade Maravilhosa".

(Redação 14, Turma B).

A remissão textual ocorre por meio de funções coesivas. A descrição nominal com função de categorização ou de recategorização do referente textual (KOCH, 2005, p.35), é encontrada em "as pessoas sendo roubadas e ficando frustradas", nas linhas 11 e 12 no parágrafo 2, em que essa descrição por expressão nominal ativa cognitivamente os conhecimentos socioculturais entre os interactantes do texto sobre a tida "normalidade" no Rio de Janeiro, conhecimentos estes, que ajudam na construção imagética do projeto-do-dizer do escritor para seus leitores. Uma expressão nominal anafórica que opera a recategorização do objeto-de-discurso (p.37) é encontrada em que o Rio é uma "Cidade Maravilhosa", nas linhas 25 e 26 no parágrafo 6. Aqui a recategorização da expressão nominal definida "o Rio", enquanto objeto-de-discurso, se dá por anáfora metafórica quando foi inserido um modificador após o núcleo do sintagma nominal "Rio", recategorizando-o. O encapsulamento ou anáfora complexa (p.38) é encontrado em "Eles encontraram tudo isso,...", na linha 4 no parágrafo 1, em que a forma remissiva gramatical livre pronominal "isso" encapsula todo o enunciado "Eles chegaram aqui achando que encontrariam praias paradisíacas, samba e futebol.", linhas 2 e 3. A remissão meta discursiva (p.41), um tipo de rotulação é encontrada em "tudo voltaria ao 'normal'", na linha 10 no parágrafo 2, e, apresenta-nos um tipo de encapsulamento por meio da expressão nominal "normal" que retoma fatos e eventos que já estão presentes no cotexto, inclusive repetindo a mesma expressão nominal, na linha 11, num processo de repetição e de rotulação dos eventos já descritos no parágrafo 2.

Deste modo, identificamos neste artigo escrito por Koch (2005) um princípio teórico, no qual construímos o eixo filosófico: "as expressões nominais remissivas funcionam como uma espinha dorsal do texto, que permite ao leitor /ouvinte construir, (...) um 'roteiro' que irá orientá-lo (...)" na construção dos sentidos textuais e co(n)textuais, que permitirão amplas possibilidades de leitura aos interactantes do /no texto.

Koch (2006/2008) retoma as questões sobre a produção de sentidos no texto, reorganizando e ampliando pressupostos contidos em Koch (1997 /2007) supracitado. Evoca os princípios primordiais sociointeracionistas e sociocognitivistas na concepção de texto como "lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos" (p.7). O texto assim, como fonte de interação de interactantes pela leitura, além de mobilizar conhecimentos linguísticos compartilhados socioculturalmente e implícitos co(n)textuais, mobiliza

(...) uma série de estratégias tanto de ordem linguística como de ordem cognitivo-discursiva, com o fim de levantar hipóteses, validar ou não as hipóteses formuladas, preencher as lacunas que o texto apresenta, enfim, participar, de forma ativa, da construção do sentido. (KOCH; ELIAS, 2006, p.7).

Neste trabalho de Koch (2006), a concepção fenomênica de coesão referencial passa ao conceito de referenciação e de progressão referencial, ou seja, a

(...) construção e reconstrução de objetos-de-discurso (...) [em que] os referentes são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com nossa percepção do mundo (...), nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos. (KOCH, 2006, p.123).

A referenciação vem a ser uma "atividade discursiva" que utiliza as estratégias de 1) introdução (construção) de um objeto-de-discurso; 2) retomada (manutenção) de um objeto-de-discurso; 3) desfocalização de um objeto-de-discurso (agora em stand by / "repouso cognitivo") quando da introdução de um objeto-de-discurso na superfície textual.

A introdução de referentes ou a ativação deles se verifica no exemplo 13, tanto na forma "não-ancorada", quanto na forma "ancorada". A introdução "não ancorada" ocorre quando um objeto-de-discurso é mencionado pela primeira vez na superfície textual, sem qualquer menção anterior, nessa redação é representada pelo título "O Rio de Janeiro", na linha 1. Enquanto que a introdução "ancorada" acontece em "o Rio de Janeiro", na linha 2, no parágrafo 1, que é precedida e sucedida de elementos linguísticos tidos no cotexto e no contexto, os quais expõem uma relação lógico-semântica dando progressão aos sentidos do texto na interação sociocultural. A introdução ancorada, segundo Koch (2006), se daria: por anáfora indireta; por anáfora associativa e por nominalização ou rotulação.

EXEMPLO 13

O Rio de Janeiro em que eu vivo...

O Rio de Janeiro em que moro e conhecido como cidade maravilhosa e esse ano ela vai ceder um dos maiores eventos do mundo, chamado Olimpíadas, esse evento vai receber milhões de pessoas estrangeiras.

O Brasil está passando por um momento muito ruim, que se chama Crise, em todo lugar em eu passo só fico ouvindo crise crise nos hospitais, nas escolas, nas empresas, nas empresas de ônibus e de taxi. Eu fico, reparando onde está o nosso Prefeito Eduardo Paes. Ele tá nem aí para isso, só quer saber de ganhar nas Olimpíadas.

E o desabamento na Av. Niemeyer, ea aquelas duas pessoas que morreram? Ccomo que está aquela duas famílias. E o Jose Mariano Beltrano? ele poderia aumentar os policiamentos nas favelas, do Rio de Janeiro, muitas

peças inocentes morrendo por nada dentro, da própria casa. vamos para pra pensar: há um povo Preciso de ajuda precisamos de policiamento, nas praias, e no centro da cidade, enquanto, os filhos de vocês estão ganhando do bom e do melhor, há pessoas que não tem nada pra comer, moram na rua ou até mesmo embaixo da ponte. em vez, Vocês do governo, Eduardo Paes poderiam arrumar, um abrigo pra eles, vocês tenque dar graças há Deus por ter uma roupa, (e) um tenis de marca.

##JUNTOS PELO BRASIL MELHOR!!!

(Redação 35, Turma C).

No exemplo 13, o parágrafo 2 introduz um novo referente, "o Brasil" e uma anáfora indireta no enunciado "O Brasil está passando por um momento muito ruim...". A expressão nominal indefinida – um momento muito ruim, anáfora indireta, recupera um referente que a antecede de um contexto sociocultural e sociocognitivo compartilhado pelos interactantes do texto, que se supõem reterem o conhecimento de que, tanto a cidade do Rio de Janeiro, quanto o Brasil, país no qual a cidade está inserida, passam por um grave momento de crise socioeconômica.

As linhas 11 a 13 no parágrafo 3 introduzem outros novos referentes por anáfora associativa, posto que, "o desabamento na Av. Niemeyer..." e "aquelas duas pessoas que morreram", na linha 11; e, "muitas pessoas inocentes morrendo", nas linhas 13 e 14, possuem relações meronímicas que inferem sentidos de "um momento ruim" pelo qual o Brasil e, conseqüentemente, o Rio de Janeiro estariam passando, a partir da inserção de objetos de discurso no texto, os quais fazem parte de um campo discursivo, de esquemas cognitivos ou de modelos mentais relacionados a acontecimentos trágicos e fatais.

O sintagma nominal "crise" foi introduzido estrategicamente, na linha 6 no parágrafo 2, para encapsular "um momento muito ruim", na linha 5, e assim, rotular prospectivamente os referentes que produzem o sentido dado a "um momento ruim", sumarizando todos os eventos trágicos dos parágrafos 2 e 3.

Realizada a ativação de referentes pela introdução de um objeto-de-discurso ao co(n)texto textual, outra estratégia de manipulação dos referentes é a retomada ou manutenção de um objeto-de-discurso anteriormente posto, que exemplificamos no exemplo 14.

EXEMPLO 14**Araruama** (Crônica)

Em um domingo ensolarado, recebi um convite das minhas amigas para irmos a Lagoa de Araruama, a melhor da região dos lagos, aonde todos podem ir sem medo de pegar uma doença, etc.

Aqui a lagoa tem a água clarinha, não tem sujeiras, todos por aqui colaboram bem com a limpeza da nossa lagoa e dos rios também, o mais preocupado com isso é o nosso prefeito. A saúde aqui também é boa, não existe fila para marcação de médicos, os pronto-socorro é o nº 1 de referência. Na educação, essa sim, dispensa comentários, referência do estado.

Não temos problemas de alagamentos, como houve nos municípios vizinhos no início de março, quando teve uma grande enchente. Nós moradores de Araruama ficamos livres disso; tráfico, homicídios, por aqui não existe. Bom, para resumir como é a minha cidade, outra melhor não há.

(Redação 1, Turma A).

A retomada ou manutenção de um objeto-de-discurso se consolida pelo uso de pronomes ou outras formas de valor pronominal, como em "com a limpeza da nossa lagoa e dos rios também", na linha 6 no 2º parágrafo, em que o SN "nossa lagoa" retoma "a Lagoa de Araruama" do sintagma preposicional / SPrep "para irmos a Lagoa de Araruama", na linha 3 no parágrafo 1. Em "para resumir como é a minha cidade, outra melhor não há.", na linha 13, os pronomes "minha" e "outra" mantêm o objeto-de-discurso /sintagma preposicional "de Araruama" do 3º parágrafo e retoma o sintagma nominal "Araruama" do título, que, por inferência, se refere à cidade de Araruama. A retomada ou manutenção de referente também ocorre por meio de expressões nominais definidas ou SN's, como "a melhor da região dos lagos", na linha 3 no parágrafo 1, como "a melhor da região", na mesma linha 3; como, "a lagoa", na linha 5 no parágrafo 2, bem como, "da nossa lagoa", na linha 6 no parágrafo 2, que retomam o sintagma preposicional "para irmos a Lagoa de Araruama", da linha 2 no parágrafo 1, retomando-o e mantendo esse objeto de discurso na progressão referencial da trama do texto.

Outra estratégia de retomada ou de manutenção do referente é a inserção no texto de expressões nominais indefinidas, como, por exemplo, em "Não temos problemas de alagamentos, como houve nos municípios vizinhos no início de março, quando teve uma

grande enchente", linhas 10 e 11 no parágrafo 3, em que a expressão "uma grande enchente", na linha 11, retoma o objeto-de-discurso "alagamentos", na linha anterior, realizando a manutenção do referente e a progressão discursiva do enunciado do parágrafo 3.

Koch (2006), portanto, apresenta o fenômeno da referenciação como atividade discursiva na qual o texto "oscila entre vários movimentos", através dos quais os objetos-de-discurso são (re)construídos por introdução de novos referentes e, também por retomada, tema este que ampliaremos no item subsequente.

Em Koch (2008), a autora adota a posição em "que o processamento do texto acontece *on-line*, simultaneamente em todos os níveis," (p.12), ou seja, o texto é analisado e (re)construído durante todo o processo de elaboração, desenvolvimento e construção levando-se em consideração os paradigmas morfossintáticos, léxico-gramaticais e pragmáticos dos interlocutores desse texto, tendo por postulado que

Os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constróem-se no próprio processo de interação. Ou seja: a realidade é construída, mantida e alterada pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ela: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural. (KOCH, 2008, p.33). (Grifo nosso)

Assim sendo, a coesão referencial (1989) define-se como referenciação que propicia a progressão referencial (2008), em que as "antigas" formas remissivas ou formas referenciais tornam-se, definitivamente, objetos-de-discurso, os quais são percebidos também pela perspectiva cognitivista. Aqui o texto é o objeto central de estudos, "enquanto processo, enquanto atividade sociocognitivo-interacional de construção de sentidos" (p.12).

Deste modo, tratando-se de estratégias e de mecanismos de referenciação por progressão referencial, o que anteriormente nomeou-se introdução /construção de um objeto-de-discurso, passa neste contexto (KOCH, 2008) à Construção /Ativação; o que fora Retomada /Manutenção de um objeto-de-discurso passa a Reconstrução /Reativação; e, o que antes se chamava de Desfocalização de um objeto-de-discurso, passa a ser Desfocalização /Desativação do objeto-de-discurso anteriormente introduzido e agora em *stand by*.

Na Construção /Ativação os objetos de discurso são "ativados na memória, passando a preencher um nóculo ('endereço' cognitivo, locação) na rede conceptual do modelo de mundo textual" (KOCH, 2008, p.34), a partir do que, constrói-se e reconstrói-se o modelo textual pela interação sociocognitiva dos "artífices do texto".

Esta ativação poderá ser "não ancorada" quando um objeto de discurso "totalmente novo é introduzido no texto, passando a ter um 'endereço cognitivo na memória do

interlocutor", normalmente representado por expressão nominal processando uma "categorização do referente" (p.36).

Poderá ser também, "ancorada", quando este novo objeto de discurso for introduzido, "sob o modo dado, em virtude de algum tipo de associação com elementos presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo passível de ser estabelecida por associação e /ou inferenciação" (p.36).

A reconstrução /reativação se dá quando um objeto de discurso "já presente na memória discursiva" dos interactantes é acionado novamente através de uma forma referencial recompondo o modelo textual em construção. Assim, o objeto de discurso citado anteriormente, entra em estado de *stand by*, aguardando uma pronta rechamada textual, reativação, para participar da "trama do texto" novamente, reconstruindo-o e o fazendo progredir discursivamente.

Concluimos que, de acordo com Koch (2008), os objetos-de-discurso são motivados sociocognitivamente, e que estes empreendem um processo de (re)construção do modelo textual em uso na interação, a fim de produzir sentidos impressionais que permitem aos interactantes uma textualização /discursivização do mundo no qual estão inseridos.

Koch & Elias (2009) demonstram assumir definitivamente os pressupostos sociocognitivos e interacionais das *Teorias do Texto* ou da *Linguística Textual* quando na introdução desta obra afirmam:

À luz de uma concepção sociocognitiva e interacional da linguagem, o texto é visto como o próprio lugar da interação verbal e os interlocutores, como sujeitos ativos, empenhados dialogicamente na produção de sentidos. Entende-se, pois, a produção de linguagem como uma atividade interativa altamente complexa, em que a construção de sentidos realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos selecionados pelos enunciadores e na sua forma de organização, mas que requer, por parte destes, não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes de ordem sociocognitiva, cultural, histórica, de todo o contexto, enfim, como também – e sobretudo – a sua reconstrução no momento da interação. (KOCH, 2009, p.10). (Grifo nosso)

A noção de "coesão referencial" traduzida neste trabalho é de *uniformidade, contiguidade e conformidade* das relações referenciais na introdução de referentes no modelo textual, na qual "os referentes textuais [objetos-de-discurso] são (re)construídos no interior do próprio discurso conforme o 'óculos social" (Koch; Elias, 2009, p.134), que os coenunciadores do modelo textual mobilizam e respaldam suas atividades verbo-discursivas, sociointeracionais e sociocognitivas no processamento estratégico do texto. Koch & Elias (2009) ratificam que

Todo processo de compreensão pressupõe, assim, atividades do ouvinte /leitor, de modo que se caracteriza como um processo ativo e contínuo de construção – e não apenas de reconstrução -, no qual as unidades de sentido ativadas a partir do texto se conectam, por meio de inferências, a elementos suplementares de conhecimento extraídos de um modelo sociocognitivo, também ativado em sua memória. (KOCH; ELIAS, 2009, p.10).

Koch & Elias (2009) reafirmam que a referenciação "é uma atividade discursiva" (p.13) na qual a introdução de referentes no modelo textual é realizada continuamente de forma "não ancorada" em que há uma "primeira categorização do referente" textual (p.134), representado por uma expressão nominal, conforme "Araruama" no fragmento abaixo:

EXEMPLO 15

Araruama (Crônica)

Em um domingo ensolarado, recebi um convite das minhas amigas para irmos a Lagoa de Araruama, a melhor da região dos lagos, aonde todos podem ir sem medo de pegar uma doença, etc (...)

(Redação 1, Turma A – Fragmento).

O contínuo discursivo contido no exemplo 15 demonstra essa introdução de referentes não ancorados numa primeira categorização em "Araruama", na linha 1, em "um domingo" e em "um convite", na linha 2, em "a Lagoa de Araruama" e em "todos", na linha 3, enquanto objetos-de-discurso que, invariavelmente, são introduzidos por sintagma nominal precedido por artigo indefinido – um, uma, uns, umas, e por pronomes indefinidos – toda, todo, todas, todos etc, sem referências anteriores.

A outra estratégia seria a de introdução /ativação de referente "ancorada", que remete os coenunciadores ao cotexto textual ou contexto sociocognitivo dos interlocutores, na qual há algum tipo de associação dos elementos linguísticos textuais na introdução de uma expressão nominal. Isto acontece invariavelmente na estratégia de inserção de uma anáfora indireta "geralmente constituída por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda-o um antecedente (ou subsequente) explícito no texto" (p.136). Este mecanismo representa uma estratégia de ativação de referentes por meronímias e / ou esquemas cognitivos ou modelos mentais, conforme Fauconnier (1998), Johnson-Laird (1983), Miranda N. S (2009) e Koch (2009).

EXEMPLO 16**O Rio de Janeiro em que eu vivo.**

O Rio de Janeiro em que eu vivo é muito lindo e maravilhoso. Porém ocorre muitos acontecimentos, como: assaltos, tiroteios, furtos.

Mas também um dos pontos turísticos mas lindos, tipo: as praias, arcos da lapa, pão de açúcar, cristo redentor, vista chinesa. E agora pouco tempo, veio mais um ponto turístico muito lindo, o teleférico do Complexo do Alemão.

Eu moro no Rio de Janeiro, desde quando nasci Porisso eu gosto muito daqui lugar maravilhoso e é umas das Cidades mais lindas como diz o trecho de uma música: Cidade maravilhosa cheia de quantos mil, Cidade maravilhosa coração do meu Brasil.

Apesar de ter muito lixão, mortes. Ele continua sendo lindo.

Mas o que esta estragando a nossa cidade maravilhosa é essa prefeitura, ela não presta é passível. Não paga os professores, muitos alunos sem aula, muitas escolas de greve.

Mais o Rio de Janeiro sempre continuara lindo apesar da bandidagem, roubaleira é muita e não me desfaça dessa cidade;

Mas essa prefeitura só Deus querem falir nossa cidade ninguém recebe, nem professor, nem os bombeiros. Muitas pessoas depende de bolsa família pra sobreviver, mais daqui a pouco O bolsa família vai tá [valendo] um real.

Mais apesar de tudo O Rio de Janeiro continua lindo.

(Redação 55, Turma D).

A estratégia de ativação por meronímias implica em uma relação parte-todo entre os referentes textuais retomados na estrutura do cotexto, por exemplo, a expressão nominal indefinida "um dos pontos turísticos mais lindos", na linha 4 no parágrafo 1 do exemplo 16, ativa um todo resumitivo e discursivo que compõe um *frame* das belezas que constituem parte de "O Rio de Janeiro"; enquanto que, a ativação pela remissão a esquemas cognitivos e espaços mentais implica numa ativação puramente cognitiva pela inferenciação de dados em espaços mentais qualificados e específicos que delimitam o objeto de discurso, por exemplo, em "O Rio de Janeiro em que eu vivo", encontrado no título da redação 55, o sintagma

preposicional "em que eu vivo" qualifica seu antecedente sintagma nominal "O Rio de Janeiro".

Para efeito de ativação meronímica, do grego *meros* – que significa parte, partição ou porção de, mais *ónoma* – um nome, quando o aluno se refere a "pontos turísticos", na linha 4, esse aluno ativa um arquivo mental e sociocultural com a inserção de anáforas indiretas⁶ que remetem os interactantes do texto aos objetos de discurso – os Arcos da Lapa, o Pão de Açúcar, o Cristo Redentor, a Vista Chinesa e o Teleférico do Alemão, referidos nas linhas 4 a 6 no parágrafo 2, quando retomam o referente textual – pontos turísticos da linha 4 por meio da estratégia de coesão por referenciação, (re)construindo a narrativa e qualificando as anáforas e os referentes textuais no projeto do dizer.

Os espaços mentais armazenam dados socioculturais dos coenunciadores do texto compartilhado. Os interlocutores do texto associam imagens das lindezas e maravilhas da cidade do Rio de Janeiro aos "pontos turísticos" que encapsulam os topônimos citados nas linhas 4 a 7, e assim, cognitivamente, eles validam os dados cotextuais, contextuais e inferenciais como pertinentes ao co(n)texto de interação – o Rio de Janeiro em que eu vivo. Simultaneamente, os esquemas cognitivos permitiram aos interactantes no /do discurso ativar a (re)construção dos objetos-de-discurso na progressão referencial, por meio da ativação do objeto de discurso não ancorado – "o Rio de Janeiro em que vivo", que intitula a redação (MARCUSCHI, 2012, p.63).

Assim, conseqüentemente, várias expressões nominais que foram introduzidas no texto estão "ancoradas" a este título "O Rio de Janeiro em que vivo": 1º) – "muito lindo e maravilhoso", na linha 2; 2º) – "muitos acontecimentos, como: assaltos, tiroteios, furtos", na linha 3; 3º) – "lugar maravilhoso e é umas das cidades mais lindas", na linha 9; 4º) – "Apesar de ter muito lixão, mortes", na linha 12; 5º) – "essa prefeitura, na linha 13; e, 5º) – "o Rio de Janeiro sempre continuara lindo apesar da bandidagem, roubalheira é muita", nas linhas 16 e 17.

Conclui-se, portanto, que os coenunciadores participam diretamente num complexo processo de (re)construção de objetos-de-discurso, em que são alinhados como referentes textuais por remissão ou por retomada destes no cotexto e no contexto de interação. Os coenunciadores são interactantes em um modelo textual, "estrategistas da comunicação" que

⁴Adotamos o conceito de anáfora indireta de Luiz Antônio Marcuschi, in "*Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras*" (KOCH; MORATO; BENTES, 2012, pp.53-61, na qual existe uma correlação entre expressões definidas e até expressões pronominais em dependência interpretativa e um referente textual do cotexto precedente e /ou do contexto "que tem duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global." (p.59).

mobilizam recursos estratégicos para elementos linguísticos, sociocognitivos e sociointeracionais na produção de sentidos daquilo que se propõe dizer em seus discursos.

Realizamos até aqui uma revisão teórica dos conceitos de coesão referencial, mecanismos e estratégias de coesão referencial, um recorte diacrônico da produção bibliográfica de Ingedore Koch dos anos de 1989 até 2009, visto ser a base da fundamentação teórica para esta pesquisa, exemplificando os fenômenos citados por ela com textos de alunos do ensino fundamental os quais compõem o *corpus* desta pesquisa. Estes conceitos de coesão referencial podem ser comparados nos Quadros 3 e 4.

Quadro 3 – Evolução dos conceitos de coesão referencial (período 2005 a 2009) (parte 1).

	Koch (2005 /2012)	Koch (2006)	Koch (2008 /2014)	Koch; Elias (2009 /2012)
TÍTULO	<i>Referenciação e Discurso</i>	<i>Ler e Compreender: Os Sentidos do Texto</i>	<i>As Tramas do Texto</i>	<i>Ler e Escrever: Estratégias de Produção Textual</i>
FENÔMENO	Referenciação	Referenciação & Progressão Referencial	Referenciação & Progressão Referencial	Referenciação (Processo) & Progressão Referencial
NOÇÃO de /para COESÃO		Progressão Referencial	Progressão Referencial	Uniformidade, Contiguidade e Conformidade na Progressão Referencial
DEFINIÇÃO /NOÇÃO de REFERENCIAÇÃO / PROGRESSÃO REFERENCIAL	"(...) privilegia (...) a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores." (p.34)	"(...) construção e reconstrução de objetos-de-discurso (...) os referentes são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com nossa percepção do mundo (...), nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos" p.123	"Os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constróem-na no próprio processo de interação. Ou seja: a realidade é construída, mantida e alterada pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ela: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural." (p.33)	"Referenciação: Uma atividade discursiva." (p.131); "O processo que diz respeito às diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes é chamado de referenciação . Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina

				progressão referencial. (p.132).
--	--	--	--	--

Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

Quadro 4 – Evolução dos conceitos de coesão referencial (período 2005 a 2009) (parte 2)

	Koch (2005 /2012)	Koch (2006)	Koch (2008 /2014)	Koch; Elias (2009 /2012)
TÍTULO	<i>Referenciação e Discurso</i>	<i>Ler e Compreender: Os Sentidos do Texto</i>	<i>As Tramas do Texto</i>	<i>Ler e Escrever: Estratégias de Produção Textual</i>
FENÔMENO	Referenciação	Referenciação /Progressão Referencial	Referenciação /Progressão Referencial	Referenciação (processo) /Progressão Referencial
CONCEITOS OPERACIONAIS	Formas Nominais Referenciais /objetos-de-discurso	Objetos-de discurso	Objetos-de discurso (Inserção do Cognitívismo)	Objetos-de-discurso [Referentes textuais que (re)construídos no interior do próprio discurso conforme "óculos social" (p.134)
ESTRATÉGIAS / MECANISMOS	Remissão por construção e reconstrução de objetos-de-discurso (p.33)	1. Introdução (construção) de um objeto-de-discurso (OD); 2. Retomada (manutenção) de um OD; 3. Desfocalização de um OD (stand by) para um novo OD recém introduzido;	1. Construção / Ativação – OD introduzido-ativado na memória - nódulo (= "endereço" cognitivo, locação); (p.34) 2. Reconstrução /Reativação – um nódulo é reintroduzido na memória operacional; 3. Desfocalização /Desativação – no OD é introduzido, ocupa a posição focal; OD1 (standby)	Introdução de Referentes no Modelo Textual 1. Introdução 'Não-Ancorada'. Expressão nominal ↔ 1ª categorização do referente; 2. Introdução (Ou Ativação) Ancorada; Remete ao cotexto textual ou contexto sociocognitivo dos interlocutores; 3. Progressão Referencial
ELEMENTOS (continua)	1.1. Descrições nominais com a função de categorização ou de recategorização de referentes (p.35); 1.2. Expressões nominais anafóricas que operam a recategorização dos OD, (...) muitas vezes feita por meio de	1.1. Introdução Não-ancorada 1.2. Introdução Ancorada 1.2.1 – por anáfora indireta; 1.2.2 – anáfora associativa 1.2.3 – nominalização (ou rotulação)	1. Construção /ativação (pp.36-38) 1.1. não-ancorada 1.2. Ancorada 1.2.1 – Anáforas Associativas (relações meronímicas); 1.2.2 – Anáforas Indiretas (Remete ao co(n)texto); 1.2.3 – Nominalizações (referir por SN;) ou Rotulações;	1.1. Introdução de um objeto-de-discurso totalmente novo no modelo textual;

	termos metafóricos (p.37);		Encapsulamento;	
ELEMENTOS (conclusão)	1.3. Encapsulamentos (anáforas complexas) – recategoriza segmentos precedentes ou subsequentes do contexto, resumindo-os e encapsulando-os (rotulação) (p.38) 1.4. Remissão Metadiscursiva – tipo particular de rotulação, não sumariza o conteúdo de um segmento textual precedente, mas focaliza-se a própria atividade enunciativa (...)	2.1.Retomada pelo uso de: 2.1.1 – pronomes ou outras formas de valor pronominal; 2.1.2 – expressões nominais definidas; 2.1.3 – expressões nominais indefinidas.	2.Reconstrução /Reativação /Manutenção no Modelo Textual 2.1. Recursos de Ordem Gramaticais (pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos); 2.2. Recurso de Ordem Lexical (Reiteração de Itens lexicais, Sinônimos, Hiperônimos, Nomes Genéricos, Expressões Nominais);	2.1. por Anáfora Indireta: expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes (p.136); 2.1.1. Por Meronímias 2.1.2. Por Esquemas Cognitivos & Modelos Mentais; 3.1. Formas de valor pronominal; 3.2. Numerais; 3.3. Certos advérbios locativos; 3.4. Elipses; 3.5. formas nominais reiteradas; 3.6. formas nominais sinônimas ou quase sinônimas; 3.7. formas nominais hiperonímicas; 3.8. Nomes genéricos

Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

2.2 Das Formas Remissivas a Elementos de Progressão Referencial

Seguiremos examinando o *corpus* de pesquisa, dessa feita examinando comparativamente o papel das formas remissivas gramaticais e das formas remissivas lexicais na construção dos objetos-de-discurso no modelo textual. Abordaremos os conceitos de texto, contexto, língua e /ou linguagem, bem como, propomos identificar, observar e descrever o relacionamento dos elementos das formas remissivas gramaticais presas – a FRGPr, as formas remissivas gramaticais livres – FRGLv, e as formas remissivas lexicais – FRLx que dizem respeito ao fenômeno de Coesão Referencial (1989), às estruturas sintagmáticas dos elementos do processo de Referenciação em Progressão referencial (2009).

2.2.1 As Formas Remissivas Gramaticais

Quando define a coesão referencial, Koch (1989, p.14) afirma que é "mecanismo de manifestação da coerência" e que este conceito "diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística entre os elementos que ocorrem na superfície textual".

As formas remissivas gramaticais se dividem em Formas Remissivas Gramaticais Presas e Formas Remissivas Gramaticais Livres. As formas remissivas gramaticais são aqueles elementos linguísticos da superfície do texto que fazem remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual – os referentes textuais.

EXEMPLO 17

Araruama (Crônica)

Araruama tem paisagens **tão lindas**, lagoa maravilhosa, água cristalina, amendoeiras **para as pessoas descansarem**, água **limpa**, **raza** e etc. o por **do sol** é lindo.

A praça é maravilhosa, tem shows, apresentações de ginásticas, carrinho de cachorro quente, carrinho de pipoca, bancos para casais apaixonados.

Os jovens trabalhando tem a oportunidade de começar sua carreira mais cedo, lugar específico com materiais para esportes.

Tenho muitos amigos, gosto de ficar com minha família.

Muitas lojas, bosques e etc... Escola com ensino bom; eu amo morar em Araruama, cidade linda.

(Redação 6, Turma A).

Os sintagmas nominais "Araruama", em "Araruama tem paisagens tão lindas (...)", na linha 2 do exemplo 17, sem determinantes ou modificadores, e, "os jovens", em "Os jovens trabalhando tem a oportunidade de começar sua carreira mais cedo,(...)", na linha 8, precedido de determinante artigo definido masculino plural "os", representam referentes textuais explícitos no (co)texto, enquanto que, a elipse do sujeito pronominal de 1ª pessoa do singular convencionalizado pelo símbolo Ø, em "Ø Tenho muitos amigos, Ø gosto de ficar com minha

família.", na linha 10, representa um referente implícito ou inferencial ao (con)texto discursivo textual que envolve o narrador em 1ª pessoa e o leitor.

O núcleo dos sintagmas nominais, precedidos de determinante ou não, podem vir acompanhado por modificadores, como em "paisagens **tão lindas**", na linha 2; por qualificadores, como em "**água** cristalina", nas linhas 2; e /ou por sintagmas preposicionais, como em "amendoeiras **para as pessoas descansarem**", na linha 3. Esse processo de inserção de expressões sintagmáticas nominais compostas de determinantes (ou não) + núcleo + modificadores é uma estratégia linguística que preconiza um movimento, ora regressivo, ora progressivo, em que essa relação entre as formas remissivas e os referentes textuais promove a coesão por referenciação e a progressão referencial conduzindo os interlocutores do texto na (re)construção dos enunciados numa perspectiva sociocognitiva e interacional.

A referenciação é o conceito, atualizado em 2009, que define a coesão referencial como uma "atividade discursiva" (KOCH, 2009, p.131), que "diz respeito às diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes" – a referenciação, na qual as sucessivas retomadas destes mesmos referentes ou introdução de novos permitirão "o que se denomina progressão referencial" (p.132).

O sentido de coesão aqui admitido é de uniformidade, de contiguidade e de conformidade de elementos linguísticos ao projeto-do-dizer-um-discurso no texto compartilhado por coenunciadores de uma mesma língua, atentos à efetiva comunicação mútua num co(n)texto sociointeracional e sociocognitivo. Mas, qual a noção de língua, texto e contexto que envolve a coesão referencial aplicada ao projeto-do-dizer-um-discurso dos sujeitos deste discurso?

Em primeiro lugar, o texto é "(...) um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas (...) uma unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos (...), (Koch, 1989, p.9)." Assim dito, língua torna-se um sistema de códigos submetidos a (re)arranjos e regras consistentes que motivam a plena comunicação em um respectivo contexto, este limitado às entidades do próprio texto, explícita e implicitamente.

Em um segundo aspecto, este atualizado, o "texto é um evento sociocomunicativo que ganha existência dentro de um processo interacional" (KOCH; ELIAS, 2009, p.13), em que a língua deixa de ser sistema puramente e, é percebida agora como uma forma específica de comunicação social, da atividade humana (...) em situação de interlocução, (...)", a partir da qual a linguagem é "entendida como uma atividade intencional e social, visando a determinados fins." (pp.78-79). Nestes termos,

(...) no interior da Linguística Textual: o contexto sociocognitivo. (...) o contexto abrange não só o COTEXTO, como a situação de interação imediata, a situação mediata (o entorno sociopolítico-cultural) e também, o contexto sociocognitivo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais, pois engloba todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos sujeitos sociais (KOCH; ELIAS, 2009, p.81). (Grifo nosso)

Koch (1989) afirmava que "as formas gramaticais não fornecem ao leitor /ouvinte quaisquer instruções de sentido, mas apenas instruções de conexão (por ex., concordância de gênero e número) e podem ser presas ou livres." (p.25), no entanto, já, em 1997, ratifica outros valores quanto às formas gramaticais e, conseqüentemente, às formas lexicais, no que tange ao fenômeno da coesão referencial e aos mecanismos de referenciação: "o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos." (KOCH, 1997, p.45). Ela retifica seus pressupostos sobre a coesão por remissão e sobre a coesão por sequenciação, afirmando que

A coesão por remissão pode, no meu entender, desempenhar quer a função de (re)ativação de referentes, quer a de "sinalização" textual.
A reativação de referentes no texto é realizada por meio da referenciação anafórica ou catafórica, formando-se, deste modo, cadeias coesivas mais ou menos longas. Aquelas que retomam referentes principais ou temáticos (por exemplo, protagonista e antagonista, na narrativa; ser que é objeto de uma descrição; tema de uma discussão, em textos opinativos) percorrem em geral o texto inteiro
Este tipo de remissão pode ser efetuado, (...), por meio de recursos de ordem "gramatical" – pronomes pessoais de terceira pessoa (retos e oblíquos) e os demais pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos), os diversos tipos de numerais, advérbios pronominais (como *aqui, aí, lá, ali*) e artigos definidos; ou por intermédio de recursos de natureza lexical, como sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, descrições definidas; ou ainda, por reiteração de um mesmo grupo nominal ou parte dele; e, finalmente, por meio da elipse. (KOCH, 1997 /2007, p. 45-49)

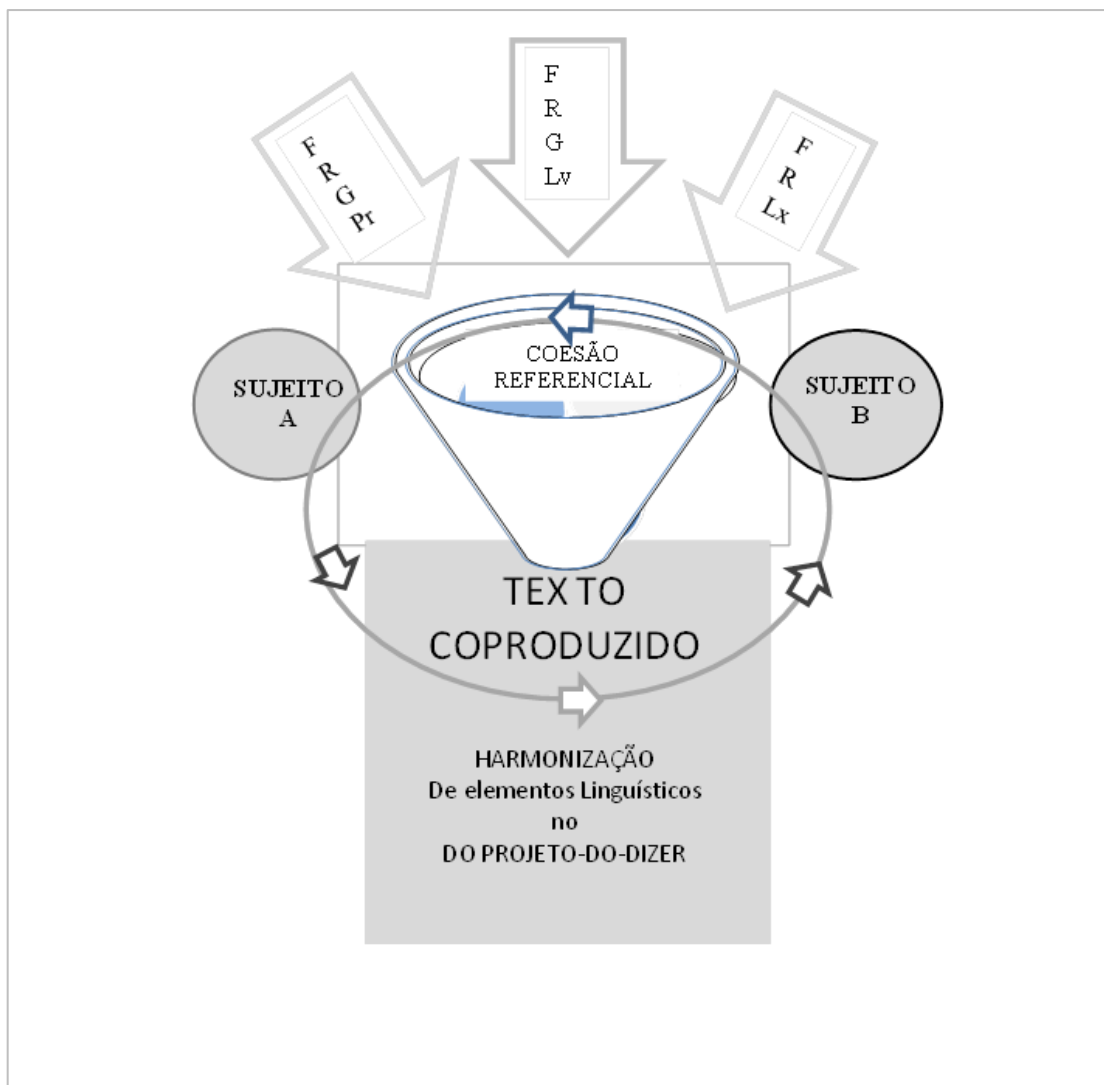
Isto significa dizer que os conceitos e os pressupostos sobre a coesão textual estão em franco processo de desenvolvimento. As formas remissivas gramaticais e lexicais se apresentam como limitadores da expressão nominal e como mecanismos condutores de informações linguísticas na coesão por referenciação, assim como, na progressão referencial no modelo textual.

Entendemos, portanto, que as formas remissivas gramaticais produzem sentidos porque (re)ativam referentes nos textos por meio da referenciação anafórica ou catafórica, que essas formas remissivas constroem cadeias coesivas a partir de recursos gramaticais, e que elas fornecem pistas expressas, explícita ou implicitamente, no (co)texto, no texto e no

(con)texto. Desse modo, na superfície e na trama do texto, ocorrem eventos discursivos de (re)construção textual de objetos de discurso quando são ativados conhecimentos sociointeracionais e culturais que reúnem informações co(n)textuais por meio de estratégias de referenciação pela inserção dessas formas remissivas de coesão e de referenciação textual, recuperando-as do "mesmo *frame* ou *script*" (KOCH, 1997, p.40,41), coproduzindo o projeto-do-dizer num modelo textual, conforme a ilustração a seguir:

Ilustração 1:

O PAPEL DAS FRG's NA CONFECÇÃO DO TEXTO



Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

2.2.1.1 Formas Remissivas Gramaticais Presas (FRGPr's)

As Formas remissivas gramaticais presas fazem parte da estrutura dos sintagmas nominais quando estes são determinados por artigos definidos, o, a, os, as, por artigos indefinidos, um, uma, o, a; e, por pronomes adjetivos possessivos, indefinidos, demonstrativos e relativos, muito, muitas, meus, minhas, poucos, cada etc; e, por numerais cardinais, ordinais e fracionários. Visualizam-se essas formas remissivas no exemplo abaixo:

EXEMPLO 18

Araruama (Crônica)

Araruama é **uma** cidade linda, com belas paisagens e **uma** ótima qualidade de vida. Eu moro aqui mais de **10** anos e é **uma** cidade muito boa para se viver, tem **muitas** coisas legais, belas praias. Mais **o** que eu gosto de Araruama é **o** shopping e **a** praça porque lá posso encontra **meus** amigos, parentes e familiares. Mas Araruama tem **um** asfalto muito bom, iluminação publica muito boa e tem **poucos** assaltos, **minha** vó vive aqui a mais de **20** anos e ela nunca viu **um** assalto ou roubos. Araruama hoje em dia e **uma** cidade popular por **suas** praias, e cidade boa pra ser viver. Araruama e **uma** cidade que a **cada** dia cresce mais e também tem **muita** coisa pra acontecer.

(Determinantes em destaque).

(Redação 2, Turma A – Fragmento).

Perini (1996, pp.97-108) demonstra que os determinantes, ou formas remissivas gramaticais presas na perspectiva de Koch, ocupam posições fixas na língua portuguesa à esquerda do núcleo do SN. Essas posições definem sete funções que ocorrem no sintagma nominal nesta ordem: 1º) Determinante (Det) – "o, este, esse, aquele, algum, nenhum, um", como em "Araruama é **uma** cidade linda, com belas paisagens e **uma** ótima qualidade de vida.", nas linhas 1 e 2; 2º) Possessivo (Poss) – meu, seu, nosso etc, como em "porque lá posso encontra **meus** amigos, parentes e familiares.", linhas 5 e 6; 3º) Reforço (Ref) – mesmo, próprio, certo; 4º) Quantificador (Qf) – poucos, vários, diversos, muitos, único, primeiro, segundo etc, como em "(...)e é uma cidade muito boa para se viver, tem **muitas** coisas legais, belas praias.", nas linhas 3 e 4; 5º) Pré-núcleo externo (PNE) – mero, pretense, meio, suposto, reles, inesquecível, ilusório, simples, bom velho, novo etc; 6º) Pré-núcleo interno

(PNI) – mau, novo, velho, claro, grande; 7º) Numerais – outro, dois, três etc, como em "minha vó vive aqui a mais de **20** anos e ela nunca viu um assalto ou roubos.", nas linhas 8 e 9.

Não há elementos sintagmáticos no exemplo 18 nas funções de reforço (Ref.), de pré-núcleo interno (PNI) ou de pré-núcleo externo (PNE). No entanto, verificou-se no *corpus* de pesquisa analisado uma única ocorrência de reforço, conforme fragmento abaixo:

EXEMPLO 19

O LUGAR ONDE EU VIVO (Crônica)

[...] As ruas aqui são iguais umas as outras. Até o carteiro se confunde e entrega a correspondência na casa errada. Uma vez por outra encontramos **as mesmas** pessoas em ruas diferentes e pessoas diferentes nas mesmas ruas. As pessoas são felizes.

(Redação 3, Turma A – Fragmento).

Koch (1989 /2010, pp.26, 27) afirma que todos estes elementos sintáticos são formas remissivas porque "vêm relacionadas a um nome com o qual concordam em gênero e/ou número, antecedendo-o e ao(s) possível(is) modificador(es) do nome dentro do grupo nominal" exercendo a função-artigo e, conseqüentemente, pertencente ao paradigma dos determinantes. Este grupo de determinantes ou formas remissivas gramaticais presas aos núcleos nominais também é composto pelos pronomes adjetivos demonstrativos, verificáveis no exemplo 18, como em "Mais **o** que eu gosto de Araruama é o shopping e a praça," linhas 4 e 5; pelos pronomes adjetivos possessivos, como em "porque lá posso encontrar **meus** amigos, parentes e familiares", nas linhas 5 e 6, e em "**minha** vó vive aqui há mais de 20 anos", na linha 7; e, em "Araruama hoje em dia e uma cidade popular por **suas** praias, e cidade boa pra ser viver", nas linhas 8 e 9; pelos pronomes adjetivos indefinidos, como em "tem **muitas** coisas legais, belas praias", na linha 4; em "Mas Araruama tem um asfalto **muito** bom, iluminação pública **muito** boa e tem **poucos** assaltos,", nas linhas 6 e 7; e, como em "Araruama e uma cidade que a **cada** dia cresce mais e também tem **muita** coisa pra acontecer", nas linhas 9 e 10.

De igual modo, compõe este grupo, as formas remissivas gramaticais presas numerais, tanto cardinais quanto ordinais "quando acompanhados de nomes" (KOCH, 1989, p.25), citados por Perini (1996 /2005, p.97) na função de numerador, como em "Eu moro aqui mais de **10** anos", na linha 3, e em "minha vó vive aqui a mais de **20** anos", na linha 7, da redação 18. Observe-se que, Koch (1989) categoriza as formas remissivas numerais em cardinais e

ordinais, enquanto que Perini (1996, p.99) afirma que eles têm a função de numerador, que são pouco numerosos ocupando uma classe fechada, e que essa é uma função que poderá ocorrer "mais de uma vez no mesmo sintagma", apresentando os exemplos – "Os meus outros dois sapatos" e "Os meus dois outros sapatos". Não se verificou tais ocorrências sintagmáticas no *corpus* de pesquisa.

EXEMPLO 20

Araruama: A Pérola dos Lagos (Crônica)

Araruama é uma cidade muito **bonita** conhecida como Pérola dos Lagos, a cidade se destaca por sua Lagoa **que recebe o nome** da cidade, mas aqui pouca gente sabe é que a Lagoa **de Araruama** é na verdade uma laguna que tem ligação **com o mar** em Cabo Frio.

Araruama também é conhecida pelas suas praias. Uma **que eu conheço** é a praia do Gavião. Tem areia **fofa** e amendoeiras para podermos descansar na sombra. Também tem um gramado em que as famílias fazem piquenique, as águas **mornas e cristalinas**.

(Modificadores em destaque).

(Redação 5, Turma A).

A estrutura do sintagma nominal também pode ser composta por modificadores, conforme exemplos na redação 5. São modificadores: a) Os adjetivos como "bonita" em "Araruama é uma cidade muito **bonita**", na linha 1; como "fofa" em "Tem areia **fofa** e amendoeiras para podermos descansar na sombra.", na linha 7; e, como "mornas e cristalinas" em "Também tem um gramado em que as famílias fazem piquenique, as águas **mornas e cristalinas**.", na linha 9; b) As locuções adjetivas como "de Araruama" e "com o mar" em "pouca gente sabe é que a Lagoa **de Araruama** é na verdade uma laguna que tem ligação **com o mar** em Cabo Frio.", nas linhas 4 e 5; c) As orações adjetivas como "que recebe o nome" em "a cidade se destaca por sua Lagoa **que recebe o nome** da cidade", na linha 3, assim como "que eu conheço" em "Uma **que eu conheço** é a praia do Gavião", na linha 6. (Koch, 2009, p.147)

Observou-se que, pela perspectiva da análise descritiva, existe uma estrutura sintática que privilegia o uso dos elementos linguísticos das formas remissivas gramaticais presas nas quais se percebe uma coordenação sintagmática entre o núcleo nominal-substantivo e seus

elementos periféricos (Koch, 2009), que aparecem em colocações tanto à esquerda quanto à direita do núcleo do sintagma nominal, ampliando a qualidade de "pistas" no texto que ajudam os interlocutores a entenderem o discurso do escritor, aquilo que Perini (2010, p.252) chama de limitadores.

Koch (2003, p.86) trata do tema "Uso de Formas Nominais Definidas" quando aborda aspectos das descrições destas formas, afirmando que o locutor opera uma seleção, "dentre as propriedades atribuíveis a um referente, daquela(s) que, em dada situação discursiva, é (são) relevante(s) para a viabilização de seu projeto de dizer". Este é um mecanismo de ativação de estruturas (ou modelos cognitivos) que se apresentam aos interlocutores numa formulação básica e que suporta a interação social pela textualização sem riscos de ruídos na comunicação. Koch demonstra as possíveis estruturações suportadas pelo modelo textual e as prováveis configurações das "expressões referenciais definidas em português" (p.97).

Quadro 5 – Configuração estrutural das expressões nominais definidas, segundo Koch (2003).

Det	{ = Artigo Definido = Demonstrativo				+ Nome
Det + Modificador(es)		{ - adjetivo - Sintagma preposicional - oração relativa		+Nome	+ Modificador(es)

Fonte: KOCH, 2003, p.87.

Retomamos os exemplos das redações 18 e 20, em que destacamos os determinantes e os modificadores, respectivamente. A partir dessas redações, construímos o Quadro 6, comparando a estrutura apresentada em Koch (2003) apresentada no Quadro 5 e a estrutura ampliada por Perini (2010), com o objetivo de verificar se, de fato, haveria uma confirmação dessas estruturas teorizadas por Koch e Perini, com as estruturas encontradas no *corpus* de pesquisa, textos produzidos por alunos do ensino fundamental II. Para tal, utilizamos as expressões e os sintagmas nominais contidos nessas redações.

Quadro 6 – Configuração descritiva das estruturas de expressões nominais definidas e indefinidas, segundo Perini (2010).

ARTIGOS		Det	Modificador (Adj., SPrep, Or. Relativa)	Nome /substantivo	Modificador (SAdj., SPrep, Or. Relativa)	
Definidos	F R G Pr's		x	shopping	x	
			x	praça	x	
Indefinidos		uma	x	cidade	linda (Adjetivo)	
		uma	ótima	qualidade	/de vida (SPrep)	
		uma	x	asfalto	muito* bom (Adjetivo)	
		uma	x	cidade	Popular (Adjetivo)	
		uma	x	cidade	/que a cada dia cresce mais (Or. Relativa)	
PRON. ADJ^{ETIVOS}						
Demonstrativo	F R G Pr's	o	x	x	/que eu gosto de Araruama (Or. Relativa)	
Possessivos			[meus]	amigos, parentes e familiares		
			[minha]	vó	vive aqui /há mais de 20 anos**	
			[uma]	cidade	Popular (Adjetivo) /por suas praias (SPrep)	
Indefinidos			[uma]	cidade	muito* boa (Adjetivo) /de se viver (SPrep)	
			[muitas]	coisas	Legais (Adjetivo)	
				asfalto	muito* bom (Adjetivo)	
				Iluminação pública	muito* boa (Adjetivo)	
		(Tem)		[poucos]	assaltos	
				[uma]	cidade	/que a cada* dia (Or. Relativa)
			[muita]	coisa	/pra acontecer (SPrep)	
NUMERAIS						
	Eu moro aqui		há mais 10	anos		
	Minha vó vive		há mais de 20	anos.		

Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

A partir do esquema de Koch (2003) Det + Nome ou Det + modificador + Nome + modificador do Quadro 5, e do esquema de Perini (2010) – Det + Núcleo, – Det + Modf + Núcleo + Modf identificaram-se outros fenômenos que ocorrem nos textos dos alunos. Esses, em alguns momentos, omitem o determinante artigo definido ou indefinido à esquerda do núcleo nominal, como, por exemplo, nas linhas 6 e 7 da redação 18 – "Mas Araruama tem um asfalto muito bom, (Ø = uma) iluminação publica muito boa e tem (Ø = uns) poucos assaltos";

e, em outros momentos, inserem modificadores à direita do mesmo núcleo, tais como, orações subordinadas e adjetivos acompanhados de sintagmas preposicionados, além dos Adjetivos, SPrep's e Orações Relativas, conforme as linhas 3 e 4 da redação 20 – "a cidade se destaca por sua Lagoa [que recebe o nome] da cidade, mas aqui pouca gente sabe é que a Lagoa [de Araruama]".

Perini (2010) afirma que o "sintagma nominal – SN é um constituinte composto de uma ou mais palavras; que apresenta certas propriedades"; a primeira dessas é que "o SN pode ocorrer nas funções sintáticas de sujeito, objeto ou complemento de preposição" (Perini, 2010, p.251). A segunda propriedade é a semântica, quando "o SN pode se referir a uma entidade do mundo (real ou imaginário) que pode ser entendida como um objeto específico (minha irmã), uma classe geral (os seres humanos) ou uma abstração (a sabedoria)" (p.252).

O SN, ao se referir a entidades do mundo, o que, na perspectiva sociointeracional e sociocognitiva, implica em textualização ou discursivização dos objetos-de-mundo tornando-os objetos-de-discurso, necessita de "um núcleo e diversos limitadores", ou seja:

Semanticamente, esses termos funcionam para singularizar uma entidade (uma coisa): o núcleo informa o tipo geral de coisa a que se quer fazer referência (carro, Manuel, teoria). Os limitadores restringem a referência dessa coisa até o ponto desejado pelo falante. Há limitadores que situam a coisa no espaço (esse, aquele); outros que lhe conferem uma qualidade (amarelo, novo), ainda outros que avisam que se trata de algo que já foi mencionado, ou está presente no contexto (o). Cada qual à sua maneira, eles vão restringindo a referência até chegar ao ponto desejado (...).

O SN é um tipo de construção – mais exatamente, uma classe de construções. Internamente, ele apresenta uma grande variedade de estruturas sintáticas, assim como de relações semânticas (papéis temáticos, por exemplo). (PERINI, 2009, p.252). (Grifos nosso).

Entendemos que o SN, invariavelmente, precisa de "limitadores", a fim de que os interlocutores filtrem os elementos linguísticos disponíveis, evoquem as estruturas imagéticas dos modelos cognitivos que compartilham e construam seus discursos adequadamente, compatibilizando as entidades referenciais do mundo "real" às formas remissivas gramaticais e lexicais que dispõem para realizar a progressão referencial no texto coproduzido. Assim sendo, o SN possui um núcleo, o nome /substantivo referido acima por Koch (2003; 2009) que lhe serve de referência dentro do sintagma nominal e limitadores que orientam as intenções dos interlocutores nos enunciados, de forma *on line*. (p.253). Analisemos o exemplo que se segue:

EXEMPLO 21**Araruama: A Pérola Dos Lagos** (Crônica)

Araruama é uma cidade muito bonita conhecida como Pérola dos Lagos, a cidade se destaca por sua Lagoa que recebe o nome da cidade, mas aqui pouca gente sabe é que a Lagoa de Araruama é na verdade uma laguna que tem ligação com o mar em Cabo Frio.

(Redação 5, Turma A – Fragmento).

No exemplo 21, a oração "Araruama é uma **cidade** muito bonita", na linha 2, possui dois sintagmas nominais – SNs. O primeiro SN é "Araruama" cujo núcleo é ele mesmo e o segundo SN é "uma **cidade** muito bonita" que tem "cidade" como núcleo do SN. A estrutura do segundo SN torna-se mais complexa quando ela contém limitadores que lhe aperfeiçoam o sentido no processo de interlocução do texto coproduzido, ou seja, este sintagma nominal agrega o valor do limitador /artigo indefinido feminino singular – uma, que traduz o sentido de especificidade do primeiro sintagma da oração "Araruama", agrega o valor de um modificador-qualificador que adjetiva "cidade" enquanto núcleo do segundo SN – bonita, assim como, agrega o valor de outro modificador "muito" que traduz um sentido de intensidade quantitativa indefinida ao qualificador "bonita". Perini (2005, pp.101,102) nomeia os modificadores de acordo com sua posição de proximidade ao núcleo do SN / NSN – cidade: "muito" é o modificador interno / ModI porque está junto ao NSN, enquanto que "bonita" vem a ser o modificador externo / ModE porque ocupa a posição subsequente ao ModI. A posição dos modificadores junto ao núcleo do SN, portanto, transporta potencialidades semânticas básicas que auxilia no processo de (re)construção do (co)texto. (PERINI, 2010, pp.251,252). Este processo demonstrado por Perini (2010) se repete na redação 21, pelo menos quatro vezes, conforme demonstramos no quadro 7.

Quadro 7 – Limitadores / modificadores, segundo Perini (2010).

Sintagma Nominal – SN	Núcleo (nome / substantivo)	Limitador (Det + Modificadores)
Uma cidade muito bonita (linha 2)	cidade	Uma, muito, bonita
por sua lagoa que recebe o nome da cidade (linha 3)	Lagoa	por sua, que recebe o nome da cidade
A Lagoa de Araruama (linha 4)	Lagoa	A, de Araruama
Uma laguna que tem ligação com o mar (linhas 4 e 5)	Laguna	Uma, que tem ligação, com o mar

Fonte: PERINI, 2010, p.253.

Os tais limitadores de Perini (2010) equivalem aos determinantes e modificadores de Koch (2003) e aos determinantes, possessivos, reforços, quantificadores, pré-núcleo externo e pré-núcleo interno, na área à esquerda do núcleo do SN, e aos modificadores internos e externos, na área à direita do núcleo do SN, conforme Perini (1996 /2005). Perini (2010), portanto, no resultado de seu trabalho de pesquisa, demonstra possibilidades mais amplas para a estrutura de um sintagma nominal (SN). Logo, a informação adicional de Perini (2010) aos postulados de Koch (2003; 2009) é de que existe uma ordem canônica dos termos no sintagma nominal (SN) que obedecem "a fatores sintáticos, semânticos e discursivos. Essa ordenação é descrita, primariamente, em termos da posição dos diversos limitadores em relação ao núcleo ou ao início do sintagma" (PERINI, 2009, p.259).

Perini ainda identifica "elementos pré-nucleares" na estrutura do SN, os chama de "predeterminantes, determinante, e quantificadores" e indica aqueles que são mais utilizados no português do Brasil: os artigos – **o**, **um** e suas variáveis de gênero e número; os pronomes esse, aquele, algum, nenhum, cada, que, qual e suas variáveis de gênero e de número.

Na sequência estrutural, demonstra que se colocam outros elementos: a) os Quantificadores - quantos, tantos, poucos, muitos, vários, qualquer, certos, meio; b) os possessivos sintéticos – meu, seu, nosso; Perini explica que "os possessivos sintéticos se opõem aos possessivos analíticos, que ocorrem sempre depois do núcleo: são eles *dele, deles, de vocês.*" c) os numerais – cardinais, ordinais, etc. (PERINI, 2010, p.260). Ele acrescenta que "a ordem básica dos termos é predeterminante → determinante → quantificador /possessivo sintético /numeral".

No *corpus* de pesquisa, encontramos as estruturas apresentadas por Perini (2010) e as sistematizamos no Quadro 8 com enunciados extraídos do *corpus* desta pesquisa. Nessas estruturas há predeterminantes que privilegiam a inserção de determinantes entre o predeterminante e o núcleo nominal do sintagma – preDet + Det + Núcleo do SN, por meio da inserção de pronomes adjetivos possessivos, como em (1) – "**O meu** sonho é um dia sair do complexo"; por meio da inserção de adjetivos, como em (2) – "**A linda** baía de Guanabara"; ou, por meio da inserção de numerais (3) – "**os primeiros** jogos começaram". Também, encontramos uma só ocorrência de Determinante (Det) +prônimo adjetivo indefinido (Det.1) + adjetivo /Modificador +núcleo do sintagma nominal, como em (4) – "(...) em uma outra linda tarde".

Quadro 8 – Estruturas contendo predeterminantes e determinantes

	Det ¹ PreDet	Det ²	Det ³	Modificador (SAdj., SPrep, Or. Relativa)	Nome /substantivo	Modificador (SAdj., SPrep, Or. Relativa)
(1)	O	meu			sonho	é um dia sair do complexo (SVerbal)
(2)	A			linda	Baía	de Guanabara (SPrep)
(3)	Os		primeiros		jogos	começaram (SVerbal)
(4)	Uma	outra		linda	tarde	

Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

No Quadro 8, o artigo definido masculino singular "o" em (1), o artigo definido feminino singular "a" em (2), o artigo definido masculino plural "os", em (3), e o artigo indefinido feminino singular "uma" em (4) são predeterminantes (coluna Det¹ = PreDet) porque ocupam a primeira posição à esquerda no núcleo do sintagma nominal /NSN, agregando informações léxico-semânticas que dão sentido aos sintagmas nominais que integram o texto compartilhando com os interactantes dos enunciados valores que marcam o núcleo do sintagma, não só no sentido de gênero e de número, mas também, de informação nova e informação dada que remetem os interlocutores do texto a um referente do cotexto ou do contexto da redação.

Conclui-se, desse modo, que os predeterminantes e os determinantes identificam-se com as formas remissivas gramaticais presas, pois habilitam canais de comunicação e sentidos co(n)textuais que introduzem novos sentidos aos referentes textuais, (re)construindo objetos-de-discurso conforme a progressão do texto.

Examinemos agora o grupo dos modificadores destacados, a partir da redação 5 apresentada integralmente:

EXEMPLO 22

Araruama: A Pérola Dos Lagos

Araruama é uma cidade muito bonita conhecida como Pérola dos Lagos, a cidade se destaca por sua Lagoa que recebe o nome da cidade, mas aqui pouca gente sabe é que a Lagoa de Araruama é na verdade uma laguna que tem ligação com o mar em Cabo Frio.

Araruama também é conhecida pelas suas praias. Uma que eu conheço é a praia do Gavião. Tem areia fofa e amendoeiras para podermos descansar na sombra. Também tem um gramado em que as famílias fazem piquenique, as águas mornas e cristalinas.

(Redação 5, Turma A).

Os Modificadores, segundo Koch (2009, p.147), são compostos por adjetivos – "bonita, fofa e mornas, e cristalinas", nas linhas 2, 7 e 9, respectivamente; por locuções adjetivas – "de Araruama", na linha 4, e "com o mar", na linha 5; e, por orações adjetivas – "que recebe o nome", na linha 3, e "que eu conheço", na linhas 6. Estes modificadores funcionam como limitadores do sintagma nominal na superfície do texto; no projeto-de-dizer são os responsáveis por selecionar qualidades específicas ao sintagma nominal e modificar este SN para uma melhor projeção do objeto-de-discurso no "*frame*" dos interlocutores do /no texto, concordando em número e gênero com o SN. Isto produz sentidos e delimita as qualidades do objeto-de-discurso. Entendemos "*frame*" como espaço cognitivo da memória de um indivíduo que é compartilhado em comunidade, e que guarda todo um conhecimento sociocultural "sob a forma de modelos cognitivos globais", conforme Koch (1989). Este "*frame*" sempre é (re)ativado no momento de interação sociocultural e comunicacional resgatando da memória elementos, figuras, quadros ou lembranças que associados permitem uma relação entre os objetos-de-discurso e o discurso enunciado.

Estes processos de seleção de núcleos sintagmáticos, de inserção de limitadores e de modificadores que se agregam aos respectivos núcleos sintagmáticos num processo de resignificação, e de construção de estruturas nominais definidas (Koch, 2003) ou definidas e indefinidas (Perini, 2010) estão atrelados às estratégias de processamento textual porque permitem aos coenunciadores acessarem seus modelos cognitivos, buscarem conhecimento específicos dados pelo SN e modificado pelos SAdj /limitadores /modificadores, de acordo com os Quadros 6 (p.80), 7 (p.83) e 8 (p.84) acima referidos, ou seja, os interlocutores fazem cálculos mentais para identificar os constituintes do cotexto, relacioná-los a um contexto e empreender a comunicação produzindo sentidos. (KOCH, 2007, p.34).

O sintagma adjetival – SAdj, segundo Azeredo (2007), tem por "núcleo um adjetivo, que pode vir precedido de *determinante*, precedido e seguido de *modificador*." (AZEREDO, 2007, p.86), desempenhando duas funções sintáticas: a de predicador e a de modificador; enquanto modificador

(...)pode ocorrer referido à base do SN (modificador adjunto) ou à totalidade do SN (modificador aposto). Externo ao SN a que se refere, o SAdj desfruta de certa mobilidade posicional e quase sempre exprime conteúdos circunstanciais relativos ao predicado: modo, tempo, causa, condição etc. Iniciando a oração, serve-lhe de modificador (MO); posposto ao SN, modifica-o como um autêntico aposto; integrando o SV, pode referir-se ao sujeito ou ao objeto. O SAdj pode ainda servir de aposto a um SN complemento de preposição. (AZEREDO, 2007, p.87).

Concluimos, portanto, que os modificadores são constituintes ou elementos linguísticos que possuem a propriedade de (re)dimensionar os sentidos do SN, proporcionando a construção do modelo textual. E, assim, promover a inserção de qualificadores sintagmas adjetivais – SAdj e /ou de sintagmas preposicionais – SPrep com a função de "limitar", construir e reconstruir os referentes textuais no desenvolvimento do texto.

Marcuschi (2012, p.30), com base em pressupostos teóricos de Beaugrande & Dressler (1981, p.34-37), afirma que "texto é o resultado atual das operações que controlam e regulam as unidades morfológicas, as sentenças e os sentidos durante o emprego do sistema linguístico numa ocorrência comunicativa". Entendendo-se, o texto como "uma rede em várias dimensões" um "complexo processo de mapeamento cognitivo de fatores a serem considerados na sua produção e recepção". Logo, pode-se perceber os papéis dos sintagmas nominais e adjetivais, e das formas remissivas gramaticais presas – FRGPr's, na constituição dos modelos textuais.

As formas remissivas gramaticais presas, atualizadas por Koch (2009), fazem parte da estratégia de introdução (ou ativação) "ancorada" de referentes no modelo textual proposto aos coenunciadores, que os remete ao cotexto textual ou ao contexto sociocognitivo interacional ao qual estão inseridos. Verifiquemos no exemplo que se segue.

EXEMPLO 23

Araruama (Crônica)

Araruama é **uma** cidade linda, com belas paisagens e **uma** ótima qualidade de vida. Eu moro aqui mais de **10** anos e é uma cidade **muito** boa para se viver, tem **muitas** coisas legais, belas praias. **o** que eu gosto de Araruama é **o** shopping e **a** praça porque lá posso encontra **meus** amigos, parentes e familiares. Mas Araruama tem **um** asfalto **muito** bom, iluminação publica **muito** boa e tem **poucos** assaltos, **minha** vó vive aqui A mais de **20** anos e ela nunca viu um assalto ou roubos. Araruama hoje em dia e **uma** cidade popular por **suas** praias, e cidade boa pra ser viver. Araruama e **uma** cidade que a **cada** dia cresce mais e também tem **muita** coisa pra acontecer.

(Redação 2, Turma A).

Podemos concluir que, pelo exame de amostras do *corpus* de pesquisa e de acordo com os dados sistematizados no Quadro 6 da página 80 que, as formas remissivas gramaticais presas precedem as expressões nominais definidas – "(...)o que eu gosto de Araruama é **o**

shopping e a praça", na linha 5; as expressões nominais indefinidas – "Araruama é **uma** cidade linda", na linha 2, pela inserção dos artigos definidos e indefinidos, que podem ser intercalados por um modificador – "(...) uma **ótima** qualidade de vida", nas linhas 2 e 3, posicionada entre o determinante e o núcleo nominal do sintagma /expressão nominal, o que delimita o sentido do núcleo deste sintagma.

Verificamos, também, que pronomes adjetivos possessivos e indefinidos são, invariavelmente, os modificadores que mais precedem o núcleo do sintagma nominal, assumindo a posição de determinantes das expressões nominais.

As formas remissivas gramaticais presas se tornam foco desta investigação porque ocorrem em maior número, quando comparadas às ocorrências das demais formas remissivas.

2.2.1.2 Formas Remissivas Gramaticais Livres (FRGLV's)

Segundo Koch (1989, p.28), as formas remissivas gramaticais livres "são aquelas que não acompanham um nome dentro de um grupo nominal, mas que podem ser utilizadas para fazer remissão, anafórica ou cataforicamente, a um ou mais constituintes do universo textual", genericamente chamadas de "pronomes" ou "pró-formas".

EXEMPLO 24

O Rio de Janeiro em que eu vivo.

O Rio de Janeiro foi descoberto no dia 1º de janeiro de 1502 por uma portuguesa comandada por Gaspar Lemos.

Nosso Rio de Janeiro e chamado de cidade Maravilhosa, olha que e maravilhosa mesmo, amo minha cidade, aqui tem cada lugar lindo, como: o Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Quinta da boa Vista, etc... Muitas pessoas pensão que aqui só tem roubo, ladrões, mais não só temos isso, não vou mentir aqui tem sim ladrões, roubos como qualquer outra cidade (lugar) tem.

Nossa cidade e bastante criticada, mais vão ver se eles falam que em Paris tem ladrões, roubos, Isso eles não falam, pessoas de fora que nunca veio aqui critica, se falasse que aqui é o melhor lugar do Brasil ia vim cada pessoas de fora.

Aqui somos todos muito alegre com nossa cidade, tenho orgulho de ter nascido e de ser carioca, amo tudo aqui e a cada dia que se passar vou amar mais e mais.

(Redação 43, Turma C).

Koch afirma que essas formas remissivas gramaticais livres são representadas por: (1) pronome pessoal de 3ª pessoa – "Nossa cidade e bastante criticada, mais vão ver se **eles** falam que em Paris tem ladrões, roubos, Isso **eles** não falam", nas linhas 10 e 11; (2) Elipse – "**Ø** amo minha cidade", na linha 5, e "**Ø** não vou mentir aqui tem sim ladrões", nas linhas 7 e 8; assim como, "Aqui **Ø** somos todos muito alegre com nossa cidade", na linha 13, e "a cada dia que se passar **Ø** vou amar mais e mais", nas linhas 14 e 15; (3) pronomes substantivos: os demonstrativos tipo 2 – "Muitas pessoas pensão que aqui só tem roubo, ladrões, mais não só temos **isso**", nas linhas 6 e 7, e "**Isso** eles não falam", na linha 10; os indefinidos – "(...) amo **tudo** aqui", na linha 14; e, os relativos – "O Rio de Janeiro em **que** eu vivo", na linha 1; (4) Numerais ordinais e cardinais – "O Rio de Janeiro foi descoberto no dia 1º de janeiro de **1502**", na linha 2; (5) advérbios pronominais – "**aqui** tem cada lugar lindo", na linha 5, "Muitas pessoas pensão que **aqui** só tem roubo", nas linhas 6 e 7, "não vou mentir **aqui** tem sim ladrões", nas linhas 7 e 8, "pessoas de fora que nunca veio **aqui** critica", nas linhas 10 e 11, e "**Aqui** somos todos muito alegre com nossa cidade", na linha 13 (KOCH, 1989, pp.29-36).

EXEMPLO 25⁷

O Rio de Janeiro em que eu vivo.

(...). Eu nao sou de desejar mau à ninguem, mas essas policias matam pessoas inocentes, prendem pessoas inocentes, mas pra fazer isso com esses vereadores e políticos, nada. esse jose beltrano nao serve para nada a nao ser defender esses ladroes e isso que ele sabe. **Esse** e o **Rio de Janeiro** em que eu vivo. (...)

(Redação 49a, Turma C).

Ressalte-se que as formas remissivas gramaticais livres representadas por pronomes substantivos demonstrativos subdividem-se em dois grupos.

Os pronomes do grupo 1 concordam em gênero e em número com o referente ao qual se refere, como em "Esse e o Rio de Janeiro em que eu vivo.", na linha 5 da redação 49a. A forma remissiva gramatical livre – "esse" concorda com o referente "o Rio de Janeiro" na

⁷ Essa redação recebe o número 49a porque faz parte da análise das formas gramaticais livres.

mesma linha, encapsula todo o contexto anterior que o escritor escreveu e que destacamos em itálico, assim como, remete-nos a "O Rio de Janeiro em que eu vivo", na linha 1.

As formas remissivas gramaticais livres são representadas pelos pronomes demonstrativos do grupo 2, "isso", "isto", "aquilo" e "o", este último quando substituível pela forma pronominal "aquilo". Essas formas podem remeter os interlocutores do texto "a fragmentos oracionais, orações, enunciados ou a todo o contexto anterior" (KOCH, 1989, p.31), no entanto, invariavelmente, não concordam com o(s) elemento(s) linguístico(s) a que se referem, nem em gênero, nem em número. Por exemplo, quando o autor escreve "Nossa cidade **é** bastante criticada, *mais* vão ver se eles falam que em Paris tem ladrões, roubos. **Isso** eles não falam", nas linhas 10 e 11 da redação 43 do exemplo 24, ele utiliza a forma remissiva gramatical livre – isso, pronome demonstrativo do grupo 2, e assim, remete os interlocutores do texto ao contexto imediatamente anterior – "(...) mais vão ver se eles falam que em Paris tem ladrões, roubos.", encapsulando esse enunciado na forma remissiva livre – isso.

As formas remissivas gramaticais livres marcadas por advérbios pronominais possuem características típicas de sua "liberdade", pois podem "retomar referentes de grupos nominais de traço semântico [- animado]; e / ou retomar referente textual de traço [+animado] na função temática de localizador, traço [+ localizável]", como por exemplo, "Muitas pessoas pensam que **aqui** só tem roubo, ladrões, (...)", nas linhas 6 e 7 do exemplo 24.

Koch (1989) amplia a discussão sobre maiores propriedades e funções dos advérbios pronominais fundamentada em pressupostos de Kallmeyer, W. & Meyer-Hermann (1974). Essas formas remissivas gramaticais livres, atualizadas por Koch & Elias (2009), fazem parte das estratégias de introdução de referentes no modelo textual, mantendo assim, a coesão por referenciação e a progressão referencial do texto, a partir da inserção de formas de valor pronominal, numerais, certos advérbios locativos, e elipses (KOCH; ELIAS, 2009, p.137-139), que sistematizamos no quadro 9, a seguir.

Quadro 9 – Resumo comparativo dos conceitos gerais de coesão referencial, segundo Koch (1989) e Koch: Elias (2009)

	Koch (1989 /2010)	Koch; Elias (2009 /2012)
TÍTULO	<i>Coesão Textual</i>	<i>Ler e Escrever: Estratégias de Produção Textual</i>
FENÔMENO	Coesão Referencial	Referenciação (processo) /Progressão Referencial
CONCEITOS OPERACIONAIS	Formas referenciais ou Formas remissivas	Objetos-de-discurso "Referentes textuais que (re)construídos no interior do próprio discurso conforme 'óculos social' " (p.134)
ESTRATÉGIAS /MECANISMOS	por Referenciação; por Remissão	Introdução de Referentes no Modelo Textual 1. Introdução 'Não-Ancorada'. Expressão nominal ↔ 1ª categorização do referente; 2. Introdução (Ou Ativação) Ancorada; Remete ao cotexto textual ou contexto sociocognitivo dos interlocutores; 3. Progressão Referencial
ELEMENTOS LINGUÍSTICOS	1. Formas remissivas gramaticais presas (FRGPr); 2. Formas remissivas gramaticais livres (FRGLv); 3. Formas remissivas Lexicais (FRLx).	1.1. Introdução de um objeto-de-discurso totalmente novo no modelo textual; 2.1. por Anáfora Indireta: expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes (p.136); (FRLx) (Introduzidas por FRGPr). 2.1.1. Por Meronímias 2.1.2. Por Esquemas Cognitivos & Modelos Mentais; 3.1. Formas de valor pronominal (FRGLv); 3.2. Numerais (FRGLv); 3.3. Certos advérbios locativos (FRGLv); 3.4. Elipses (FRGLv); 3.5. Formas nominais reiteradas (FRLx); 3.6. Formas nominais sinônimas ou quase sinônimas (FRLx) 3.7. Formas nominais hiperonímicas (FRLx); 3.8. Nomes genéricos (FRLx);

Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

2.2.2 Formas Remissivas Lexicais (FRLx)

As formas remissivas lexicais "são aquelas que, além de trazerem instruções de conexão, possuem um significado extensional, ou seja, designam referentes extralinguísticos." (KOCH, 1989, pp.36-39). As formas lexicais, segundo Koch (1989), são identificadas por expressões ou grupos nominais definidos, nominalizações, expressões sinônimas ou quase sinônimas, nomes genéricos, hiperônimos ou indicadores de classe, "formas referenciais com lexema idêntico ao núcleo do SN antecedente, com ou sem mudança de determinante", "formas referenciais cujo lexema fornece instruções de sentido que representam uma 'categorização' das instruções de sentido de partes antecedentes do texto" e "formas referenciais em que as instruções de sentido do lexema constituem uma 'classificação' de partes anteriores ou seguintes do texto no nível metalinguístico" (KOCH, 1989, p.39).

Essas formas remissivas lexicais são construções sintagmáticas que agregam, tanto as formas remissivas gramaticais presas – artigos, pronomes adjetivos, numerais, adjetivos, locuções adjetivas e orações adjetivas, quanto as formas remissivas gramaticais livres – pronomes pessoais de 3ª pessoa, pronomes substantivos, numerais, advérbios pronominais e expressões adverbiais às estruturas nominais complexas que dão origem à processos de recategorização de referentes, de sumarização, de encapsulamento e de rotulação (KOCH; ELIAS, 2009, p.152). Destacamos alguns desses fenômenos nos exemplos que se seguem.

EXEMPLO 26

Cidade não tão maravilhosa

Alguns dos meus amigos queriam conhecer o Rio de Janeiro. Depois que eles chegaram do aeroporto, eu perguntei:

- Porque vocês escolheram o rio para conhecer, logo depois das Olimpíadas com tantos lugares melhores para ir?

E eles responderam que é porque eles acham o Rio a cidade maravilhosa. Então descidi fazer um tour pelo Rio. Mostrei todos os pontos positivos e negativos da cidade, como o Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Quinta da Boa Vista, seriam os pontos positivos e os negativos vou mostrar outro dia.

Depois de alguns dia mostrei as comunidades, eles gostaram, mas eu tinha mostrado uma comunidade pacificada. Agora iria mostrar a que não estava.

Eles ficaram **apavorados** com a quantidade de pessoas com armas pesadas no meio da rua, eles ficaram **com medo** de serem assaltados.

Log depois que saímos de lá, começou um tiroteio intenso. Eles queriam sair correndo dali. Quando chegamos em casa eles arrumaram suas malas correndo e depois de um tempo, mais ou menos 1 dia eles foram embora.

E acho que depois daquele dia eles não vão achar o Rio de Janeiro tão maravilhoso.

(Redação 11, Turma B).

No exemplo 26, redação 11, verificam-se expressões ou grupos nominais definidos em "Alguns dos meus amigos queriam conhecer **o** Rio de Janeiro", na linha 2, e em "E eles responderam que é porque eles acham **o** Rio **a** cidade maravilhosa, nas linhas 6 e 7.

O sintagma nominal "o Rio de Janeiro", na linha 2, tem o seu núcleo precedido pela forma remissiva gramatical presa "o", artigo definido masculino singular, que funciona como determinante do núcleo nominal '**Rio**' agregando a este núcleo sentido de gênero e de número; este mesmo núcleo vem acompanhado de um sintagma preposicional 'de Janeiro' posicionado à direita desse núcleo funcionando como modificador do núcleo. Ambas as ocorrências representam aquilo que Perini (2010) chama de limitadores do núcleo do sintagma nominal.

Em "o Rio", na linha 6, verifica-se o mesmo processo de inserção da forma remissiva gramatical presa 'o' ao núcleo '**Rio**', o que também se repete em "a cidade maravilhosa", na mesma linha, quando a forma remissiva presa, artigo definido feminino singular 'a' antecede ao núcleo do sintagma nominal '**cidade**' agregando-lhe sentido de gênero e número. Neste caso, o sintagma adjetival – 'maravilhosa', posposto ao núcleo do SN 'cidade', concorda em gênero e em número com o determinante 'a', ambos atuando na função de limitadores do núcleo do núcleo do sintagma nominal.

No exemplo 26, verificam-se também expressões sinônimas ou quase sinônimas em "Eles ficaram **apavorados** com a quantidade de pessoas com armas pesadas no meio da rua, eles ficaram **com medo** de serem assaltados", nas linhas 14 e 15. Assim, o autor dessa redação tem a intenção de, no seu projeto-de-dizer, transmitir a seus interlocutores dois sentimentos semelhantes, porém, de proporções distintas, visto que, pavor é um medo extremo, enquanto que o medo é um sentimento moderado e ainda controlável, ou seja, na

perspectiva do autor, aquelas pessoas tiveram um medo intenso das pessoas armadas e um medo moderado ou receio de serem assaltadas; daí, o conceito de 'expressões quase sinônimas', conforme Koch (1989).

Destaca-se, ainda no exemplo 26, uma expressão genérica em "Porque vocês escolheram o rio para conhecer, logo depois das Olimpíadas com tantos **lugares** melhores para ir?", nas linhas 4 e 5. Nesse caso, ocorre um processo de junção da forma remissiva gramatical presa, pronome adjetivo indefinido masculino plural 'tantos' e do qualificador, sintagma adjetival 'melhores', em que ambos funcionam como limitadores do núcleo da expressão nominal indefinida plural 'lugares', uma expressão genérica que indica *topos* indeterminado.

No mesmo exemplo 26, identificam-se "formas referenciais em que as instruções de sentido do lexema constituem uma 'classificação' de partes anteriores ou seguintes do texto no nível metalinguístico", como em "como o Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Quinta da Boa Vista, seriam os **pontos** positivos e os negativos vou mostrar outro dia", nas linhas 8 e 9. No sintagma nominal "**os** pontos positivos", verifica-se a junção do determinante '**os**', artigo definido masculino plural, forma remissiva gramatical presa, ao modificador 'positivos', ambos na função de limitadores do núcleo do sintagma nominal 'pontos'. Este classifica os topônimos que o antecedem – o Pão de Açúcar, Cristo Redentor e Quinta da Boa Vista, rotulando-os de positivos, uma das estratégias de referenciação.

Identificam-se nesse mesmo texto, as formas referenciais com lexema idêntico ao núcleo do SN antecedente, com ou sem mudança de determinante, como em "Depois de alguns dia mostrei **as** comunidades, eles gostaram, mas eu tinha mostrado **uma** comunidade pacificada", nas linhas 11 e 12. Nesse caso, a progressão textual ocorre por meio de um processo de substituição dos determinantes, "**as**" por "**uma**", com as respectivas adequações vocabulares de gênero e de número acompanhando o núcleo do sintagma nominal "comunidade(s)". Este processo de-ativa o sentido de generalização e de tema dado e o substitui pelo sentido de especificação, um princípio de recategorização do núcleo da expressão nominal – comunidade.

EXEMPLO 27**Turistas no Rio de Janeiro**

Numa segunda-feira ensolarada, recebi uma ligação do meu avô que morava no leste de Portugal dizendo:

- Oi "filho", te liguei para lhe informar que estarei no Brasil em breve para assistir *as* Olimpíadas, e também queria te perguntar se posso passar uns dias na sua casa durante as Olimpíadas.

- Claro "vô", estou muito feliz por você passar uns dias na minha casa, seja-sempre bem-vindo.

Ele chegou 1 semana antes para arrumar as malas e **se acostumar** com o clima e **os costumes** dos cariocas. Depois de arrumar as suas alas, fui logo apresentar um pouco da cidade para ele. Primeiramente mostrei os pontos turísticos principais da cidade como o Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Praia de Copacabana e etc. depois mostrei **os problemas** da cidade como **a violência**, **pouco acesso a saúde**, e **muitos outros**.

Enfim, depois disso *acostimamos* aos jogos de vôlei nas Olimpíadas, tiramos muitas fotos, depois fomos para casa. Ele se despediu dizendo que gostou muito do Rio de Janeiro apesar de ter muitos defeitos, mas afinal quem não ama cidade maravilhosa.

(Redação 10, Turma B).

No exemplo 27, destacam-se outros dois processos de progressão textual por coesão referencial, conforme as perspectivas de Koch (1989, p.36-39) – a nominalização e a hiperonímia ou indicação de classe.

A estratégia de nominalização em "Ele chegou 1 semana antes para arrumar as malas e **se acostumar** com o clima e **os costumes** dos cariocas", nas linhas 9 e 10, ocorre quando, a partir do sintagma verbal "acostumar", origina-se o sintagma nominal "os costumes"; morfologicamente, este movimento implica em um processo de derivação deverbal. A nova expressão nominal recebe uma forma remissiva gramatical presa "os", artigo definido masculino plural, que funciona como determinante do núcleo "costumes" no SN "os costumes dos cariocas".

Na redação 26 do exemplo 27, identifica-se também a hiperonímia ou indicação de classe, em "depois mostrei **os problemas** da cidade como a violência, pouco acesso a saúde,

e muitos outros", nas linhas 13 e 14, quando o sintagma nominal "os problemas" rotula os sintagmas nominais que o sucedem, "a violência", "a saúde", e "muitos outros". Tal estratégia de referenciação auxilia os interlocutores do texto da redação na progressão textual por meio da coesão referencial das expressões nominais que encontram na estrutura dos enunciados.

Os conceitos de formas remissivas lexicais contidas nos estudos de Koch (1989) evoluíram em Koch (2009, pp.140-144). No primeiro trabalho (1989), as formas remissivas lexicais eram tratadas como formas referenciais que remetiam os interlocutores do texto a um referente do cotexto ou do contexto, combinando as formas remissivas gramaticais presas e as formas remissivas gramaticais livres com a finalidade de limitar e de agregar novos sentidos ao núcleo nominal do sintagma. No trabalho de Koch (2009), as mesmas formas remissivas lexicais já são percebidas como estratégias textuais de progressão referencial: 1º) pela repetição de sintagmas nominais, ou seja, remissão de formas nominais reiteradas com repetição ou não de determinantes e modificadores; 2º) pela repetição de sintagmas nominais que traduzem sentidos semelhantes às mesmas ideias, ou seja, introdução de formas nominais sinônimas ou quase sinônimas aos enunciados; 3º) pela repetição de expressões nominais que hierarquizam os sintagmas no sentido de parte /todo, ou seja, formas nominais hiperonímicas; e, 4º) pela introdução e manutenção de nomes genéricos que podem recategorizar, rotular ou sumarizar uma ou mais expressões nominais do cotexto. Confeccionamos o Quadro 10 para identificar e relacionar mais claramente a evolução conceitual das formas lexicais desde Koch (1989) até (Koch; Elias, 2009).

Quadro 10 – Comparação de elementos conceituais

1989		2009
Formas referenciais com lexema idêntico ao núcleo do SN antecedente, com ou sem mudança de determinante	EVOLUÇÃO CONCEITUAL NOMINALIZAÇÕES & EXPRESSÕES OU GRUPOS NOMINAIS DEFINIDOS	Formas nominais reiteradas
Expressões sinônimas ou quase sinônimas		Formas nominais sinônimas ou quase sinônimas
Hiperônimos ou indicadores de classe		Hiperônimos
Nomes genéricos		Nomes genéricos

Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

Verifica-se, desse modo, que as formas remissivas lexicais evoluíram e receberam novos valores que expandiram suas funcionalidades semântico-gramaticais, relacionadas às estratégias de referenciação textual e às novas perspectivas das funções textuais das expressões nominais por meio das estratégias de recategorização de referentes, de

sumarização ou encapsulamento e de rotulação (Koch; Elias, 2009, p.152ss), as quais (re)combinam as formas remissivas gramaticais presas e as formas remissivas gramaticais livres que anteriormente apenas introduziam expressões ou grupos nominais e que, nesse novo momento, se tornam formas nominais reiteradas, formas nominais sinônimas ou quase sinônimas, formas nominais hiperonímicas e formas nominais genéricas que contribuem para a progressão textual e para a coesão por referenciação.

Neste capítulo, portanto, descrevemos os mecanismos e as estratégias de coesão por referenciação identificados no *corpus* de pesquisa, exemplificamos os processos de introdução de referentes e de formas remissivas gramaticais e lexicais nas redações produzidas pelos alunos do Ensino Fundamental II. Ao apresentar o aporte teórico, propusemos uma comparação das formas gramaticais presas (FRGPr) e das formas remissivas gramaticais livres (FRGLv), bem como, das formas remissivas lexicais (FRLx), tomando como base o *corpus* em estudo. Por fim, discutimos e descrevemos a evolução dos conceitos de formas remissivas de Koch (1989) até formas nominais de Koch (2009).

3 ANÁLISE DE DADOS

Nesse capítulo, propõe-se a realização de uma abordagem sistemática de análise dos dados coletados na pesquisa de *corpus*, examinando-os quantitativa e qualitativamente. Essa abordagem tem como foco principal analisar as ocorrências de formas remissivas gramaticais nas redações dos estudantes das quatro turmas do ensino fundamental II, oriundas de escolas públicas situadas no Estado do Rio de Janeiro, pois, se identificou nessas ocorrências, a possibilidade de investigar a maneira como esses alunos distribuem as formas remissivas gramaticais presas – FRGPr's e as formas remissivas gramaticais livres – FRGLv's na composição dos seus textos produzindo formas remissivas lexicais – FRLx's, conforme Koch (2009), dando sentido ao projeto-de-dizer de seus textos. Os alunos autores, das redações, compõem quatro turmas diferentes, denominadas A, B, C e D, sendo que as turmas C e D são de uma mesma escola tendo como regente de turma a mesma professora.

Na análise quantitativa, contabilizaram-se as FRGPr's e das FRGLv's e compararam-se as ocorrências delas nos 76 textos. A produção textual envolve textos dissertativos e textos narrativos abordando os temas "O Lugar onde moro", "O Lugar em que eu vivo" e "O Lugar em que eu nasci", numa alusão ao tema trabalhado pelas Olimpíadas de Língua Portuguesa desde a sua primeira edição. O objetivo nesta seção é de examinar a produção escrita dos estudantes e comparar o desempenho das turmas, no uso e na colocação das formas remissivas gramaticais utilizadas por eles.

Na análise qualitativa, em primeiro lugar, relacionam-se as formas remissivas gramaticais presas às estratégias e aos mecanismos de introdução de referentes no modelo textual exposto pelos alunos, ou seja, a ativação ancorada, especificamente, das anáforas indiretas introduzidas por expressões nominais definidas, indefinidas e por pronomes. Em seguida, examina-se o processo de progressão referencial em que os alunos fazem uso de formas remissivas gramaticais livres, ou seja, de formas de valor pronominal, adverbial locativo, elipses e numerais. O objetivo, nesta seção, é analisar o uso de mecanismos coesivos nas redações desses alunos por meio das formas remissivas gramaticais e, conseqüentemente, os efeitos alcançados pelo projeto-de-dizer desses escritores pelos processos de coesão por referenciação e de progressão referencial.

Para tal, adotamos como aporte teórico Domingues (2007); Garcia (2007); Koch (1989; 2001 /2003; 2006; 2009), Koch & Elias (2008), Kolb & Whishaw (2002); Marcuschi (2002; 2008); e, Perini (2010).

O *Corpus* de Pesquisa

O *corpus* de pesquisa é o resultado de uma solicitação a três colegas professoras do Ensino Fundamental II, acompanhada de uma sugestão de trabalho: que seus alunos produzissem um texto dissertativo, argumentativo ou narrativo sobre um dos temas – "O Lugar em que eu vivo", "O Lugar em que moro", e "O Lugar em que eu nasci". Elas prontamente nos atenderam fornecendo uma representativa quantidade de redações de seus alunos, que se sentiram bastante motivados a escrever sobre temática de seu interesse.

Destaque-se que, os temas acima propostos foram inspirados na "Olimpíada de Língua Portuguesa: Escrevendo o Futuro" que desde sua primeira edição em 2002 adotou o tema "O lugar onde vivo" objetivando "estreitar vínculos com a comunidade e aprofundar o conhecimento sobre a realidade local, contribuindo para o desenvolvimento de sua cidadania". O Programa Escrevendo o Futuro, fruto da parceria entre a Fundação Itaú Social e o Cenpec – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, inicialmente, se propunha a contribuir para a melhoria da leitura e da escrita de estudantes de escolas públicas brasileiras envolvendo alunos do 5º e do 6º anos de escolaridade num concurso de escrita de redações temáticas. Em 2008, no entanto, firma parceria com o Ministério da Educação integrando o Plano de Desenvolvimento da Educação no Brasil, quando, incluiu-se o 8º e o 9º ano do Ensino Fundamental, e também, o 2º e o 3º anos do Ensino Médio, no concurso, e assim, passou a integrar uma política pública do Governo Federal de incentivo e de aprimoramento de práticas pedagógicas no ensino de língua portuguesa em sala de aula, assim como, formação e aperfeiçoamento de docentes da disciplina⁸.

O *corpus*, objeto desta pesquisa, é composto de setenta e seis (76) textos dissertativo-argumentativos e textos narrativos subdivididos da seguinte forma: Turma A – 9 textos; Turma B – 20 textos; Turma C – 25 textos; e, Turma D – 22 textos. A idade dos estudantes que redigiram está entre 12 e 15 anos, perfazendo uma média geral de 13,5 anos. A Turma A pertence a uma escola municipal da cidade de Araruama, a Turma B é de uma escola federal da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, enquanto as Turmas C e D funcionam em uma escola municipal da zona norte, também do Rio de Janeiro.

Nesse *corpus* de 76 redações, foram redigidas 12.789 palavras, das quais 2.995 são formas remissivas gramaticais, ou seja, 23% do total das palavras. A turma A utilizou um

⁸ Fonte: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/>;
<https://www.escrevendoofuturo.org.br/concurso>
<https://www.escrevendoofuturo.org.br/programa/#quem-somos>.

total de 105 linhas, numa média de 12 linhas por aluno. A turma B redigiu 359 linhas num todo, em uma média de 18 linhas por texto escrito. A turma C fez uso de 363 linhas na totalidade, com uma média de 14 linhas por texto redigido. E, por fim, a turma D escreveu 318 linhas de texto, numa média de 14 linhas por produção textual de cada um de seus alunos.

Partindo-se do pressuposto de que texto é lugar de interação, pois privilegia os sujeitos e os interlocutores desse mesmo texto e que esses interlocutores o (re)constrói continuamente por meio de processos de interação sociocognitiva (KOCH, 2006), verificou-se que a trama textual é integrada de várias tipologias: narrativas, expositivas, argumentativas expositivas, descritivas e injuntivas (GARCIA, 2007; MARCUSCHI, 2002, 2008). Assim, identificamos e classificamos as redações pelos aspectos tipológicos que predominaram na composição delas.

EXEMPLO 28

Araruama (Crônica)

Araruama é uma cidade linda, com belas paisagens e uma ótima qualidade de vida. Eu moro aqui mais de 10 anos e é uma cidade muito boa para se viver, tem muitas coisas legais, belas praias. Mais o que eu gosto de Araruama é o shopping e a praça porque lá posso encontrar meus amigos, parentes e familiares. Mas Araruama tem um asfalto muito bom, iluminação pública muito boa e tem poucos assaltos, minha vó vive aqui a mais de 20 anos e ela nunca viu um assalto ou roubos. Araruama hoje em dia é uma cidade popular por suas praias, e uma cidade boa pra ser viver. Araruama é uma cidade que cada dia cresce mais e também tem muita coisa pra acontecer.

(Redação 2, Turma A)

A redação⁹ 2, no exemplo 28, apresenta traços discursivos de uma descrição quando o autor se apresenta em 1ª pessoa e faz referência a personagens: amigos, parentes e familiares (linhas 5 e 6) e "minha vó" (na linha 7); constata um fato "Araruama é uma cidade que cada dia cresce mais (...)" (linhas 9 e 10) e uma circunstância de tempo e lugar em "Araruama hoje em dia é uma cidade popular por suas praias, e uma cidade boa pra ser viver" (linhas 8 e 9). Verifica-se que, esta redação também possui muitos traços expositivos porque o autor

⁹ Ratificamos que, os textos que servem de exemplos foram considerados integralmente como escritos pelos alunos, mantendo-se, inclusive, as incorreções da escrita formal.

enumera características que indicam que Araruama é uma cidade linda (linha 2): de "belas paisagens e uma ótima qualidade de vida" (linhas 2 e 3), "uma cidade muito boa para se viver, tem muitas coisas legais, belas praias" (linhas 3 e 4), assim como, "tem um asfalto muito bom, iluminação pública muito boa e tem poucos assaltos". Esta redação 2 possui traços tipológicos de uma descritiva nos destaques mais escuros, mas também possui traços tipológicos de uma exposição nos destaques mais claros. Logo, conforme Marcuschi (2002, pp.25-28), o exemplo 28 representa um texto descritivo-expositivo porque prevalecem os traços tipológicos de uma exposição pelo processo de decomposição das características da cidade de Araruama.

EXEMPLO 29

A realidade da Cidade Maravilhosa

Nas férias de Agosto (por causa das olimpíadas), meus tios vieram passar 20 dias, e pediram para eu mostrar o Rio de Janeiro para eles, então falei:

- Vocês querem que eu mostre as duas partes o Rio? (a negativa e a positiva).

Disseram que queriam conhecer as duas, mas começando pelas negativas. Comecei mostrando as favelas e falando:

- Gente, quero que vocês entendam que o Rio de Janeiro não se baseia só em praias lindas, maravilhosas, etc, mas como outros estados também tem as favelas, bandidos, etc.

Ficaram espantados e pediram para ver os pontos positivos, mostrei e eles viram que as praias do Rio de Janeiro não são tão lindas as ficaram agradecidos, pois foram embora (Portugal) sabendo a realidade da Cidade Maravilhosa.

(Redação 21, Turma B)

No exemplo 29, a redação 21 apresenta traços discursivos da narrativa, como autor em 1ª pessoa explicitado pelos pronomes "meus" (linha 2) e "eu" (linhas 3 e 5); e, pelos pronomes elípticos nas proformas verbais "falei", "comecei", "quero" e "mostrei", respectivamente, nas linhas 4, 8, 9 e 12. O texto ainda apresenta um relato, apresentando uma sucessão de fatos na perspectiva do sujeito-autor – "Nas férias de Agosto (por causa das olimpíadas), meus tios vieram passar 20 dias, e pediram para eu mostrar o Rio de Janeiro para eles, então falei: (...)".

das linhas 2 a 4; e, um movimento reflexivo do gênero textual crônica "- Gente quero que vocês entendam que o Rio de Janeiro não se baseia só em praias lindas, maravilhosas, etc, mas como outros estados também tem as favelas, bandidos, etc.", das linhas 9 a 11.

Nesta mesma redação 21, no entanto, constata-se traços de argumentatividade, como uma pergunta retórica que objetiva chamar a atenção do interlocutor do texto para uma questão específica da trama textual – "Vocês querem que eu mostre as duas partes do Rio? (a negativa e a positiva).", nas linhas 5 e 6; uma confrontação de ideias que visa a esclarecer as diferenças entre a cidade de origem e de destino dos tios turistas (linhas 7 a 11), e, marcadamente, a defesa de ponto de vista – "(...) quero que vocês entendam que o Rio de Janeiro não se baseia só em praias lindas, maravilhosas, etc, mas como outros estados também tem favelas, bandidos, etc" (linhas 10 a 12). Conclui-se, portanto, que estes traços discursivos são predominantes no enunciado da redação 21, visto que buscam formar a opinião de um interlocutor e convencê-lo de uma dita razão particular e pessoal do autor do texto. Logo, o exemplo 29 é tipicamente um texto narrativo com traços de argumentação, por intermédio do diálogo, o que demonstra a intersecção de traços tipológicos na construção de um texto.

Com base nessas características, identificou-se que 100% das redações do *corpus* de pesquisa são dissertações do tipo narrativas trazendo traços ora de exposição, ora de argumentação, predominando a exposição de fatos experienciados pelos autores dos textos, com a defesa de um ponto de vista particular em relação à outra perspectiva dos interlocutores do texto. A turma A explorou bastante as narrativas, expuseram os mais variados aspectos da cidade de Araruama desde a sua beleza até os políticos; a turma B utilizou-se mais de narrativas argumentativas nas quais argumentaram sobre aspectos gerais da cidade do Rio de Janeiro no período das Olimpíadas Esportivas de 2016, tecendo seus comentários, críticas e opiniões em defesa de uma perspectiva individual de cada autor do texto; a turma C utilizou a narrativa com traços de exposição apresentando eventos locais e temporais do Rio de Janeiro, a partir do microcosmo do lugar em que vivem, ora enumerando fatos, ora definindo e conceituando paradigmas socioculturais de sua comunidade, ora relacionando e comparando estes paradigmas específicos a outros paradigmas gerais do universo mais amplo do Rio de Janeiro. A turma D, possivelmente, por ser regida pela mesma professora, apresentou um padrão similar em sua produção textual.

A Metodologia de Pesquisa e Coleta de Dados

Realizaram-se consecutivas leituras e aferição de dados. O processo de leitura e de exame das redações que compõem o *corpus* de pesquisa foi dividido em quatro etapas distintas, enquanto que o processo de aferição de dados foi dividido em duas etapas.

A primeira etapa foi de leitura inspeccional, quando as 76 redações das 4 turmas, A, B, C e D, foram lidas com o objetivo de se verificar a presença das várias formas remissivas gramaticais nos textos produzidos e a quantidade de ocorrências dessas formas gramaticais. A segunda etapa foi de leitura demarcatória objetivando catalogar e separar cada ocorrência das formas gramaticais em dois grupos menores por tipologia de ocorrência, subclassificando-as em: formas remissivas gramaticais presas, aquelas que, elementarmente, acompanham a estrutura de um sintagma nominal antecedendo ao núcleo nominal ou antecedendo a qualquer outro modificador que se interpôs entre a forma remissiva e o núcleo do sintagma nominal; e, em formas remissivas gramaticais livres, aquelas que exercem função pronominal substituindo um referente nominal já presente no co(n)texto.

A terceira etapa foi de leitura analítica, quando se organizaram as ocorrências das formas remissivas gramaticais encontradas em subgrupos de formas presas que tipificassem ocorrências de artigos definidos, de artigos indefinidos, de pronomes adjetivos – demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos, e de numerais cardinais e ordinais; e, subgrupos de formas livres que tipificassem ocorrências de pronomes pessoais de 3ª pessoa, assim como, de pronomes substantivos – demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos, de numerais cardinais, ordinais, fracionários e multiplicativos, e de advérbios pronominais.

A quarta etapa de leitura foi a de sistematização dos dados representativos da ocorrência de formas remissivas por meio de gráficos e quadros comparativos entre as 4 turmas. Isto possibilitou identificar, quantitativa e qualitativamente, todas as ocorrências de sintagmas nominais em cuja estrutura sintática fosse encontrada forma remissiva gramatical à esquerda do núcleo do SN; e, a partir daí, se consolidassem as análises e as descrições dos fatos linguísticos que corroboraram com os objetivos da pesquisa: identificar, quantificar, verificar comparativamente e analisar qualitativamente tais ocorrências das formas remissivas gramaticais no sintagma nominal, bem como, descrevê-las na estrutura sintagmática na estrutura do texto. Utilizaram-se, até aqui, processos de leituras e demarcações individualizadas focalizando a observação, a identificação e a contagem de formas remissivas

gramaticais presentes em cada redação, propondo análise percentual simples. A partir desse ponto, iniciam-se os dois processos de aferição: quantitativa e qualitativa.

Para efeito de análise quantitativa das formas remissivas gramaticais presas em cada texto analisado, separaram-se essas formas em três subgrupos específicos: o dos artigos, o dos pronomes adjetivos e dos numerais. Reproduziu-se a mesma redação em três vias distintas em que se destacaram os eventos linguísticos por meio de formas e linhas geométricas, identificando-os pelos respectivos subgrupos, conforme quadros abaixo.

Quadro 11 – FRGPresa /Análítico Quantitativo de Artigos

1	ARARUAMA (Crônica)
2	
3	Em <u>um</u> domingo ensolarado, recebi <u>um</u> convite das minhas amigas para
4	irmos <u>a</u> Lagoa de Araruama, <u>a</u> melhor da região dos lagos, aonde todos podem
5	ir sem medo de pegar <u>uma</u> doença, etc.
6	Aqui <u>a</u> lagoa tem <u>a</u> água clarinha, não tem sujeiras, todos por aqui
7	colaboram bem com <u>a</u> limpeza da nossa lagoa e dos rios também, <u>o</u> mais
8	preocupado com isso é <u>o</u> nosso prefeito. <u>A</u> saúde aqui também é boa, não existe
9	fila para marcação de médicos, <u>os</u> pronto-socorro é <u>o</u> nº 1 de referência. Na
10	educação, essa sim, dispensa comentários, referência do estado.
11	Não temos problemas de alagamentos, como houve nos municípios
12	vizinhos no início de março, quando teve <u>uma</u> grande enchente. Nós moradores
13	de Araruama ficamos livre disso; tráfico, homicídios, por aqui não existe.
14	Bom, para resumir como é <u>a</u> minha cidade, outra melhor não há. (Redação 1, Turma A)

FONTE: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

O quadro 11 demonstra o filtro utilizado para destacar as ocorrências do subgrupo das formas remissivas gramaticais presas dos artigos em todas as redações do *corpus*. Os artigos indefinidos foram marcados com sublinhados duplos e destacados por retângulos – 4 ocorrências; e os artigos definidos com sublinhados simples por elipses ovais – 11 ocorrências, sendo todos contabilizados em planilhas eletrônicas Excel.

Quadro 12 – FRGPresa /Analítico Quantitativo de Pronomes Adjetivos

1	ARARUAMA (Crônica)
2	
3	Em um domingo ensolarado, recebi um convite das <u>minhas</u> amigas para
4	irmos a Lagoa de Araruama, a melhor da região dos lagos, aonde todos
5	podem
6	ir sem medo de pegar uma doença, etc.
7	Aqui a lagoa tem a água clarinha, não tem sujeiras, todos por aqui
8	colaboram bem com a limpeza da <u>nossa</u> lagoa e dos rios também, o mais
9	preocupado com isso é o <u>nosso</u> prefeito. A saúde aqui também é boa, não existe
10	fila para marcação de médicos, os pronto-socorro é o nº 1 de referência. Na
11	educação, essa sim, dispensa comentários, referência do estado.
12	Não temos problemas de alagamentos, como houve nos municípios
13	vizinhos no início de março, quando teve uma grande enchente. Nós moradores
14	de Araruama ficamos livre disso; tráfico, homicídios, por aqui não existe.
	Bom, para resumir como é <u>a minha</u> cidade, <u>outra</u> melhor não há.
	(Redação 1, Turma A)

FONTE: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

O quadro 12 demonstra o filtro utilizado para destacar as ocorrências do subgrupo das formas remissivas gramaticais presas dos pronomes adjetivos em todas as redações do *corpus*. Neste exemplo específico, identificamos 5 ocorrências: 4 ocorrências dos pronomes adjetivos possessivos marcados com sublinhados simples e destacados por retângulos; e, 1 ocorrência de pronome adjetivo indefinido com sublinhado pontilhado por elipse oval. Estes eventos linguísticos também foram contabilizados em planilhas eletrônicas Excel.

Quadro 13 – FRGPresa /Analítico Quantitativo de Numerais

1	ARARUAMA (Crônica)
2	
3	Em um domingo ensolarado, recebi um convite das minhas amigas para
4	irmos a Lagoa de Araruama, a melhor da região dos lagos, aonde todos podem
5	ir sem medo de pegar uma doença, etc.
6	Aqui a lagoa tem a água clarinha, não tem sujeiras, todos por aqui
7	colaboram bem com a limpeza da nossa lagoa e dos rios também, o mais
8	preocupado com isso é o nosso prefeito. A saúde aqui também é boa, não existe
9	fila para marcação de médicos, os pronto-socorro é o n° <u>1</u> de referência. Na
10	educação, essa sim, dispensa comentários, referência do estado.
11	Não temos problemas de alagamentos, como houve nos municípios
12	vizinhos no início de março, quando teve uma grande enchente. Nós moradores
13	de Araruama ficamos livre disso; tráfico, homicídios, por aqui não existe.
14	Bom, para resumir como é a minha cidade, outra melhor não há.
	(Redação 1, Turma A)

FONTE: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

O exemplo 13 demonstra o mesmo tipo de filtro utilizado para destacar as ocorrências do subgrupo das formas remissivas gramaticais presas dos numerais em todas as redações do *corpus*. Neste exemplo específico, identificamos apenas 1 ocorrência com sublinhado simples e destacada por retângulo, ocorrência esta que também foi contabilizada em planilhas eletrônicas Excel.

Deste modo, a análise da mesma redação em três vias, demarcou as ocorrências das formas remissivas presas por meio de convenções e símbolos como os vários tipos de sublinhados e de formas geométricas distintas, criaram-se vinte e dois (22) quadros analíticos para a turma A – 9 para artigos, 9 para pronomes adjetivos e 4 para numerais; cinquenta e seis (56) quadros analíticos para a turma B – 20 quadros para artigos, 20 para pronomes adjetivos e 16 para numerais; quarenta e seis (46) quadros analíticos para a turma C – 20 quadros para os artigos, 20 para os pronomes adjetivos e 6 para os numerais; e, quarenta e nove (49) quadros analíticos para turma D – 20 para artigos, 20 para pronomes adjetivos e 6 para numerais. Produziram-se cento e setenta e três (173) quadros analíticos entre artigos, pronomes adjetivos e numerais, os quais contabilizaram todos os eventos linguísticos das

formas remissivas referenciais no cotexto das redações contidas no *corpus* de pesquisa. Após a análise dos quadros, formularam-se as planilhas numérico-comparativas que permitiram, não só contabilizar as ocorrências, como também examiná-las, quantitativa e qualitativamente, ratificando ou não as hipóteses de pesquisa.

De igual modo, verificaram-se as formas remissivas gramaticais livres, quantitativa e qualitativamente, por meio dos mesmos processos de análise utilizados para destacar, identificar, enumerar e quantificar as formas remissivas gramaticais presas encontradas no texto das redações, sendo que, desta feita, utilizou-se apenas uma via do texto escrito, sobre o qual, foram destacadas e contabilizadas as formas remissivas gramaticais livres existentes na trama textual.

Quadro 14 – FRGLivre /Analítico Quantitativo

1	ARARUAMA (Crônica)
2	
3	Em um domingo ensolarado, recebi um convite das minhas amigas para
4	irmos a Lagoa de Araruama, a melhor da região dos lagos, aonde <u>todos</u> podem
5	ir sem medo de pegar uma doença, etc.
6	<u>Aqui</u> a lagoa tem a água clarinha, não tem sujeiras, <u>todos</u> <u>por aqui</u>
7	colaboram bem com a limpeza da nossa lagoa e dos rios também, o mais
8	preocupado com <u>isso</u> é o nosso prefeito. <u>A saúde aqui</u> também é boa, não existe
9	fila para marcação de médicos, os pronto-socorro é o n° <u>1</u> de referência. Na
10	educação, <u>essa</u> sim, dispensa comentários, referência do estado.
11	Não temos problemas de alagamentos, como houve nos municípios
12	vizinhos no início de março, quando teve uma grande enchente. Nós moradores
13	de Araruama ficamos livre disso; tráfico, homicídios, <u>por aqui</u> não existe.
14	Bom, para resumir como é a minha cidade, outra melhor não há.
	(Redação 1, Turma A)

FONTE: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

O quadro 14, por exemplo, demonstra o filtro utilizado para destacar as ocorrências de formas remissivas gramaticais livres na redação 1, onde se identificou: primeiro, os pronomes substantivos: a) demonstrativos do grupo 1 – essa, na linha 10, por sublinhado simples e o demonstrativo do grupo 2 – isso, na linha 8, por sublinhado duplo, e b) o pronome indefinido

– todos, nas linhas 4 e 6, por sublinhado pontilhado; e, depois, o advérbio pronominal – aqui, nas linhas 6, 8 e 13, marcado pela figura geométrica do paralelogramo.

É importante destacar que, na aferição das formas remissivas gramaticais livres, convencionou-se destacar as ocorrências de pronomes demonstrativos substantivos nas redações por sublinhados típicos, a saber: (1) demonstrativos do tipo 1 – sublinhado simples, (2) demonstrativos do tipo 2 – sublinhado duplo, (3) possessivos – sublinhado tracejado, (4) indefinidos – sublinhado pontilhado, (5) relativos – sublinhado ondulados, e (6) interrogativos – sublinhado ponto ponto traço. Representaram-se os demais eventos linguísticos de formas livres com formas geométricas simples, a saber: (1) o pronome pessoal de 3ª pessoa – por retângulo, (2) a elipse nominal ou pronominal – por elipse oval, (3) o numeral – por triângulo, (4) o advérbio pronominal – por paralelogramo, e (5) a expressão adverbial – por retângulo com canto aparado. Todos estes dados também foram contabilizados em planilhas eletrônicas Excel.¹⁰

3.1 Análise Quantitativa das Formas Remissivas Presas por Turmas

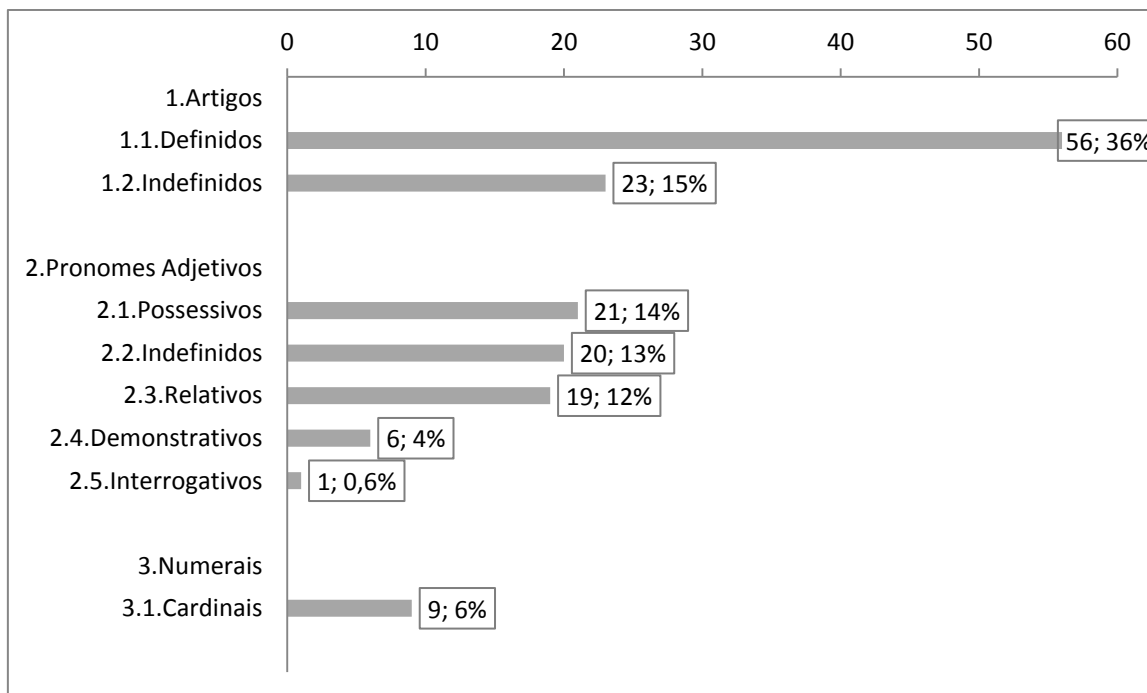
Nesta seção, analisamos os dados quantitativos das formas remissivas gramaticais presas contidas nas redações do *corpus* da pesquisa. Estas formas remissivas presas ou formas referenciais têm por padrão sintático anteceder a um nome compondo a estrutura de um sintagma nominal produzido no enunciado. Invariavelmente, substituem um referente no discurso escrito, ora no cotexto ora no contexto, o que permite a remissão dos interlocutores do texto ao referente ativado pelo respectivo sintagma nominal (re)construindo os sentidos do texto e produzindo, conseqüentemente, coesão por referenciação (KOCH, 1989; 1997).

Examinaram-se as ocorrências de cada turma, comparando o desempenho dos alunos, identificando as formas remissivas presas que eles utilizaram. Por fim, quantificaram-se estas ocorrências dentro da produtividade total de palavras produzidas por esses alunos.

¹⁰ Destacamos que, inicialmente, os padrões utilizados para a aferição das formas remissivas gramaticais eram compostos por gradientes de cores distintas, ao invés de linhas e de formas geométricas. A mudança ocorreu porque se acatou a sugestão da banca examinadora visando uma melhor representação dos dados, tanto nos quadros, quanto nos gráficos em tons monocromáticos.

A Turma A, formada por nove (9) alunos, produziu em seus textos mil e trinta e cinco (1035) palavras, destas cento e cinquenta (154) são formas remissivas gramaticais presas, o equivalente a 15% de ocorrências desse tipo sob o total de palavras escritas.¹¹

Gráfico 1 – Produtividade de formas remissivas gramaticais presas da turma A



Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

O Gráfico 1 apresenta o número de ocorrências de formas remissivas presas e o equivalente percentual extraído de cento e cinquenta e quatro (154) destes eventos nas nove redações dessa turma.

Dividiram-se as ocorrências da turma A em 3 subgrupos: 1º) o dos artigos, em que os artigos definidos tiveram cinquenta e seis (56) ocorrências, ou seja, 36% das ocorrências gerais nas redações, enquanto que, os artigos indefinidos tiveram 23 ocorrências, o que equivale a 15% do total; 2º) o dos pronomes adjetivos, na seguinte ordem: (2.1) possessivos – vinte e uma (21) ocorrências, ou seja, 14%; (2.2) indefinidos – 20 ocorrências, 13%; (2.3)

¹¹ Doravante, os dados estatísticos percentuais inseridos nos gráficos são representativos, porque os resultados contabilizados foram aproximados. Unidades decimais iguais ou maiores que cinco (5), foram arredondados para a unidade imediatamente superior, por exemplo: 2,5 ou 2,6 até 2,9, foram arredondados para três (3). Unidade menor ou igual a quatro mantiveram o número inteiro, por exemplo: 2,4 até 2,0, arredondou-se para dois (2). Isto implicará numa margem de erro aproximado de dois pontos percentuais (2%), tanto para mais, quanto para menos.

relativos – 19 ocorrências, 12%; (2.4) demonstrativos – 6 ocorrências, 4%; (2.5) interrogativos – 1 ocorrência, 0,6%; e, 3º) o dos numerais cardinais – 9 ocorrências, 6%.

Verificou-se, pela aferição dos dados do gráfico 1, que a tendência dos alunos da turma A em utilizar expressões nominais introduzidas por artigo definido, as nominalizações. Verificou-se, também, o maior uso de pronomes adjetivos possessivos, indefinidos e relativos, que demonstra um processo de pronominalização.

A nominalização e a pronominalização são processos que servem às estratégias de progressão referencial nas redações e que permitem a (re)construção dos sentidos do texto no projeto-de-dizer dos interlocutores desse texto. O processo de nominalização (re)ativa um conjunto de informações novas ou dadas no co(n)texto, anaforicamente, servindo-lhes de referente no texto. Isto acontece a partir da inserção de expressões nominais definidas, cuja menor estrutura é composta de artigo definido ou de pronome demonstrativo, determinantes de um núcleo nominal, precedendo-o. (KOCH, 2003, p.83-90).

A pronominalização implica no uso de um pronome adjetivo que se refere a um elemento discursivo que o antecede no cotexto, retomando-o e recategorizando-o, permitindo a reconstrução sociocognitiva do objeto-de-discurso a que se referem os interactantes do texto. (KOCH, 2003, p.83-85, 100-103).

EXEMPLO 30

O lugar onde vivo. Araruama^(Crônica)

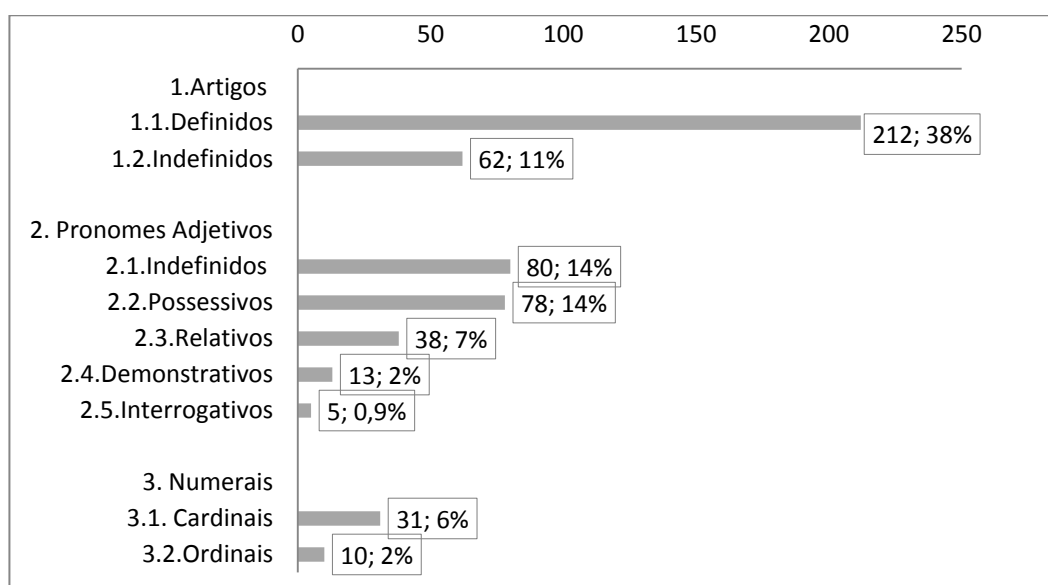
Péssimo prefeito, vamos começar por aí, um prefeito chamado "Miguel Geovane" onde ele promete fazer uma coisa e acaba não fazendo, ou se faz deixa pela metade ele gasta mil e milhões em obras de Araruama nunca terminadas, e ou nem sequer começadas. Araruama tem poucos postos de saúde, que não ajuda em nada. Regime orrível, banheiros públicos um nojo. Esse prefeito devia se envergonhar sobre o que ele faz, (...)

(Redação 8, Turma A)

No exemplo 30, a redação 8 apresenta os dois casos de estratégia de progressão referencial. O primeiro caso, a nominalização, ocorre na linha 2. O autor do texto insere a expressão nominal "péssimo prefeito" que tem por determinante o qualificador "péssimo" que restringe o sentido do núcleo "prefeito", recategorizando-o. Na mesma linha 2, o escritor

retoma o referente "prefeito" limitando-o ainda mais, por meio de outro determinante artigo indefinido "um", forma remissiva gramatical presa, e de um adjunto adnominal "chamado 'Miguel Geovane'" limitador do núcleo "prefeito", numa estratégia de progressão referencial em que constrói uma paráfrase anafórica pela inserção da expressão nominal indefinida, "um prefeito 'chamado Miguel Geovanne'". O segundo caso, a pronominalização, ocorre por meio da inserção da forma remissiva gramatical livre, pronome de 3ª pessoa – ele, nas linhas 3, 4 e 7 que retoma o referente textual "prefeito", da linha 2; assim como, da inserção da forma remissiva gramatical presa, pronome adjetivo demonstrativo tipo 1 – "esse" que reativa e retoma este referente, recategorizando-o discursivamente.

Gráfico 2 – Produtividade de formas remissivas gramaticais presas da Turma B



Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

A Turma B, composta de vinte (20) alunos, redigiu quatro mil e noventa e oito palavras (4.098) das quais quinhentas e sessenta e duas (562) são formas remissivas presas, o que equivale a 14% do total de palavras escritas. No gráfico 2 de produtividade, identificamos as ocorrências das formas remissivas gramaticais presas: 1º) 38% de artigos definidos – 212 ocorrências; 2º) 14% de pronomes adjetivos indefinidos – 80 ocorrências; 3º) 14% de pronomes adjetivos possessivos – 78 ocorrências; 4º) 11% de artigos indefinidos – 62 ocorrências; 5º) 7% de pronomes adjetivos relativos – 38 ocorrências; 6º) 6% de numerais cardinais – 31 ocorrências; 7º) 2% de pronomes adjetivos demonstrativos – 13 ocorrências; 8º) 2% de numerais ordinais – 10 ocorrências 9º) 1% de pronomes interrogativos – 5 ocorrências.

Os alunos da Turma B privilegiam o uso de artigos definidos – 38% da totalidade das 562 ocorrências de formas remissivas gramaticais presas, assim como, o uso de artigos indefinidos – 11% de ocorrências. O uso de artigos definidos em relação aos indefinidos é, proporcionalmente, três vezes e meia maior. Aqui se verificou tanto a ativação de um novo referente no texto, quanto à reativação /retomada dele.

EXEMPLO 31

O Rio de Janeiro que eu vivo

Faltavam dez dias para as olimpíadas, e meus primos estavam vindo do Canadá, para conhecer o Rio. No dia seguinte eu fui busca-los de manhã no aeroporto.

Meus primos, Ryan e Lívia eram muito juntos comigo, só que eles resolveram morar fora, e eu preferi o Rio. Quando eu busquei eles no aeroporto, eu dei um abraço bem apertado para matar a saudade, nois fomos direto para casa e depois fomos para os arcos da lapa, teve muito tiroteio e bala perdida, voltamos rápido pra casa. No dia das Olimpíadas nois fomos e eles acharam tudo lindo, só que teve uma confusão na porta e todos foram embora. Conclusão: o Rio não é como as pessoas pensam.

(Redação 12, Turma B)

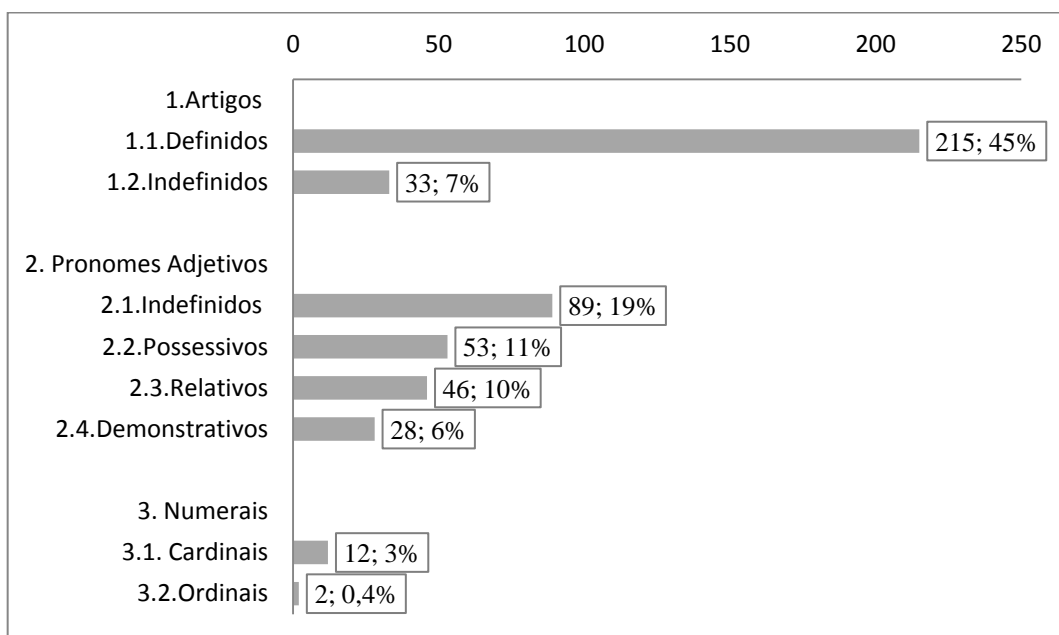
A redação 12, no exemplo 31, o escritor introduz expressões nominais definidas com a função discursiva de inserir referentes novos no cotexto, como: "O Rio de Janeiro", (linha 1); "para as olimpíadas", (linha 2); "um abraço" e "a saudade", (linha 7); "os arcos da lapa", (linha 8); e, "as pessoas", (linha 11). O autor, também, reativa o referente "o Rio de Janeiro", da linha 1, em uma estratégia de retomadas consecutivas desse referente por meio do sintagma nominal "o Rio", nas linhas 3, 6 e 11. De igual modo, o aluno introduz elementos novos no texto quando introduz expressões nominais indefinidas que integram o contexto do seu projeto-de-dizer, tais como, "um abraço" na linha 7, e "uma confusão" na linha 10.

Os alunos desta turma B enfatizam também o uso dos pronomes adjetivos possessivos e dos pronomes adjetivos indefinidos, numa média de 14% de ocorrências no texto, ou seja, constatamos que eles utilizam processos de pronominalização na progressão textual, de

ativação ou de reativação de referentes por pronomes, verificados nas linhas 2 e 5 – "meus primos", assim como, na linha 8 – "muito tiroteio".

A Turma C, composta de vinte e cinco (25) alunos, que produziram um total de três mil e cento e trinta (3.130) palavras, das quais, quatrocentas e setenta e oito (478) delas foram formas remissivas presas, 15% do total. 1º) artigos definidos – 215 ocorrências, 45% da totalidade de formas remissivas gramaticais presas; 2º) pronomes adjetivos indefinidos – 89 ocorrências, 19%; 3º) pronomes adjetivos relativos – 46 ocorrências, 10%; 4º) pronomes adjetivos possessivos – 53 ocorrências, 11%; 5º) artigos indefinidos – 33 ocorrências, 7% ; 6º) pronomes adjetivos demonstrativos – 28 ocorrências, 6%; 7º) numerais cardinais – 12 ocorrências, 3%; 8º) numerais ordinais – 2 ocorrências, 0,4% .

Gráfico 3 – Produtividade de formas remissivas gramaticais presas da Turma C



Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

A Turma C também privilegia a utilização dos artigos definidos com 45% de ocorrências do total das 478 formas remissivas gramaticais presas redigidas nas redações. Constatou-se uma proporcionalidade de 15% de diferença na relação entre artigos definidos, 215 ocorrências, e artigos indefinidos, 33 ocorrências, ou seja, há uma grande diferença no uso dos artigos como formas remissivas e introdutórias de referentes nominais.

Este último dado numérico que demonstra a baixa ocorrência no uso de expressões nominais introduzidas por artigo indefinido que proporcionasse a introdução de novos referentes textuais ou a manutenção da progressão referencial com função anafórica. Este é

um forte indicador de que existe um compartilhamento sociocognitivo das informações veiculadas nas redações. Os interlocutores do texto introduzem, retomam e mantêm objetos-do-discurso que fazem parte de um domínio discursivo comum às suas estruturas mentais de conhecimento de mundo.

EXEMPLO 32

O Rio de Janeiro em que eu vivo.

Uma cidade maravilhosa tem lugares maravilhosos como: Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Praias as praias chamam mais atenção e é a cara do povo brasileiro. Como o Rio de Janeiro não tem.

O Rio de Janeiro pode ter tudo de bom mas também tem seu lado ruim como qualquer outra cidade e turistas que vem ao Rio de Janeiro diz que não é tão bom como fala da televisão por causa dos assaltos e arrastões nas praias.

O Rio de Janeiro está em crise. Os hospitais estão sem medicamentos por conta da crise, o presidente não esta pagando a população brasileira.

Espero que o Rio de Janeiro melhore depois das olímpiadas a população brasileira precisa de dinheiro para pagar seus impostos, sem dinheiro não tem como viver como agente vai comprar comida e também não da pra viver sem higiene e para essa crise melhorar devemos economizar dinheiro nessas obras que o presidente está fazendo e depois deixa largada.

(Redação 33; Turma C)

No exemplo 32, o texto da redação 33 demonstra a desproporção entre as doze (12) ocorrências de artigos definidos e uma única ocorrência de artigo indefinido que indicam, ora claras estratégias de retomada de referentes presentes no cotexto da redação – "o Rio de Janeiro", nas linhas 4, 5, 8 e 10; "a população brasileira" nas linhas 9 e 10; "o presidente", na linha 14; (2) presente no contexto da redação: "as praias" e "a cara do povo brasileiro", na linha 3; "os hospitais", na linha 8; "o presidente" e "a população brasileira", ambos na linha 9; ora demonstra a introdução de novo referente, como em "o Rio de Janeiro", na linha 1; e, "o presidente", na linha 9.

EXEMPLO 33**O Rio de Janeiro em que eu vivo**

Rio de Janeiro, como diz a música cidade maravilhosa, cheia de encantos mil. Posso sim concordar com a cidade maravilhosa pois é linda, mas os encantos mil não está lá **essas coisas**.

Vivemos em uma cidade onde a violência está dominando **em todos os pontos**, não só violência, mais as instituições públicas estão precárias como falta de professores na escolas, médicos nos hospitais, falta de segurança nas ruas...

A política influencia muito, pois não tem dinheiro suficiente para arcar com as consequências e **quem paga** somos nós. **Nossa cidade** é linda, pois os pontos turísticos deveriam ser mais limpos, muitos de nós não valorizamos **o que tem**.

(Redação 39; Turma C)

No exemplo 33, a redação 39 caracteriza o uso equilibrado dos pronomes adjetivos pela turma C, conforme o gráfico 3. O uso do pronome adjetivo indefinido "todos", na linha 5; dos pronomes demonstrativos – "essas", na linha 4, "quem", na linha 10, e "o que", na linha 12; assim como, do pronome possessivo "nossa", na linha 10.

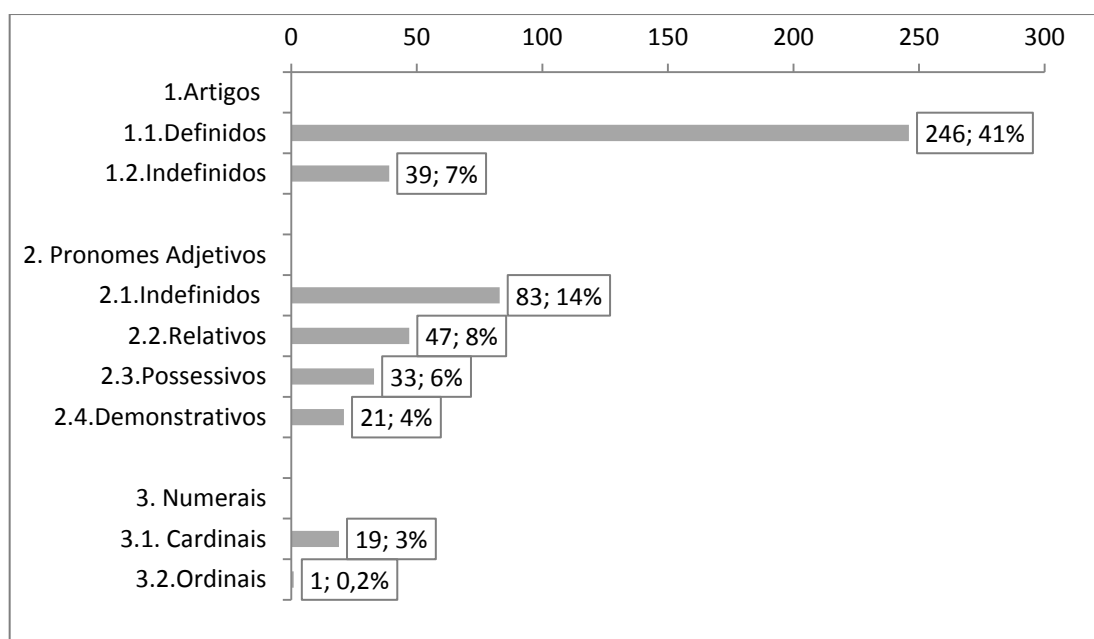
Os dados quantitativos analisados nessa turma C evidenciam uma disparidade no uso entre artigos definidos, quarenta e cinco por cento (45%) do total das formas remissivas gramaticais presas, em comparação a sete por cento (7%) de artigos indefinidos, num claro processo de definitivização. Evidencia-se, também, um razoável equilíbrio na utilização dos pronomes adjetivos indefinidos, possessivos e relativos na construção da trama dos textos nas redações analisadas, o que ratifica o uso coerente dessas formas remissivas gramaticais como estratégia coesiva dos textos. Isto demonstra que os alunos têm conhecimento dos processos de ativação ancorada por anáforas indiretas e também associativas que verificaremos na secção seguinte.

A Turma D, composta de vinte e dois (22) alunos, produziram um total de três mil, seiscentos e noventa e seis (3.696) palavras, das quais quinhentas e noventa e quatro (594) são

formas remissivas gramaticais presas, o equivalente a 16% do total de palavras no texto das redações.

Percentualmente, quantificaram-se as ocorrências: 1º) artigos definidos – 246 ocorrências, 41% de ocorrências do total de ocorrências de formas remissivas presas; 2º) pronomes adjetivos indefinidos – 83 ocorrências, 14%; 3º) pronomes adjetivos possessivos – 33 ocorrências, 6%; 4º) artigos indefinidos – 39 ocorrências, 7%; 5º) pronomes adjetivos relativos – 47 ocorrências, 8%; 6º) numerais cardinais – 19 ocorrências, 3%; 7º) pronomes adjetivos demonstrativos – 21 ocorrências, 4%; 8º) numerais ordinais – 1 ocorrência, 0,2%.

Gráfico 4 – Produtividade de formas remissivas gramaticais presas da Turma D



Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

A Turma D, assim como as Turmas A, B e C, faz uso de uma acentuada quantidade de artigos definidos em seus modelos textuais, no percentual de 41% de ocorrências do total das 594 formas remissivas gramaticais presas. Identifica-se uma desproporcionalidade de 16% de ocorrências entre artigos definidos, 246 ocorrências, e artigos indefinidos, 39 ocorrências, conforme gráfico 4. Ratifica-se, portanto, que a maior produtividade desta turma recai, também, sobre expressões nominais definidas.

EXEMPLO 34

O Rio de Janeiro em que eu vivo

O Rio de Janeiro tem varias paisagens, pontos turisticos lindos e maravilhosos eu adoro o Rio de Janeiro cidade maravilhosa mas nao tem um pouco de respeito com os trabalhadores que lutam pelo seu lugar no mumdo a prefeitura tem que ter um pouco de respeito com o trabalhador mesmo com a população corrupta.

Olha como o brasil está todo lugar que vamos somos assaltados o em tão tatendo arastaõ o brasil esta pirando o brasil estava melhor do que agora o povo não se une para lutar pelas suas causas e so tiroteio no morro as crianças querem brinca mas não pode por esta tendo operação.

O Brasil precisa melhorar para de poluir o mar para controlar esas guerras o Brasil precisa se unir lutar pelos seus bens e viver em paz com todos os países do mumdo todo vamos fazer paz diga não a guerra a guerra érruim todos sovrem com a guerra para mim o Brasil esta pirando.

(Redação 50, Turma D)

No exemplo 34, a redação 50 apresenta o mesmo tipo de desproporcionalidade que a turma C em relação ao uso dos artigos – dezenove (19) definidos e apenas um (1) indefinido, obedecendo ao mesmo padrão. Os alunos utilizaram de estratégias de retomada como "o Rio de Janeiro", nas linhas 2 e 3; "o trabalhador" na linha 5; "o Brasil", nas linhas 8, 11, 12 e 14; bem como, "a guerra", na linha 14. Fizeram uso da estratégia de inserção de dado novo no discurso – "O Rio de Janeiro", na linha 1; "os trabalhadores", na linha 4; "a prefeitura", na linha 4; "a população corrupta", na linha 5; "o Brasil", na linha 7; "o povo", na linha 8; "as crianças", na linha 9; "o mar", na linha 11; "os países do mundo" e "a guerra", ambos na linha 13. Nota-se o uso de um único artigo definido "um" no sintagma nominal "um pouco de respeito", na linha 3, na função de determinante do núcleo do sintagma nominal – "pouco", que traduziu o sentido de "pequena quantidade", restringindo ainda mais a noção quantitativa desse núcleo.

EXEMPLO 35

O Rio de Janeiro em que eu vivo.

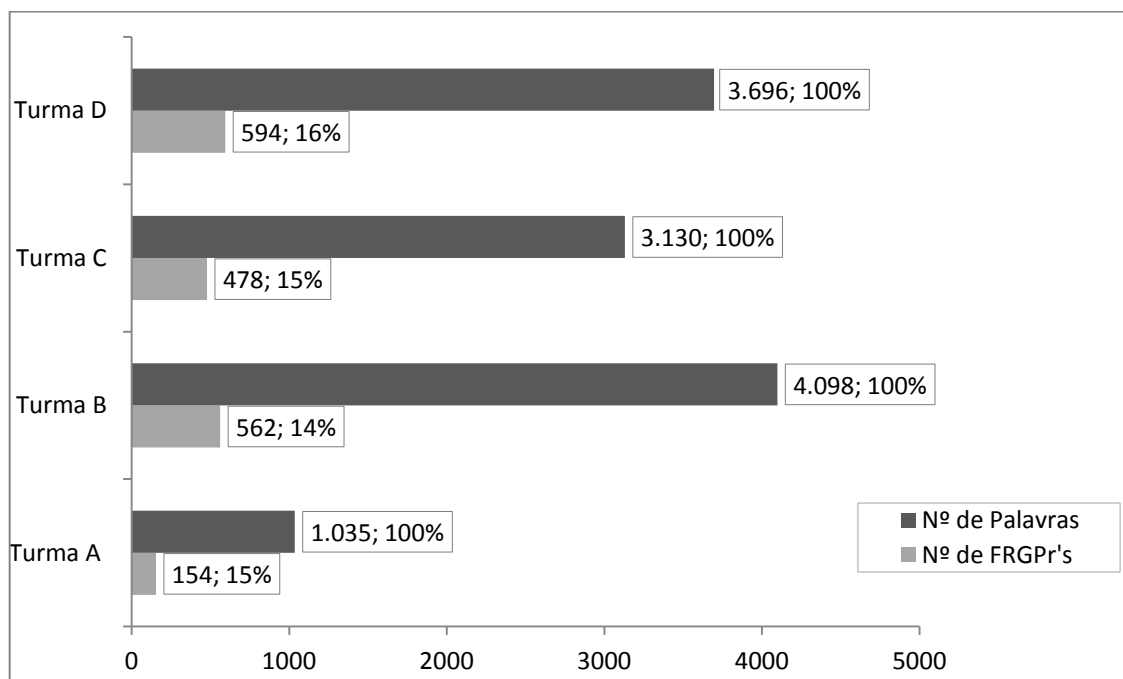
O Rio de Janeiro em que eu vivo e uma cidade com qualidades e defeitos então as qualidades são por exemplo: praias, carnaval, as pessoas, educação e etc... Já os defeitos são: lixo, roubo etc...os defeitos não são nada que as pessoas podem resolver e só preservar a nossa cidade.

Eu tenho orgulho de ser carioca porque essa cidade e maravilhosa. Não só a cidade as pessoas também são. Amo as praias dessa cidade pular carnaval com minha família e amigos. Essa cidade e uma ótima opção para se morar; tem pontos turisticos ótimos de se visita por exemplo: cristo redentor, pão de açúcar, quinta da boa vista, praias, etc... um lugar que eu adoro ir na cidade é no shopping que é muito bom de se ir. A saúde nessa cidade tá um pouco ruim por causa dengue, zica e chicunya. Essa doença esta sendo causada por um mosquito que se chama aedes aegypti, mais fora isso, essa cidade continua uma beleza, e que todos os anos continue assim.

(Redação 63, Turma D)

Os dados quantitativos da turma D quanto ao uso de pronomes adjetivos também demonstram um uso equilibrado dessas formas remissivas gramaticais presas se comparados aos dados da turma C anteriormente analisada, ressaltando-se que são turmas de um mesmo regente. Verificou-se, quantitativamente, que as estratégias de pronominalização nos textos das redações da turma D proporcionam equilíbrio à estrutura dos textos. Isto evidencia-se na redação 63, no uso dos pronomes indefinidos (14%) – "muito" e "pouco" na linha 11; dos pronomes relativos (8%) – "que" nas linhas 1, 2, 8 e 11; dos pronomes possessivos (6%) – "nossa" na linha 5 e "minha" na linha 8; e, dos pronomes demonstrativos (4%) – "essa" nas linhas 6, 8, 12 e 13. Assim, constatou-se que os alunos possuem conhecimentos sobre as estratégias de retomada e de manutenção de referentes textuais no processo de coesão por referenciação.

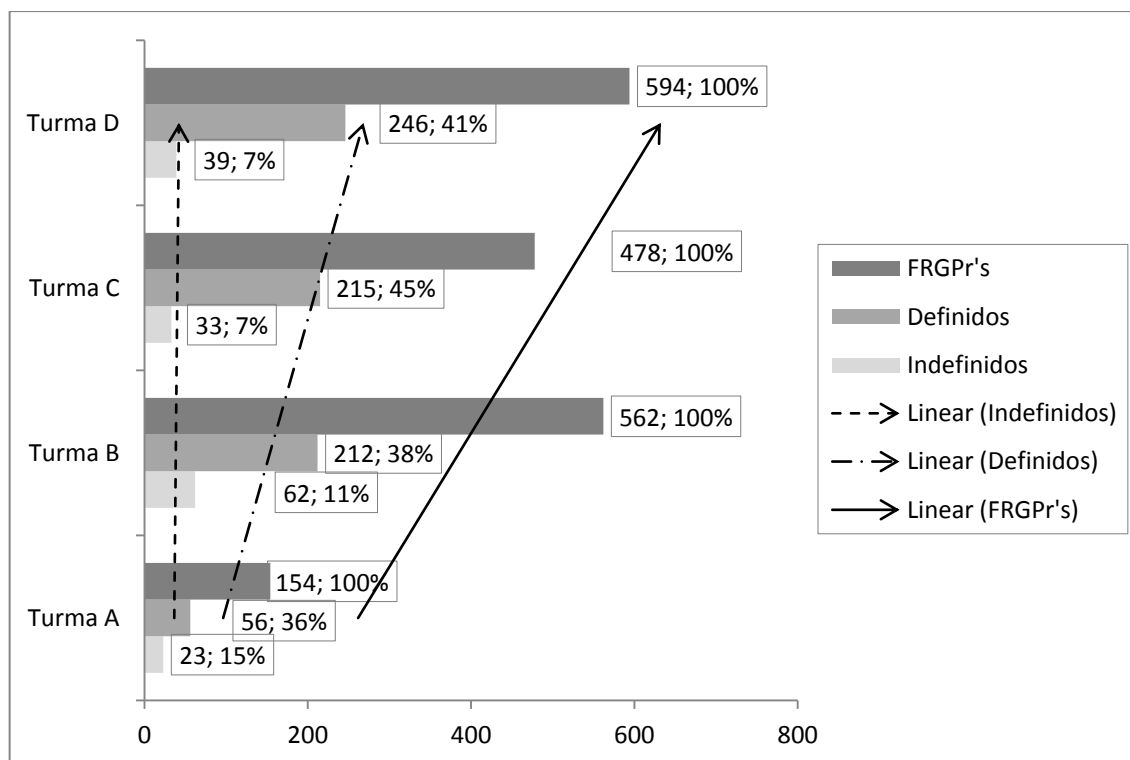
Gráfico 5 – Comparativo /produtividade de formas remissivas gramaticais presas das turmas A, B,C e D



Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

O Gráfico 5 demonstra a produtividade das quatro turmas no que tange ao uso de formas remissivas gramaticais presas na composição estrutural dos textos das redações. Comparativamente, independentemente da quantidade de alunos que formam as turmas, a turma A com nove (9) alunos, a B com vinte (20), a C com vinte e cinco (25) e a D com vinte e dois (22) estudantes, verificou-se que o percentual médio dessas ocorrências linguístico-discursivas é de quinze por cento (15%) do total de palavras escritas pelos alunos nos textos produzidos. Logo, conclui-se que este dado percentual representa a produtividade absoluta de formas remissivas gramaticais presas que promovem a coesão por referência na produção de textos desses alunos do ensino fundamental II.

Gráfico 6 – Comparativo /produtividade de artigos das turmas A, B, C e D



Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

O gráfico 6 demonstra dados comparativos da produtividade de artigos indefinidos e definidos utilizados pelas quatro (4) turmas, A, B, C, e D. Esses dados foram analisados, a partir do universo geral de cem por cento (100%) de formas remissivas gramaticais presas produzidas por cada turma. O universo geral da turma A foi de cento e cinquenta e quatro (154) formas remissivas gramaticais presas; da turma B foi de quinhentas e sessenta e duas (562), da turma C foi de quatrocentas e setenta e oito (478), e da turma D foi de quinhentas e noventa e quatro (594) ocorrências de formas remissivas presas.

Partindo-se desse macrocosmo de produção de formas remissivas gramaticais presas, verificou-se que a turma A produziu vinte e três (23) artigos indefinidos e cinquenta e seis (56) artigos definidos, ou seja, quinze por cento (15%) e trinta e seis por cento (36%) de formas remissivas presas, respectivamente, dentro de um macrocosmo de 154 FRGPr's. A turma B redigiu sessenta e dois (62) artigos indefinidos e duzentos e doze (212) artigos definidos, ou seja, onze por cento (11%) e trinta e oito (38%), dentro do macrocosmo de 562 FRGPr's. A turma C escreveu trinta e três (33) artigos indefinidos e duzentos e quinze (215) artigos definidos, o equivalente a sete por cento (7%) e quarenta e cinco por cento (45%) no macrocosmo de 478 FRGPr's. E, a turma D registrou trinta e nove (39) artigos indefinidos e

duzentos e quarenta e seis (246) artigos definidos, ou seja, sete por cento (7%) e quarenta e um (41%) no macrocosmo de 594 FRGPr's.

Em relação às ocorrências nos microcosmos de produção de artigos indefinidos e de artigos definidos, verifica-se, no gráfico 6, uma média de dez por cento (10%) de eventos linguísticos de expressões nominais em que artigos indefinidos estão antepostos a um núcleo nominal numa estratégia de indefinitivização, cuja linha pontilhada de tendência linear indica uma relativa uniformidade de uso desses eventos pelas turmas.

De igual modo, em relação às ocorrências no microcosmo de produção de artigos definidos antepostos a um núcleo nominal como determinantes desse núcleo, verifica-se, no mesmo gráfico 6, uma média geral de quarenta por cento (40%) de ocorrências desses eventos numa estratégia de definitivização. Neste gráfico, uma linha ascendente reporta a utilização de expressões nominais definidas, em que a linha de tendência linear indica que, à proporção que, foram produzidas mais palavras nas redações, mais artigos definidos foram escritos.

Quadro 15 – Resumo de ocorrências de artigos definidos e indefinidos das 4 turmas

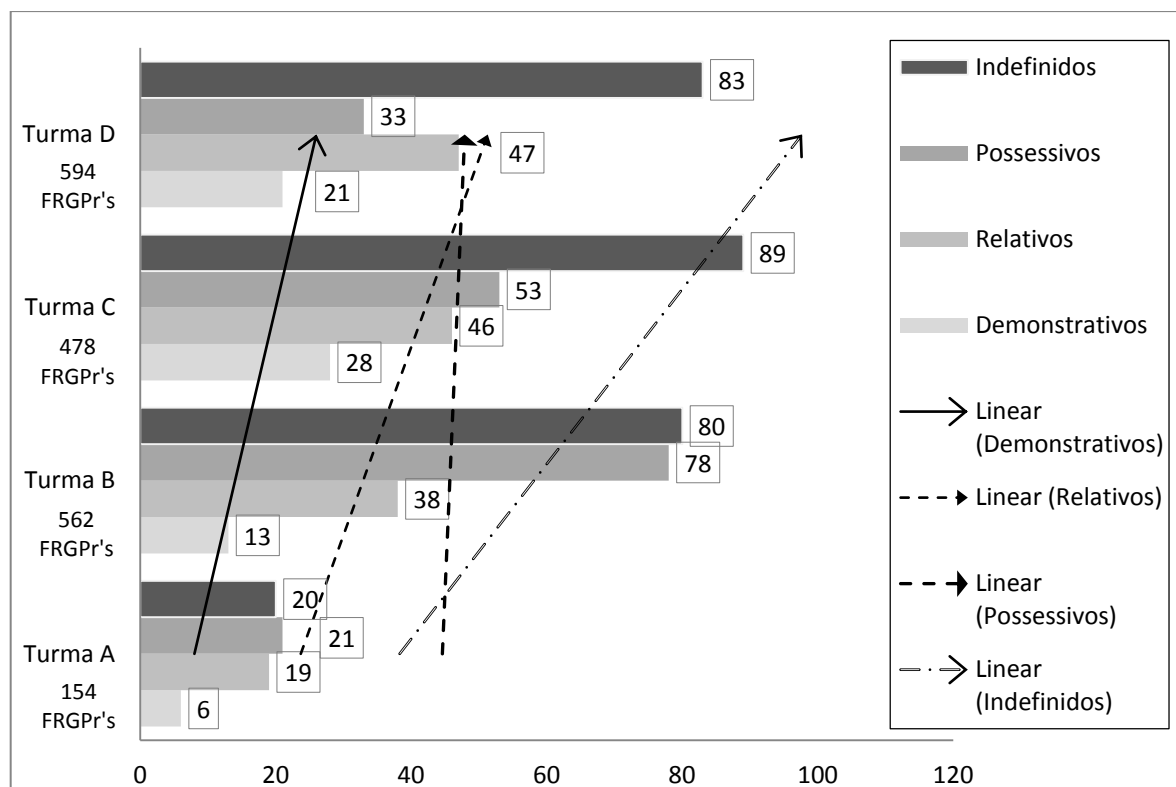
	Turma A (154 FRGPr'S)		Turma B (562 FRGPr'S)		Turma C (478 FRGPr'S)		Turma D (594 FRGPr'S)		MÉDIA DIA das 4 turmas	
	o	%	o	%	o	%	o	%		%
Artigos Definidos	6	6%	12	8%	15	5%	46	1%		0%
Artigos Indefinidos	3	5%	2	1%	3	%	9	%		0%
Produtividade	9	1%	74	9%	48	2%	85	8%		0%

Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

Ressalte-se que, ao serem somados os dois tipos de ocorrências, de artigos indefinidos e de artigos definidos, no universo da produtividade de formas remissivas gramaticais presas referentes a cada turma A, B, C e D, obtém-se a média relativa de cinquenta por cento (50%) de ocorrências dessas formas remissivas, ou seja, cinquenta por (50%) das formas remissivas gramaticais presas produzidas neste *corpus* de pesquisa foram identificadas como artigos definidos, média de 10%, e artigos indefinidos, média de 40%.

Consecutivamente à constatação destes dados, dá-se a análise dos dados quantitativos referentes ao uso de formas pronominais antepostas a um núcleo nominal, conforme registrado no gráfico 7.

Gráfico 7 – Comparativo /produtividade de pronomes adjetivos das turmas A, B, C e D



Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

O gráfico 7 demonstra, comparativamente, a produtividade de pronomes adjetivos enquanto formas remissivas gramaticais presas utilizados pelas quatro (4) turmas, A, B, C, e D. Igualmente à análise dos eventos linguísticos que envolveram artigos indefinidos e definidos, partiu-se de um universo geral de cem por cento (100%) de formas remissivas gramaticais presas produzidas por cada turma, a saber: turma A – de cento e cinquenta e quatro (154); turma B – quinhentas e sessenta e duas (562); turma C – quatrocentas e setenta e oito (478); e, turma D – quinhentas e noventa e quatro (594) ocorrências de formas remissivas presas.

Verificou-se que a turma A redigiu vinte (20) pronomes adjetivos indefinidos ou treze por cento (13%) em relação ao macrocosmo de 100% de cento e cinquenta e quatro (154) formas remissivas gramaticais presas contidas nas redações da turma; vinte e um (21) pronomes possessivos ou quatorze por cento (14%) do macrocosmo; dezenove (19) pronomes relativos, doze por cento (12%); e, seis (6) pronomes demonstrativos, ou seja, quatro por cento (4%). Destaca-se a ênfase no uso de pronomes adjetivos possessivos.

A turma B produziu oitenta (80) pronomes indefinidos, quatorze por cento (14%) do geral; setenta e oito (78) pronomes possessivos, treze por cento (13%) de ocorrências; trinta e oito (38) pronomes relativos, seis por cento (6%); e treze (13) pronomes demonstrativos,

apenas dois por cento (2%) do macrocosmo de quinhentas e noventa e duas (592) ocorrências de formas remissivas presas. Destaca-se a utilização de pronomes adjetivos indefinidos.

A turma C registrou, em um universo de quatrocentos e setenta e oito (478) eventos linguísticos de formas remissivas presas, oitenta e nove (89) pronomes indefinidos ou dezenove por cento (19%) de ocorrências; setenta e oito (78) pronomes possessivos, ou seja, onze por cento (11%); quarenta e seis (46) pronomes relativos, dez por cento (10%) do macrocosmo de formas presas; e, vinte e oito (28) pronomes demonstrativos, seis por cento (6%) das ocorrências com formas remissivas gramaticais presas. Destaca-se a maior ocorrência de pronomes adjetivos indefinidos, tal e qual a turma B.

Por fim, a turma D apresentou, no *corpus* de suas redações, oitenta e três (83) pronomes indefinidos, o equivalente a quatorze por cento (14%) de seu macrocosmo; trinta e três (33) pronomes possessivos, seis por cento (6%) do total; quarenta e sete (47) pronomes relativos, ou seja, oito por cento (8%); e, vinte e um (21) pronomes demonstrativos, cerca de quatro por cento (4%) das ocorrências de formas remissivas presas. Destaca-se, também, o expressivo uso de pronomes adjetivos indefinidos.

Quadro 16 – Resumo de ocorrências de pronomes adjetivos das 4 turmas

	Turma A (154 FRGPr'S)		Turma B (562 FRGPr'S)		Turma C (478 FRGPr'S)		Turma D (594 FRGPr'S)		MÉDIA DIA das 4 turmas
Pronomes	o		o		o		o		%
Indefinidos	0	3%	0	4%	9	9%	3	4%	5%
Possessivos	1	4%	8	3%	3	1%	3	%	1%
Relativos	9	2%	8	%	6	0%	7	%	9%
Demonstrativos		%	3	%	8	%	1	%	4%
									39%

Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

O quadro 16 demonstra de forma resumida os usos das formas remissivas pronominais encontradas nos textos das redações. A análise dos dados quantitativos que se referem ao uso dos pronomes adjetivos enquanto formas remissivas gramaticais presas constata que as turmas A e B mantêm uma média proporcional de quatorze por cento (14%) no uso de pronomes indefinidos e possessivos em suas redações. As turmas C e D demonstram alta produtividade

de pronomes indefinidos, 19% e 14% respectivamente, em relação às ocorrências de pronomes possessivos, 11% para a turma C, e às ocorrências de pronomes relativos, 8% para a turma D. Verificou-se, também, que a turma A manteve um equilibrado uso de pronomes adjetivos indefinidos, possessivos e relativos, com uma média de 13% de ocorrências, em detrimento aos 4% de eventos linguísticos que apresentaram o pronome adjetivo demonstrativo como determinante de uma expressão nominal. Verifica-se, ainda, que as quatro turmas mantiveram um elevado índice percentual de produtividade de expressões nominais que utilizaram pronomes adjetivos indefinidos como determinantes de núcleo nominais numa média de quinze por cento (15%) de ocorrências. Constata-se, portanto, por meio das linhas de tendência de produtividade de pronomes adjetivos representada no gráfico 7, que há uma forte marca ascendente dos pronomes indefinidos, relativos e demonstrativos quando comparados aos macrocosmos da produtividade de formas remissivas gramaticais presas das turmas A (154), B (592), C (478) e D (594), verificando-se uma tendência mais acentuada na produção de formas nominais precedidas por pronomes adjetivos indefinidos.

Conclui-se, portanto, que, após a análise quantitativa de os dados estatísticos sobre as formas remissivas gramaticais presas que compõem as redações do *corpus* de pesquisa e que envolvem a produção textual de alunos do ensino fundamental II, estes alunos demonstraram predileção pelo uso de artigos definidos, de pronomes adjetivos indefinidos e de pronomes adjetivos possessivos na construção de seus textos, quando utilizaram esses artigos e pronomes como determinantes de núcleos nominais na inserção. Isto indica, quantitativamente, em relação às formas remissivas gramaticais presas, que estes alunos detêm conhecimentos linguísticos sobre uso de nominalizações, de pronominalizações e de formas nominais referenciais, conseqüentemente, possuem o mínimo de saberes sobre o uso de estratégias de progressão textual por meio de processos e mecanismos de coesão por referenciação em que são (re)ativados referentes cotextuais e contextuais pela incidência destas formas remissivas na introdução de expressões nominais, quando esses alunos fazem uso das formas remissivas para expressar seus pensamentos na escrita padrão. Cabe-nos, mais adiante, examinar as redações do *corpus* para identificar a qualidade destes usos.

3.2 Análise Quantitativa das Formas Remissivas Livres por Turmas

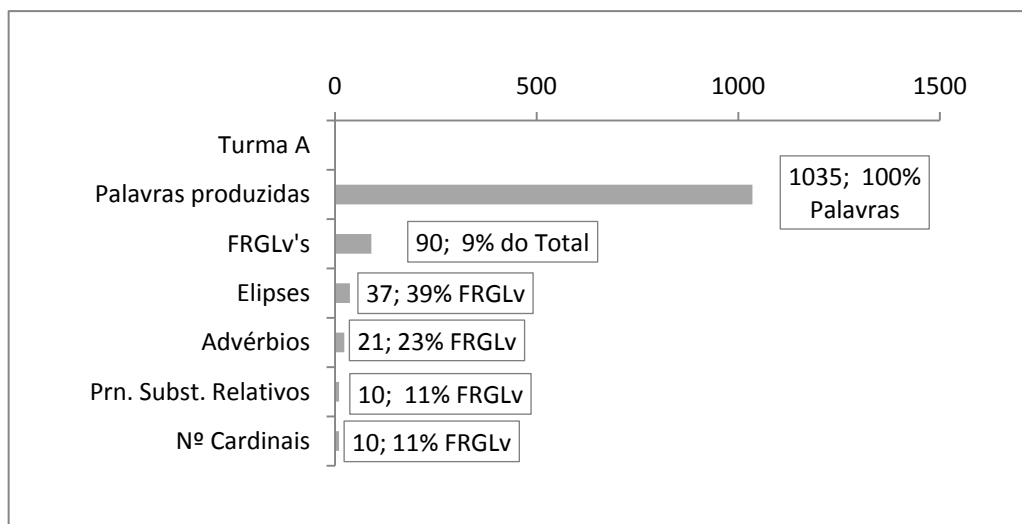
Nesta seção, analisamos os dados quantitativos das formas remissivas gramaticais livres. Partimos da premissa de que, enquanto as formas remissivas gramaticais presas introduzem expressões nominais no cotexto "antecedendo-o e também ao(s) modificador(es) anteposto(s) ao nome dentro do grupo nominal" (Koch, 1989, p.25), as formas remissivas gramaticais livres não acompanham a expressão nominal, mas participam da estratégia de remissão, anafórica ou cataforicamente, reativando outro elemento da superfície do cotexto (Koch, 1989, p.28). Tendo em vista que nosso objetivo é analisar as formas remissivas gramaticais presas e associá-las à análise dos dados qualitativos na seção seguinte, examinaremos as formas remissivas gramaticais livres, outra importante perspectiva para a ratificação de dados qualitativos.

As formas remissivas gramaticais livres, segundo Koch (1989), são constituídas por (1) pronomes pessoais de 3ª pessoa e elipses nominais e pronominais, (2) por pronomes substantivos – demonstrativos do grupo 1 (este, esse aquele, tal, o mesmo) e do grupo 2 (o, isto, isso, aquilo), assim como, (3) pronomes substantivos possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos, (4) numerais cardinais, ordinais, fracionários e multiplicativos, (5) por advérbios "pronominais" que transmitem instruções de sentido ao enunciado, (6) por expressões adverbiais – acima, abaixo, a seguir, assim, desse modo etc, e (7) por formas verbais remissivas ou proformas verbais.

A Turma A com nove (9) alunos produziu um total de mil e trinta e cinco palavras (1.035), destas, noventa (90) foram de inserções de formas remissivas gramaticais livres¹², numa proporção de nove por cento (9%) de ocorrências em relação ao número de palavras produzidas.

¹² Em algumas citações utilizaremos a abreviatura FRGLv para substituir a forma extensiva de forma remissiva gramatical livre.

Gráfico 8 – Produtividade de formas remissivas gramaticais livres da turma A



Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

Na análise dos textos das redações, identificaram-se núcleos de concentração de ocorrências dessas formas livres, conforme gráfico 8: 1º) trinta e cinco (35) ocorrências de elipses, o que implica trinta e nove por cento (39%) das ocorrências totais de FRGLV's; 2º) vinte e uma (21) ocorrências de advérbios, ou seja, vinte e três por cento (23%) do total de ocorrências das formas livres; 3º) dez (10) ocorrências de pronomes substantivos relativos, o que implica em onze (11%) das ocorrências gerais de formas remissivas gramaticais livres; e, 4º) dez (10) ocorrências de numerais cardinais, onze por cento (11%) das FRGLV's.

Constatou-se elevado índice de ocorrências de elipses nominais, visto que esses alunos as utilizaram como estratégia de coesão por referenciação e de progressão referencial nos seus textos, retomando um referente nominal, por meio da omissão destes na sequência textual. De igual modo, verificou-se a concentração de ocorrências de advérbios pronominais que, gramaticalmente, substituem um dado referente no cotexto, e também, de advérbios locativos que remetem os interlocutores do texto a eventos específicos de localização espaço temporal do referente no co(n)texto.

EXEMPLO 36

O lugar onde eu vivo (Crônica)

O lugar onde eu vivo tem muitas ruas, esquinas, pessoas que andam bastante de bicicletas ou a pé, casas com pessoas, pessoas que brigam, cachorros que latem na rua, *que correm atrás dos carros e das pessoas. O lugar onde eu vivo tem crianças que jogam bola na rua, soltam pipas e brigam. Essas crianças dobram aas esquinas e chegam em outra rua.

As ruas aqui são iguais umas as outras. Até o carteiro se confunde e entrega a correspondência na casa errada. Uma vez por outra *encontramos as mesmas pessoas em ruas diferentes e pessoas diferentes nas mesmas ruas. As pessoas são felizes.

Por isso que eu digo que o lugar onde eu vivo é igual aos outros lugares com pessoas, cachorros, bicicletas, brigas e com alegria.

(Redação 3, Turma A)

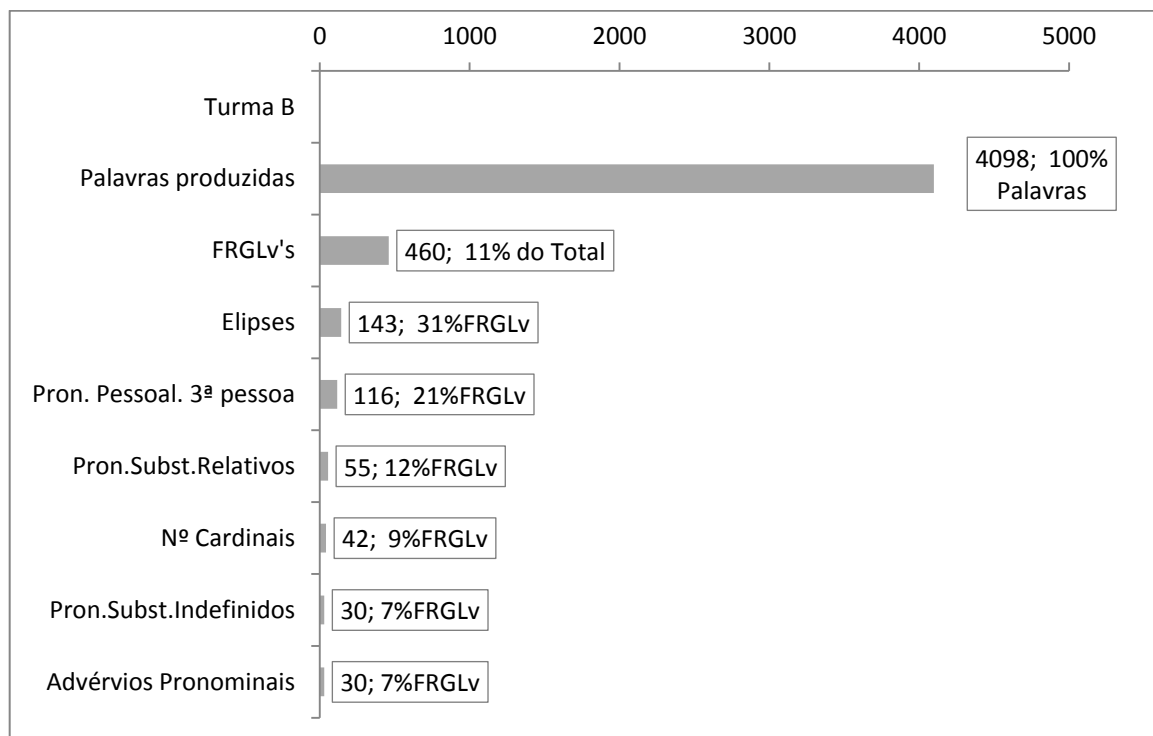
No exemplo 36, a redação 3 demonstra dois tipos de elipses¹³. O primeiro tipo é de elipse nominal, em que ocorre a omissão do sintagma nominal "cachorros", na linha 4 – "cachorros que latem na rua, (*elipse) que correm atrás dos carros e das pessoas". O segundo tipo é de elipse pronominal, em que ocorre a supressão do pronome pessoal reflexivo de 1ª pessoal do plural, "nos", na linha 8 – "Uma vez por outra (*nós) encontramos as mesmas pessoas(...)". Ambos os tipos de elipse retomam referentes textuais que estão presentes no co(n)texto da redação. Na linha 7, a forma remissiva livre "aqui", advérbio pronominal, retoma a expressão nominal "o lugar onde vivo" expresso nas linhas 1, 2 e 4. Há na linha 11 do 3º parágrafo, o pronome substantivo demonstrativo do grupo 2 "isso", que retoma os dois parágrafos anteriores, resumindo-os. Em resumo, os alunos da turma A privilegiaram estratégias de retomada de referente por elipses (39%) e por advérbios pronominais (23%).

A Turma B composta de vinte (20) alunos produziu quatro mil e noventa e oito (4.098) palavras, das quais quatrocentas e sessenta (460) delas eram formas remissivas gramaticais

¹³ Por uma questão didática, convencionou-se destacar os usos de elipses pela marcação de um asterisco no lugar onde ocorrer esses eventos linguísticos de substituição de um referente nominal pelo pronome nulo.

livres, numa proporção de onze por cento (11%) de ocorrências em relação ao número de palavras produzidas.

Gráfico 9 – Produtividade de formas remissivas gramaticais livres da turma B



Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

Estes alunos apresentam a seguinte produtividade de formas remissivas livres em suas redações: 1º) cento e quarenta e três (143) ocorrências de elipses, trinta e um por cento (31%) das ocorrências totais de formas remissivas livres; 2º) cento e dezesseis (116) ocorrências de pronomes pessoais de 3ª pessoa, ou seja, vinte e cinco por cento (25%) de ocorrências em relação ao quantitativo total de FRGLV's; 3º) cinquenta e cinco (55) ocorrências de pronomes substantivos relativos, o equivalente a doze por cento (12%) das ocorrências gerais; 4º) quarenta e duas (42) ocorrências de numerais cardinais, nove por cento (9%) das ocorrências de formas remissivas livres; 5º) trinta (30) ocorrências de pronomes substantivos indefinidos, sete por cento (7%) das formas remissivas gramaticais livres; e, 6º) trinta (30) ocorrências de advérbios pronominais, sete por cento (7%) percentual da FRGLV's.

EXEMPLO 37

O Rio de Janeiro em que eu vivo

As Olimpíadas estão chegando, **vou** receber amigos de fora do país, porém, além de ter de me virar na comunicação com **eles**. Após alguns dias e um mês, **eles** chegaram, **estou** ansioso porém nervoso para começar a mostrar a cidade. Depois de mostrar a praia da Barra, de Copacabana, e todos os outros atrativos, **eles** e perguntaram porque **tudo** esta tão sujo, eu respondi meio sem graça, mais **consegui** uma boa desculpa, bom, pelo menos ao meu ver, eu expliquei que os cidadãos do Rio, são mal educados em relação ao próximo, ou até mesmo ao meio ambiente, obviamente **eles** não se convenceram muito.

Em relação ao povo, **eles** concordaram que **somos** animados, felizes e para quase **todas** as coisas **estamos** sorrindo. **Eles** disseram que o clima apesar de agradável, **eles** disseram que aqui na cidade, há várias mulheres bonitas.

Quando nós estávamos chegando perto de comunidades, **pedi** para que sejam atentos, e que **não** deixem à mostra seus pertences, quando **passamos** desta área de perigo, nós fomos para as olimpíadas assistir a luta de boxe, e ao jogo de futebol.

Quando as Olimpíada tinham chegado ao fim, eu segui com **eles** até ao aeroporto, e todos os meus amigos voltaram para sua terra natal, a Argentina.

(Redação 18, Turma B)

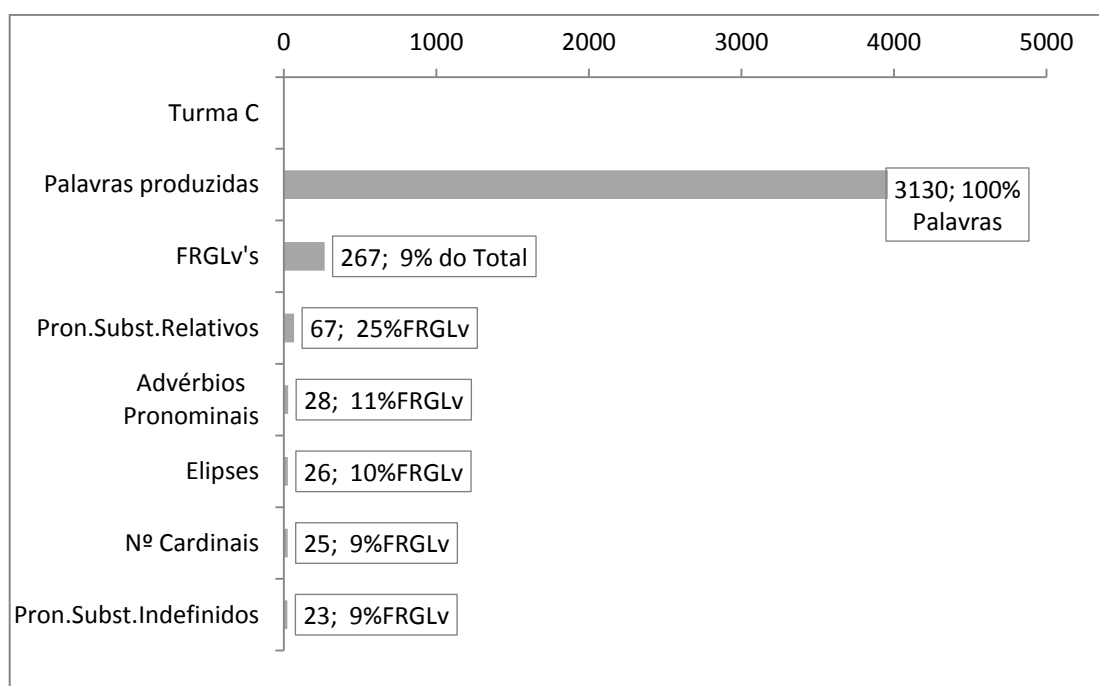
No exemplo 37, a redação 18 demonstra o uso que este aluno fez quando da inserção das formas remissivas gramaticais livres. Ele utilizou de elipses pronominais nas linhas 2, 4, e 7, substituindo o pronome pessoal de 1ª pessoa do singular que remete o interlocutor do texto à personagem aural; e, também, nas linhas 10, 11 e 14, substituindo o pronome de 1ª pessoa do plural que remete o interlocutor do texto. Nas linhas 10 e 11, a elipse retoma os referentes co(n)textuais "o povo" e o autor; na linha 14, a elipse retoma o autor e seus amigos visitantes. De igual modo, o autor utiliza o pronome pessoal de 3ª pessoa do plural nas linhas 3, 4, 6, 9, 10, 11, 12 e 17, que em grande quantidade refere-se aos amigos que visitam o Rio de Janeiro. Visualiza-se nesse texto, apenas, mais uma forma remissiva livre: nas linhas 6 e 11, os

pronomes substantivos indefinido "tudo" e "todas" que, se comparados aos outros acima citados, indicam ocorrências menores.

Conclui-se, portanto, que a turma B enfatiza o uso de elipses – 31% de ocorrências, como uma estratégia de remissão à referente pronominal, o que implica em coesão por referenciação; assim como, um índice elevado de pronomes pessoais de terceira pessoa, 21%, indicando o uso corrente de estratégias de remissão anafórica ou catafórica, a referentes do co(n)texto das redações.

A Turma C é constituída de vinte e cinco (25) alunos, os quais produziram três mil, cento e trinta (3.130) palavras, das quais duzentas e sessenta e sete (267) delas são formas remissivas gramaticais livres, o equivalente a nove por cento (9%) do total de ocorrências de palavra redigidas por esses alunos em suas redações.

Gráfico 10 – Produtividade de formas remissivas gramaticais livres da turma C



Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

Os alunos da turma C apresentam os seguintes índices de produtividade de formas gramaticais livres: 1º) sessenta e sete (67) ocorrências de pronomes substantivos relativos, o que equivale a vinte e cinco por cento (25%) do total das formas remissivas livres redigidas por esses alunos; 2º) vinte e oito (28) ocorrências de advérbios pronominais, ou seja, onze por cento (11%) das formas remissivas livres produzidas; 3º) vinte e seis (26) ocorrências de elipses, dez por cento (10%) das formas remissivas presentes nos textos; 4º) vinte e cinco (25)

ocorrências de numerais cardinais, implicando em nove por cento (9%) dessas ocorrências na totalidade das FRGLv's nos modelos textuais; e, 5º) vinte e três (23) ocorrências de pronomes substantivos indefinidos, o que equivale a nove por cento (9%) do total das formas remissivas gramaticais livres.

EXEMPLO 38

O Rio de Janeiro em **que** eu vivo

No ano de **1.502** por uma expedição de portugueses, comandada pelo senhor Gaspar de Lemos chegaram em uma grande baía **que** ***batizou** como o nosso maravilhoso Rio de Janeiro. É **lá** se estabeleceram os portugueses, e logo após os Franceses, **eles** gostavam de competir com os portugueses e portanto gerava brigas e intrigas durante anos e anos.

Logo após, os colonos vieram se habitar e explorar o Rio, e no ano de **1555**, depois de muitas e muitas lutas os Franceses foram embora. No final do séc **XVII** o nosso maravilhoso Rio de Janeiro, entrou em uma crise econômica, logo depois se resolveu **tudo** e os portugueses e colonos trouxeram café e depois começaram a construir casas, prédios, empresas, lojas, mercados ai começaram a criar essas maravilhas de pontos turísticos como: o nosso maracanã, copacabana, ipanema e o teleferico do Alemão e **assim** ***estamos** hoje vivendo neste lindo lugar **que** eu me orgulho de morar.

(Redação 30, Turma C)

No exemplo 38, a redação 18 apresenta as ocorrências de uso das formas remissivas gramaticais livres da turma C, na qual analisamos os eventos linguísticos de referência conforme a ordem percentual no gráfico 10 da produtividade dessa turma.

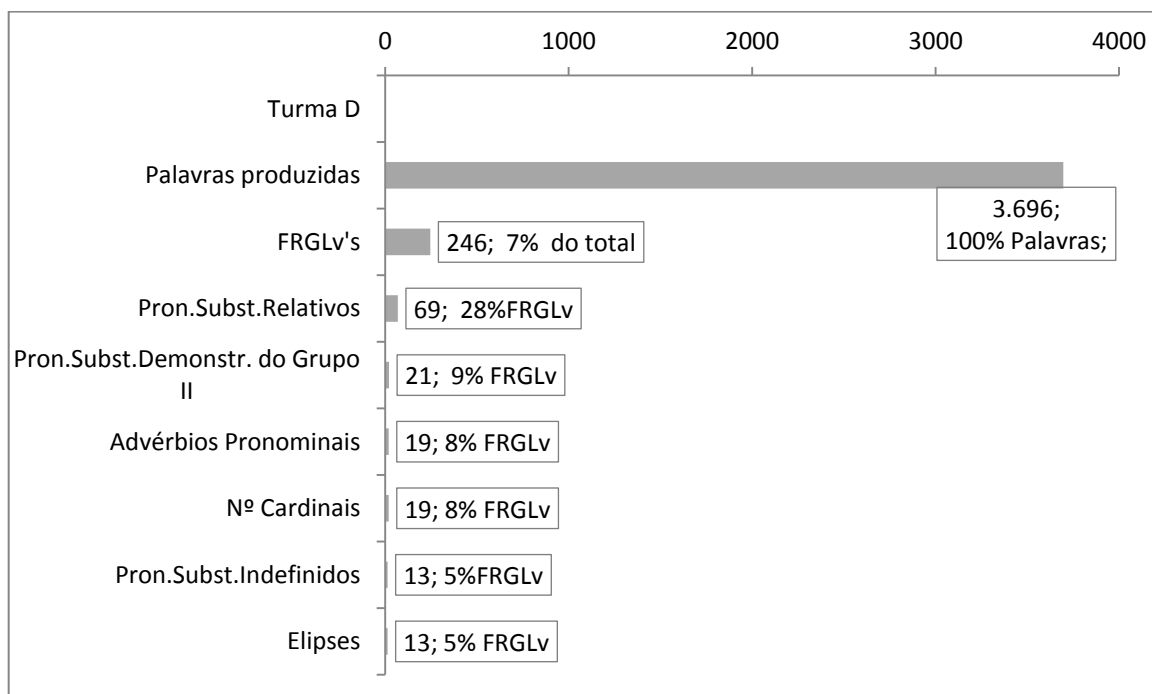
Verifica-se o pronome substantivo relativo "que" ocorre nas linhas 1, 3 e 14, retomando as formas nominais "o Rio de Janeiro", "uma grande baía" e "neste lindo lugar", respectivamente. Há uma ocorrência de advérbio pronominal na linha 4 – "lá", que se retoma "o nosso maravilhoso Rio de Janeiro", referente nominal que o antecede; e, na linha 13, uma forma remissiva dêitica, "assim", que faz referência à exposição contida nas linhas anteriores, de 8 a 13. O autor da redação insere elipses pronominais ou pronome nulo(*) na linha 3 em substituição ao pronome de 3ª pessoa; e, na linha 13, substituindo a pronome de 1ª pessoa do

plural, nós. O aluno autor insere numerais cardinais nas linhas 2, 8 e 9 numa estratégia de referenciação dêitica em que esses numerais indicam um contexto espaço-temporal exofórico, mas de retomada cognitiva pelos interlocutores do texto que detém informações sobre a constituição histórica da cidade do Rio de Janeiro. O aluno ainda insere em seu texto pronome substantivo indefinido na linhas 10 – tudo, que realiza uma retomada anafórica sumarizando o contexto histórico das linhas 2 a 10.

Assim, constatou-se o equilíbrio dessa turma C ao utilizar as formas remissivas livres para manter a progressão referencial do discurso apresentado no texto de suas redações. Essa turma C demonstra equilíbrio no uso das FRGLV's. No entanto, enfatiza a utilização dos pronomes substantivos relativos para a manutenção e a retomada de referentes textuais e para a coesão e a progressão textual por referenciação.

A Turma D é composta de vinte e dois alunos (22) alunos, os quais produziram três mil, seiscentos e noventa e seis (3.696) palavras na escrita de suas redações, quando redigiram duzentas e quarenta e seis (246) formas remissivas gramaticais livres, num percentual de sete por cento (7%) das ocorrências gerais destas formas remissivas.

Gráfico 11 – Produtividade formas remissivas gramaticais livres da turma D



Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

Verificou-se que, no gráfico 11, esta turma D utilizou as seguintes formas remissivas gramaticais livres: 1º) sessenta e nove (69) ocorrências de pronomes substantivos relativos,

numa proporção de vinte e oito (28%) da totalidade formas livres redigidas; 2º) vinte e uma (21) ocorrências de pronomes substantivos demonstrativos do Grupo 2, ou seja, nove por cento (9%) percentuais das ocorrências de formas remissivas; 3º) dezenove (19) ocorrências de advérbios pronominais, e de numerais cardinais, o que implica em oito por cento (8%) das formas remissivas livres escritas nos modelos textuais 4º) treze (13) ocorrências de pronomes substantivos indefinidos e de elipses, respectivamente, o que equivale a cinco por cento (5%) das formas remissivas gramaticais livres nos textos desses alunos.

EXEMPLO 39

O Rio de Janeiro em **que** eu vivo.

O Rio de Janeiro e minha vida adoro o Rio. Tem lugares lindos, maravilhosos, etc... mais o nosso Brasil não tem muita higiene, tem pessoas que são nojentas e ***sem** educação o exemplo: praias, sujas ruas, calçadas, etc...

Tambem o governo, ***queremos** melhorias nas escolas conseva os brinquedos conseva os nossos ar-condicionados melhorar o salario e professores, bombeiros, ou aleás **eles** nem tão recebendo mais mesmo **assim** almento do salario e também almentar o salario de todo o funcionario publico. e **aqui** no Rio também tem muito preconceito, racismo so pela cor da pele da pessoa mais mesmo **assim** ***somos** **todos** iguais podia não ter esse preconceito chato!. e ter mais melhorias no morro campo de futebol quadra lugar esportivo natação **tudo** **isso** para nosso Rio melhor.

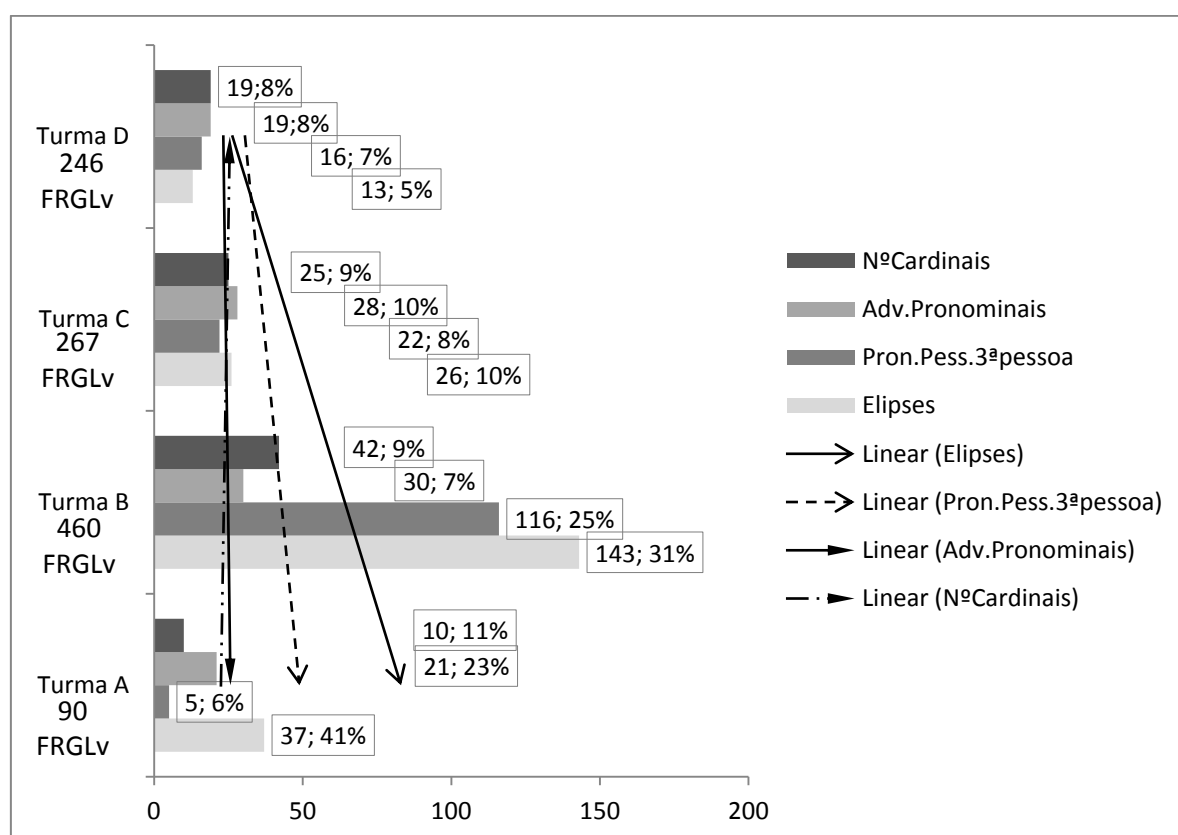
(Redação 61, Turma D)

No exemplo 39, a redação 61 apresenta ocorrências de pronomes substantivos: a) o relativo "que", na linha 1, que se refere a "Rio de Janeiro"; b) o demonstrativo do grupo 2 "isso", na linha 13, que retoma e sumariza todo o enunciado anterior das linhas 6 a 11; e, c) o indefinido "todos", na linha 11, que retoma referente no contexto exofórico – "pessoas do Rio de Janeiro"; e também, o indefinido "tudo" na linha 13, retomando os sintagmas nominais do enunciado imediatamente anterior. Apresenta ocorrência de pronome pessoal de 3ª pessoa, na linha 8, que retoma as expressões nominais "professores" e "bombeiros" na oração anterior; de elipse pronominal, nas linhas 6 e 11, que substituem o pronome pessoal de 1ª pessoa do

plural, assim como, uma elipse verbal na linha 4 que substitui o verbo ser, conjugado na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo – "são", inserido anteriormente no enunciado.

Constatou-se, portanto, que a turma D utiliza amplamente os pronomes substantivos relativos, 28% de ocorrências quando comparadas aos pronomes substantivos demonstrativos do grupo 2, conforme o gráfico 11, para a manutenção e a retomada de referentes textuais e para a coesão e a progressão textual por referenciação.

Gráfico 12 – Comparativo /produtividade de formas remissivas gramaticais livres (1) das turmas A, B,C e D



Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

O gráfico 12 apresenta uma análise comparativa da produtividade de formas remissivas gramaticais livres que foram utilizadas pelos alunos das quatro (4) turmas, A, B, C, e D, a saber: elipses nominais, pronominais e verbais, pronomes pessoais de 3ª pessoa, advérbios pronominais e numerais cardinais. A análise percentual desses eventos linguísticos partiu de um macrocosmo de cem por cento (100%) de ocorrências dessas formas livres textualizadas por cada turma, a saber: a turma A – noventa (90) ocorrências de formas gramaticais livres; turma B – quatrocentos e sessenta (460); a turma C – duzentas e sessenta e

sete (267); e, a turma D – duzentas e quarenta e seis (246) ocorrências de formas remissivas livres.

Constatou-se que a turma A produziu trinta e sete (37) elipses, ou seja, quarenta e um por cento (41%) do total das ocorrências noventa (90) ocorrências de formas remissivas gramaticais livres inseridas nas redações dessa turma; cinco (5) pronomes pessoais de 3ª pessoa, ou seja, seis por cento (6%) do mesmo macrocosmo; vinte e um (21) advérbios pronominais, equivalente a vinte e três por cento (23%); e, dez números (10) cardinais ou onze por cento (11%) das formas remissivas livres. Essa turma, conforme o gráfico 12, privilegiou o uso das elipses (41%) como estratégia de coesão por referência em processos de retomada do referente textual nos textos que produziram.

A turma B, conforme o gráfico 12, redigiu cento e quarenta e três (143) elipses, o equivalente a trinta e um por cento (31%) do total de quatrocentas e sessenta (460) formas remissivas livres inseridas nas redações desses alunos; cento e dezesseis (116) pronomes pessoais de 3ª pessoa, vinte e um por cento (25%) do cômputo geral de formas livres; trinta (30) ocorrências de advérbios pronominais, ou sete por cento (7%) da totalidade de formas livres; e, quarenta e duas (42) inserções de números cardinais, ou seja, nove por cento (9%) da totalidade. Esta turma B, portanto, destaca-se no uso de elipses (31%) e de pronomes pessoais de 3ª pessoa (25%) em constantes processos de retomada e de remissão a referentes co(n)textuais.

A turma C apresentou em seus textos vinte e seis (26) elipses, ou dez por cento (10%) de um total de duzentas e sessenta e sete (267) ocorrências de formas livres; vinte e duas (22) ocorrências de pronomes pessoais de 3ª pessoa, ou seja, oito por cento (8%) do total; vinte e oito (28) de advérbios pronominais, o mesmo que dez por cento (10%) da totalidade; e, vinte e cinco eventos (25) eventos de numerais cardinais, o equivalente a nove por cento (9%) de todas as ocorrências de formas remissivas livres. Constata-se que esta turma B fez uso proporcional de elipses (10%) e de advérbios pronominais (10%) em processos de retomada e de remissão a referentes contextuais tanto endofóricos quanto exofóricos, e que manteve uma média geral de nove por cento (9%) de ocorrências de formas remissivas livres.

A turma D, por seu turno, a partir de um macrocosmo de duzentas e quarenta e seis (246) ocorrências de formas remissivas gramaticais livres, utilizou-se de treze (13) eventos de elipses, ou cinco por cento (5%) do total de ocorrências; de dezesseis (16) pronomes pessoais de 3ª pessoa, ou seja, sete por cento (7%) do total; dezenove eventos de advérbios pronominais, o que equivale a oito por cento (8%); e, dezenove (19) inserções de numerais cardinais, ou seja, oito por cento (8%) da totalidade de eventos linguísticos contendo formas

remissivas gramaticais livres. Observou-se, portanto que a turma D, conforme o gráfico 12, manifestou um equilíbrio percentual na utilização dessas formas remissivas livres em uma média equitativa de sete por cento (7%) dessas ocorrências em estratégias, ora de retomada, ora de remissão de referentes nominais e pronominais nos co(n)textos de suas redações.

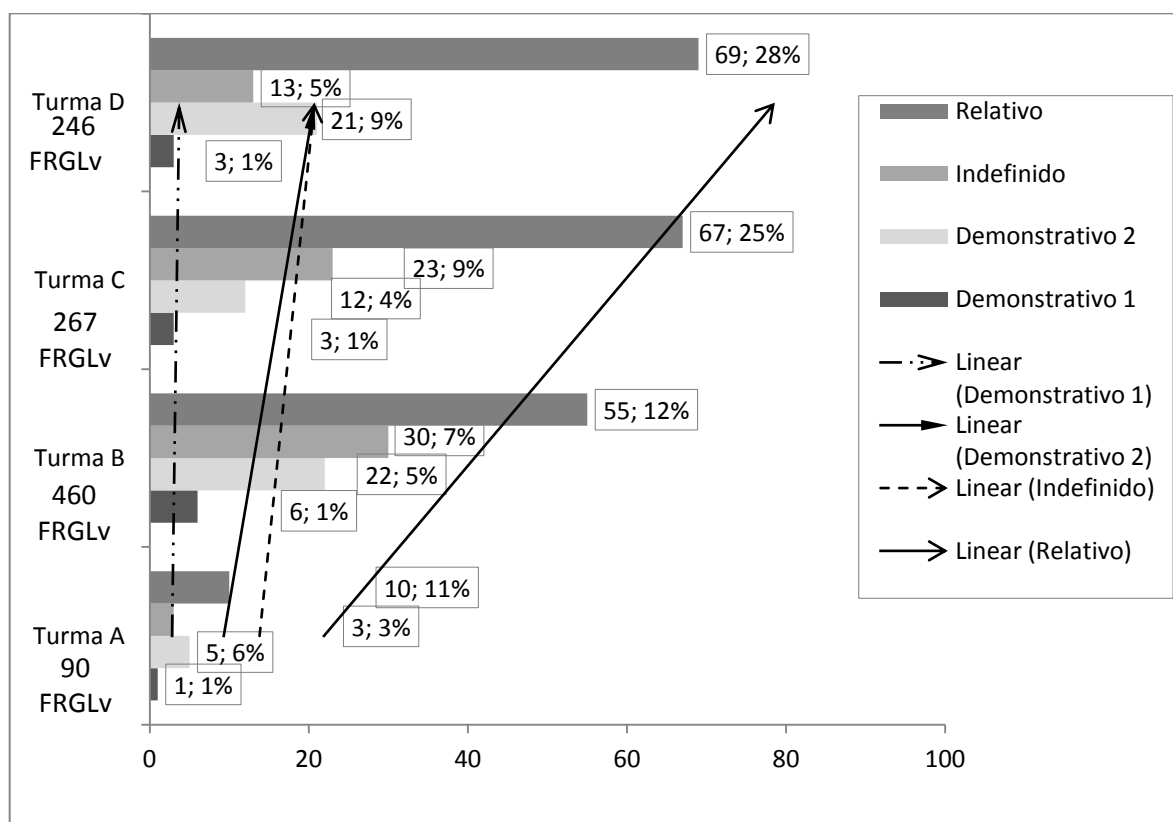
As linhas de tendências no gráfico 12 demonstram que, não existe uma relação diretamente proporcional entre a produtividade de formas remissivas gramaticais livres das quatro turmas A, B, C, e D nas redações examinadas e a quantidade de formas remissivas livres utilizadas por cada turma.

Quadro 17 – Resumo (1) de ocorrências formas remissivas gramaticais livres nas 4 turmas

	Turma A (90 FRGLv's)		Turma B (460 FRGLv's)		Turma C (267 FRGLv's)		Turma D (246 FRGLv's)	
Eventos	o		o		o		o	
Elipses	7	9%	43	1%	6	0%	3	%
Pron.Pess. 3ª pessoa		%	16	1%	2	%	6	%
Adv. Pronominais	1	3%	0	%	6	8%	9	%
Nº cardinais	0	1%	2	%	5	%	9	%

O quadro 17 resume os dados numéricos e percentuais a fim de que se visualize as trajetórias das linhas de tendência do gráfico 12, bem como, se visualiza as perspectivas pelas quais se conclui que não há a influência direta no aumento ou diminuição da inserção de formas remissivas gramaticais livres em um maior ou menor universo de palavras escritas pelos alunos em suas redações. Logo, parcialmente, se conclui que a quantidade de palavras ou das formas remissivas livres produzidas e analisadas até aqui diminuirá ou aumentará, de acordo com o projeto-de-dizer do autor-escritor do texto da redação, proporcionalmente, ao uso qualitativo que este autor quer dar a seu discurso diante dos interlocutores do seu texto, ou o teor das pistas referenciais que ele deseja implementar a um referente nominal com o qual pretende interagir sociocognitivamente com seus leitores.

Gráfico 13 – Comparativo de produtividade de FRGLV's (2) das turmas A, B,C e D



Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

O gráfico 13 complementa a análise de dados das formas remissivas gramaticais livres focalizando os pronomes substantivos: os demonstrativos do grupo 1 que concordam em gênero e número com o seu referente; os demonstrativos do grupo 2 que tendem a sumarizar orações, enunciados e parágrafos anteriores a esses pronomes; os indefinidos que remete os interlocutores a um referente no co(n)texto; e, relativos que aludem a forma remissiva a referente imediatamente anterior a eles. Esta análise comparativa também levou em consideração tanto o universo de palavras produzidas por cada turma, como o macrocosmo de formas remissivas pronominais inseridas nos textos das redações dessas turmas.

A turma A contabilizou uma (1) ocorrência de pronome substantivo demonstrativo do grupo 1, ou seja, um por cento (1%) do macrocosmo de noventa (90) formas remissivas gramaticais livres; cinco (5) ocorrências de demonstrativos do grupo 2, equivalente a seis por cento (6%); três (3) ocorrências de pronomes indefinidos, três por cento (3%) do total; e, dez (10) ocorrências de pronomes relativos, o que equivale a onze por cento (11%) da totalidade de inserções de formas remissivas gramaticais livres. Constatou-se que, essa turma A

privilegiou o uso de pronomes substantivos relativos (11%) em processos de remissão e de coesão referencial.

A turma B redigiu seis (6) pronomes demonstrativos do grupo 1, um por cento (1%) do macrocosmo de quatrocentas e sessenta (460) FRGLv's; vinte e dois (22) demonstrativos do grupo 2, ou seja, cinco por cento (5%) do macrocosmo; trinta (30) indefinidos, sete por cento (7%) do total; e, cinquenta e cinco (55) pronomes relativos, o equivalente a doze por cento (12%) das ocorrências de formas remissivas livres inseridas nos textos dessa turma B. Essa turma também privilegiou o uso de pronomes relativos (12%) em suas estratégias de retomada de referentes co(n)textuais.

A turma C produziu três (3) pronomes demonstrativos do grupo 1, cerca de um por cento (1%) do macrocosmo de duzentos e sessenta e sete (267) inserções de formas remissivas gramaticais livres em seus textos; doze (12) ocorrências de demonstrativos do grupo 2, quatro por cento (4%) do macrocosmo; vinte e três (23) eventos de pronomes indefinidos, nove por cento (9%); e, sessenta e sete (67) ocorrências de formas remissivas livres, ou seja, vinte e cinco por cento (25%) do total de ocorrências de FRGLv's. De igual modo, essa turma C privilegia o uso de pronomes relativos (25%) em seus processos de coesão por referenciação.

A turma D inseriu três pronomes demonstrativos do grupo 1, um por cento do macrocosmo de duzentas e quarenta e seis (246) ocorrências de formas remissivas livres em suas redações; vinte e uma (21) de demonstrativos do grupo 2, cerca de nove por cento (9%); treze (13) de indefinidos, cinco por cento (5%) do total dessas ocorrências; e, sessenta e nove (69) inserções de pronomes relativos, ou seja, vinte e oito por cento (28%) de ocorrências de formas remissivas gramaticais livres. Isto indica que a turma D, também privilegiou a inserção de pronomes relativos como estratégia de coesão por referenciação, ainda que o de forma simples.

As linhas de tendências no gráfico 13 evidenciam que, existe uma correlação diretamente proporcional entre a produção de palavras das turmas A, B, C, e D, entre a produtividade total de formas remissivas gramaticais livres das quatro turmas, e entre as inserções de pronomes substantivos nas redações examinadas.

O quadro 18 abaixo sumariza as relações de produtividade de pronomes substantivos em relação diretamente proporcional às linhas de tendências contidas no gráfico 13.

Quadro 18 – Resumo (2) de ocorrências formas remissivas gramaticais livres nas 4 Turmas

	Turma A (90 FRGLv's)		Turma B (460 FRGLv's)		Turma C (267 FRGLv's)		Turma D (246 FRGLv's)	
Eventos/ Pronomes	o		o		o		o	
Relativo	0	1%	5	2%	7	5%	9	8%
Demonstrativo Gr.2		%	2	%	2	%	1	%
Indefinido		%	0	%	3	%	3	%
Demonstrativo Gr.1		%		%		%		%

Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

No quadro 18, visualiza-se o índice percentual de cada turma A, B, C, e D quanto à utilização de pronomes substantivos como formas remissivas gramaticais livres que integram as estratégias e processos de coesão por referenciação nos textos das redações do *corpus* de pesquisa. Confirma-se que todas as turmas apresentam um maior índice de utilização de pronomes substantivos relativos numa proporção que alcança a média de duas (2) a três (3) vezes mais ocorrências de pronome relativo comparada aos usos dos outros pronomes inseridos nos textos. Os dados, também, ratificam, num segundo momento, que as turmas A e D utilizam pronomes demonstrativos do grupo 2 e que as turmas B e C enfatizam o uso de pronomes indefinidos.

Ratifica-se, portanto, pelo somatório das ocorrências de pronomes substantivos, que a pronominalização é a estratégia de remissão a referentes textuais mais recorrentes utilizadas por estes estudantes na composição do seu projeto-de-dizer nos textos analisados, ou seja, uma estratégia de "substituição mínima" na qual sintagmas nominais definidos ou indefinidos são substituídos no contexto das redações por elementos pronominais, anafórica ou cataforicamente, e também, por elipses ou pronomes nulos que retomam o referente no texto desses alunos.

Conclui-se que há três formas remissivas gramaticais livres mais utilizadas pelas quatro (4) turmas na redação de seus modelos textuais que compõem este *corpus* de pesquisa. Em primeiro lugar, a elipse, conforme quadro 17, enquanto mecanismo de coesão por referenciação a uma expressão nominal, verbal ou frasal, a princípio substituindo estes referentes textuais por um elemento zero (\emptyset) subentendido na superfície do texto ou no contexto do enunciado compartilhado pelos interlocutores do modelo textual. Em segundo

lugar, o uso recorrente de pronomes substantivos relativos, conforme quadro 18, que remetem o interlocutor do texto a um referente que o antecede imediatamente. E, em terceiro lugar, a ocorrência dos pronomes substantivos indefinidos, conforme quadro 18, que remete o interlocutor a um referente textual, invariavelmente, de 3ª pessoa.

A análise quantitativa das ocorrências de formas remissivas gramaticais livres e presas nas redações de quatro (4) turmas do ensino fundamental de II do Rio de Janeiro nos permite construir um quadro 19 que resume os dados coletados do *corpus* de pesquisa, os quais respondem ao questionamento inicial – que formas remissivas gramaticais são mais constantes na produção textual desses alunos do ensino fundamental II, mesmo em diferentes escolas e de diferentes professores.

Quadro 19 – Produtividade geral formas remissivas gramaticais das 4 Turmas

	Quantidade de palavras		Formas Remissivas Presas		Formas Remissivas Livres		Total de formas remissivas gramaticais	
	o	%	o	%	o	%	o	%
Turma A	.035	00%	54	5%	0	%	244	2%
Turma B	.098	00%	62	4%	60	1%	122	5%
Turma C	.130	00%	78	5%	67	%	145	4%
Turma D	.696	00%	94	6%	46	%	140	2%

Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

Afirma-se que os dados numéricos e os dados percentuais quantitativos resultantes da análise dessas redações forneceram tendências sobre as relações combinatórias entre o número total de palavras escritas pelas quatro turmas e a produção de formas remissivas gramaticais, numa relação tanto direta quanto inversamente proporcional ao percentual de palavras redigidas. Assim sendo, constata-se que, em primeiro lugar, independentemente, da localidade da escola ou do regente de turma, esses alunos redigiram uma média de vinte e quatro por cento (24%) de formas remissivas gramaticais, conforme o quadro 20, a seguir.

Quadro 20 – Produtividade / Principais ocorrências de FRGPr's & FRGL's das 4 Turmas

Total de palavras produzidas	1.035		4.098		3.130		3.696		
	Turma A (154 FRGPr's)		Turma B (562 FRGPr's)		Turma C (478 FRGPr's)		Turma D (594 FRGPr's)		MÉDIA (%) das 4 turmas
	o		o		o		o		%
Artigos Definidos	6	6%	12	8%	15	5%	46	1%	0%
Pron. Adjetivos Indefinidos	0	3%	0	4%	9	9%	3	4%	5%
Pron. Adjetivos Possessivos	1	4%	8	3%	3	1%	3	%	1%
	Turma A (90 FRGLv's)		Turma B (460 FRGLv's)		Turma C (267 FRGLv's)		Turma D (246 FRGLv's)		MÉDIA (%) das 4 turmas
Elipses	7	9%	43	1%	6	0%	3	%	1%
Pron. 3ª pessoa		%	16	1%	2	%	6	%	1%
Pron. Substantivo Relativo	0	1%	5	2%	7	5%	9	8%	9%
Pron. Substantivo Demonstrativo Gr.2		%	2	%	2	%	1	%	%

Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

Em segundo lugar, constata-se, com base no quadro 20, que todas as quatro (4) turmas tem uma produtividade média relativa à inserção de formas remissivas gramaticais presas compostas de 1º) quarenta por cento (40%) de inserções de artigos definidos, o que indica a utilização de estratégias de referenciação por introdução de expressões nominais definidas ou processos de definitivização; 2º) quinze por cento (15%) de introdução de pronomes adjetivos indefinidos e onze por cento (11%) pronomes adjetivos possessivos à esquerda de núcleos nominais na função de determinantes desses núcleos numa composição mínima de PreDet + Det + núcleo do SN.

Em terceiro lugar, constata-se que, estas quatro (4) turmas têm uma produtividade média relativa à inserção de formas remissivas gramaticais livres compostas de 1º) utilização de vinte e um por cento (21%) de elipses nominais, pronominais ou verbais ou inserção de pronome nulo em substituição a referentes nominais em processos de retomada de referentes

nominais do co(n)texto das redações; 2º) utilização de onze por cento (11%) de pronomes pessoais de 3ª pessoa em processos de retomada de referentes ou manutenção da progressão coesiva pela estratégia de substituição desses referentes no texto; 3º) dezenove por cento (19%) no uso de pronomes substantivos relativos em processos de retomada de referentes nominais imediatamente anteriores aos pronomes; 4º) utilização de seis por cento (6%) no uso de pronomes substantivos demonstrativos do grupo 2 (o, isso, isto, aquilo) que serviram aos autores das redações em processos de sumarização de orações, enunciados e até mesmo parágrafos inteiros dos textos de suas produções textuais.

Desta forma, justifica-se a relevância em analisar, quantitativamente, os eventos linguísticos de coesão por referenciação que compõem a produção textual de alunos do ensino fundamental II. O objetivo é perceber os usos das estratégias de introdução, retomada e manutenção de referentes nominais por meio de processos específicos de inserção de formas remissivas gramaticais presas e formas remissivas gramaticais livres que se unem às estruturas sintagmáticas gerando formas e expressões nominais que permitem a interação sociointeracional dos interlocutores dessas redações.

A seção seguinte analisará a qualidade dos usos dessas estratégias por meio da inserção das respectivas formas remissivas gramaticais presas e livres.

3.3 Análise Qualitativa das Formas Remissivas Gramaticais e das Formas Remissivas Lexicais em Expressões Nominais

Examinaremos, nesta seção, a qualidade das ocorrências de formas remissivas gramaticais presas e livres nas expressões nominais redigidas nos modelos textuais contidas no *corpus* de pesquisa. Primeiro, porque identificamos na análise quantitativa dessas formas presas que elas prevalecem sobre as demais formas remissivas presas pelo alto índice de ocorrência em expressões nominais introduzidas por artigos definidos e indefinidos. Segundo, porque entendemos que estas duas formas, remissivas presas e remissivas livres, conduzem processos de progressão referencial e de coesão por referenciação. E, por fim, porque entendemos que ambas as formas remissivas constroem uma terceira forma remissiva – a forma remissiva lexical que auxilia na coprodução textual entre os interlocutores do enunciado textual promovendo a interação sociodiscursiva dos interactantes, e consequente, melhor qualidade na produção textual.

3.3.1 – A Estrutura das Expressões Nominais

As formas remissivas gramaticais presas e as formas remissivas gramaticais livres, invariavelmente, introduzem referentes no modelo textual a partir de ativação ancorada. Isto acentua o caráter funcional destas formas remissivas como "determinantes" na composição de sintagmas ou expressões nominais. Exploraremos a remissão e a retomada do referente ao cotexto textual por meio da introdução de expressões nominais definidas, indefinidas e por pronomes.

Koch (2001 /2003) apresenta uma fórmula bem simples para reconhecermos as "configurações que podem assumir as expressões referenciais definidas em português" (p.87), conforme o Quadro 21, que apresenta os determinantes como aqueles elementos linguístico-discursivos que ficam à esquerda do núcleo nominal, acompanhados ou não de modificadores.

Segundo Koch (2003, p.87), os determinantes podem ser artigos definidos e pronomes substantivos demonstrativos. O primeiro é forma remissiva gramatical presa; o segundo, forma remissiva gramatical livre.

Quadro 21 – Estrutura de expressões nominais com determinantes

Determinante (Det)	+Nome		
Determinante (Det)	+ Modificador(es)		
		+Nome	+modificador(es)
Determinante	= Artigo Definido		
	= Demonstrativos		
Modificador(es) (Modf)	= Adjetivo (Adj.)		
	= SP (= sintagma preposicional)	=	Oração relativa (Or.Rel.)

Fonte: PERINI, 2010, p.261; KOCH, 2003, p.87.

Segundo Perini (2010, p.260), estes determinantes são "elementos pré-nucleares", que obedecem a uma ordenação básica composta de predeterminantes – artigos definidos ou indefinidos; determinantes – pronomes adjetivos possessivos, pronomes adjetivos indefinidos, pronomes adjetivos possessivos sintéticos; quantificadores /numeral; e, modificadores – sintagma adjetival, sintagma preposicional ou oração relativa.

Quadro 22 – Estrutura de expressões nominais com predeterminantes e com determinantes

	Det ¹ PreDet	Det ²	Det ³	Modificador (SAdj., SPrep, Or. Relativa)	Nome /substantivo	Modificador (SAdj., SPrep, Or. Relativa)
(1)	O	meu			sonho	é um dia sair do complexo (SVerbal)
(2)	A			linda	Baía	de Guanabara (SPrep)
(3)	Os		primeiros		jogos	começaram (SVerbal)
(4)	Uma	outra		linda	tarde	

Fonte: SANTIAGO FILHO, UERJ /Dissertação, 2017.

EXEMPLO 40

Araruama (Crônica)

Em um domingo ensolarado¹, recebi um convite das minhas amigas² para irmos a Lagoa de Araruama³, a melhor da região dos lagos, aonde todos podem ir sem medo de pegar uma doença⁴, etc.

Aqui a lagoa tem a água clarinha, não tem sujeiras, todos por aqui colaboram bem com a limpeza da nossa lagoa e dos rios também, o mais preocupado com isso é o nosso prefeito. A saúde aqui também é boa, não existe fila para marcação de médicos, os pronto socorro é o nº 1 de referência. Na educação, essa sim, dispensa comentários, referência do estado (...)

(Redação 1, Turma A – fragmento).

No exemplo 40, identificam-se três sintagmas nominais – SN, os quais Koch (2003) chama de "expressões nominais definidas" ou "descrições definidas" que se caracterizam "pelo fato de o locutor operar uma seleção, dentre as propriedades atribuíveis a um referente, daquela(s) que, em dada situação discursiva", torna-se relevante para efetivar a interação sociocognitiva, ativando referentes compartilhados entre os interactantes no discurso.

O primeiro – "Em um domingo ensolarado", na linha 2, e o terceiro – "para irmos a Lagoa de Araruama", nas linhas 2 e 3 sintagmas são precedidos por uma preposição – em, que transmite a noção de interioridade, no primeiro caso; e, a preposição – para, que traduz a noção de movimento "em direção a" ou de "finalidade". O segundo SN – "um convite das minhas amigas", precedido por artigo indefinido. Todos três SN's obedecem ao paradigma proposto por Koch (2013) – Determinante(s) / Det + Modificador(es) / Modf + Nome / N +

Modificador(es) / Modf., ou seja: Det¹ e Det², artigo indefinido masculino um; Det³, artigo definido feminino a + (sem modificadores) + N¹, domingo / N², convite / N³, lagoa + Modf¹, ensolarado (sintagma adjetivo) / Modf², das minhas amigas (SPrep) / Modf³, de Araruama (SPrep), conforme registro subscrito no exemplo 40.

Perini (2010) aprofunda os pressupostos sobre o posicionamento dos constituintes ou termos de um sintagma nominal. Afirma que existem apenas dois predeterminantes no português brasileiro: todos e ambos. Neste *corpus* encontramos o pronome substantivo indefinido – todos, forma remissiva gramatical livre, em: "[...] a melhor da região dos lagos, aonde todos⁽⁴⁾ Ø podem ir sem medo de pegar uma doença, [...]" (Exemplo 40). No contexto, entre a forma remissiva e o sintagma verbal, existe uma elipse que remete os interactantes do texto a um sentido generalizado, indefinido, que se refere a "todos os indivíduos que tenham interesse em conhecer e mergulhar nas águas da Lagoa de Araruama". Também encontramos, "todos os anos", forma remissiva presa, mais predeterminante anteposto ao determinante – o, antepostos ao sintagma nominal – os anos, conforme Exemplo 41.

EXEMPLO 41

O Rio de Janeiro em que eu vivo.

[...] A saúde nessa cidade tá um pouco ruim por causa dengue, zica e chicunya. Essa doença esta sendo causada por um mosquito que se chama aedes aegypti. Mais fora isso essa cidade continua uma beleza. É que todos os anos continue assim.

(Redação 63, Turma D – Fragmento)

Deste modo, apresentou-se a análise qualitativa, demonstrando a relevância de reconhecermos uma estrutura adequada de uma expressão nominal, a qual poderá receber predeterminantes, determinantes e modificadores em posição anteposta ao núcleo nominal da estrutura sintagmática. Será esta estrutura adequada que promoverá a ativação, a retomada e a remissão de referentes textuais, a progressão referencial e a coesão por referenciação por meio da introdução de referentes nos modelos textuais que analisamos qualitativamente.

3.3.2 Análise das Formas Remissivas Gramaticais Presas e a Introdução de Referentes Redações do Corpus

Entendemos que a referência é o resultado de uma operação discursiva realizada por sujeitos que interagem para designar ou nomear, representar ou apontar algo, e assim, introduzir no texto e no contexto uma determinada entidade que se torna objeto de um discurso compartilhado – os referentes (Koch, 2001 /2003, p.79-82). A referenciação é uma atividade discursiva que introduz no texto novos elementos linguísticos, entidades que podem ser ativados ou reativados no enunciado discursivo no transcorrer da interação sociocomunicativa (Koch, 2006, p.123).

A qualidade do discurso produzido e compartilhado entre interactantes do texto e do contexto dependerá diretamente de escolhas linguísticas feitas pelo emissor / produtor do texto orientadas no projeto-de-dizer na interação com o(s) outro(s). Os estudantes produtores dos textos das redações fizeram escolhas sociocognitivas e sociointeracionais que permitiram o reconhecimento e a interpretação das entidades do mundo real, representando-os em sua produção textual, principalmente, dando nomes aos objetos-de-discurso de suas realidades sociais intrínsecas aos temas que lhes permitissem a progressão referencial e a interlocução com seus leitores.

O ato de nominar um objeto-de-discurso implica em escolher determinadas formas remissivas gramaticais presas ou formas remissivas gramaticais livres que conduzem os leitores na (re)construção do modelo textual. São estas formas remissivas que ativam, reativam, remetem e retomam a entidade inicial – o referente.

A introdução de referentes no modelo textual, portanto, pode ativar uma entidade totalmente nova ao interlocutor do texto na composição do co(n)texto – uma ativação ou introdução não ancorada. Vejamos no exemplo abaixo.

EXEMPLO 42**A Cidade pouco Maravilhosa**

Teve um ano que alguns parentes meus que eram irmãos da minha avó, vieram nos visitar, esses moravam na França precisamente na cidade de Paris, eles se chamavam Júlia, Carabina e Franchesco, vieram para passar três semanas. Eles se hospedaram em um hotel chamado Hotel Palazzo.

No primeiro dia quando eles chegaram estava muito calor e primeira frase na Cidade Maravilhosa de Júlia foi:

- Vamos ver o que essa cidade calorenta e maravilhosa tem para nos mostrar.

A de Carabina foi:

- Será que ela é maravilhosa mesmo?

Franchesco com seu jeito curioso e pensativo de ser não disse nada, não queria se precipitar. No segundo dia foi um pouco diferente, eles foram visitar as praias do Rio, uma delas foi a de Copacabana no terceiro dia eles foram conhecer o Cristo Redentor, acharam o trem que levava as pessoas lá para cima muito sofisticado, no terceiro dia eles foram no Corcovado e assim foi indo cada dia conhecendo um lugar.

Depois de terem conhecido o Rio, claro as melhores partes, na véspera da viagem eles disseram:

- Nossa, essa é mesmo a Cidade Maravilhosa que falavam.

Aí eu não me guentei, tive que falar, falei que na cidade havia muitos roubos só não tinham sido roubados por sorte, e que há muita probeza que só não tinham visto pois só conheceram as melhores partes e que também muitos dos dias estavam nos jogos Olímpicos, mandei eles ligarem a TV para ver a realidade do Rio, quando ligaram ficaram impressionados apesar dos atentados de Paris, depois daquele dia a visão do Rio era outra para eles.

(Redação 13, Turma B).

O Exemplo 42 demonstra o conceito de ativação não ancorada, por meio da estratégia de inserção de um referente completamente novo na superfície textual, inclusive utilizando formas remissivas gramaticais presas e formas remissivas gramaticais livres em suas estruturas. Em "A Cidade pouco Maravilhosa", na linha 1, título da redação, há um objeto-de-

discurso completamente novo que será retomado no decorrer do texto; sua estrutura obedece ao padrão básico – determinante artigo definido feminino singular "a" colocado à esquerda do núcleo nominal – cidade, do sintagma nominal "a cidade pouco maravilhosa". Esta estratégia de ativação não ancorada se repete em "eles foram visitar as praias do Rio", na linha 15, onde o núcleo do sintagma nominal – "praias", é precedido por artigo definido feminino plural "as".

Em "Teve um ano que alguns parentes meus que eram irmãos da minha avó vinheram nos visitar", linhas 2 e 3, o núcleo do sintagma nominal "parentes" está interposto entre duas formas remissivas: a que o antecede – "alguns", uma forma remissiva gramatical presa, um determinante – pronome adjetivo indefinido; e, a forma posposta – "meus", pronome adjetivo possessivo sintético, forma remissiva gramatical presa, um determinante que quando colocado à direita do núcleo do SN recebe um novo sentido semântico de ênfase, em detrimento ao sentido de posse quando colocado à esquerda do núcleo.

Em "Aí eu não me guentei, tive que falar, falei que na cidade havia muitos roubos só não tinham sido roubados por sorte", nas linhas 21 e 22, o núcleo da expressão nominal indefinida – "roubos", é precedido por uma forma remissiva gramatical livre – pronome adjetivo indefinido plural "muitos"; também obedecendo à ordenação básica, conforme Koch (2003).

Verifica-se, no exemplo 42, a introdução /ativação de referentes de forma ancorada, ou seja, a retomada de um objeto-de-discurso presente na superfície textual ou cotexto, ou presente no universo sociocognitivo dos interlocutores deste texto. No parágrafo 1, "Teve um ano que alguns parentes meus que eram irmãos da minha avó, vinheram nos visitar, esses moravam na França precisamente na cidade de *Pariz*, eles se chamavam Júlia, Carabina e Franchesco, *vinheram para passar três semanas. Eles se hospedaram em um hotel chamado Hotel Palazzo", identificam-se formas remissivas gramaticais presas, a saber: – "alguns", pronome adjetivo indefinido, e "minhas", pronome adjetivo possessivo, ambos na linha 2. De igual modo, identificam-se formas remissivas gramaticais livres ancoradas no cotexto da redação – "esses", pronome substantivo demonstrativo do grupo 1, na linha 3; e, "eles", pronome pessoal de 3ª pessoa nas linhas 4 e 5, além da inserção de um pronome nulo, retomando o referente "alguns parentes" por meio de elipse, na linha 3. Todas essas ocorrências de inserção de formas remissivas representam eventos linguísticos de coesão por referenciação que (re)ativaram um objeto-de-discurso posto no parágrafo anterior.

É muito importante ressaltar que, mesmo que a forma remissiva esteja um pouco mais distante do referente do início do enunciado, este aluno do ensino fundamental II se

preocupou em adequar a forma remissiva às condições de gênero e de número do referente para que seu interlocutor possa relacioná-las de forma correta.

A qualidade do texto se manifesta aqui também, porque mesmo que o aluno tenha errado na grafia do verbo *vir*, conjugado como **vinheram*, a coesão por referenciação textual, é mantida por conta da concordância verbal expressa pela adequada desinência número pessoal – (ra)m, que remete o interactante com texto à forma remissiva livre pronome pessoal de 3ª pessoa do plural – eles, ou seja, o referente inicial "alguns parentes meus que eram irmãos da minha avó".

A introdução ou ativação de referentes textuais por meio de formas remissivas gramaticais são verificadas qualitativamente no *corpus* de pesquisa, quando os estudantes utilizam formas nominais que trazem em suas estruturas os determinantes à esquerda do núcleo dessas formas nominais. A este tipo de remissão chamamos de descrições nominais que são redigidas a partir de expressões nominais anafóricas que recategorizam objetos-de-discurso pela introdução de anáforas diretas, anáforas estas que remetem a referentes textuais da superfície do texto.

Demonstrou-se na seção anterior, que, quantitativamente, as redações do *corpus* possuem um alto índice de artigos definidos, pronomes adjetivos indefinidos e pronomes adjetivos possessivos precedendo o núcleo de formas nominais; logo, somos induzidos a perceber no texto outros dois tipos de anáforas que compõem a estratégia de ativação ancorada de referentes textuais.

Um segundo tipo de anáfora que verificamos nos textos destes alunos é a anáfora indireta que introduz um novo referente por meio de uma forma remissiva constituída de expressão nominal definida e ou expressão nominal indefinida. A anáfora indireta se caracteriza por não existir no cotexto um antecedente claro, mas há uma "âncora" que permite a ativação do referente pela relação indireta de correferência com a expressão nominal. Analisaremos o exemplo 43.

EXEMPLO 43

A viagem dos meus parentes

Ano passado recebi meus parentes que vieram do Canadá. Eles chegaram aqui achando que encontrariam praias paradisíacas, samba e futebol. Eles encontraram tudo isso, mas também encontraram poluição, criminalidade em excesso e muito mais.

Eu estava indo para um jogo de vôlei com meus primos e durante a ida eles perceberam que havia um trecho que estava com um policiamento maior que outro. E então meu primo me perguntou por que uma área era mais segura que a outra. Eu respondi que aquilo tudo era pro turista ver e que, logo depois das Olimpíadas, tudo voltaria ao "normal". Ele me perguntou o que seria "normal" e eu respondi que o normal era as pessoas sendo roubadas e ficando frustradas, pois trabalhavam tanto pra comprar um produto tão caro; assassinadas pois resistiram a um assalto; esfaqueadas no trem enquanto simplesmente iam para a escola e etc. ele ficou surpreso pois não sabia a realidade que era o Rio de Janeiro.

No dia seguinte, fomos à praia e meu primo se deparou com uma poluição sem fim na água do mar.

Expliquei para ele que, como aquela praia não seria usada nas Olimpíadas, o governo não se preocupou em limpá-la. Resaltei que o governo raramente se preocupa com bairros e municípios não nobres do Rio e que quando se preocupam é no ano das eleições.

No dia seguinte mostrei mais exemplos do que já tinha mostrado ao meu primo.

No fim da viagem dos meus parentes, meu primo disse que a visão dele sobre o Rio havia mudado e que ele nunca mais iria achar que o Rio é uma "Cidade Maravilhosa".

(Redação 14, Turma B).

No parágrafo 2, identifica-se uma anáfora indireta em "E então meu primo me perguntou por que uma área era mais segura que a outra", em que a expressão nominal "uma área", na linha 8, faz referência a outra forma nominal "um trecho", em "eles perceberam que havia um trecho que estava com um policiamento maior que outro", na linha 7. O aluno-autor

utilizou o processo de anáfora indireta como estratégia de retomada de um referente, reativando-o na memória dos interlocutores do texto de sua redação.

O terceiro tipo de anáfora que verificamos, neste exemplo 43, é a anáfora associativa, que introduz um novo referente no texto, pelo processo de inserção de expressões nominais em relações meronímicas (Koch, 2006, p.128), em que se processa uma relação de "ingerência" entre o referente e a forma nominal remissiva. O referente é reativado por formas remissivas, que, cognitivamente, pertencem a uma cadeia coesiva, *frame* ou quadro de nexos textuais ligados a esse referente por meio de ideias e sentidos implícitos; formando ora expressões nominais definidas ou indefinidas, ora por enunciados, ora por orações, e ora por períodos completos em um texto. No segundo parágrafo, na linha 15, por exemplo, verifica-se na oração "a realidade que era o Rio de Janeiro", a expressão nominal definida "a realidade" remete os interlocutores do texto aos referentes nominais: a) a expressão sintagmática preposicionada "ao normal", em "tudo voltaria ao normal", na linha 10; b) a expressão nominal definida "o normal" em "o normal era as pessoas sendo roubadas e ficando frustradas", na linha 11; c) a oração "assassinadas pois resistiram a um assalto", na linha 13; e, d) o enunciado "esfaqueadas no trem enquanto simplesmente iam para a escola", nas linhas 14 e 15. Todas essas expressões remissivas reativam a memória dos interlocutores referindo-se "a realidade", assim atualizando os conhecimentos deles por meio de definições, expressões definidas e paráfrases.

Constata-se assim, que este aluno utiliza estratégias de referenciação para manter a coesão de seu texto, mantendo a sequenciação do seu discurso, no qual produz relações satisfatórias na introdução de novos referentes textuais utilizando mecanismos de progressão referencial e de coesão por referenciação. Verifica-se ainda, que todas as formas nominais utilizadas para introduzir ou ativar referentes co(n)textuais por meio de expressões nominais anafóricas mantiveram a estrutura Det's + SN's, determinantes mais nome /núcleo do sintagma nominal.

Analisou-se também a ativação /introdução de referentes ancorada a elementos do co(n)texto, porém construídas sobre esquemas cognitivos ou modelos mentais que pressupomos compartilhados pelos interactantes do texto, que podem validar ou não as estruturas sintagmáticas, os sentidos dados às expressões nominais ou as relações anafóricas que (re)constroem os objetos-de-discurso. Uma boa estrutura textual pauta-se na organização dos elementos linguísticos que possibilita a (re)ativação constante dessas formas nominais promovendo a coesão por referenciação.

EXEMPLO 44

Dia: 2/8/16

Meu querido diário,

Hoje é um dia feliz para mim, meus parentes de Recife estão chegando para ver alguns jogos das Olimpíadas. Eles vão ficar na casa de alguns parentes que moram aqui no Rio de Janeiro, a maioria vão ficar no apartamento de minha vó, e só um casal vai ficar aqui em casa.

Minha mãe tá preocupada em mostrar para os parentes o melhor daqui do Rio, mais eu sei que ela foi assaltada ontem na rua aqui do lado, os bandidos não levaram nada de mais só um cordão e algumas pulseiras. Aqui onde eu moro o lugar é Barra pesada por ter uma favela aqui perto.

(Redação 17, Turma B – Fragmento).

Verifica-se, no exemplo 44, que existe uma ativação ancorada baseada em esquemas cognitivos e modelos mentais que obedecem tanto às estruturas determinantes /formas remissivas gramaticais + nome, quanto às retomadas textuais com coesão lógica. Em – "meus parentes de Recife estão chegando para ver alguns jogos das Olimpíadas", linhas 1 e 2, cognitivamente, se relaciona a expressão nominal "meus parentes que estão chegando" a um modelo mental intrínseco à situação de "quem chega de uma viagem destina-se a um lugar para se hospedar"; esta ideia evoca uma cadeia de nexos causais, estruturas semântico-discursivas que convergem para modelos mentais que abrangem o tema viagem e hospedagem. E, assim, os interlocutores do texto realizam associações mentais e aceitam uma das (ou as três) possibilidades de acomodação dos visitantes: "**na casa** de alguns parentes que moram aqui no Rio de Janeiro", nas linhas 4 e 5, "**no apartamento** de minha vó", nas linhas 5 e 6, e /ou "**aqui em casa**", na linha 6.

Da mesma forma, em "Minha mãe tá preocupada em mostrar para os parentes o melhor daqui do Rio", linhas 7 e 8, se repete a ativação de modelos mentais dos interlocutores do texto: existe uma preocupação daquela mãe em mostrar "o melhor daqui do Rio" porque ela conhece "o pior" do referido Rio, ou seja, assaltos (linha 8), bandidos (linha 9), lugar barra pesada (linha 10), e favela (linha 10).

A análise deste texto demonstra uma boa organização lógica na construção das estruturas sintagmáticas pelo uso adequado das formas remissivas gramaticais – os artigos definidos. De igual modo, o produtor do texto preocupou-se em ordenar logicamente suas

ideias, inserindo expressões nominais que (re)ativassem modelos mentais cognitivamente que fossem de domínio compartilhado pelos leitores, em termos de acomodações para os visitantes de fora da cidade, assim como, em termos de fatos negativos "daqui do Rio" que preocupavam a mãe do anfitrião. Isto indica um processo de coesão por referenciação.

Verifica-se, contudo, exemplos de textos nos quais há falta de coesão, porque, mesmo quando o aluno demonstra domínio do código, coloque os determinantes na posição correta para o seu projeto-de-dizer, e obedeça satisfatoriamente à ordenação morfossintática das formas remissivas gramaticais, ele apresenta inconsistências na introdução /ativação e manutenção de referentes no desenvolvimento do texto em que é transgredido o processo de associação entre o referente e as expressões nominais que retomam este referente dos esquemas cognitivos constituídos como espaços compartilhados entre os interactantes desse texto.

EXEMPLO 45

O Rio de Janeiro em que eu vivo

Rio de Janeiro, como diz a *música cidade maravilhosa, cheia de encantos mil. Posso sim concordar com a cidade maravilhosa pois é linda, mas os encantos mil não está lá essas coisas.

Vivemos em uma cidade onde a violência está dominando em todos os pontos, não só à violência, mais as instituições públicas estão precárias como falta de professores na escolas, médicos nos hospitais, falta de segurança nas ruas.

(Redação 39, Turma C – Fragmento).

No exemplo 45, no primeiro parágrafo, na linha 2, o aluno-autor quando escreve "como diz a *música cidade maravilhosa" suprime a expressão "*letra da", utilizando-se de uma estratégia de elipse de dois elementos linguísticos importantes para uma maior e mais rápida compreensão do leitor, principalmente, aqueles que não têm o domínio dos usos linguísticos semântico-discursivos da língua portuguesa, como estrangeiros e os que possuem o português como segunda língua. Eles, de fato, precisariam de outros complementos linguísticos para completar o modelo mental a fim de perceber o real sentido desse enunciado. Em "os encanto mil não está lá essas coisas.", na linha 4, esse aluno autor emite um juízo de

valor – "não estão lá essas coisas" que qualifica a expressão nominal definida – os encantos mil. Esta também remete os interlocutores do texto a esquemas cognitivos, que se pressupõe compartilhe a letra do Hino oficial da cidade do Rio de Janeiro, no entanto, a expressão valorativa associa-se ao contexto da oralidade, e não se aplica ao contexto escrito formal de um modelo textual do gênero redação escolar. Ambas as situações fogem à lógica da escrita formal proposta inicialmente.

No segundo parágrafo, os modelos mentais são desestabilizados porque este aluno afirma, inicialmente, que "Vivemos em uma cidade onde a violência está dominando em todos os pontos", linha 5, onde se utiliza da expressão nominal construída corretamente com base no paradigma pré-determinante "todos" + determinante "os" + núcleo do sintagma nominal "pontos" como sinônimo ou quase sinônimo de "os sentidos". E, completa seu raciocínio com "não só à violência, mais as instituições públicas estão precárias", linha 6, "como falta de professores nas escolas, médicos nos hospitais, falta de segurança nas ruas.", linhas 7 e 8. O estudante omite um dos elementos da coesão sequencial "não só... mas também", e substitui a preposição "com" que traduz sentido de simultaneidade pela conjunção subordinativa conformativa "como" que traduz sentido de conformidade de uma oração subordinada a uma oração principal.

A relação cognitiva do discurso textual nessa redação e os modelos mentais que remetem os interlocutores do texto, cujo tema proposto é "o Rio de Janeiro em que eu vivo" tem a construção do enunciado desestabilizada quando o aluno não faz a relação adequada de seus objetos-de-discurso, ou seja, não consegue compartilhar o seu conhecimento de mundo com quem poderia interagir satisfatoriamente.

3.3.3 Análise das Formas Remissivas Gramaticais Livres e a Progressão Referencial

Percebe-se que a forma remissiva gramatical livre não precede um núcleo nominal, tampouco, o sucede, acompanhando suas alterações morfossintáticas. Estas formas servem ao produtor do texto para marcar a remissão a referentes textuais, anafórica ou cataforicamente, a tantos quantos elementos linguísticos que se tornem necessários para a manutenção da progressão referencial, respeitando-se as concordâncias de gênero e de número.

Entendemos que a progressão referencial é resultado de movimentos contínuos na construção de um modelo textual que permite equilibrar as estruturas do enunciado

(re)ativando os referentes textuais por meio de remissões e retroações a estes referentes presentes no cotexto, e, além dele, no contexto sociocognitivo e interacional dos sujeitos interactantes do discurso. Para tal, num primeiro movimento de progressão referencial, são utilizados elementos linguísticos como as formas de valor pronominal, numerais, certos advérbios locativos e elipses. Estes quatro elementos são relacionados às formas remissivas gramaticais livres. Num segundo movimento, para se realizar a progressão referencial, utilizamos as formas nominais reiteradas, as formas nominais sinônimas ou quase sinônimas, as formas nominais hiperonímicas e os nomes genéricos. A essas, nós relacionamos as formas remissivas lexicais, que entendemos ser uma combinação das duas formas remissivas gramaticais em seus usos práticos da coesão por referenciação.

Qualitativamente, encontram-se as formas remissivas gramaticais livres presentes nos textos das redações contidas no *corpus* desta pesquisa representadas nos dois momentos. O primeiro momento de progressão de referencial é verificado em:

EXEMPLO 46

O Rio de Janeiro em que eu vivo.

[...] Nossa cidade *e* bastante criticada, **mais vão ver se eles falam que em Paris tem ladrões, roubos, Isso eles não falam, pessoas de fora que nunca veio aqui critica**, se falasse que aqui é o melhor lugar do Brasil ia vim cada pessoas de fora (turistas).

Aqui ***somos** todos muito alegre com nossa cidade, ***tenho** orgulho de ter nascido e de ser carioca, ***amo** tudo aqui e a cada dia que se passar ***vou** amar mais e mais.

(Redação 43, Turma C – Fragmento).

Identifica-se, no primeiro parágrafo do exemplo 46, a redação 37 apresenta alguns eventos de retomada de um referente implícito na superfície do texto, por exemplo: a) em "mais vão ver se eles falam que em Paris tem ladrões, roubos [...]", linhas 2 e 3, o pronome pessoal de 3ª pessoa remete o interlocutor aos críticos da "nossa cidade"; isto implica numa estratégia de retomada de referente por anáfora indireta; e, b) em "Isso eles não falam, pessoas de fora que nunca veio aqui critica", linhas 3 e 4, o pronome substantivo demonstrativo "isso" indica uma estratégia de referenciação em um processo de sumarização de período anterior.

Aqui, verifica-se um duplo processo de remissão: primeiro, a remissão anafórica quando a forma remissiva "eles" remete interlocutores do texto aos críticos da "nossa cidade"; e, segundo, a remissão catafórica quando "eles" se refere às "pessoas de fora que nunca veio aqui".

No segundo parágrafo, verifica-se a elipse, por meio da substituição de um referente presente no co(n)texto. Na linha 6 – "Aqui *somos todos muito alegre", o pronome nulo substitui a forma remissiva gramatical de 1ª pessoa do plural – nós, implícita na desinência número pessoal da forma verbal "somos". Em "*tenho orgulho", linha 6; em "*amo tudo aqui", linha 7; e, em "*vou amar mais e mais", linhas 7 e 8, a elipse substitui a forma remissiva gramatical de 1ª pessoa do singular – eu, também implícita na desinência número pessoal das formas verbais "tenho", "amo" e "vou".

EXEMPLO 47

O Rio de Janeiro em **que** vivemos

Eu moro no Rio de Janeiro, *complexo do alemão a 12 anos e nunca me mudei.*

O Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa, tem pontos turísticos como Cristo Redentor e Pão de açúcar, sem falar das praias que é uma das coisas que mais chamam atenção. **O Rio de Janeiro pode ser tudo isso, mas também tem seus lados negativos,** é um lugar muito perigoso.

Aqui no Rio de Janeiro estamos em crise como em outras cidades, **falta de dinheiro.** E para a crise melhorar devemos colaborar, economizando.

(Redação 53, Turma D – Fragmento).

O Exemplo 47 compreende o resultado da análise qualitativa de formas remissivas gramaticais livres representadas por elementos linguístico-discursivos de valor pronominal e de valor adverbial locativo. Em "O Rio de Janeiro em que vivemos", na linha 1, a forma remissiva gramatical "que" remete o interlocutor a seu antecedente imediato – "o Rio de Janeiro". Em "O Rio de Janeiro pode ser tudo isso", na linha 6; a forma remissiva "tudo" é um pronome substantivo indefinido, que tem a função de encapsular ou de sumarizar todo parágrafo que o antecede – "O Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa, tem pontos turísticos como Cristo Redentor e Pão de açúcar, sem falar das praias que é uma das coisas que mais

chamam atenção.", linhas 4 a 6. Em – "O Rio de Janeiro pode ser tudo isso", também na linha 6, a forma remissiva pronominal "isso" retoma o contexto do parágrafo anterior ratificando o seu enunciado. E, em– "Aqui no Rio de Janeiro estamos em crise como em outras cidades, falta de dinheiro", linhas 8 e 9, a forma remissiva "aqui" tem a função de fazer progredir o texto.

3.3.4 Análise das Formas Remissivas Lexicais e a Progressão Referencial

A análise das formas remissivas lexicais é o estágio complementar da seção anterior, pois faz parte do segundo movimento da progressão referencial. Essas formas remissivas constituem-se de: a) formas nominais reiteradas, b) formas sinônimas ou quase sinônimas, c) formas nominais hiperonímicas, e d) de nomes genéricos que garantem a continuidade de um texto coproduzido por sujeitos do discurso, os quais (re)constroem o texto pelo processo de inserção de informações novas sobre referentes que evoluem de acordo com a interação sociocognitiva desses interactantes.

EXEMPLO 48**Cidade não tão maravilhosa**

Alguns dos meus amigos queriam conhecer o Rio de Janeiro. Depois que eles chegaram do aeroporto, eu perguntei:

- Porque vocês escolheram o rio para conhecer, logo depois das Olimpíadas com tantos lugares melhores para ir?

E eles responderam que é porque eles acham o Rio a cidade maravilhosa. Então descidi fazer um tour pelo Rio. Mostrei todos os pontos positivos e negativos da cidade, como o Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Quinta da Boa Vista, seriam os pontos positivos e os negativos vou mostrar outro dia.

Depois de alguns dia mostrei as comunidades, eles gostaram, mas eu tinha mostrado uma comunidade pacificada. Agora iria mostrar a que não estava.

Eles ficaram apavorados com a quantidade de pessoas com armas pesadas no meio da rua, eles ficaram com medo de serem assaltados.

Logo depois que saímos de lá, começou um tiroteio intenso. Eles queriam sai correndo dali. Quando chegamos em casa eles arrumaram suas malas correndo e depois de um tempo, mais ou menos 1 dia eles foram embora.

E acho que depois daquele dia, eles não vão achar o Rio de Janeiro tão maravilhoso.

(Redação 11, Turma B).

O exemplo 48 reúne amostras das quatro formas remissivas lexicais que citamos anteriormente. Verifica-se, em "Alguns dos meus amigos queriam conhecer o Rio de Janeiro", linha 2, que o aluno autor repete uma mesma forma nominal – "o Rio", reiterando o sintagma e a expressão nominal definida, em – "E eles responderam que é porque eles acham o Rio a cidade maravilhosa", linhas 6 e 7. O estudante faz uso de uma expressão nominal definida – "o Rio", introduzida por artigo masculino, forma remissiva presa que integra a estrutura de uma forma lexical.

Em "E eles(a) responderam que é porque eles acham o Rio a cidade maravilhosa", linhas 6 e 7, a forma remissiva gramatical livre, pronome pessoal de 3ª pessoa – "eles",

retoma o referente cotextual – "alguns dos meus amigos", na linha 2, uma forma remissiva lexical composta pela estrutura sintagmática "alguns", forma remissiva gramatical livre /pronomes substantivo indefinido + Sprep "de os meus amigos" /síntese da preposição "de" com o PreDet artigo definido plural "os" mais o Det pronome possessivo "meus" e do núcleo do SN "amigos".

Em "Eles ficaram apavorados com a quantidade de pessoas com armas pesadas no meio da rua, eles ficaram com medo de serem assaltados", linhas 14 e 15, verificam-se a introdução de duas expressões nominais sinônimas ou quase sinônimas, "apavorados" e "com medo", na qual a segunda implica em uma forma remissiva lexical que possibilita a progressão textual. Em "- Porque vocês escolheram o rio para conhecer, logo depois das Olimpíadas com tantos lugares melhores para ir?", linhas 4 e 5, a expressão nominal "tantos lugares" é composta de uma forma remissiva gramatical presa, pronome adjetivo indefinido – "tantos", mais um SN – lugares, constituindo-se assim, a estrutura sintagmática de uma forma remissiva lexical tida como nome genérico. Desse modo, constata-se que combinação estrutural de formas remissivas gramaticais presas e formas remissivas gramaticais livres mais núcleos nominais originam uma terceira estrutura – a forma remissiva lexical.

Nesta seção, analisamos qualitativamente os modelos textuais contidos no *corpus* de pesquisa, aferindo o tratamento que os estudantes das turmas que compõem o corpus desta pesquisa deram às formas remissivas gramaticais e lexicais quando inserem em seus textos expressões nominais definidas, indefinidas ou pronominais. Conclui-se que, em primeiro lugar, a produção escrita dos estudantes obedeceu plenamente à boa formação de estruturas nominais, em que prevaleceram o paradigma estrutural pré-determinante + determinante + núcleo do sintagma nominal, em raras vezes, o paradigma pré-determinante + determinante + modificador + núcleo do SN; em segundo lugar, as possíveis inconsistências quanto à introdução de novos referentes, retomada e remissão de referentes não foram identificadas na análise qualitativa, as dificuldades manifestadas nas redações foram na relação dos referentes inseridos nos textos e a (re)ativação dos objetos-de-discurso nos modelos cognitivos e nos esquemas mentais contidos em alguns poucos textos; em terceiro lugar, constatamos que as estratégias de remissão e de introdução de referentes ancorados, por meio de formas remissivas gramaticais presas e / ou livres, resultam em formas lexicais, as quais os alunos do ensino fundamental utilizaram com um desempenho qualitativo satisfatório.

O objetivo geral deste capítulo, portanto, foi empreender um exame quantitativo e qualitativo do *corpus* da pesquisa, descrever os dados coletados a partir das duas abordagens analisando as ocorrências de formas remissivas gramaticais presas e livres, e de formas

remissivas lexicais na construção do texto das redações produzidas pelos alunos do ensino fundamental. Quantitativamente, comprovou-se que as quatro turmas consagram o uso dos artigos definidos, dos pronomes adjetivos indefinidos e dos pronomes adjetivos possessivos, enquanto formas remissivas gramaticais presas a expressões nominais; assim como, consagram também.

O uso das elipses, dos pronomes substantivos relativos e dos pronomes substantivos indefinidos. Qualitativamente, comprovou-se o domínio na utilização de estratégias e /ou mecanismos de referenciação e de progressão referencial, em estruturas simples, possibilitando a interação sociocognitiva entre os interlocutores. Constatou-se, portanto, que, de fato, a produção escrita desses alunos demonstra: a) o domínio regular de saberes acerca de coesão referencial e seus mecanismos de manutenção temática em cadeias coesivas; b) a prática coerente, mesmo que instintiva, de estratégias de introdução e de retomada, de referentes co(n)textuais; c) a prática satisfatória de aplicação das funções de (re)ativação, sumarização e organização estrutural nos textos produzidos por meio do uso adequado das expressões nominais referenciais compostas de formas remissivas gramaticais presas localizadas à esquerda do sintagma nominal e de formas remissivas gramaticais livres como elemento linguístico produtor de progressão textual e de coesão por referenciação, ainda que tenham sido mantidas estruturas simples dos sintagmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta dissertação é a de analisar as formas remissivas gramaticais presas e as formas remissivas gramaticais livres em expressões nominais contidas em redações escolares produzidas por alunos de escolas públicas de ensino fundamental II, no Rio de Janeiro, a partir de textos escritos por eles, em 2016, no contexto escolar sob os temas específicos: "O lugar em que eu vivo", "O lugar em que moro" e "O lugar em que eu nasci", temas estes, inerentes à Olimpíada de Língua Portuguesa. Os alunos-autores, com idade entre doze (12) e quinze (15) anos, possuindo uma média de oito (8) anos de escolaridade entre o ensino fundamental I e II, são estudantes regulares de suas respectivas escolas e escreveram textos narrativos, dissertativos - argumentativos, atendendo assim, às demandas propostas por este projeto de pesquisa.

Os primeiros contatos com o *corpus* de pesquisa nos suscitaram questionamentos básicos acerca da estrutura do texto, chamando-nos a atenção para aspectos da referenciação, para os mecanismos e estratégias utilizados pelos alunos na construção das expressões nominais, quando percebemos o uso de expressivo de artigos definidos e indefinidos, assim como de alguns pronomes adjetivos entre as formas remissivas gramaticais presas. De igual modo, chamou-nos a atenção a grande quantidade de elipses, de pronomes substantivos relativos e de advérbios no uso das formas remissivas gramaticais livres.

Apoiados em uma primeira leitura e orientados pelos questionamentos iniciais, a recorrência de algumas formas remissivas em relação a outras. Realizaram-se, então, dois tipos de análises do texto, formulando-se as seguintes hipóteses de trabalho: 1º) Quantitativamente, estes alunos possuem um padrão de escrita que privilegia algumas formas remissivas gramaticais em detrimento de outras por realçarem a constante colocação de pré-determinantes e determinantes antes do núcleo das expressões nominais. Isto se confirmou após a análise textual em que os dados quantitativos demonstraram a incidência das formas remissivas gramaticais presas sobre as formas remissivas gramaticais livres; e, no âmbito das formas remissivas gramaticais presas, a maior incidência de determinantes à esquerda do núcleo no sintagma nominal – SN. 2º) Qualitativamente, estes alunos, ao produzirem seus textos, escrevem, privilegiando a colocação de determinantes entre o pré-determinante e o núcleo do sintagma nominal em expressões nominais definidas e indefinidas por conta de uma expressividade limitada ou baixa frequência nas práticas de escrita /leitura/reescrita.

Para implementar a análise do *corpus* de pesquisa, buscou-se conhecer as três fases históricas do processo de análise do texto, a Fase de Análise Transfrástica que percebia o texto como soma de códigos e signos contínuos constituídos de significados – texto como produto acabado; a Fase da Construção de Gramáticas Textuais que percebia o texto como uma estrutura sintagmática, "unidade teórica formalmente construída" – texto como processo sociocomunicativo; e, a Fase da Teoria do Texto ou Linguística Textual que percebe o texto como resultado de operações comunicacionais e de processos linguísticos intrínsecos a contextos sociointeracionais, socioculturais e sociocomunicativos – texto como uma múltipla interface de operações cognitivas interligadas em propósitos mútuos de interação sociocultural. Partimos desta perspectiva para analisar os modelos textuais que compõem o *corpus* desta pesquisa, entendendo que estes alunos do Ensino Fundamental II são sujeitos ativos e construtores do seu próprio discurso veiculado em textos dissertativo-argumentativos; assim como, entendemos que suas composições textuais são manifestações plenas de sentido, intencionadas e motivadas, sociointeracional e sociocognitivamente, com um objetivo bem definido – contar ou enunciar sua experiência sociocultural, nesse caso, a partir das temáticas propostas: "O lugar onde eu vivo", "O lugar onde eu moro" e "O lugar onde eu nasci".

Entendemos a composição de um texto como uma atividade verbal sociointerativa complexa, consciente dos seus objetivos comunicacionais, sensível às intenções dos interactantes no discurso, e, assim, marcada por múltiplas estratégias e por mecanismos textuais, cotextuais e contextuais que fornecem determinado equilíbrio por coesão referencial, coesão sequencial e coerência. Partimos deste pressuposto para demonstrar a evolução dos conceitos de formas remissivas gramaticais presas, formas remissivas gramaticais livres e de formas remissivas lexicais, a partir da fundamentação teórica de Koch (1989, 1997, 2001, 2006, 2008), Koch & Travaglia (1993), e Koch & Elias (2009).

Demonstramos, por meio de uma revisão teórico-conceitual, que, o conceito de *coesão referencial* (1989) passou à *referenciação* em um processo de *progressão referencial* no co(n)texto (2009); que, a noção de *coesão* como mecanismo de manifestação superficial dos elementos linguísticos do texto em coerência textual (1989) adquire *status* de uniformidade, contiguidade e conformidade textual no processo da progressão referencial (2009); que, a *coesão textual*, que é a relação entre forma remissiva / referencial e o elemento de referência /referente textual da superfície do texto (1989), agora, evolui para *referenciação* – uma atividade discursiva, que processa as diversas formas de introdução e de retomada de novos referentes no modelo textual (2009); que, as *formas referenciais /remissivas* (1989), se tornam os *objetos-de-discurso* (2009); que, as estratégias / mecanismos de *referenciação /remissão*

(1989), passam a ser as estratégias / mecanismos de introdução de referentes no modelo textual – "não-ancorada" e "ancorada", e de progressão referencial (2009); e, que, os elementos de *coesão textual* – as formas remissivas gramaticais e formas remissivas lexicais (1989), evoluíram para introdutores de referentes no modelo textual (2009) com valores e funções específicas quando unidos às expressões de valor nominal e / ou de valor pronominal.

Constatamos, após examinar amostras do *corpus*, que as formas remissivas gramaticais presas precedem as expressões nominais definidas, as expressões nominais indefinidas posicionadas à esquerda do núcleo do sintagma nominal na função de determinante, e, raríssimas vezes, com a interposição de modificadores – pronomes adjetivos possessivos e pronomes adjetivos indefinidos, entre os determinantes à esquerda do núcleo do sintagma nominal e o núcleo do SN, limitando os sentidos impressivos dados à entidade referida. Constatamos que esta última estratégia torna as formas remissivas gramaticais presas integrantes das formas remissivas lexicais, servindo-lhes de determinantes.

Constatamos, também, que, as formas remissivas gramaticais livres, atualizadas por Koch (2009) integram a estratégia de introdução de referentes na estrutura do texto, mantendo a progressão referencial nele, a partir da inserção de formas de valor pronominal, numerais, certos advérbios locativos e elipses.

De igual modo, constatamos que as formas remissivas lexicais (KOCH, 1989) atualizadas em Koch (2009) servem à introdução de referentes no modelo textual sob a estratégia de progressão referencial pela remissão de formas nominais reiteradas, de formas nominais sinônimas ou quase sinônimas, de formas nominais hiperonímicas e de nomes genéricos. Assim, identificou-se a relação dessas formas remissivas lexicais com as expressões nominais introduzidas no modelo textual com funções específicas de (re)categorização de referentes, de sumarização ou encapsulamento e de rotulação de referentes presentes no texto, no cotexto ou no contexto – são as nominalizações, e expressões ou grupos nominais definidos.

Empreendemos uma análise quantitativa do *corpus* com o objetivo de quantificar, de identificar, de discriminar e de comparar as formas remissivas gramaticais presas e as formas remissivas gramaticais livres. Verificamos que, este *corpus* de setenta e seis (76) textos dissertativo-argumentativos e narrativos possui doze mil, setecentas e oitenta e nove (12.789) palavras das quais duas mil, novecentas e noventa e cinco (2.995) são formas remissivas gramaticais presas e formas gramaticais livres, ou seja, vinte e três por cento (23%) do total de palavras redigidas.

Constatamos que os alunos utilizaram hum mil, novecentas e trinta e duas (1.932) formas remissivas gramaticais presas, o equivalente a quinze por cento (15%) do total de palavras, assim como, utilizaram um mil e sessenta e três (1.063) formas remissivas gramaticais livres, ou seja, oito por cento (8%) da totalidade de palavras escritas. Dentre as formas remissivas gramaticais presas, constatamos que esses alunos das 4 turmas primam pelo uso de artigos definidos, pronomes adjetivos indefinidos e pronomes adjetivos possessivos, donde verificamos que, há oitocentos e vinte e quatro (824) ocorrências de artigos definidos num representativo percentual de quarenta e três por cento (43%) das ocorrências gerais das formas remissivas gramaticais presas. Há trezentas e trinta e oito (338) ocorrências de pronomes adjetivos indefinidos num percentual de dezessete por cento (17%) das formas remissivas presas, e que, há duzentas e vinte (220) ocorrências de pronomes adjetivos possessivos representando onze por cento (11%) das mesmas formas remissivas presas. Estes dados corroboram a primeira hipótese da pesquisa – esses alunos do ensino fundamental II apresentam um padrão de escrita que privilegia algumas formas remissivas gramaticais presas, neste caso, os artigos definidos e os pronomes adjetivos indefinidos e os possessivos. Isto confirma que eles utilizam estas formas remissivas gramaticais presas para introduzir expressões nominais nos textos produzidos, empregando estas formas como pré-determinantes e determinantes posicionados à esquerda do núcleo do sintagma nominal, caracterizando uma construção sintática simples no período, predominando a forma recorrente de determinante mais sintagma nominal. Se por um lado, podemos afirmar a existência de uma linguagem simples na construção textual, os textos que compõem o *corpus* revelam, por seu turno, um baixo nível de informações em suas cadeias referenciais, tornando-o semanticamente menos coeso, ainda que a relação entre referente e forma remissiva exista. Neste sentido, essas relações são previsíveis, pois a progressão textual, ainda que exista, ocorre por meio de cadeias restritas.

Analisamos as formas remissivas gramaticais livres e constatamos que elas representam um quantitativo menor do que as formas remissivas presas, ou seja, foram constatadas hum mil e sessenta e três (1.063) ocorrências de formas remissivas gramaticais livres nos textos examinados, um percentual de oito por cento (8%) do total de doze mil, setecentas e oitenta e nove (12.789) palavras redigidas por estes alunos. No âmbito das formas remissivas livres, identificamos que os estudantes das 4 turmas priorizaram o uso de *elipses*, *pronomes substantivos relativos* e *pronomes substantivos indefinidos*; sendo representados: por duzentas e quarenta e cinco (245) ocorrências de elipses, o equivalente a vinte e três por cento (23%) das formas remissivas livres do *corpus* de pesquisa; por cento e setenta e três

(173) ocorrências de pronomes substantivos relativos equivale a dezesseis por cento (16%) das ocorrências das formas livres; e, cento e nove (109) ocorrências de pronomes substantivos indefinidos, ou seja, dez por cento (10%) do total de ocorrências das formas remissivas livres utilizadas nas redações. Verificamos que, o uso dessas formas remissivas gramaticais livres foi para atender aos mecanismos e às estratégias de progressão referencial dos textos, promovendo a introdução de novos referentes ou a remissão a estes, tanto no contexto quanto no contexto das composições textuais dos alunos, acarretando um processo de coesão por referenciação.

Em relação ao uso dos artigos indefinidos, o resultado da análise mostra que estes não são tão utilizados como predeterminantes e /ou determinantes posicionados à esquerda do núcleo do SN. A resposta à pergunta "por que os alunos do ensino fundamental II produzem uma quantidade tão alta de expressões nominais definidas "é, para nós, a questão crucial desta pesquisa. Os dados quantitativos e qualitativos, em relação àquilo que foi escrito, demonstram que há total compartilhamento do contexto da produção textual entre os interlocutores – os alunos e os professores de cada turma. Logo, não houve necessidade de se apresentarem informações novas marcadas, basicamente, por artigos indefinidos. As informações já estão dadas e elas são plenamente compartilhadas, considerando o tema proposto para a escrita dos textos, bem como a situação comunicativa da sala de aula.

Realizamos a análise qualitativa do *corpus* e constatamos que a segunda hipótese de pesquisa foi atendida parcialmente – a de que estes alunos quando produzem seus textos escrevem privilegiando a colocação de determinantes entre o pré-determinante e o núcleo do sintagma nominal em expressões nominais definidas e indefinidas. Examinou-se o uso que os alunos do ensino fundamental II fazem das formas remissivas gramaticais e das formas lexicais quando constroem seus modelos textuais e introduzem expressões nominais definidas, indefinidas ou pronominais; haja vista, que a análise quantitativa constatou a tendência desses alunos ao uso da nominalização e da pronominalização como estratégia de introdução de novos referentes nos textos. Constatamos que os estudantes respeitam parcialmente os paradigmas demonstrados em Koch (2003), nos quais suas expressões nominais, invariavelmente, possuem a estrutura sintagmática composta de – determinante + modificador + núcleo do SN + Modificador (KOCH, 2003), mas, raramente fazem uso do paradigma de Perini (2010), predeterminante + determinante + modificador + núcleo nominal + modificador, pois houve poucas ocorrências com tais características. Este aspecto contraria parte da segunda hipótese, de que os alunos ao escreverem fariam uso constante de um predeterminante mais um determinante à esquerda.

Destaque-se que, os temas "o lugar onde eu vivo", "o lugar onde moro" e "O lugar onde eu nasci "são compartilhados, tanto por professores quanto por alunos, que conhecem bem" o lugar" e suas características. Este compartilhamento se dá discursivamente pela predominância no uso de estratégias de definitivização e de pronominalização. Este, a nosso ver, não seria o problema se ao final da escolaridade básica, o estudante pudesse "transitar" entre informações nova e velha na elaboração do seu texto dissertativo-argumentativo, mas não é isso que ocorre. As evidências constatarem, qualitativamente, que este trânsito entre tais informações, as novas – marcadas pela inserção de artigo indefinido e as dadas – marcadas pela inserção de artigo definido, tornaram-se desnecessárias na estrutura das redações, posto que, cognitivamente, os autores perceberam um interlocutor de sua produção textual próximo à realização material e sociocultural da trama de suas redações.

Não houve preocupação em nossa pesquisa de verificar as diferenças /semelhanças entre escolas. Entretanto, ainda que alunos e professores não se conheçam de uma escola para outra, os resultados percentuais apontam para os mesmos eventos linguísticos. Isto significa dizer que há uma tendência às estruturas dos sintagmas frasais à modalidade oral da língua, ou seja, infelizmente, os estudantes ainda não têm pleno domínio da modalidade escrita formal ao término do ensino fundamental II, que lhes permita inferir a amplitude de interlocutores dos textos que produzem, conseqüentemente, não estariam plenamente aptos para exercer a cidadania, conforme preconizam os artigos 22 e 32 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Este é o ponto preocupante dos resultados ora apresentados ao cabo desta pesquisa: se, de um lado os dados ratificam o nível irregular de letramento dos estudantes, por outro, esse nível, inicialmente, aponta para o que é rotineiro, conforme Tedesco (2014), induzindo-nos a pensar que a escola não está cumprindo o seu papel de /no ensino da língua escrita. Os estudantes escrevem, mas ainda, não tem autonomia no letramento do registro formal escrito.

Inferimos, portanto, que, com base no resultados dos dados quantitativos, que o uso expressivo de algumas formas remissivas gramaticais ou lexicais em detrimento a outras decorre de um processo ensino /aprendizado inconstante, o qual em algum momento prioriza alguns conteúdos sem relacioná-los à prática e ao contexto de formação geral do aluno-cidadão. Deduzimos desses resultados quantitativos que os alunos das turmas A, B, C e D, ainda não adquiriram as bases mais amplas de conhecimento linguístico para melhor articular com as mais variadas formas remissivas gramaticais e lexicais, conforme preconiza os PCN's para este nível do Ensino Fundamental II. Os parâmetros ratificam uma educação continuada por planejamento sistemático e ensino plural na formação de alunos de mente crítica e aptos a interagir sócio-histórica e socioculturalmente. Entenda-se que os fatores não são apenas, de

ordem linguística, mas, também podem ser de ordem socioeconômica, de ordem geopolítica, de ordem político-filosófica, e até, em alguns contextos, da ordem de gêneros, muito embora, estas razões não sejam foco de nossa pesquisa.

De igual modo, inferimos, com base no resultados dos dados e qualitativos, que esses alunos do ensino fundamental II às portas do ensino médio poderiam adquirir um padrão de escrita subjetivo, por exemplo, percebendo as possibilidades de significação e sentido de uma estrutura mais complexa como o paradigma de Perini (2010) – pré-determinante +determinante +modificador +núcleo do sintagma nominal, por intermédio das quais, estes estudantes podem se expressar de forma mais completa dentro de uma estrutura mais complexa, com o objetivo de se aprimorarem para uma interação sociocultural e sociocognitiva em contextos mais formais e, os quais utilizam a língua formal como fator de avaliação, de admissão e de recepção de alunos ou cidadãos em ambientes de maior formalidade.

Para tal, sugerimos que, primeiro, nós, docentes, tenhamos acesso a dados quantitativos e qualitativos dos constituintes linguísticos da produção textual dos alunos, quer por nossas análises pessoais, quer por pesquisas acadêmicas, quer por assessorias específicas para tais fins, com a finalidade de obtermos uma visão mais precisa de nosso fazer pedagógico; segundo, nossos alunos devem ser incentivados a participar de Olimpíadas de Língua Portuguesa, de concursos literários e de atividades que privilegiem os vários tipos e gêneros textuais, atividades estas nas quais possam praticar tanto a escrita e a reescrita quanto a leitura de seus próprios textos sujeitos a avaliações constantes; e, terceiro, nossos alunos precisam ser educados a pensar e repensar em como construir suas expressões nominais a partir de amplo uso de combinações das formas remissivas gramaticais e das formas remissivas lexicais porque são elas que sustentam uma dissertação e /ou uma argumentação, e, primordialmente, fundamentam toda a interação sociodiscursiva dos sujeitos do discurso quando confrontados em ambiente extra-acadêmico – formação de cidadãos para o mundo.

Esta pesquisa procura contribuir para os estudos de descrição da Língua, pois descreve as estruturas sintagmáticas das expressões nominais utilizadas pelos alunos-autores e sujeitos do seu próprio discurso; nele, estes alunos priorizam, sistematicamente, o uso de algumas formas remissivas gramaticais e lexicais na composição dos enunciados de seus textos dissertativo-argumentativos e textos narrativos tão relevantes para as propostas de ensino dos Parâmetros Curriculares Nacionais e para o Exame Nacional do Ensino Médio.

Com certeza, projetos de pesquisa com seus objetivos gerais e específicos definidos pela temática da descrição de eventos linguísticos em redações escolares, nas quais, se analise

e se descreva as estratégias de coesão por referenciação utilizadas por alunos desde os primeiros anos do ensino fundamental II até o término desse período escolar. A abordagem, mais especificamente, examinaria os mecanismos de introdução ou ativação, de retomada e de manutenção de referentes nominais, assim como, as mais variadas funções das expressões nominais referenciais contidas nas redações desses alunos, como o encapsulamento, a sumarização, a rotulação, a organização micro e macro estrutural dos textos, a categorização e a organização argumentativa, pelo viés da descrição da língua em uso por estes preciosos alunos-cidadãos.

Tais trabalhos tornar-se-ão contribuições relevantes, tanto no campo científico, como nos campos socioeducacional e sociocultural, primeiro para a descrição da Língua Portuguesa em uso na formação cidadã de alunos do ensino fundamental e seus desdobramentos de pesquisa e, segundo, não menos importante, para otimização do desempenho de alunos, para aprimoramento dos objetivos de formação das escolas fundamentais, para complementação dos saberes de docentes ampliando suas perspectivas didático-pedagógicas ao lidar com a produção textual de seus alunos. Tudo isso, não só contribuiria muitíssimo para melhorar o desempenho de discentes, de docentes e de instituições de ensino fundamental, como também, elevaria os índices nas avaliações nacionais e internacionais sobre a educação no que tange à Língua Portuguesa, bem como, contribuiria plenamente para a formação cidadã em nosso país.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. -M. *Éléments de linguistique textuelle*. Paris: Madraga, 1990.

_____. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

ANDRADE, M.L.C.V.O. *Relevância e contexto: o uso de digressões na língua falada*. São Paulo: Humanitas / FAPESP, 2001.

APOTHÉLOZ, Denis. *Nominalisations, référents clandestins et anaphores atypiques*. In: BERRENDONNER, A. & REICHLER-BEGUELIN, M-J. (Eds.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel, Université de Neuchâtel, 1995, pp.143-173.

_____; CHANET, Catherine. *Défini et démonstratif dans les nominalisations*. In: DE MULDER, Walter; VETTERS, Carl (Ed.). *Relations anaphoriques et (in)coherence*. Asterdan, Rodopi, 1997, 159-186.

_____; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. "Construction de la référence et stratégies de désignation". In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BEGUELIN, M-J. (Ed.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel, Université de Neuchâtel, 1995. p.227-271.

_____. Interpretations and functions of demonstrative NPs indirect anaphore. *Journal of Pragmatics*, n. 31, p. 363-397. 1999.

_____. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: M. M. et al (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. (Estratégias de Ensino; 21).

_____. *O Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à Sintaxe do Português*. 8. ed.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000; p.23-26. (Coleção Letras).

_____. *Fundamentos de Gramática do Português*. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BARROS, J. da S. Metaenunciação e referenciação: uma rima intercalada. : Revista Analecta. Guarapuava, Paraná. v. 7, n. 2, p.103-118, jul /dez, 2006.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

BASTOS, Lúcia Kopschitz X. *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*. 1984. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1984.

BEAUGRANDE, R. *Text, discourse, and process*. London: Longman, 1980.

BEAUGRANDE, R. de ; DRESSLER, W. U. *Introduction to text linguistics*, Londres: Longman, 1981.

_____. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1981a.

BECHARA, Evanildo (Org.) *Estudos da língua portuguesa: textos de apoio*. Brasília: FUNAG, 2010.

BELLERT, I. On a condition of the coherence of texts. *Semiótica*, n. 2, p.335-363, 1970.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Problèmes de Linguistique Générale. Tradução de Maria da Glória Novak e Luíza Neri. Revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Editora Nacional; Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. La dénomination dans le français parlé. *Recherches sur le français parlé*, 6, Université de Provence, 1984.

BLIKSTEIN, Isidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo. Cultrix, 1985.

BLÜHDORN, Hardarik; ANDRADE, Maria Lúcia da C.V. de O. *Tendências recentes da linguística textual na Alemanha e no Brasil*. Revista de Filologia e Linguística Portuguesa, São Paulo, n. 7, p.13-48, 2005. FAPESP.

BONINI, A. Ensino de gêneros textuais: a questão das escolhas teóricas e metodológicas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n.37, p.7-23, 2001.

BRANDÃO, Helena Hathsu Nagamine. *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Gêneros do discurso e topos textuais. In: *Língua Portuguesa – Módulo 2*. Programa de Educação de Educação Continuada, PEC-Construindo Sempre. São Paulo: CENP-USP, 2003.

_____. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

BROWN, Gillian ; YUKE, George. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Matoso. *Princípios de linguística geral: como introdução dos estudos superiores da língua portuguesa*. 5. ed. ver. e aum. Rio de Janeiro: Padrão Livraria, 1977.

CANO, Márcio Rogério de Oliveira; CELESTINO, Ricardo. *A Produção textual: etapas para uma ação discursiva*. In: OLIVIERA-GUIMARÃES, D. M. L. [et al]; CANO, Márcio Rogério de Oliveira (Org.). São Paulo: Bluncher, 2016. p.47-63.

CASTILHO A.T. de. (Org.). *Gramática do português falado, v. 1: a ordem*. Campinas: Editora da UNICAMP; FAPESP, 1990. (Série Pesquisas).

CASTILHO A.T. de. (Org.). *Gramática do português falado, v.3* : as abordagens. Campinas: Editora da UNICAMP ; FAPESP, 1993. (Série Pesquisas).

_____; BASÍLIO, Margarida. (Org.). *Gramática do português falado, v.4*: estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP ; FAPESP, 1996. (Série Pesquisas).

CATANIA, A. Charles. *Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição*. Tradução de Deisy das Graças de Souza (et al). 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

CHABROL, C. et al. *Semiótica narrativa e textual. Sémiotique narrative et textuelle*. Tradução de Leyla Perrone Moisés, Jesus Antônio Durigan e Edward Lopes. São Paulo: Cultrix, 1977.

CHAROLLES, Michel. Introduction aux problèmes de la cohérence des textes [Approche théorique et étude des pratiques pédagogiques]. *Langue française*, n. 38, 1978. Enseignement du récit et cohérence du texte, p.7-41.

_____. Cohérence as a principle in the interpretation of discourse. *Text – Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse*, v. 3, n. 1, p.71-98, jan. 1983.

_____. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: GALVEZ, C. (Org.). *O Texto: leitura e escrita*. Campinas. Pontes, 1989 (Título original. 1978).

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. Paris: Mouton, 1957 /1972.

_____. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.

_____. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armênia Amado, 1975.

_____. *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1975.

CICERI DE OLIVEIRA, N. S. Referenciação e multimodalidade: a construção de objeto-de-discurso na articulação entre verbal e não verbal. *Estudos Linguísticos*; São Paulo, v. 44, n. 3, p. 1247-1261, set.-dez, 2015.

CONTE, M. E. *La Linguística testuale*. Milano: Feltrinelli Economica, 1977.

COSTA, C. A. da. *Referenciação, manutenção e progressão temática: problemas dos textos*. 2008. 92f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca, São Paulo, 2008.

COSTA, Jorge Campos da; PEREIRA, Vera Wannmacher (Org.). *Linguagem e cognição: relações interdisciplinares*. Porto Alegre: EDIPUCRGS, 2009.

COSTA, Victor Matheus V. da. *O Ensino de produção textual: perspectivas historiográficas em dimensões linguísticas*. 2015. 131f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

DANES, F. Zur linguistischen analyse der Textstruktur. *Folia Linguistica*, n.4, p.72-78.1970.

DANES, F. Functional sentence perspective and the organization of the text. In: DANES, F. (Org.). *Papers on functional sentence perspective*. Haia –Paris: Mouton, [1974]. p. 106-128.

DIAS, L. F.; LACERDA, P. B. G.; DALMASCHIO (Org.). *Enunciação e materialidade linguística*. Belo Horizonte: FALE; UFMG, 2015.

DOMINGUES, Maria Aparecida. *Desenvolvimento e Aprendizagem: o que o cérebro tem a ver com isso?* Canoas: Ed. ULBRA, 2007.

DRESSLER, W. U. *Einführung in die textlinguistik. (Introdução à linguística do texto)*. Tübingen: Niemeyer, 1972.

_____. *Textlinguistik. (Linguística do texto)*. Darmstad: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces: Aspects of meaning construction in natural language*. United Kingdom, Cambridge: Cambridge University, 1998. (printed. 1998 /digital 2003).

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Edição digital Ática, 1991=2011. (Série Princípios). (Primeira edição de 1991).

_____. Linguística textual: memória e representação. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, v. 14, n. 2, p.225-233, 2012. USP & PUCSP

FÁVERO, L. L. *Intencionalidade e Aceitabilidade como critérios de textualidade*. *Cadernos PUC 22. Linguística textual – texto e leitura*, 1985. p. 31-38.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I.G.V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1988. (Título original, 1983).

FERNANDES, Francisca V. A. *Olimpíada de língua portuguesa: ressignificação de práticas de leitura e escrita*. 2015. 138f. Projeto de Intervenção (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, 2015.

FERRAREZI JÚNIOR, C.; CARVALHO, Robson Santos de. *Produzir textos na educação básica: o que saber, como fazer*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FERREIRA, H. R. M.; TEDESCO, M. T. V. A. Os tipos frasais à luz da teoria dos atos de fala. *Revista Língua & Literatura*, v.16, n.27, p.211-237, dez. 2014.

FIRBAS, J. *Some aspects of the czechoslovak approach to problems of functional sentence perspective*. *Papers on functional sentence perspective*, Praga: Academia, p.11 -37.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber. L'archéologie du savoir*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

GERALDI, J.W. *Portas de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GLENDAY, Candice Helen. *Noam Chomsky: linguística e filosofia*. 2008. 109f. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, Campos, 2008.

GUIMARÃES, Sílvia A. H. Diga-me com quem andas: cadeias de referência como procedimento de análise do letramento do aluno de periferia. *Estudo Linguísticos*. São Paulo, v. 44, n. 3, p.1262-1275, set./dez. 2015.

GÜLICH, E. *Makrosyntax: Die Gliederungssignale im Gesprochenen Französisch*. Münch, W. Fink, 1970.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

HARWEG, R. *Pronomina und textkonstitution. Pronomes e Constituição de Texto*. München: Wilhem Fink. 1968.

HEINEMANN, W; VIENWEGER, D. *Textlinguistik. Eine Einführung.. Linguística de texto: uma introdução*. Tübingen: Niemeyer, 1991.

HENRIQUES, Cláudio César. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significado*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HJELMSLEV, Louis. *Principles de grammaire générale*. Copenhague: Bianco Lundo, 1928.

_____. *Prologomena to a theory of language*. Baltimore: Indiana University Publications in anthropology and linguistics (IJAL Memoir, 7) (2nd OD (slightly rev.): Madison: University of Wisconsin Press, 1961. Dt.: Hjelmslev, 1974.

ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado, v. 2: níveis de análise linguística*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. (Série Pesquisas).

ISENBERG, H. *Der Begriff 'text' in der Sprachtheorie Deutsche Akademie zur Wissenschaften zu Berlin, Arbeitsgruppe Strukturelle Grammatik*, O termo 'texto' na teoria linguística alemã da Academia de Ciências de Berlim, Grupo de Trabalho sobre Gramática Estrutural. Bencht, n. 8, 1970.

_____. Überlegungen zur texttheorie. Reflexões sobre a Teoria dos Textos. In: IHWE, J. (Hg.), *"Literaturwissenschaft und Linguistik. Ergebnisse und Perspektiven."* Literatura e Linguística: Resultados e perspectivas. Bd. 1, 155 -172. Frankfurt, 1971.

_____. *Texttheorie und Gegenstand der Gramatik. Teoria do texto e Assuntos de Gramática*. ("Linguistische Studien Reihe A," Estudos de Linguística Série A, Nr 11). Berlin: Akademie der Wissenschaften der DDR, 1974.

_____. *Einige Begriffe für eine Linguistische Texttheorie*. Alguns Termos para uma Teoria Linguística do Texto. In: DANE, F. S ; VIEHWEGER, D. *Probleme der textgrammatik. Problemas de Gramática do Texto*. Berlim: Akademie Verlag, 1975.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blkston e José Paulo Paes. 24ª. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2007. (Edição Digital: <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>).

JOHNSON-LAIRD, Philip N. *Mental models in cognitive science*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

KALLMEYER, W. et alii. *Lektürekolleg zur textlinguistik*. Frankfurt, 1974.

KATO Mary A. (Org.). *Gramática do Português Falado*, v. 5: convergências. Campinas: Editora da UNICAMP ; FAPESP, 1996. (Série Pesquisas).

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. v.1, p.127-140.

KOCH, I. G. V. Os tempos verbais no discurso. *Ângulo*, n. 13 /14, p.14-17, 1982.

_____. A argumentatividade no discurso. *Letras de Hoje*, 1983, 52 (número monográfico).

_____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984a.

_____. Coerência e coesão na teoria do texto. *BOLETIM DA ABRALIN* – Associação Brasileira de Linguística. São Paulo, SP, BRASIL: ANPOLL, 1984b. p. 59-67.

_____. A situacionalidade como elemento da textualidade. *Letras de Hoje*, v.18, n.2, p.21-26, 1985a.

_____. A intertextualidade como elemento da textualidade. *Cadernos PUC, 22. Linguística Textual – texto e leitura*, 1985b. p.39-46.

_____. *Ler as "Intenções do Texto"*. In: ANAIS DO V COLE – CONGRESSO DE LEITURA (Associação de Linguística do Brasil), Campinas. SP, Brasil Edu.Unicamp, 1985c, p.128-136.

_____. *Situacionalidade e argumentatividade*. In Grupo de Estudos Linguísticos – GEL. São José do Rio Preto. XI ANAIS DE SEMINÁRIOS DO GEL DO ESTADO DE SÃO PAULO. SÃO JOSE DO RIO PRETO, SP, BRA: GEL, 1985d, p.168-170.

_____. Principais Mecanismos de Coesão Textual em Português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 15, p. 73-80, 1988.

_____. *A Coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. Descontinuidades no fluxo informacional. In: ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 17. 1989, São Paulo. *Anais de Seminários do Gel*. São Paulo, 1989a. p.12-16.

_____. Aspectos linguístico-discursivos da coerência em textos escritos e orais. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 4. *Anais do....* 1989b. p.727-734.

KOCH, I. G. V. Coerência e organização tópica. In: ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 19. SEMINÁRIO DO GEL, 1990, Bauru. *Anais de Seminários do GEL...* Bauru, 1990. p.415-421.

_____. *A Interação pela linguagem*. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. A Produção de Inferência e sua Contribuição na Construção do Sentido. *Revista Delta*, 9, n. especial, p. 399-416, 1993.

_____. (Org.). *Gramática do português falado.v.6: desenvolvimentos*. Campinas: Editora da UNICAMP ; FAPESP, 1996. (Série Pesquisas).

_____. Linguística textual: retrospecto e perspectivas. *Revista Alfa*. Campinas: UNICAMP, n. 41, p. 67-78, 1997a.

_____. Cognição e processamento textual. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p.35-44, 1996.

_____. O Desenvolvimento da linguística textual no Brasil. *Revista D.E.LT.A. - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, Campinas, v.15, n. Especial, p. 165-180, 1999. PUC

_____. Linguística textual: Quo Vadis?. *Revista D.E.LT.A. - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, Campinas, v. 17, n. especial, p. 11-23. 2001. UNICAMP.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *O Texto e a construção dos sentidos*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *A Interação pela linguagem*. 10. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. *Veredas – Revista de Estudo Linguístico*, Juiz de Fora, v.6, n. 1, p.29-42, 2009.

_____. *A Coesão textual*. 22. ed. São Paulo: Contexto, 2010. Edição Digital: eISBN 8585134461.

_____. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas – Revista e reformulada*. São Paulo: Contexto, 2015.

_____; FÁVERO L. L. Critérios de textualidade. *Veredas*, n. 104, p.17-34, 1985.

_____; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A Coerência textual*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2001. – (Repensando a Língua Portuguesa).

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.). *Referenciação e discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005 /2012.

KOCH, I. G. V. ; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006. (2.ed., 2.reimpr., 2008).

_____. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012a.

_____. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, Walter; OESTERREICHER, W. *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen, Niemeyer. 1990.

KOLB, B. & WHISHAW, I.Q. *Fundamentals of human neuropsychology*, (6th ed). New York, NY: Worth Publishers.2002

LANG, E. Uber einige Schwierigkeiten beim postulieren einer "Textgrammatik". (Sobre alguma dificuldade em postular uma "Gramática do texto"). In: CONTE, E. *La Linguistica testuale*. Milano: Feltrinelli Economica, 1971. p.86-120.

_____. Quand une "Grammaire de Texte" est-elle plus adéquate qu'une Grammaire de Phrase? (Quando "Gramática do Texto" é mais adequada do que uma Gramática da Frase?) *Langages*, v.7, p. 75-80,1972.

LARA, Muniz Proença; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander (Org.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. (Lucerna). v. 2.

LEAL, C. L. *Estratégias de referência da produção escrita de alunos surdos*. 2011. 114 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

LEITE, Francisco Benedito. *Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos*. [S.n.t.]. (ARTIGO).

LYONS, John. *Linguagem e linguística: uma introdução. "Language and Linguistics"*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Ângela Paiva. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____, *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Estratégias de identificação referencial na interação face a face*. Trabalho apresentado no I Congresso Internacional da ABRALIN, 1994.

_____. *Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais*. Recife, 1996. [Trabalho não publicado].

_____. A Repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado*, v. 6.: desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP; Fapesp, 1997. p.95-130.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Rumos atuais da linguística textual*. Texto da conferência pronunciada no LXVI Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL). UNESP, São José do Rio Preto, junho, 1998.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Gêneros textuais: Definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Â. P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

_____. *A Questão do suporte dos gêneros textuais*. Recife, 2003. [versão provisória não publicada].

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Iniciação à estilística: a expressividade da língua portuguesa*. 4. ed. rer. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008. (Série Acadêmica; 71).

MATHESIUS V. *On linguistic characterology*. Actes du 1er congrès International des Linguistes, pp.56-63.

MEURER, J.L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.) *Gêneros textuais*. Bauru: EDUSC, 2002.

MEYER-HERMANN, R. Some topics in the study of referentials in portuguese. In: SCHMIDT-RADEFELD, J. (Ed.) *Readings in portuguese linguistics*. Amsterdam: North-Holland, 1976. p.267-287.

MIRANDA, N. S. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao modelo dos espaços mentais. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*. Juiz de Fora, v.3, n. 1, p.81-95, 1999.

MOLLICA, M.C. M. Oralidade em textos escolares. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, v.14, p.1-5, 2000.

_____. *Da Linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

_____. *Fundamentação Teórica: Conceituação e delimitação*. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

_____.; RONCARATI, C. N. Questões teórico-descritivas em sociolinguística e em sociolinguística aplicada e uma proposta de agenda de trabalho. *D.E.L.T.A.*, v.17, n. esp., p.45-55, 2001.

MONDADA, Lorenza. *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets du discours*. Lausanne, de Lausanne, 1994.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets du discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. In: BERRENDONNER & REICHLER-BÉGUELIN (Ed.) *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtsh, Université de Neuchâtel, 1995, pp.273-305.

MOURA, H, L. M. *Atividade de referenciação em narrativas afiliadas ao universo do lendário da Amazônia: implicações sociocognitivas e culturais*. 2013. 358 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Maria. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Editora Cortez, 2008. Volume 1.

NEIS, Ignácio Antônio. Por uma gramática textual. *Letras Hoje*, n. 44, 1981. PUC /RS.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. 1, ed. 3. teimpr. São Paulo: Contexto, 2011.

OSAKABE, H. *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Kairós, 1979.

PALÁCIO, Aldair; MOURA, Denilda. Ataliba Teixeira de Castilho: o homem, o professor e o linguista. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 14, n. especial, 1998.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucia. *Tratado da Argumentação: a nova retórica. "Traité de l'agumentation"*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Série Justiça e Direito).

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Gramática descritiva do português*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PETOFI, Jónas. *Zu einer Grammatischen Theorie Sprachlicher Texte*. (Uma teoria gramatical dos textos de linguísticos). *Lili*, v.5, n. 2, p. 31-58, 1972.

PIKE, K. L. *Emic and Etic Stanpoints for thr description of Behavior*. Glendale, I. L: Summer Institute of Linguistics, 1954.

_____. *Language in Relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behavior*. 2. ed. Michigan, University of Michigan. Monton De Gruyter, The Hague, 1967. (Janna Linguarum. Série Maior).

PINHEIRO, Clemilton Lopes. Objeto de discurso e tópico discursivo: sistematizando relações. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v.12, n.3, p. 793-812, set. /dez. 2012.

PRETI, D. (Org.). *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: Humanitas, 1993. v.1.

PRETI, D. *O Discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas, 1997. v.2.

_____. *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998.v.3.

_____. *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000 (v.4).

_____. *Interação na Fala e na Escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002 (v.5).

_____. *Léxico na Língua Oral e na Escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003 (v.6).

RICKHEIT, G.; STROHNER, H. (Ed.) . *Inferences in text processing. Inferências no processamento de texto*. Amsterdam: North-Holland, 1985.

RIZÉRIO e SILVA, Cleide Lúcia da Cunha; PIRIS, Eduardo Lopes; CARLOS, Josely Teixeira (Org.). *Abordagens metodológicas em estudos discursivos*. São Paulo: Paulistana Editora, 2010. Disponível em: <<http://eped.fflch.usp.br>>. Acesso em: jan. 2017.

RONCARATI, Cláudia. *As Cadeias do texto: construindo sentidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SCHMIDT, S. J. *Texttheorie Probleme einer Linguistik der Sprachlichen Kommunikation*. Münch W. Fink, 1973.

SCHMIDT, J.S. *Linguística e teoria do texto*. São Paulo: Pioneira, 1978.

SCHWARZ, M. "*Einführung in die Kognitive Linguistik*". *Introdução à linguística cognitiva*. Tübingen: Franke, 1992.

_____. *Linguística e teoria do texto*. São Paulo: Pioneira, 1978.

SILVA, Luciana Pereira da. *A disseminação da linguística textual no Brasil: Trabalhos publicados no GEL*. Anais do V Encontro do Celsul, Curitiba –PR, 2003. p.797-802.

SOBRINHO, Márcio Rodrigo Xavier. *Atividade de construção de sentido: a cosmovisão no discurso poético de "A Poesia em pânico"*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

SOUZA, F.A. Desvendando o processo de referenciação no gênero artigo de opinião produzido por alunos da educação básica. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 2010, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNFL*, v. 14, p.2551-2563. 2010.

TEDESCO, M. T. V. A. ; SANTOS, C. N. dos; FERREIRA, G. M. O Processo de referenciação e a construção de texto: uma abordagem. In: HENRIQUES, C. C. ; SIMÕES, Darcília (Org.). *Língua portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2005. p.226-236.

_____. Desafio para a área da linguagem. *Revista Gragoatá*, Niterói, n.36, p.63-79, 1º sem. 2014.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. Letramento e conhecimento linguístico. *Letras & Letras*, Uberlândia, v.31, n.3, p.158-172, jul./dez. 2015. Instituto de Letras e Linguística. Universidade Federal de Uberlândia.

_____. Planejamento de textos para sua produção. In COELHO, Fábio André; PALOMANES, Roza (Org.). *Ensino de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2016. p.87-107.

VAN DIJK, T.A. *A Some Aspects of Textgrammars. (Alguns Aspectos de Gramática de Texto)*. The Hague: Mouton, 1972.

_____. *Text and context*. London: Longman, 1977.

_____. *Tekstwetenschap Een Interdisciplinaire Inleiding*. Utrecht: Het Spectrum, 1978.

_____. *La ciencia del texto*. Barcelona: Paidós, 1983.

_____. *Models in memory*. 1989 [manuscrito]

_____. *Cognitive context models and discourse* (1994). In: M. Stamenow (Ed.) *Language Structure, discourse and the Access to Consciousness*. Amsterdam: Benjamins, 1997, pp. 189-226.

VAN DIJK, T.A.; KINTSCH, Walter. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

VANOYE, Francis. *Usos da Linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VOGT, C. A., *O Intervalo semântico*. São Paulo: Ática, 1977.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem. "Thought and Language"* (1939). Tradução de Jefferson Luiz Camargo. Martins Editora, 2008. Edição Eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores. Disponível em: <www.jahr.org>. Acesso: em jan./2017.

VALENTIM, Helena Topa. Cotexto e contexto: formas linguísticas e possibilidades de interpretação do enunciado. In: MARÇALO, Maria João; LINXA-HERNANDES, Maria Célia, et al.(Ed.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Portugal: Universidade de Évora, 2010, p.279-296.

VERCEZE, Rosa Maria A.N. Gerativismo: suas contribuições para a linguística. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 43, p. 93-100, jan./abr. 2009. CEFIL.

WEINRICH, H. *Tempus; Besprochene und Enzahlte welt*. Stuttgart: Kohlhammer, 1964. Tradução francesa: *Les temps; le récit et le commentaire*. Paris: Seui, 1973.

WEINRICH, H. *Tempus; Besprochene und Enzahlte welt*. Stuttgart: Kohlhammer, 1964.
Tradução espanhola: *Estructur y función de los tempos em el language*. 2. ed. alemã, 1971.

_____. *Linguistik der Lüge Heidelberg*. Lambert. Schneider, 1966.

WUNDERLICH, D. *Pragmatik, Sprechsituation, Deixis Linguistik*, v.9, 1968.

XAVIER, A. C. Processos de referenciação no hipertexto. In: KOCH, I.; MORATO, E. (Org.). *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 41. jul/dez, 2001.

ZILLES, A. M. S.(Org.). Estudos da língua falada. *Revista Organon*, Porto Alegre, v.14, n. 28/29, 2000. Instituto de Letras da UFRGS.

ANEXOS

Redação 1

ARARUAMA (Crônica)

Em um domingo ensolarado, recebi um convite das minhas amigas para irmos a Lagoa de Araruama, a melhor da região dos lagos, aonde todos podem ir sem medo de pegar uma doença, etc.

Aqui a lagoa tem a água clarinha, não tem sujeiras, todos por aqui colaboram bem com a limpeza da nossa lagoa e dos rios também, o mais preocupado com isso é o nosso prefeito. A saúde aqui também é boa, não existe fila para marcação de médicos, o pronto socorro é o nº 1 de referência. Na educação, essa sim, dispensa comentários, referência do estado.

Não temos problemas de alagamentos, como houve nos municípios vizinhos no início de março, quando teve uma grande enchente. Nós moradores de Araruama ficamos livres disso; tráfico, homicídios, por aqui não existe. Bom, para resumir como é a minha cidade, outra melhor não há.

Redação 2

ARARUAMA (Crônica)

Araruama é uma cidade linda, com belas paisagens e uma ótima qualidade de vida. Eu moro aqui mais de 10 anos e é uma cidade muito boa para se viver tem muitas coisas legais, belas praias. Mais o que eu gosto de Araruama é o shopping e a praça porque lá posso encontra meus amigos, parentes e familiares mas Araruama tem um asfalto muito bom iluminação publica muito boa e tem poucos assaltos minha vó vive aqui mais de 20 anos ela nunca viu um assalto ou roubos. Araruama hoje em dia e uma cidade popular por suas praias, e uma cidade boa pra ser viver. Araruama e uma cidade que cada dia cresce mais e também tem muita coisa pra acontecer.

Redação 3

O LUGAR ONDE EU VIVO (Crônica)

O lugar onde eu vivo tem muitas ruas, esquinas, pessoas que andam bastante de bicicletas ou a pé, casas com pessoas, pessoas que brigam, cachorros que latem na rua, que correm atrás dos carros e das pessoas. O lugar onde eu vivo tem crianças que jogam bola na rua, soltam pipas e brigam. Essas crianças dobram aas esquinas e chegam em outra rua.

As ruas aqui são iguais umas as outras. Até o carteiro se confunde e entrega a correspondência na casa errada. Uma vez por outra encontramos as mesmas pessoas em ruas diferentes e pessoas diferentes nas mesmas ruas. As pessoas são felizes.

Por isso que eu digo que o lugar onde eu vivo é igual aos outros lugares com pessoas, cachorros, bicicletas, brigas e com alegria.

Redação 4

O LUGAR ONDE MORO_(Crônica)

Há algum tempo eu não gostava do lugar onde moro, achava Araruama chata não tinha nada pra fazer.

Quando tinha coral e cantávamos o hino da cidade, eu não concordava muito ele principalmente com a parte "tens paisagens tão lindas", lembro de pensar: Que paisagens? A lagoa?! Aquela coisa verde?! Suja?! Mas com o tempo a gente muda nossos pensamentos também.

E hoje na minha opinião é um ótimo lugar para morar, além de ser um lugar tranquilo, com boas pessoas. É cheia de belezas como: a lagoa de Araruama, a praça Antônio Raposo, a reserva de Marambaia e etc.

Redação 5**ARARUAMA: A PÉROLA DOS LAGOS** (Crônica)

Araruama é uma cidade muito bonita conhecida como Pérola dos Lagos, a cidade se destaca por sua Lagoa que recebe o nome da cidade, mas aqui pouca gente sabe é que a Lagoa de Araruama é na verdade uma laguna que tem ligação com o mar em Cabo Frio.

Araruama também é conhecida pelas suas praias. Uma que eu conheço é a praia do Gavião. Tem areia fofa e amendoeiras para podermos descansar na sombra. Também tem um gramado em que as famílias fazem piquinique, as águas mornas e cristalinas.

Redação 6**ARARUAMA** (Crônica)

Araruama tens paisagens tão lindas, lagoa maravilhosa, água cristalina, amendoeiras para as pessoas descansarem, água limpa, raza e etc. o por do sol é lindo.

A praça é maravilhosa tem shows, apresentações de ginásticas, carrinho de cachorro quente, carrinho de pipoca, bancos para casais apaixonados.

Os jovens trabalhando tem a oportunidade de começar sua carreira mais cedo, lugar específico com materiais para esportes.

Tenho muitos amigos, gosto de ficar com minha família.

Muitas lojas, bosques e etc... Escola com ensino bom; eu amo morar em Araruama cidade linda.

Redação 7

A VIDA (Crônica)

Fico pensando, nasci, fiquei jovem, ficarei adulta e vou morrer algum dia; espero que demore.

A vida é engraçada, aliás estranha, hoje nascemos e amanhã não sabemos se vamos está vivos que estranho né, amo está viva, agradeço a Deus por isso. Quando eu envelhecer meus cabelos estarão brancos, sei disso porque me dei conta que a vida passa rápido. Temos que aproveitar tudo de melhor, viagens, namorados, paixões, choros, gritos.

A vida é louca, mas viver é um presente dos céus e cada pessoa é a estrela da sua própria vida. É cada vida dá uma vida!

Redação 8**O LUGAR ONDE VIVO. ARARUAMA**_(Crônica)

Péssimo prefeito, vamos começar por aí, um prefeito chamado "Miguel Geovane" onde ele promete fazer uma coisa e acaba não fazendo, ou se faz deixa pela metade ele gasta mil e milhões em obras de Araruama nunca terminadas, e ou nem sequer começadas. Araruama tem poucos postos de saúde, que não ajuda em nada. Regime orrível, banheiros públicos um nojo. Esse prefeito devia se envergonhar sobre o que ele faz, rouba o nosso suado dinheiro pra no final não fazer nada de mas o povo de Araruama tem que ser unido e se ajudarmos entre si. Por que se formos esperar a boa vontade do nosso querido prefeito nada ira mudar meu povo. Vamos acordar, queremos melhorias. Mais saúde e muito mais. Vamos parar de se importar com o dinheiro e se importar mais com a saúde do seu povo cara prefeito. Você não engana mais ninguém. Juntos somos mas fortes!!!

Redação 9**[SEM TÍTULO]**

Araruama é uma cidade linda, precisa sim melhorar algumas coisas, mas fora isso é uma cidade ótima para se viver. Ontem dia 20/06/16 o prefeito Miguel Geovani inaugurou a quadra poliesportiva na escola Municipal Anderson Domingues de Oliveira, muito obrigado cada dia mais melhorando nossa cidade também fazendo mais faixas de pedestre perto da minha casa já construíram uma faixa muito obrigado agradeço a todos que trabalham pela nossa cidade.

Redação 10

Turistas no Rio de Janeiro

Numa segunda-feira ensolarada, recebi uma ligação do meu avô que orava no leste de Portugal dizendo:

- Oi "filho", te liguei para lhe informar que estarei no Brasil em breve para assistir às Olimpíadas, e também queria te perguntar se posso passar uns dias na sua casa durante as Olimpíadas.

- Claro "vô", estou muito feliz por você passar uns dias na minha casa, seja-sempre bem-vindo.

Ele chegou 1 semana antes para arrumar as malas e se acostumar com o clima e os costumes dos cariocas. Depois de arrumar as suas malas, fui logo apresentar um pouco da cidade para ele. Primeiramente mostrei os pontos turísticos principais da cidade como o Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Praia de Copacabana e etc. depois mostrei os problemas da cidade como a violência, pouco acesso a saúde, e muitos outros.

Enfim, depois disso acostumamos aos jogos de vôlei nas Olimpíadas, tiramos muitas fotos, depois fomos para casa. Ele se despediu dizendo que gostou muito do Rio de Janeiro apesar de ter muitos defeitos, mas afinal quem não ama cidade maravilhosa.

Redação 11

Cidade não tão maravilhosa

Alguns dos meus amigos queriam conhecer o Rio de Janeiro. Depois que eles chegaram do aeroporto, eu perguntei:

- Porque vocês escolheram o rio para conhecer, logo depois das Olimpíadas com tantos lugares melhores para ir?

E eles responderam que é porque eles acham o Rio a cidade maravilhosa. Então descidi fazer um tour pelo Rio. Mostrei todos os pontos positivos e negativos da cidade, como o Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Quinta da Boa Vista, seriam os pontos positivos e os negativos vou mostrar outro dia.

Depois de alguns dia mostrei as comunidades, eles gostaram, mas eu tinha mostrado uma comunidade pacificada. Agora iria mostrar a que não estava.

Eles ficaram apavorados com a quantidade de pessoas com armas pesadas no meio da rua, eles ficaram com medo de serem assaltados.

Log depois que saímos de lá, começou um tiroteio intenso. Eles queriam sai correndo dali. Quando chegamos em casa eles arrumaram suas malas correndo e depois de um tempo, mais ou menos 1 dia eles foram embora.

E acho que depois daquele dia, eles não vão achar o Rio de Janeiro tão maravilhoso.

Redação 12

O Rio de Janeiro que eu vivo

Faltavam dez dias para as olimpíadas e meus primos estavam vindo do Canadá para conhecer o Rio. No dia seguinte eu fui buscá-los de manhã no aeroporto.

Meus primos, Ryan e Lívia eram muito juntos comigo, só que eles resolveram morar fora, e eu preferi o Rio. Quando eu busquei eles no aeroporto, eu dei um abraço bem apertado para matar a saudade, nós fomos direto para casa e depois fomos para os Arcos da Lapa, teve muito tiroteio e bala perdida, voltamos rápido pra casa. No dia das Olimpíadas nós fomos e eles acharam tudo lindo, só que teve uma confusão na porta e todos foram embora. Conclusão: o Rio não é como as pessoas pensam.

Redação 13

A Cidade pouco Maravilhosa

Teve um ano que alguns parentes meus que eram irmãos da minha avó, vieram nos visitar, esses moravam na França precisamente na cidade de Pariz, eles se chamavam Júlia, Carabina e Franchesco, vieram para passar três semanas. Eles se hospedaram em um hotel chamado Hotel Palazzo.

No primeiro dia quando eles chegara estava muito calor e priedra frase na Cidade Maravilhosa" de Júlia foi:

- Vamos ver o que essa cidade calorenta e maravilhosa tem para nos mostrar.

A de Carabina foi:

- Será que ela é maravilhosa mesmo?

Franchesco com seu jeito curioso e pensativo de ser não disse nada, não queria se precipitar. No segundo dia, foi um pouco diferente, eles foram visitar as praias do Rio, uma delas foi a de Copacabana, no terceiro dia eles foram conhecer o Cristo Redentor, acharam o trem que levava as pessoas lá para cima muito sofisticado, no terceiro dia eles foram no Corcovado e assim foi indo cada dia conhecendo um lugar.

Depois de terem conhecido o Rio, claro as melhores partes, na véspera da viagem eles disseram:

- Nossa, essa é mesmo a Cidade Maravilhosa que falavam.

Aí eu não me guentei, tive que falar falei que na cidade havia muitos roubos só não tinham sido roubados por sorte, e que há muita probeza que só não tinham visto pois só conheceram as melhores partes e que também muitos dos dias estavam nos jogos Olímpicos, mandei eles ligarem a TV para ver a realidade do Rio, quando ligaram ficaram impressionados apesar dos atentados de Pariz, depois daquele dia a visão do Rio era outra para eles.

Redação 14

A viagem dos meus parentes

Ano passado recebi meus parentes que vieram do Canadá. Eles chegaram aqui achando que encontrariam praias paradisíacas, samba e futebol. Eles encontraram tudo isso, mas também encontraram poluição, criminalidade em excesso e muito mais.

Eu estava indo para um jogo de vôlei com meus primos e durante a ida eles perceberam que havia um trecho que estava com um policiamento maior que outro. E então meu primo me perguntou por que uma área era mais segura que a outra. Eu respondi que aquilo tudo era pro turista ver e que, logo depois das Olimpíadas, tudo voltaria ao "normal". Ele me perguntou o que seria "normal" e eu respondi que o normal era as pessoas sendo roubadas e ficando frustradas, pois trabalhavam tanto pra comprar um produto tão caro; assassinadas pois resistiram a um assalto; esfaqueadas no trem enquanto simplesmente iam para a escola e etc. ele ficou surpreso pois não sabia a realidade que era o Rio de Janeiro.

No dia seguinte, fomos à praia e meu primo se deparou com uma poluição sem fim na água do mar.

Expliquei para ele que, como aquela praia não seria usada nas Olimpíadas, o governo não se preocupou em limpá-la. Resaltei que o governo raramente se preocupa com bairros e municípios não nobres do Rio e que quando se preocupam é no ano das eleições.

No dia seguinte mostrei mais exemplos do que já tinha mostrado ao meu primo.

No fim da viagem dos meus parentes, meu primo disse que a visão dele sobre o Rio havia mudado e que ele nunca mais iria achar que o Rio é uma "Cidade Maravilhosa".

Redação 15

Cidade Sorriso

Estava em uma bela tarde às vésperas das olimpíadas esperando amigos de fora para virem conhecer a cidade e aproveitar os jogos olímpicos. No mesmo momento que chegaram, eu os recebi guardando suas malas e vira a tarde para descansar e contar como foi a viagem de vinda perto do anoitecer das 6:00 horas mostrei os aposentos de cada dizendo que veríamos um ótimo o dia ao amanhecer.

Então acordamos e fui lhes mostrar a cidade sorriso niteroi levei os no pão de açúcar no cristo redentor pontos turistas da linda cidade depois os levei para conhecer comunidades bairros precários pelo governo e os levei a linda Baía de Guanabara um pouco poluída pela população a passagem deles foi curta os levei para conhecer o Brt [proge***] de localização de ônibus do rio. Então resolverão ir embora conhecendo bem os aspectos negativos e positivos da cidade entendendo seus [cub****] e sua classe e os recebendo [*ev****] em uma outra linda tarde.

Redação 16

O Fim de Semana na Cidade

Faltam algumas semanas para as olimpíadas e todos estão bem ansiosos para as olimpíadas chegar principalmente eu e minhas tias estou contando as horas para buscar minhas queridas tias no aeroporto, elas estão bem ansiosas para conhecer o Rio e para ver as olimpíadas horas depois... Sofia falou:

- Oi tias, tudo bem? Estou com bastante saudades de vocês estava contando as horas para ver vocês. Sejam bem vindas ao Rio! Roberta sua tia mais velha respondeu:

- Também estava morrendo de saudade de você. Estou bem sim, meu amor! Estou doida para ver essa cidade que parece ser maravilhosa. Mariana era uma tia bem nova, alias era apenas 2 anos mais velha, na verdade só falavam que ela era minha tia por causa que ela era bem próxima a mim e me chamava de sobrinha. Logo pela manhã fizemos um passeio pelo Rio mostrando as coisas boas ou seja, praias shoppings e etc, também mostrei uns lugares que não era muito frequentado pelas pessoas e falei os defeitos do Rio por ser um pouco dos assaltos, dos assassinatos como rio esta. E por fim, assistimos as olimpíadas.

Redação 17

[sem título]

Dia: 2/8/16

Meu querido diário,

Hoje é um dia feliz para mim, meus parentes de Recife estão chegando para ver alguns jogos das Olimpíadas. Eles vão ficar na casa de alguns parentes que moram aqui no Rio de Janeiro, a maioria vão ficar no apartamento de minha vó, e só um casal vai ficar aqui em casa.

Minha mãe tá preocupada em mostrar para os parentes o melhor daqui do Rio, mais eu sei que ela foi assaltada ontem na rua aqui do lado, os bandidos não levaram nada de mais só um cordão e algumas pulseiras. Aqui onde eu moro o lugar é Barra pesada por ter uma favela aqui perto.

Dia: 3/8/16

querido diário,

Estou voltando do Aeroporto, até agora está tudo bem, mas no caminho da volta pegamos um maior engarrafamento e tive que aturar minha mãe falando das obras mal finalizadas, foi um saco.

dia: 4/8/16

os primeiros jogos começaram e estamos a caminho do jogo de Handebol do Brasil. Há esqueci de falar as Bagagens de alguns foram perdidas ou coisa do tipo.

Já chegamos e a grande notícia fomos roubados, eles ficaram muito chateados e com certeza não tão com boas impressões, ou talvez até uma boa lembrança á paisagem e as pessoas que conheceram novas.

Redação 18

O Rio de Janeiro em que eu vivo

As Olimpíadas estão chegando, vou receber amigos de fora do país, porém, além de ter de me virar na comunicação com eles. Após alguns dias e um mês, eles chegaram, estou ansioso porém nervoso para começar a mostrar a cidade. Depois de mostrar a praia da Barra, de Copacabana, e todos os outros atrativos, eles e perguntaram porque tudo esta tão sujo, eu respondi meio sem graça, mais consegui uma boa desculpa, bom, pelo menos ao meu ver, eu expliquei que os cidadãos do Rio, são mal educados em relação ao próximo, ou até mesmo ao meio ambiente, obviamente eles não se convenceram muito.

Em relação ao povo, eles concordaram que somos animados, felizes e para quase todas as coisas estamos sorrindo. Eles disseram que o clima apesar de agradável, eles disseram que aqui na cidade, há várias mulheres bonitas.

Quando nós estávamos chegando perto de comunidades, pedi para que sejam atentos, e que não deixem à mostra seus pertences, quando passamos desta área de perigo, nós fomos para as olimpíadas assistir a luta de boxe, e ao jogo de futebol.

Quando as Olimpíada tinham chegado ao fim, eu segui com eles até ao aeroporto, e todos os meus amigos voltaram para sua terra natal, a Argentina.

Redação 19

O Rio

Meus parentes vieram me visitar e eles queriam que eu falasse um pouco do Rio pra eles, então eu comecei "o rio é muito lindo", tem o Cristo Redento, Copacabana (onde é mais conhecido, Barra, Recreio e muito mais. Nesses dias que meus parentes vieram me visitar, era as Olimpíadas, então aproveitei para amostrar um pouco do Rio para eles. Comecei primeiro mostrar a Barra onde fica a praia, depois o Recreio que fica perto da Barra que também, é praia, depois Copacabana como já diz no começo o mais conhecido; então fomos almoçar no Copacabana Palaci e por fim fomos ao Cristo Redento que tiramos fotos e etc.

No final do dia fomos também ver onde iria acontecer as Olimpíadas e depois fomos pra casa e descansamos.

Redação 20

A visão dos turistas

Faltam dez dias para a Olimpíada. "Estou tão ansioso", pensei. Durante as Olimpíadas, meu primo de Bahia vem para me visitar. "sempre esperei por isso".

Todo dia ficava pensando nisso. Finalmente chegou o dia. Neste exato momento estou indo buscar meu primo no aeroporto. Cheguei um pouco antes pra esperar ele. Até que vejo ele vindo na minha direção. Corri até ele e ele até mim. Nos abraçamos, apertamos a mão. A primeira coisa que disse foi:

- Que lugar lindo, que maravilhoso tudo isso.
- Verdade, isso é muito bonito – falei.

Fomos pra casa. Até que o dia das Olimpíadas chegou. Fomos pra todo lugar: Pão de Açúcar, Copacabana etc.

- Tudo isso aqui é maravilhoso, mas eu bem queria ir com você pra Bahia – eu disse.
- Ahn! Como assim, isso tudo é lindo, não vejo nenhum motivo pra você querer sair daqui. Não tem nenhum defeito nessa Cidade.
- Claro que tem! Mesmo sendo a "Cidade Maravilhosa" tem muita coisa ruim.
- Sério!
- Sim. Por exemplo: a cidade tá com muito lixo jogado por aí. Rios sendo sujo e muitas outras coisas.

Meu primo tinha ficado diferente sobre a visão do Rio. Depois disso, conversamos mais, até que entendeu melhor. Após chegar a sua cidade natal falou com todos da sua família e mesmo assim, queria viver comigo no Rio. Mesmo sabendo de tudo, queria ficar comigo no Rio, a Cidade "maravilhosa".

Redação 21

A realidade da Cidade Maravilhosa

Nas férias de Agosto (por causa das olimpíadas), meus tios vieram passar 20 dias, e pediram para eu mostrar o Rio de Janeiro para eles, então falei:

- Vocês querem que eu mostre as duas partes o Rio? (a negativa e a positiva).

Disseram que queriam conhecer as duas, mas começando pelas negativas. Comecei mostrando as favelas e falando:

- Gente, quero que vocês entendam que o Rio de Janeiro não se baseia só em praias lindas, maravilhosas, etc mas como outros estados também tem as favelas, bandidos, etc.

Ficaram espantados e pediram para ver os pontos positivos, mostrei e eles viram que as praias do Rio de Janeiro não são tão lindas as ficaram agradecidos, pois foram embora (Portugal) sabendo a realidade da Cidade Maravilhosa.

Redação 22

A cidade "maravilhosa".

Bem, diariamente vejo turistas em minha cidade, o que me surpreende é ver que eles saem daqui com o nome "cidade maravilhosa" como o "logotipo" do Rio, quem mora aqui sabe que essa não é a nossa realidade. Na minha opinião "Rio de Janeiro" e "Cidade maravilhosa" não combinam! Não culpo os turistas por acharem isso porque seu que eles só visitam lugares que lhe passa essa idéia.

Nas olimpíadas alguns parentes do eu marido vieram nos visitar e passaram uns dois meses e minha casa, nós entramos em contato com eles para que eles pudesse acompanhar as olimpíadas de perto, já que eles moram em Portugal e nunca visitaram o Rio. Então fui buscar no Aeroporto o meu cunhado, minha cunhada e minha sogra, eles me contaram que durante a viagem, eles pesquisaram sobre o Rio e descobriram que o Rio era, de acordo com um site que na minha opinião está bem desinformado, um lugar bem calmo, maravilhoso e ótimo para todos que moram e que pretende morar. Eu achei um absurdo mentirem descaradamente para pessoas que não tem nenhum conhecimento sobre o local em que vivemos e a realidade que temos que enfrentar todos os dias.

Assim que desembarcamos tivemos uma surpresa muito desagradável, uma das malas de minha sogra tinha sido roubada, felizmente na mala havia apenas alguns remédios e coisas para higiene pessoal, coisas que podem ser compradas novamente. Não conseguimos recuperar a mala, o que tornou a chegada ao Rio bem desagradável.

Nos dois meses tivemos momentos muito especiais, mas uma das coisas que com certeza ficou guardada na memória de todos na minha família, foi o dia em que assaltaram o meu cunhado levando tudo o que estava com ele, inclusive um carro que ele comprado aqui, felizmente, o carro tinha seguro e ele não saiu ferido.

Meus familiares ficaram chocados com a notícia e compreenderam que eu realmente estava um pouco alterada, já que eu havia alertado todos sobre o que deveriam fazer caso alguma pessoa suspeita parassem-os para pedir informações, que por coincidência ou não, foi o que aconteceu com meu cunhado. Fiquei muito chateada pois queria poupa-los dessa cruel realidade. Eles voltam para passar o natal conosco dessa vez preparado e sabendo que o Rio é uma cidade como qualquer outra.

Redação 23

O dia Olímpico

Eu moro na cidade do Rio de Janeiro, aqui tem alguns pontos negativos e positivos. Meus pais e meus primos moram no Canadá, fiquei sabendo que eles adorariam conhecer o Rio, então comvidei eles para vim conhecer o Rio de Janeiro. Provavelmente faltavam um mês para Olimpíadas, então fui buscar meus pais e meus primos no aeroporto um tempo depois levei meus parentes para conhecer o Rio. Comecei falando das virtudes as praias, as coisas boas, os bairros, mas também falei um pouco dos perigos, que tinha muitos terroteios assaltos etc pois queria falar só de coisas boas. Mais a melhor parte fei quando falei a eles que haveria uma Olimpíada no Rio, nunca vi pessoas que no caso meus parentes ficaram felizes com isso. Então o mês de agosto chegou, levei todos para ver os Jogos Olímpicos conheci jogos que eu nem conhecia e minha família também tinha vôlei futebol, corrida, salto em distancia etc se eu ficar aqui falando vou terminar um século. Meus pais e meus primos adoraram, fiquei feliz por mostrar onde eu vivo que é a cidade do Rio de Janeiro.

Redação 24

Rio: A cidade maravilhosa (sqn!)

Hoje é o dia, eles estão chegando de Nova York! Depois de uma longa espera eles saíram do avião e fomos para o carro. O caminho dali até a minha casa foi longo e teve uma mudança de paisagem drástica, fizemos o caminho mais longo, passamos pela zona sul, vimos as praias, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, os arcos da lapa e toda a parte maravilhosa da cidade. Paramos para almoçar e começamos a parte dois do dia, passando entre favelas, traficantes e milicianos, escolas caindo aos pedaços, crianças nas ruas, sem praia, sem mordomia, o que para eles foi um choque de realidade, para agente e costume.

Hora do lanche, resolvemos lanchar por lá. Um restaurante pequeno, barato e com gente gentil para atender. Eles adoraram a música, a comida e até aprenderam algumas palavras em português. Aprenderam a jogar bola, a tocar instrumentos como pandeiro e etc e também ficaram sabendo das tragédias que por lá aconteciam, das crianças que morriam, dos adultos que morriam, das pessoas que entravam para o crime por falta de oportunidades como escolas, cursos, faculdades e etc.

Os dias se passaram e aos poucos visitamos os pontos turísticos da cidade, tanto na parte rica, quanto na parte pobre. Assistimos os jornais com a minha tradução eles ficaram cada vez mais chocados e quando eles foram embora já conheciam a parte boa e a ruim do Rio de Janeiro.

Redação 25

O Passeio

Minhas férias foram ótimas! Tudo começou quando acordei no Domingo para buscar meus primos Kyle e Katrina no aeroporto Santos Dumond.

A viagem de minha casa até o aeroporto até que foi rápida, considerando que oro em Realengo. Chegando lá, rapidamente fui me informar sobre o terminal em que eles estavam e encontrar meus primos. Demorou uma meia hora para avistar eles e chamar eles:

- Katrina! Kyle! Aqui do lado!

Eles me avistaram rapidamente considerando que eu estava gritando que nem uma retardada.

- Oi! Que saudades... Como.....?

- Foi ótima! A propósito, o piloto avisa que assim que chegássemos, devíamos colocar roupas mais frescas, já que nos Estados Unidos estava muito frio.

- Imagino... então, vamos?

Perguntei, eles colocaram as malas no carro e fomos direto para minha casa.

Assim que eles descansaram da viagem, avisei à eles que deveríamos sair de casa naquele momento, porque já estava ficando meio tarde para sair. Jantamos e depois voltamos para casa.

O resto da semana se baseou em passeios e a uma ida para Esgrima nos Jogos Olímpicos. Óbvio que mostrei os principais pontos turísticos da cidade, como o Corcovado, Pão de Açúcar e etc. Também ficaram sabendo dos pontos negativos como violência, corrupção e outras coisas.

Infelizmente eles tiveram que voltar aos Estados Unidos depois de 2 semanas...

Minhas férias foram uma das melhores que tive... É só isso. Tchau.

Redação 26

A Realidade dos Cariocas

Uma semana antes das Olimpíadas, um casal de amigos meus vieram passar as Olimpíadas aqui no RJ. Quando eu fui buscar eles no aeroporto, aconteceu uma coisa inesperada que foi um assalto. Eles ficaram muito assustados, pois nunca foram assaltados isso era realidade no momento do RJ.

No dia seguinte ainda meio assustados fomos almoçar perto da praia de Copacabana e conseguimos ouvir muito barulho vindo da praia e era um arrastão dos brabos. Com isso o casal ficou mais assustado ainda. No outro dia fomos à praia de Ipanema passear e eles adoraram o calçadão de Ipanema eles ficaram encantados.

No primeiro dia das Olimpíadas todos os lugares que fomos estava cheio até de mais, todos os dias eram assim cheio, lotado

Redação 27

Nem tão Maravilhosa

Quando eu recebi meus parentes, eles estavam alucinados dizendo que era tão bom estar no Rio de Janeiro pois eles eram da Paraíba. Eles gostaram tanto dos pontos turísticos que passaram de táxi que até pediram pra depois do almoço nós sairmos para conhecer o resto da cidade.

Enfim, depois do almoço minha conversou com as minhas tias e disse que não era bem assim. Quando nós estávamos indo minha mãe passou por um monte de "Rios" que eram bem conhecidos e que hoje em dia são valões. Depois minha mãe foi passando pelas comunidades e falando sobre o perigo de balas perdidas, tiroteios, etc. Por fim um pouco antes de chegar nas praias, nos pontos turísticos e tal, minha mãe mostrou à Bahia de Guanabara que estava completamente imunda e o pior é que lá iria acontecer um dos esportes da olimpiada que foi até por esse motivo que elas vinheram pro Rio.

Finalmente, minha mãe chegou no Cristo que foi onde nós tiramos muitas fotos. Depois agente foi para a praia de Copacabana pois estava um dia tão lindo e ensolarado.

No fim do dia minhas tias até falaram que o Rio de Janeiro tinha seus defeitos. Porém isso não impediu que elas ficassem aqui até o final das olimpíadas.

Redação 28

Cidade Nem tão Maravilhosa

Era uma sexta-feira. Eu tinha acordado mais cedo para receber eu primo que mora em Goiás e estava vindo para o Rio de Janeiro por causa das Olimpíadas. Quando ele finalmente chegou, nós nos cumprimentamos e tomamos café da manhã. Ele disse que sua viagem foi muito estressante e que não comia nada desde saíra de casa. Após o café da manhã, nós começamos a conversar, até que chegou o assunto sobre o Rio de Janeiro.

Ele me perguntou sobre como é viver no Rio de Janeiro e os pontos altos e baixos da cidade.

Eu comecei a falar que apesar do que os jornais costumam falar sobre o Rio de Janeiro, ele não é só samba e também não é só a beleza dos pontos turísticos. Mesmo com esses pontos positivos, a cidade é alvo de um alto índice de criminalidade, a população em sua maioria é muito mal educada e, assim como todo o país, é alvo de corrupção desde a classe mais baixa, até as chamadas "classe A".

Eu falei que apesar disso tudo a cidade ainda tem salvação, basta a população se **consientizar**, se importar mais com o seu voto e investirem na educação da cidade.

Depois da conversa nós almoçamos e nos despedimos, pois ele iria ospedar em um hotel.

Redação 29

As férias com meus parentes

Nas férias de agosto, as minhas primas Fernanda e Alessandra que são brasileiras mas vivem em Portugal, vieram assistir os jogos olímpicos.

Como de costume, elas se hospedaram em minha casa uma semana antes das Olimpíadas começarem, dando tempo para passearem e conhecerem melhor o Rio de Janeiro. Em um final de semana, elas me chamaram para sair à noite. Disse à elas que seria perigoso, sair a noite ou sairmos sozinhas. Logo, elas perguntaram o por quê, expliquei a elas o que sofremos aqui no Rio de Janeiro. A qualquer hora do dia podemos ser assaltadas ou estupradas, em nenhum momento estamos seguros.

Mesmo assim, pudemos aproveitar as férias, tomando cuidado com o que podia nos acontecer. Assistimos os jogos ornamentais nos divertimos, e as duas voltaram a Portugal sabendo que o Rio de Janeiro não é tão maravilhoso em todos os seus quesitos, porém mesmo assim, é amado por todos que o visitam.

Redação 30

O Rio de Janeiro em que eu vivo

No ano de 1502 por uma expedição de portugueses, comandada pelo senhor Gaspar de Lemos chegaram em uma grande baía que batizou como o nosso maravilhoso Rio de Janeiro. É lá se estabeleceram os portugueses, e logo após os Franceses, eles gostavam de competir com os portugueses e portanto gerava brigas e intrigas durante anos e anos.

Logo após, os colonos vieram se habitar e explorar o Rio, e no ano de 1555, depois de muitas e muitas lutas os Franceses foram embora. No final do séc XVII o nosso maravilhoso Rio de Janeiro, entrou em uma crise econômica, logo depois se resolveu tudo e os portugueses e colonos trouxeram café e depois começaram a construir casas, prédios, empresas, lojas, mercados ai começaram a criar essas maravilhas de pontos turísticos como: o nosso maracanã, Copacabana, Ipanema e o teleferico do Alemão e assim, estamos hoje vivendo neste lindo lugar que eu me orgulho de morar.

Redação 31**O Rio de Janeiro em que eu vivo.**

O Rio de Janeiro precisa de políticos verdadeiros que não roube ninguém por isso o Brasil está em crise e esta crise muitas pessoas vão morrer de fome, não tem trabalhos bons para sustentar sua família ou a nossa mesmo, eles tem que botar um presidente ou uma presidenta que pode ajudar o nosso país, nosso país nunca ficou nessa crise braba e nessa roubação de políticos e presidentes, esses políticos vão ser todos presos pra para com essas roubações e essas crises no nosso país, nossa cidade é maravilhosa ela tem praias lindas, praias poluídas, mas essas praias poluídas podem ficar limpas daqui a uns tempos também tem que acabar com essa crise na nossa cidade, muitos hospitais sem médicos e esse político roubando e gastando em estádios e em olimpíadas se botar uma presidente/ a que não estrague nossa cidade aí sim o nosso país vai melhorar os hospitais vão voltar o atendimento, praias vão voltar e ficar limpas e assim é a nossa cidade.

Redação 32

O Rio de Janeiro que eu vivo

O nosso rio de Janeiro está passando pela pior crise financeira mas não é por causa disso que ele deixa de ser maravilha. Ele é cheio de violência, corrupções, etc, mas é claro que tem seu lado bom: as praias, os pontos turísticos, etc.

Há pelo menos 10 anos a nossa cidade do Rio de Janeiro vem passando por grandes mudanças, na paisagem, no trânsito, nas seguranças, etc.

Nas seguranças podemos citar a criação das UPPS (Unidades de Polícias Pacificadoras) implantadas nos morros e nas favelas para combate intenso ao tráfico de drogas nestes locais.

Com a construção do museu do amanhã, uma área esquecida pela população foi revitalizada, com isso foi criado um novo ponto turístico na cidade. Em virtude da realizações das Olimpíadas em nossa cidade, foram feitas várias obras como construções de várias arenas poli esportivas, centro olímpico de tiro, centro de aquático de Deodoro, centro olímpico de golfe, etc.

É verdade que no momento o trânsito da cidade encontra-se caos total, porém após as obras e a realização das olimpíadas, nós cariocas ficaremos com um grande patrimônio esportivo.

Redação 33

O Rio de Janeiro em que eu vivo.

Uma cidade maravilhosa tem lugares maravilhosos como: Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Praias as praias chamam mais atenção e é a cara do povo brasileiro. Como o Rio de Janeiro não tem.

O Rio de Janeiro pode ter tudo de bom mas também tem seu lado ruim como qualquer outra cidade e turistas que vem ao Rio de Janeiro diz que não é tão bom como fala da televisão por causa dos assaltos e arrastões nas praias.

O Rio de Janeiro está em crise. Os hospitais estão sem medicamentos por conta da crise, o presidente não esta pagando a população brasileira.

Espero que o Rio de Janeiro melhore depois das olímpiadas a população brasileira precisa de dinheiro para pagar seus impostos, sem dinheiro não tem como viver como agente vai comprar comida e também não da pra viver sem higiene e para essa crise melhorar devemos economizar dinheiro nessas obras que o presidente está fazendo e depois deixa largada.

Redação 34

O Rio de Janeiro que eu vivo

É um lugar muito legal e eu já fui em vários lugares: no Maracanã, Cristo Redentor, Praia de Copacabana, Praia da Barra, Praia Grande, em Cabo Frio o Rio de Janeiro foi descoberto no dia 1º de janeiro de 1502.

O Rio de Janeiro é um lugar que muitas pessoas vão visitar vários museus, cinemas, parques, teatro e também as pessoas vem para conhecer os lugares talvez até para morar porque ele é bem legal.

Não é o melhor lugar do mundo mais é bom para viver tem lugares bons e relaxantes também é conhecida como cidade maravilhosa não é atoa, porque é bem maravilhosa mesmo.

O Rio de Janeiro está tendo muitas obras e mudanças na sua organização para as nossas olimpíadas 2016 no Rio de Janeiro acontece a maior show do carnaval do Brasil e no futebol, nós temos as maiores atrações de craques e jogadas que o oferecer para as torcidas.

Redação 35

O Rio de Janeiro em que eu vivo...

O Rio de Janeiro em que moro e conhecido como cidade maravilhosa e esse ano ela vai ceder um dos maiores eventos do mundo, chamado Olimpíadas esse evento vai receber milhões de pessoas estrangeiras.

O Brasil está passando por um momento muito ruim que se chama Crise em todo lugar em eu passo só fico ouvindo crise crise nos hospitais, nas escolas, nas empresas, nas empresas de ônibus e de taxi. Eu fico reparando onde está o nosso Prefeito Eduardo Paes. Ele tá nem aí para isso, só quer saber de ganhar nas Olimpíadas.

E o desabamento na Av. Niemeyer, ea aquelas duas pessoas que morreram como que está aquela duas famílias. E o Jose Mariano Beltrano? ele poderia aumentar os policiamentos nas favelas do Rio de Janeiro muitas pessoas inocentes morrendo por nada dentro da própria casa vamos para pra pensar há um povo precisando de ajuda precisamos de policiamento nas praias no centro da cidade enquanto os filhos de vocês estão ganhando do bom e do melhor, há pessoas que não tem nada pra comer mora na rua ou até mesmo embaixo da ponte em vez vocês do governo Eduardo Paes poderia arrumar um abrigo pra eles vocês tenque dar graças há Deus por ter uma roupa um tenis de marca.

##JUNTOS PELO BRASIL MELHOR!!!

Redação 36

Rio de Janeiro em que vivo

O Rio é lindo e maravilhoso porem tem seus defeitos: hospitais sem medicos escolas caindo pedassos professores sem receber a mais de mês e o prefeito só gastando o dinheiros dos servidores públicos para as obras da olimpiedas na nossa cidade.

O Rio de Janeiro tem vários pontos tuoristicos como o Cristo Redentor Pão de açúcar e muitos outros. As praias são lindas. Sol quente, e etc.

O professores estão fazendo greve porque você acha, porque eles não são pagos a mais de um mês alunos oculpado a escola os policias botando sperei de pimenta e onde vai parar a violencia tinha que ser tudo resolvido na base da conversa tinha que te palestras para concientizar.

Redação 37**[SEM TÍTULO]**

O Rio de Janeiro que eu vivo é o lugar maravilhoso de morar não é atoa que chamam de cidade maravilhosa. Os lugares que encantam o nosso Rio de Janeiro são: Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Praia de Copacabana, Arco da Lapa, Maracanã, Corcovado, Santa Teresa, Floresta da Tijuca, Leblon, Pedra da Gávea, Quinta da Boa Vista, Ilha de Paquetá, Aterro do Flamengo, Copacabana Palace, entre outros. Mais o Rio de Janeiro tá faltando melhorar mais, nem só Rio de Janeiro o País inteiro com a crise no governo tem melhorar muito mais como por exemplo: melhorar os hospitais a saúde o salário dos trabalho dos trabalhadores, diminuir o imposto, aumentar o salario mínimo e colocar mais segurança do nosso Rio de Janeiro.

esse ano vai ter no Rio de Janeiro vai ter as olimpiadas, espero que esse ano Brasil possa ganhar todas as medalhas de ouro.

Redação 38**O Rio de Janeiro em que eu vivo**

O Rio em que eu vivo é muito bom tem vários lugar para passear, tem parques para brincar e outros lugares, por isso que chamamos de cidade maravilhosa porque isso que ela é.

O Rio de Janeiro é uma cidade muito querida e lembrada por todos que conhece. Esse ano vai acontecer uma grande Olimpíadas e todos vão estar lá vai ter muita gente querendo tirar foto nas principais características do Rio como o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, Arco da Lapa, as praias e muitas outras coisas boas da nossa cidade, vão vim gente de todo lugar, como sabemos o Rio de Janeiro vai bombar com a chegada das Olimpíadas e sei que todos vão querer que esse dia chegue de novo.

Redação 39**O Rio de Janeiro em que eu vivo**

Rio de Janeiro, como diz a música cidade maravilhosa, cheia de encantos mil. Posso sim concordar com a cidade maravilhosa pois é linda, mas os encantos mil não está lá essas coisas.

Vivemos em uma cidade onde a violência está dominando em todos os pontos, não só a violência, mais as instituições públicas estão precárias com falta de professores na escolas, médicos nos hospitais, falta de segurança nas ruas...

A política influencia muito, pois não tem dinheiro suficiente para arcar com as consequências e quem paga somos nós. Nossa cidade é linda, pois os pontos turísticos deveriam ser mais limpos, muitos de nós não valorizam o que tem.

Redação 40

O Rio de Janeiro em que eu vivo

O Rio de Janeiro é lindo mas tem os seus defeitos: A cidade está rodeada de favelas principalmente na Zona Norte, Praia poluídas, muitos assaltos, muita violência, poluição do ar.

O Brasil está passando por um processo muito ruim que se chama crise. A crise está em todo lugar do Brasil. A crise pegou nas escolas, nos hospitais etc.

A solução de tudo isso é o povo brasileiro ajudar para ter o Rio de Janeiro muito melhor do que ele é.

O Rio de Janeiro tem suas qualidades: a cidade tem uma energia sensual, de festa o ano inteiro praias maravilhosas: Copacabana, Ipanema, Leblon e Barra da Tijuca.

Cidade turística, cheia de turistas internacionais o ano inteiro da pra conhecer pessoas de outros países: americanos, alemães, argentinos, italianos, franceses, espanhóis, portugueses, etc.

Mesmo tendo seus defeitos o Rio de Janeiro é maravilhoso

Eu te amo

Rio de Janeiro

I l♥ve y♥u

Redação 41**[Sem Título]**

O Rio de Janeiro é lindo mas tem os seus defeitos:

- . Praias poluídas
- . Muitas poluições
- . Muita violencia
- . Assaltos

. Pessoas mal educadas que não dão lugar aos preferencia. E muito mais mas a solução de tudo é as pessoas ter consciencia daquilo que está fazendo e assim podemos ter um Rio de Janeiro melhor.

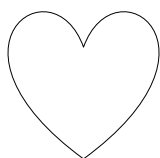
O Rio de Janeiro está passando com o brasil inteiro um processo ruim que se chama crise-economica com esforço de todos talvez poderiamos ganhar essa crise.

Mas o Rio de Janeiro também tem suas boas qualidades:

- . Praias limpas
- . pessoas que reciclam lixo
- . Museus bonitos e muitas coisas boas

Eu amo o rio

I love you



Redação 42

O Rio de Janeiro que eu vivo

O Rio de Janeiro é um lugar lindo e muito bom para se morar o problema é que tem muita violência e muitos roubos pelos lugares é muita violência nas favelas de Rio de Janeiro e por que tem muitas pessoas de outros países ou por outras cidades vinde para aqui vizitar e tem muitas pessoas roubando gringo em vários tipos pessoas, tem muitas pessoas sendo roubada na cidade muitas pessoas saindo daqui por causa de violência e todos os países tem violência o rio tem muitas praias lindas praias cheias de gringo carioca nordestino e muitos americanos e também brasileiro. e também tem muitos cinemas também circos e também muitos parques e muitas praças e muitas pessoas favelas e campos de todos os esportes e também muitas escolas e também muitos restaurantes e também muitas casas e muitos shoppings.

Redação 43

O Rio de Janeiro em que eu vivo.

O Rio de Janeiro foi descoberto no dia 1º de janeiro de 1502 por uma portuguesa comandada por Gaspar Lemos.

Nosso Rio de Janeiro chamado de cidade Maravilhosa, olha que maravilhosa mesmo, amo minha cidade, aqui tem cada lugar lindo, como: o Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Quinta da Boa Vista, etc... Muitas pessoas pensão que aqui só tem roubo, ladrões, mais não só temos isso, não vou mentir aqui tem sim ladrões, roubos como qualquer outra cidade (lugar) tem.

Nossa cidade bastante criticada, mais vão ver se eles falam que em Paris tem ladrões, roubos, isso eles não falam, pessoas de fora que nunca veio aqui critica, se falasse que aqui é o melhor lugar do Brasil ia vim cada pessoas de fora turistas.

Aqui somos todos muito alegre com nossa cidade, tenho orgulho de ter nascido e de ser carioca, amo tudo aqui e a cada dia que se passar vou amar mais e mais.

Redação 44**O Rio de Janeiro em que eu vivo**

O Rio de Janeiro a cidade maravilhosa, linda e cheirosa e a cidade que o rio gosta, mais o Rio de Janeiro está em um pequeno delicado problema porque está tendo muita crise e falta de salários e etc.

O Rio de Janeiro tem que melhorar os Mares tem que ser mais limpos, e Hospitais com mais médicos e Remédios e mais benefícios para as pessoas e etc.

Mais si melhorar nosso Rio de Janeiro vai ser lindo e maravilhoso mais do que é então, eu acho que devemos ajudar nós mesmos no ambiente que nós ficamos e cuidar mais do nosso Rio de Janeiro.

Nós carioca devemos ser sempre cuidadosos do nosso Rio, nossa cidade vai e sempre vai ser famosa nossa linda cidade até com alguns problemas nosso Rio vai ser lindo e maravilhoso.

Redação 45**O Rio de Janeiro em que vivo**

Há bastante corrupção, principalmente do PT, na votação do impeachment a maioria dos deputados votaram sim pois não aguentavam ser roubados, impostos altos roubo na petrobras dobraram o limite da meta, não investiram em hospitais mais dinheiro pra copa e olimpíada tem e agora o país está em crise o PT usou o cofre publico mais do que devia e deixou o Brasil falido eles tinham que ter política de alto consciência e legalizar as drogas para com essa briga de traficantes por maconha a Dilma já piorou o Brasil agora Michel Temer vai deixar mais pior do que está o PT já roubou o país o que mais eles querem de nós já estamos falidos, mais não deixa de ser uma cidade maravilhosa com muitos pontos turísticos Cristo Redentor é o mais famoso deles, o pão de açúcar é famoso não só pelo bondinho pela vista também. e essa é a cidade maravilhosa a terra do samba.

Redação 46**Rio onde moro**

Ola meu nome e Pedro Henrique e hoje vou contar tudo o que eu gosto no rio. O Rio e um estado tropical com muitas belezas naturas como a floresta da Tijuca e muito mais.

O Rio tem muitas coisas boas como as praias o Corcovado e Bondinho tambem se fosse para sair do Rio ia para de estudar, coisas ruim no Rio são pocas e quero aproveitar tudo de bom no Rio.

Á o meu sonho e um dia sair do complexo porque e muito tiro eu adoro o Rio mais além de coisas bonitas e muita dificuldade para achar um emprego agora tá tudo muito difícil a floresta da Tijuca esta la mais a qualquer momento a floresta pode não esta la. e muita poluição essa e a minha opinião sobre oque o Rio o brasil poderia melhorar não adianta ter tudo isso bonito sabendo que um dia isso pode entra em extinção o Rio tem seus problemas mais eu adoro o meu Rio de Janeiro e eu não troco por nada e porisso que eu adoro meu Rio.

Redação 47**O Rio de Janeiro em que eu vivo.**

Muitas pessoas falam que o Rio está perdido na educação, na saúde e na segurança, mais pra mim não está. Se o governo investisse nas escolas para que os estudos melhorassem, o governo aumentar o salário do professor porque sem eles nós não seríamos nada. Então eu acho que o governo tinha que dar mais valor aos professores.

A saúde é uma parte bem delicada de se falar também porque hoje em dia está tendo muitos casos de doença, vírus e muitos poucos medicos, então eu acho que o governo podia investir em mais medicos, equipamentos, vacinas e medicamentos.

A segurança é o assunto mais delicado de todos, na minha opinião a segurança é a que está perdida, muitos policiais estão morrendo por bandidos, os bandidos estão mostrando mais poder contra os policiais.

Mesmo com todas essas coisas ruins que podiam melhorar eu amo o meu Rio de Janeiro, as coisas que Rio tem as praias, museus, florestas, jardins e muito mais coisas maravilhosas que o Rio tem para os turistas.

Redação 48

O Rio de Janeiro que eu vivo

O Rio de Janeiro que eu vivo é muito lindo e legal tem coisas maravilhosas e pessoas também maravilhosas tem bastante animais bem bonitos e feio também grandes e pequenos no nosso zoológico e na floresta.

Mas agora o país está no momento delicado da crise política os hospitais não têm médicos, não têm medicamentos, os professores estão em greve, os alunos estão sem aula 74 dias, muitas pessoas estão desempregadas, as férias estão chegando, o prefeito não tem dinheiro nem para pagar os professores imagino as coisas das férias.

Rio de Janeiro a cidade maravilhosa de 7 maravilhas: Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Praia de Copacabana, Arcos da Lapa, floresta da Tijuca, Maracanã, Jardim Botânico e Carnaval, mas só que esses são os novos.

Redação 49**O Rio de Janeiro em que eu vivo**

O Rio de Janeiro não está no melhor momento.

A corrupção enorme, os professores não ganham o salário que deveriam ganhar as escolas não estão lá aquelas coisas há escolas que está caindo aos pedaços, nossos hospitais não há remédios para todos, falta de médico falta de maca para colocar os pacientes.

E agora a prefeitura está ageitando a cidade só por causa das Olimpíadas, e a nossa saúde e nossas escolas ficam tudo para trás.

Então e esse nosso rio de Janeiro, corrupção, doenças, escola caindo aos pedaços, enquanto a prefeitura não está nem ai, está ageitando a cidade para as Olimpíadas.

A música diz: o Rio de Janeiro continua lindo, mas parece que não e bem assim.

Redação 49a**O Rio de Janeiro em que eu vivo**

O meu Rio de Janeiro é lindo com praias, cachoeiras, pessoas bonitas, vistas bonitas, com crianças, com lindas casas, a única coisa que estraga o Brasil é a corrupção desses vagabundos desses vereadores desses políticos corruptos mentirosos que vive mentindo para os brasileiros vive fazendo coisa errada fica falando dos bandidos mas eles são bem piores do que eles. Eles roubam o nosso dinheiro e bota a culpa em nos mesmos enquanto nos espera uma fila enorme para ser atendido no UPA Eles vão pro melhor hospital sendo tratado com o melhor medico, com o melhor remédio, com o melhor cuidado, com o melhor medicamento, enquanto nos sofremos sem médicos sem remédios escolas sem professores escolas sem livros trabalhados perdendo empregos pessoas desenpregadas contas vindo tudo altas eu nao sou de desejar mau ninguem mas essas policcias mata pessoas inocentes prende pessoas inocentes mas pra fazer isso com esse vereadores e políticos nada esse jose beltrano nao serve para nada a nao ser defender esses ladroes e isso que ele sabe. Esse é o Rio de Janeiro em que eu vivo.

Redação 50**O Rio de Janeiro em que eu vivo**

O Rio de Janeiro tem varias paisagens, pontos turisticos lindos e maravilhosos eu adoro o Rio de Janeiro cidade maravilhosa mas não tem umpouco de respeito com os trabalhadores que lutam pelo seu lugar no mumodo a prefeitura tem que ter um pouco de respeito com o trabalhador mesmo com a população corrupta.

Olha como o brasil está todo lugar que vamos somos assaltados o emtão tatendo arastaõ o brasil esta pirando o brasil estava melhor do que agora o povo não se une para lutar pelas suas causas é so tiroteio no morro as crianças querem brinca mas não pode por está tendo operação.

O Brasil presisa melhorar para de poluir o mar para controlar esas guerras o Brasil precisa se unir lutar pelos seus bens e viver em paz com todos os paises do mumdo todos vamos fazer paz diga não a guerra a guerra éruim todos sovrem com a guerra para mim o Brasil esta pirando.

Redação 51**O Rio de Janeiro que eu vivo**

O Rio de Janeiro mais conhecido como cidade maravilhosa já foi muito melhor que agora.

Al passa do tempo o Rio tem sido mudado e não tem mais o porque de ser chamado de cidade maravilhosa por causa da sua falta de interesse dos seus governantes. Vem acontecendo diversos manifestações causando a má intessão sobre a cidade.

As olimpiadas de 2016 irão acontecer aqui e isso causa boas impressões sobre nossa cidade para os turista.

Que sera para que não fique feio para os turista. Os governadores e os projetos de melhoria para que o Rio ser torna essa cidade maravilhosa.

Redação 52

O Rio de Janeiro em que eu vivo

O Brasil em que eu vivo é lindo e fizeram até uma música: Cidade Maravilhoza cheia de encantos mil cidade maravilhoza coração do meu Brasil!

Mas infelizmente, aconteceu essa crise na política, e acabou, com a cidade maravilhosa. Sei que já estamos nós recuperando dessa crise toda, mas ainda esta muito difícil Para nós que somos cidadão. Pagamos nossos impostos e ainda tem muita gente.

Sem receber. Os hospitais estão falindo, os médicos estão sem receber, professores sem salários nem condições de trabalho e continuam Pagando impostos

O Brasil está cada vez Pior e não se resolve nada nesse mundo. A Presidente acabou com o nosso País, o nosso Brasil e eu não estou gostando desse País em que vivemos, aliás, ninguém está gostando do brasil em que a gente vive sofrendo.

Resumo no site: G1.

A crise Política envolvendo o escândalo de corrupção na Petrobrás e a tramitação do Pedido de impeachment da Presidente Dilma Rousseff. Bem como o Pessimismo nacional com o cenário Político, fizeram com que o Brasil caísse Para sua Pior Posição em um Ranking da Economist Intelligence Unit (EIU) Sobre a "qualidade democrática" de 167 Países.

Redação 53**O Rio de Janeiro em que vivemos**

Eu moro no Rio de Janeiro, complexo do alemão a 12 anos e nunca me mudei.

O Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa, tem pontos turísticos como Cristo Redentor e Pão de açúcar, sem falar das praias que é uma das coisas que mais chamam atenção. O Rio de Janeiro pode ser tudo isso, mas também tem seus lados negativos, é um lugar muito perigoso.

Aqui no Rio de Janeiro estamos em crise como em outras cidades, falta de dinheiro. E para a crise melhorar devemos colaborar, economizando

Redação 54

O Rio de Janeiro em que eu Vivo!

Rio de Janeiro, cidade conhecida por suas maravilhas, beleza, qualidades... também conhecida como "cidade maravilhosa". Temos vários pontos turísticos como: Cristo Redentor, Pão de Açúcar, teleférico etc...

Porém nessa cidade "maravilhosa" está sendo "manchada" pelo governo. Por problemas de corrupção, desvios e muita roubalheira. Por conta disso, temos várias famílias que passam fome por aí, nessecidade dentro de casa. Mais não é só isso, também há uma grande onda de poluição nas praias, rios, bueiros... O brasileiro tem sido "burro" ao praticar esse tipo de atitude.

Como as coisas andam é difícil da nossa cidade recuperar o brilho e a paz de anos atrás. Mas acredito eu que nós possamos mudar isso.

Redação 55

O Rio de Janeiro em que eu vivo.

O Rio de Janeiro em que eu vivo é muito lindo e maravilhoso Porém ocorre muitos acontecimentos, como: assaltos, tiroteios, furtos, etc...

Mas também um dos pontos turisticos mais lindos, tipo: as praias, arcos da lapa, pão de açúcar, cristo redentor, vista chinesa. E agora pouco tempo, veio mais um ponto turistico muito lindo, o teleférico do Complexo do Alemão.

Eu moro no Rio de Janeiro, desde quando nasci Porisso eu gosto muito daqui lugar maravilhoso e é umas das Cidades mais lindas como diz o trecho de uma música: Cidade maravilhosa cheia de quantos mil, Cidade maravilhosa coração do meu Brasil.

Apesar de ter muito lixão, mortes. Ele continua sendo lindo.

Mas o que esta estragando a nossa cidade maravilhosa é essa prefeitura, ela não presta é passível. Não paga os professores, muitos alunos sem aula, muitas escolas de greve.

Mais o Rio de Janeiro sempre continuara lindo apesar da bandidagem, roubaleira é muita e não me desfaça dessa cidade;

Mas essa prefeitura só Deus querem falir nossa cidade ninguém recebe, nem professor, nem os bombeiros. Muitas pessoas depende de bolsa família pra sobreviver, mais daqui a pouco O bolsa família vai tá valendo um real.

Mais apesar de tudo O Rio de Janeiro continua lindo.

Redação 56

O Rio de Janeiro em que

O Rio de Janeiro esta ruim esta ao mesmo tempo bom eu vou contar pelas coisas ruim Primeiro a educação não está recebendo os medicos tambem não estão ganhando nada esta avendo muito Roubo muitas mortes passou na televisão um ladrão matou uma mosa no Dias das mães a mulher estava indo visitar a mãe O ladrao venhio quando o sinal fechou o ladrão venhio e deu um tiro na moça sem ela fazer nada tambem está avendo falta de emprego os alimentos subiu muito o Rio esta muito ruim uma ponte caiu ela estava muito mal feita na ponte não tinha nenhum aponho tinha dois pés na ponte que estava em cima de uma pilastra mas tambem o Rio não esta só Ruim nos temos muitas coisas de bom como o Pão de açúcar temos o bondio temos praia algumas praias boas algumas ruim a Praia boa e aquela Praia que não tem arrastões nem tem brigas a Praia Ruim e a que tem arrastões não tem brigas os turistas quando vem para o Brasil eles vem logo para o Rio de Janeiro por que falam que o Rio e bom mas eu acho o Rio bom a única coisa e que as pessoas so sabem instragar o Rio. Não e so cupado governo por que o governo investe nas coisas que são para fazer quando fica feito as pessoas querem quebrar esse que o R..... nos temos o Cristo Redentor que e muito bom e ele o Cristo recebe todo mundo de braços abertos emtão o Rio não e so ruim também e bom so que as pessoas que não sabem conservar esse e o Rio de Janeiro em que vivo

Redação 57

O Rio de Janeiro em que eu vivo

O rio de Janeiro e muito lindo mais forem, violento ele tem coisas maravilhosas como por exemplo: o cristo redentor, o pão de acuca e o bondinho é muitas outras coisas incluindo os ritimos de músicas funk, rock, internacional e pagode eu amo o rio e me sinto muito onrada de morar nele mais ele poderia ser melhor se não tivesse gente metida grossa racista e interesseira e acho que o Rio seria bem melhor o Rio e um lugar perfeito, mais as vezes me preocupo porque a muito conflito nas favelas e nas cidades está avendo muitos assaltos roubos é muitos acidentes o hospitais nem se fala estão uma porcaria o tiros estão parecendo guerras civis nas favelas.

Meu deus até quando o nosso Brasil vai continuar assim e muita falcidade e roubo na politica mas também a gente não pode reclamar né porque o Brasil já estava ruim bem antes da Dilma chegar ela so piorou a cituação estão avendo muitas mortes é confronto nos meios das ruas principalmente nas favelas mais apesar que o rio tem coisas maravilhosas como por exemplo as comidas mais que perfeitas os barques praias e cachoeiras praças são tudo lugares de paz e de lazer mais o rio perde por um lado mais ganha do outro porque ele e bom de um lado e ruim do outro mais nunca deixarei de morar no rio porque essa cidade e a cidade do povo guerreiro e trabalhador e a cidade do povo sofrido que não desiste facio e Eu amo a minha cidade.

Redação 58**O Rio de Janeiro em que eu vivo**

O Rio de Janeiro em que eu vivo é muito bonito cheio de paisagens lindas maravilhosas o Cristo redentor, a praia da Urca e muitas varias outras belezas, mas o Rio vai de mal a pior a saúde esta horrível, a educação pior ainda os professores nem recebem direito, vivem fazendo greves greves de professores, bombeiros, policiais, caminhoneiros, bancos etc... e ainda mais esse negocio de dengue, zika e chikungunya e microcefalia essa crise no Rio e tambem no Brasil, tiroteio toda hora, as crianças nem podem brincar direito, até que aonde eu moro e tranquilo, mas antes era muito melhor, antes tudo era melhor, as coisas estão péssimas são varias coisas acontecendo, tudo aumentando e muito mais coisas por ai. Esse e o Rio de Janeiro em que eu vivo.

Redação 59**O rio de Janeiro que eu vivo.**

Bom agora vamos fala de uma cidade Bacana, charmosa, linda e maravilhosa cheia de encantos mil, muito conhecida nessa cidade tem muitas coisas boas tipo: ponto turisticos, igrejas e praias e o pão de açúcar.(...+)

porém a alguns erros da prefeitura municipal estão pagando muito pouco aos professores, bombeiros e (etc)... é isso prejudica muito os povos na minha opinião o que nós podemos melhorar o nosso pais, não poluindo praias, não sujando a rua em calçadas e praças.

Eu vivo em uma comunidade Bonita mas á um erro, porque não podimos fica na rua a qualquer Hora dar tiro, violências e assaltos, eu gosto muito do rio de Janeiro mas ele podia melhorar mas há muita coisas Boas tipo: teleferico, cinema, parque e muito mais. Eu queria muito mora do lado de praia mas aqui e tão bom que nem conseguimos sair daqui as, Eu amo muito esse pais ainda adoro as praias, ruas, cinema e muito mas porque aqui no rio sim ninguem pode reclamar porque tem pais pior do que o rio muitos falam, que aqui tem muito violencia, assaltos e etc amo muito morar aqui.

RIO DE JANEIRO

LINDO (...)

Redação 60

Sem Título

O Brasil teve a surpresa no ano de 2009 o sorteio das sede das olimpiadas, e também no ano de 2007 o Brasil foi escolhido o país sede da Copa do Mundo de 2014 mesmo com apoio da torcida o Brasil perdeu para a Alemanha por 1x7.

Depois da ai o nosso país começou a ter muitas mudanças principalmente com a segurança e depois com a política, tivemos votação para presidente e governador e Pezão foi o novo governado e Dilma continuava presidente do Brasil.

E nas ultimas semanas teve impeachment da Presidenta Dilma quem está no lugar dela é o Michael Temer, mas espero que o Brasil fique firme.

Redação 61

O Rio de Janeiro em que eu vivo.

O Rio de Janeiro e minha vida adoro o Rio. Tem lugares lindos, maravilhosos, etc... mais o nosso Brasil não tem muita higiene, tem pessoas que são nojentas e sem educação o exemplo: praias, sujas ruas, calçadas, etc...

Tambem o governo, queremos melhorias nas escolas conserva os brinquedos conseva os nossos ar-condicionados melhorar o salario e também almentar o salario e professores, bombeiros, ou aleás eles nem tão recebendo mais mesmo assim almento do salario e também almentar o salario de todo o funcionario publico. E aqui no Rio também tem muito preconceito, racismo so pela cor da pele da pessoa mais mesmo assim somos todos iguais podia não ter esse preconceito chato!. e ter mais melhorias no morro campo de futebol quadra lugar esportivo natação tudo isso para nosso Rio melhor.

Redação 62

O Rio de Janeiro em que eu vivo.

Então eu não morava aqui, mas quando eu cheguei pra mim era ótimo fora os tiroteios e operações no Complexo do Alemão, depois de tudo isso pra mim tava maravilhoso, mas agora tem essa crise, desemprego, muitos assaltos, desmatamento, assassinatos etc... então pra mim tá muito ruim, mas é o que temos. Poderia ser ótimo, pra mim o Rio de Janeiro poderia ser a coisa mais maravilhosa do mundo, pessoas estrangeiras que tinha sonho de vir pra cá agora é pesadelo e os que vieram a maioria são assaltados e vão embora se recusando a ficar aqui e dizendo que nunca mais vai voltar. isso pra mim é uma vergonha, eu saio de casa só vejo pessoas fumando maconha com arma etc... isso é o que eu acho do lugar em que vivo, o Rio de Janeiro.

Redação 63**O Rio de Janeiro em que eu vivo.**

O Rio de Janeiro em que eu vivo é uma cidade com qualidades e defeitos então as qualidades são por exemplo: praias, carnaval, as pessoas, educação e etc... Já os defeitos são: lixo, roubo etc...os defeitos não são nada que as pessoas podem resolver e só preservar a nossa cidade.

Eu tenho orgulho de ser carioca porque essa cidade é maravilhosa. Não só a cidade mais as pessoas também são. Amo as praias dessa cidade pular carnaval com minha família e amigos. Essa cidade é uma ótima opção para se morar; tem pontos turísticos ótimos de se visita por exemplo: Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Quinta da Boa Vista, praias, etc... um lugar que eu adoro ir na cidade é no shopping que é muito bom de se ir. A saúde nessa cidade tá um pouco ruim por causa de dengue, zica e chikunya. Essa doença está sendo causada por um mosquito que se chama *Aedes Aegypti*, mais fora isso essa cidade continua uma beleza, É que todos os anos continue assim.

Redação 64

O Rio de Janeiro em que eu vivo

O Rio de Janeiro é um lugar onde eu amo morar, porem há coisas maravilhosas aqui e outras horríveis, antigamente o Rio de Janeiro era um lugar bastante calmo mas o tempo se passou, e não é a mesma coisa.

A violencia é cada vez mais pior, aos 12 anos garotas sendo estropadas, pessoas morrendo baleados, pai matando filhos, assaltos todos os dias etc. os turistas vem nos visitar e são assaltados ou até mesmo mortos. O governo está usando o dinheiro para o pagamento de funcionarios e principalmente os equipamentos para saúde para as olimpiadas que vem por aí, por isso que sempre nós fazemos greves.

*Mas aqui no Rio também há coisas maravilhosas como os lugares como o Pão de Açucar, Cristo Redentor as praias que são maravilhosas aonde todos amam ir e o mais importante aqui somos todos unidos e cheio de amor para dar.

Redação 65**Sem Título**

O Rio de Janeiro tem muitos rios poluídos e tem poucos limpos mais se as pessoas não jogassem tanto lixo as praias seriam mais limpas, nas praias tinha que ter mais salva vidas. Nos ônibus as pessoas sentam no lugar preferencial e não dão lugar as pessoas idosas tem muita gente mal educado, mas também tem muita gente educada, muitos motoristas são mal educados, mais também tem muito motorista educado.

A dilma roubou milhões de dinheiro, o governo gastou muito dinheiro no maracanã sendo que ele poderia ter gastado em outra coisa.

Mas o Rio de Janeiro também tem seu lado bom o rio de janeiro tem muitas praias lindas museums é o governo tambem feis a vila olimpica para as pessoas poderem praticar algum esporte

Redação 66**O Rio de Janeiro em que eu vivo.**

O Rio de Janeiro em que eu vivo au mesmo tempo e bom au mesmo tempo ruim porque ser você sair da sua casa você não saber ser vai volta, as praias são lindas, mas o prefeito esta estragando o Rio de Janeiro ele falou para uma escola que os alunos estão comendo demais isso é um absurdo gente agora os trabalhadores dessa escola tem que conta quantos estão comendo, Meu deus o Rio está ficando horrível, ele era um estado muito lindo agora esta se poluindo. gente que isso o Pão de Açúcar e lindo como o Cristo Redentor a maior parte do Rio de Janeiro e bonita, a menor parte do Rio de Janeiro e um morro. Tem gente tentando acha um trabalho porque tener que ser espulso de onde trabalhavam, por que a empresa tevem que espulsar todo os funcionário por que o prefeito não esta pagando ai não tem como pagar os funcionarios dessa empresa na qual de todas as empresa, e isso e uma coisa muito desagradaveo. Jesus o Rio esta ser poluindo total, até quando você atravessa tem que espera os babaca para mesmo o sinal fica parado, se não você vai ser atropelado isso e o Rio de Janeiro em que eu vivo.

Redação 67**O Rio de Janeiro (em) que eu vivo**

No Rio de Janeiro é como um ver paisagens como, praia, montanhas, pão de açúcar e cristo redentor onde os cariocas o admiram. Porém, o governador luiz Fernando pezão investiu obras da prefeiturara como nas favelas, lindos e etc...

Também o governador Luiz fernando pezão ele fez uma coisa que niguém podia imaginar, ele fez uma almentação de policiais de polícia pacificadora do complexo do Alemão, aconteceu muitas morte de crianças e principalmente adultos que forão atingido por balas perdidas e

Redação 68**A crise política no Brasil**

A poucos dias tivemos o impeachment da Presidente Dilma Rousseff que foi afastada por 180 dias e quem assumiu foi o vice Michel Temer.

Pode-se notar que o país está em crise em todas as áreas. Os políticos corruptos estão sendo investigados e presos. Na educação, os professores estão em greve por falta de pagamento. Os policiais sem condição de trabalho. Os aposentados com pagamentos atrasados e vários desempregados.

Esperamos que os governantes encontrem uma solução para o crescimento do nosso Brasil.

O povo brasileiro é otimista e não desiste nunca, acredita que sempre tem uma saída.

Redação 69**O Rio de Janeiro em que eu vivo.**

O Rio em que eu vivo, tem mares maravilhosos um bom lugar para se morar, pena que tem muito assalto mais como no hino do Rio de Janeiro diz "CIDADE MARAVILHOSA" NESSA CIDADE tem vários pontos turísticos muita coisa legal tem vários praios ótimos, da para fazer lual da para curtir o fim de semana com a família. Mais a cidade esta em crise por causa da politica a culpa não e só deles porque a população também não ajuda continuam jogando lixos nos mares poluído o meio ambiente cortando árvores matando os bichos esse e o Rio que eu vivo ele e bom mas se não existe política seria melhor para todos e se todos coperacem seria melhor #TODOS POR UM RIO MELHOR.

Redação 70

[sem título]

Um tempo atrás foram as olimpíadas do Rio. Minha família veio de Londrina (PR) para ver o acontecimento, porém eles tinham na cabeça que o Rio era uma cidade perfeita onde não tinham assaltos e nem pobres, só existiam praias limpas e pessoas bem-sucedidas.

Quando chegaram foram direto para a minha casa. Lá eles descasaram e quando acordaram pediram para a minha pessoa levá-los para um "tur" pelo Rio. Chegamos a uma parte do Rio que tinha muitos viciados, quando viram aquilo se chocaram, pois achavam que o Rio só tinha coisas boas.

No dia seguinte eram as olimpíadas, fomos até o estádio que iria ser o evento.

Quando acabou e eles estavam embarcando um deles falou:

- Acho que todos nós percebemos que não devíamos ter julgado uma cidade sem nunca ter a visto.

Quando eu escutei isso percebi que o que eu tinha planejado deu certo, pois eles eram muito chulos e pretendiam morar no Rio.

Redação 71

O Rio de Janeiro

Tenho alguns parentes que vieram de João Pessoa para visitar o Rio de Janeiro, e como eu moro no Rio decidi ospedar eus parentes em minha casa e apresentar o Rio para eles, eles vieram pro Rio durante o período de Olimpíadas nesse período acontece varias coisas, então fui ajudar meus parentes falando sobre coisas positivas e coisas negativas do Rio.

Falei sobre os pontos positivos, falei que o Rio tem muitos lugares para visitar, é muito bonito, tem vários tipos de comidas diferente e etc

Os pontos negativos foram que no Rio ocorre muitos assaltos, tiroteio, todos jogam lixo no chão e etc

Então fiquei muito tempo com eles e mandava eles tomar bastante cuidado com esses pontos negativos que acontecem no Rio.

Redação 72

Não tão maravilhosa

Quando eu recebi meus parentes, aqui no rio no dia das Olimpíadas do rio, foi bem legal, porque nós visitamos muitos lugares incluindo o "museu do amanhã".

Mas quando eles chegaram viram que o Rio não é tão maravilhoso assim, claro que tem coisas legais e lindas como o Cristo Redentor, mas as ruas sem asfalto e com alto índice de criminalidade, entre outras coisas, destroem o nosso Rio, eles falaram o seguinte:

- Pensei que o Rio era mil maravilhas!
- Não é mesmo, mas eu gosto muito!
- Nós vamos nas Olimpíadas?
- Se você quiser...
- Então vamos!

Quando eu terminei de comprar os ingressos apareceu na televisão que dos turistas foram mortos, e elas vieram, os dois ficarão com medo. Eu disse:

- Calma, vai ficar tudo bem.
- Nós confiamos em você.
- Ok!

Quando acabou as Olimpíadas as duas voltaram para suas casas com a certeza que o Rio não é tão maravilhoso assim.

Redação 73

Rio de Janeiro e suas duas faces

Em um dia, recebi uma mensagem de meus parentes que oram na Paraíba, falando que queriam visitar o Rio, pois seria o estado e sede das Olimpíadas.

Uma semana depois desse acontecimento fui receber meus parentes que acabaram de chegar da viagem para visitar o Rio, eles diziam que queriam ver todos os cartões postais da cidade, mais avisei que não iria em todos pois o Rio de Janeiro não é nenhuma "cidade maravilhosa", que estamos em constante perigo.

Mesmo com toda segurança fornecida pelo governo, ainda existem muitas vítimas da realidade dos cariocas e fluminenses, mais também no Rio não há somente pontos negativos, há também os positivos como os eventos que ocorrem.

Eles me deixaram depois das Olimpíadas e saíram com uma impressão nada agradável da nossa "Cidade Maravilhosa"

Redação 74**O Rio de Janeiro em que vivo**

O Rio tem 450 anos e ainda tem extrema beleza, em 2016 terá as olimpíadas e muitos turistas irão vir para o Rio de Janeiro ver os jogos. O Rio de Janeiro já conquistou muitas pessoas do mundo, no Rio a muitas coisas legais e divertidas para fazer, como Pão de Açúcar, Praia de Copacabana, Cristo redentor, sítios etc. pois o Rio de Janeiro tem ruas alagadas e lixos, pois todo mundo espera que o Rio de Janeiro melhora, algumas pessoas fazem campanha contra o Aedes aegypti nos Bairros falando para os vizinhos para não deixar água parada para ele não se reproduzir e vira um mosquito que causa doenças para nos, no carnaval de 2016 foi muitos desfile é Blocos para animar as pessoas do Rio cantores fazendo Bloco para cantar e muitas coisas boas as praias e as ruas ficaram cheia de gente a maioria das pessoas de fantasia para ruas comemorar o carnaval do Rio de Janeiro, o Rio é maravilhoso cheio de alegria pois todos falam.

Redação 75**O Rio de Janeiro em que eu vivo**

O Rio em que eu vivo é muito bonito, os pontos turísticos um mais lindo que o outro, a praia de Copacabana continua linda, mais, algumas coisas não andão tão bem como parece, muitas vezes tem assaltos, ocupações de escolas estaduais e etc..., a Baía de Guanabara toda poluída, mais me digam uma coisa quem você acha que Polui? Fomos nós mesmos, jogando lixo, com as tubulações de esgoto que caiem na Baía, muitas coisas acontecem aqui no Rio gosto daqui onde eu nasci e também não tá tão ruim assim vamos levar pro lado bom, tem agora o “museu do amanhã” na Praça mauá, esse já tinha aqui no Rio o Bosque da Barra, Quinta da Boa Vista, Pão de açúcar Cristo Redentor e outros lugares mais. trabalho aqui muita gente não tem lugar fixo de trabalho mas vivemos felizes aqui.

Que nem diz na música “cidade maravilhosa” cidade maravilhosa cheia de cantos mil cidade maravilhosa coração do meu Brasil.

Redação 76

O Rio de Janeiro em que eu vivo.

“O Rio de Janeiro continua lindo...”, - Como diz a música, o Rio é lindo! Belas praias, ótimos pontos turísticos, e tudo mais. Bom, o Rio tem suas belezas, mas também tem suas tristezas, como: As praias, muitas são totalmente poluídas. Mas, tirando tantas coisas, o Rio sempre foi e ainda é, uma cidade Maravilhosa.

Mil encantos, tudo lindo e querido. Os Cariocas como sempre muito alegres, divertidos e uma extrema simpatia. Por mim, os Cariocas tem o melhor sotaque, as melhores praias e temos uma das 7 maravilhas do mundo, aqui mesmo, no Brasil mas sabe onde se localiza? – No Rio de Janeiro!

Em 2016, o Rio de Janeiro fará as Olimpíadas, teremos muitas pessoas de outros países vindo para o amado Rio de Janeiro! É muito amor para uma cidade só. Um dos mais famosos pontos turístico são: Pão de açúcar, Cristo Redentor e entre outros. Mas também temos A Quinta da Boa Vista, onde viveu A família Real.